



C.G. JUNG

ANÁLISE DE SONHOS

SEMINÁRIO 1928 - 1930

[Análise de Sonhos](#)

NOTAS SOBRE O SEMINÁRIO MINISTRADO
DE 1928 A 1930 POR C. G. JUNG^[1]

INTRODUÇÃO

Os seminários de Jung, nos quais ele expôs suas idéias psicológicas e seus métodos analíticos, assim como sua visão sobre a sociedade, o indivíduo, a religião, a história e muito mais, têm-se dado a conhecer a poucos, mesmo entre os seguidores de Jung. As classes de ouvintes eram limitadas, e os transcritos multigrafados, preparados por membros devotos dos seminários, não eram publicados mas circulavam particularmente para uma lista restrita de assinantes. Os volumes de Notas de Seminário (como são apropriadamente chamados) em bibliotecas junguianas especiais têm costumeiramente passado por retenção a qualquer leitor que não tenha a aprovação de um analista^[2]. As publicações junguianas contêm referências ocasionais às Notas, mas raras citações. Embora a política de restrição tenha o consentimento de Jung, ele eventualmente concordou com a inclusão das Notas de Seminário entre seus trabalhos publicados.

O primeiro seminário registrado na Bibliografia Geral dos Escritos de Jung^[3] foi feito em 1923, mas há evidências de que Jung já usava o método de seminários em 1912. Naquele ano ele aceitou como analisanda uma mulher americana, Fanny Bowditch, que foi referida a ele por James Jackson Putnam, M. D., professor de neurologia em Harvard e primeiro presidente da American Psychoanalytic Association (1911). Jung encontrou Putnam quando, com Freud e Ferenczi, veio aos Estados Unidos em 1909 para conferenciar na Universidade de Clark. Putnam convidou os três visitantes para acamparem no Adirondacks^[4] que pertenceu às famílias^[5] Putnam e Bowditch, e lá Jung deve ter conhecido Fanny Bowditch (1874 - 1967).

Durante 1911, Fanny Bowditch adoeceu com uma desordem nervosa de algum tipo, e o Dr. Putnam, atuando tanto como amigo da família quanto como médico, aconselhou-a a procurar Jung, a quem ele ainda reconhecia como um colega psicanalista. Chegando em Zurique no início de 1912, Fanny Bowditch começou a psicanálise com Jung, presumivelmente em sua casa em Küsnacht. Em maio, ela começou a fazer anotações em um livro de notas^[6], relatando sobre conferências semanais por Jung às quais ela assistia na Universidade. O conteúdo deste curso, que carregava o título "Einführung in die Psychoanalyse" no programa da Universidade, incluía os princípios gerais de psicologia, psicanálise (com citações dos escritos de

Freud), o experimento da associação, casos sobre a prática analítica de Jung, e material mitológico e religioso. As notas, em inglês, prosseguem pelo verão de 1912 e terminam no verão de 1913, em alemão (que Fanny aprendeu de sua mãe nascida na Alemanha). O título "Seminário" aparece no livro de notas para as conferências de 1913. Durante o verão de 1913, Fanny também fez notas sobre conferências de história da religião pelo Professor Jakob Hausheer - aparentemente um curso ministrado em conjunção com o de Jung. Não é surpreendente que Fanny Bowditch, uma mulher bem-educada, estava apta a registrar-se em um curso de verão na Universidade; pode parecer não-convencional que seu professor fosse também, seu analista, mas Jung já tinha se distanciado da ortodoxia freudiana. Naquele estágio de sua carreira, ele usava o formato de seminário, admitindo uma estudante que estava em análise (e não era uma candidata a M.D.), e co-optando um professor de religião.

Em abril de 1914, Jung demitiu-se de seu cargo de *privatdozent* na Universidade, depois de nove anos conferenciando^[7]; ele não teve outra nomeação para o ensino formal até 1933. Em outubro de 1916, contudo, Fanny (agora casada com Johann Rudolf Katz, um psiquiatra holandês de orientação junguiana^[8]) dedicou um livro de notas para, ainda, outro seminário conduzido por Jung. Durante os anos da guerra, enquanto Jung era um oficial médico no exército suíço, encarregado de um campo para oficiais britânicos internados em Canton Vaud, ele evidentemente continuava seu ensino particular quando estava de licença em Zurique.

Depois que a guerra terminou, Jung viajou novamente - para Londres, para conferenciar em sociedades profissionais em 1919, e novamente ao final de 1920; para Algéria e Tunísia na primavera de 1920; e, durante o verão de 1920, para a Inglaterra, na extremidade exterior da Cornualha, para seu primeiro seminário no estrangeiro. Não há registro, mas este seminário, em Sennen Cove, próximo de Land's End, foi mantido na memória por vários dos doze que assistiram. Foi arranjado por Constance Long, e seus membros incluíam M. Esther Harding e H. Godwin Baynes - três dentre eles eram médicos britânicos e recém-aderidos à psicologia analítica. O assunto de Jung era um livro chamado *Authentic Dreams of Peter Blobbs and of Certain of His Relatives*. O primeiro seminário registrado aconteceu também na Cornualha, em Polzeath, durante julho de 1923. Baynes e Harding o organizaram; vinte e nove assistiram, incluindo Emma Jung e

Toni Wolff^[9]. Notas por extenso, tomadas pela Dra. Harding e pela médica americana Kristine Mann, levavam o título "Human Relationships in Relation to the Process of Individuation"^[10]. Dois anos depois os junguianos britânicos organizaram, ainda, outro seminário, em Swanage, Dorset, e havia umas cem pessoas lá - "muito mais do que Jung gostaria", nos diz Barbara Hannah, e com certeza muitos para um seminário. Novamente, as notas por extenso da Dra. Harding sobreviveram, sob o título "Dreams and Symbolism", em doze conferências, de 25 de julho a 7 de agosto, depois das quais Jung visitou a Exposição do Império Britânico em Wembley e resolveu empreender sua bem-conhecida viagem ao Leste Britânico da África^[11].

No início de 1925, contudo, de 23 de março a seis de julho, Jung deu o primeiro da série de seminários em inglês em Zurique que prosseguiriam por quatro anos. Intitulado, simplesmente, "Analytical Psychology", o seminário, em dezesseis conferências, foi registrado por Cary F. de Angulo, que logo em seguida casou-se com H. G. Baynes. Jung revisou o transcrito, que foi emitido em um documento tipado em multígrafo, de 227 páginas. O conteúdo era dedicado a um exame do desenvolvimento da psicologia analítica, começando com ano de 1896, quando Jung era um estudante universitário, e detendo-se em certa extensão sobre seu relacionamento com Freud. Várias passagens foram incorporadas por Aniela Jaffé em *Memórias, Sonhos e Reflexões*^[12]. O Seminário de 1925 contém algumas das mais cortantes observações de Jung sobre sua psicologia.

No início de novembro de 1928, Jung embarcou no seminário sobre Análise de Sonhos, ao qual o presente volume é dedicado. Em encontros semanais, entrecortados por recessos sazonais de um mês ou mais, o seminário prosseguiu até o fim de junho de 1930. Os membros reuniam-se nas quartas-feiras pela manhã nas salas do Clube Psicológico de Zurique, em uma mansão em forma de torre, coberta de hera, no Gemeindestrasse que Edith Rockefeller McCormick havia adquirido para o uso do Clube. Poucos registros administrativos do seminário ou do Clube sobreviveram. De acordo com as lembranças dos membros sobreviventes, nenhuma taxa de ensino era paga; havia apenas uma pequena contribuição para o chá. A permissão de Jung para assistir era um requisito, e os membros estavam, ou estiveram, todos no curso de análise com Jung ou um dos outros poucos analistas em Zurique. Embora nenhuma lista de associados exista, o

transcrito do seminário fornece os nomes de umas cinquenta pessoas que contribuíram para a discussão. Certamente haviam outros membros que permaneceram em silêncio, como Mary Foote.

Para Mary Foote é devido o crédito principal pelo registro dos seminários de Jung de 1928 até 1939. Nascida na Nova Inglaterra em 1872, Mary Foote tornou-se pintora de retratos de alguma reputação, vivendo alternadamente em Nova Iorque, Paris e Pequim^[13]. Entre seus amigos encontravam-se Isadora Duncan, Henry James, Mabel Dodge (depois Luhan), Gertrude Stein, e o *stage designer* Robert Edmond Jones, de Nova Iorque, o qual, depois de sua própria análise com Jung e Toni Wolff, persuadiu Mary a seguir para Zurique. Ela chegou em janeiro de 1928 e permaneceu pelo quarto de século que se seguiu. Seu trabalho analítico com Jung deve ter começado logo depois que ela assentou residência no Hotel Sonne em Küsnacht, e ela provavelmente assistiu o seminário Análise de Sonhos desde seu primeiro encontro, em novembro.

Poucas pessoas estavam envolvidas em produzir as notas do seminário. Na ausência de Cary de Angulo, que se fôra com seu marido H. G. Baynes para viver em Carmel, na Califórnia, as notas da sessão do outono de 1928 foram tomadas por Anne Chapin, uma professora do Mount Holyoke College, de Massachussets, e foram transcritas, multigrafadas e circuladas aos membros. Os encontros durante a primeira metade de 1929 foram registrados por outra mulher americana, Charlotte H. Deady. Mary Foote tornou-se envolvida com o registro da sessão que começou em outubro de 1929, e cartas de Jung para ela em dezembro^[14] mostram que ela estava editando o transcrito (compilado das notas de vários membros) e enviando seções dele a Jung para revisão. Ela continuou neste papel até o fim do seminário, em junho do ano seguinte. A "primeira edição", inteira, multigrafada a partir de um documento datilografado, foi publicada em cinco volumes de dimensões de quarto. Em 1938, Mary Foote emitiu uma "nova edição", na qual as notas de Chapin eram ampliadas por "anotações manuscritas tomadas pela Senhorita Ethel Taylor"; as notas de Deady foram re-editadas por Carol Baumann; as notas de outubro a dezembro de 1929, por extenso, eram o trabalho de Mary Foote e outros, com "muito auxílio" de Cary Baynes e Mary Howells; as notas de janeiro a março de 1930 foram tomadas, também por extenso, pela Senhora Baynes, Senhora Deady, Barbara Hannah, Joseph Henderson e a Senhorita Foote; e a seção de maio

a junho de 1930 foi, Mary Foote o escreveu, "editada a partir de notas manuscritas tomadas pela Senhora Köppel e minha próprias notas por extenso". Os desenhos que figuram no texto são o trabalho da Senhora Deady. Emily Köppel, uma mulher inglesa casada com um suíço, tornou-se secretária de Mary Foote em 1930 e continuou a fazer os transcritos, datilografar os papéis em estêncil, arranjá-los para o multígrafo, e conduzir todos os detalhes administrativos até que a guerra trouxe um fim para a série de seminários.

A princípio, Mary Foote financiou o trabalho das subscrições, suplementando-o com seus próprios recursos. Depois, a partir de 1930, os fundos receberam contribuição de Alice Lewisohn Crowley e Mary e Paul Mellon. Não se esperava que Jung contribuísse, e ele recebeu cópias gratuitas das Notas de Seminário.

Durante os anos da guerra Mary Foote permaneceu em Zurique, e foi somente nos anos 50 que ela retornou à Nova Inglaterra. Ela morreu, entre amigos, na zona rural de Connecticut, em 28 de janeiro de 1968, em seu nonagésimo-sexto ano de idade^[15]. Seus documentos, incluindo rascunhos sucessivos das Notas de Seminário, estão agora na Biblioteca da Universidade de Yale.

Em outubro de 1930, poucos meses depois do fim do Seminário Análise de Sonhos, Jung abriu outro seminário em inglês, intitulado "Interpretation of Visions", baseado em pinturas de uma paciente americana, imagens representativas que ela havia experienciado através do processo de "imaginação ativa". Este seminário, que é considerado uma exposição útil das técnicas de Jung da "imaginação ativa" e da amplificação, continuou até março de 1934. O transcrito foi editado por Mary Foote em onze volumes, mais um volume que continha vinte e nove lâminas. Uma nova edição, sustentada por uma doação dos Mellons, apareceu de 1939 a 1941. Durante um recesso em outubro de 1932, Jung uniu-se a J. W. Hauer, professor de Indologia na Universidade de Tübingen, para ministrar um seminário em seis sessões sobre "A Kundalini Yoga"^[16], subsequente editado por Mary Foote em uma versão ilustrada de 216 páginas, seguida, um ano depois, por uma versão alemã.

Dois meses depois de terminar o seminário sobre as Visões, em 2 de maio de 1934, Jung começou um seminário em inglês com o título "Psychological Analysis of Nietzsche's Zarathustra", que prosseguiu até 15

de fevereiro de 1939, com várias e longas interrupções, enquanto Jung fazia viagens de conferências aos Estados Unidos em 1936 e 1937, viajava pela Índia no inverno de 1937-38, e retornava doente com disenteria. Novamente, Mary Foote editou o transcrito, em dez volumes multigrafados^[17].

As conferências de Jung em alemão no Eidgenössische Technische Hochschule (Instituto Técnico Federal) de Zurique são usualmente classificadas junto com seus seminários, mas seguem o estilo conferencial e eram endereçadas a um público geral em um grande auditório acadêmico. Para Jung isso era um retorno a sua situação de palestrista na Universidade, mais de vinte anos antes. As conferências do ETH, às sextas-feiras à tarde, começaram em 20 de outubro de 1934 com o tema geral "Modern Psychology" e continuaram, com os usuais recessos acadêmicos, até julho de 1935. Delas foram tomadas anotações manuscritas pela secretária de Jung, Marie-Jeanne Schmid, e subsequêntemente publicadas com tradução em inglês por Elizabeth Welsh e Barbara Hannah, no mesmo formato dos seminários. Jung continuou a conferenciar esporadicamente no ETH até julho de 1941; seus assuntos incluíram "Eastern Texts", "Exercitia Spiritualia of St. Ignatius of Loyola", "Children's Dreams", "Old Literature on Dream Intepretation", e "Alchemy"^[18]. A maior parte das conferências foi publicada em traduções por Barbara Hannah^[19].

Cada volume dos seminários e das conferências no ETH carregava uma mensagem com o efeito de que "são para uso estritamente particular e nenhuma parte pode ser copiada ou citada para publicação sem a permissão por escrito do Professor Jung". Quando o seminário Análise de Sonhos e as conferências "Modern Psychology" foram emitidas em novas edições, sob os auspícios conjuntos do Clube Psicológico e do Instituto C. G. Jung, o mesmo aviso foi impresso como prefácio, em nome do Clube e do Instituto. A venda dos volumes era limitada estritamente àqueles qualificados por análise e aprovação profissional. Não obstante, as cópias encontraram seu caminho para bibliotecas gerais e para as mãos de negociantes de livros.

Quando o estoque se exauriu e novas edições foram planejadas em 1954, o Instituto propôs que os textos fossem revisados por um escritor profissional, de modo a suavizar o que se pensava ser falha de estilo e expressão. Sob o conselho insistente de R. F. C. Hull e outros, Jung escreveu para o Curatório do Instituto: "Eu gostaria de informá-los que

depois de madura consideração e solicitação de opiniões de autoridade eu decidi deixar que meus seminários sejam publicados inalterados, como antes. Tenho sido solicitado, em particular, para não deixar que seja alterado em nada em seu estilo". Ele sugeriu que cada publicação fosse prefaciada com a seguinte nota: "Estou totalmente ciente do fato de que o texto destes seminários contém um certo número de erros e outras inadequações, que se encontram sob necessidade de correção. Desafortunadamente, nunca me foi possível empreender este trabalho por mim mesmo. Eu portanto gostaria de requerer ao leitor que estes relatórios sejam lidos com o necessário espírito crítico e que sejam usados com circunspeção. Eles conferem, em geral, louvor ao à habilidade descritiva de Mary Foote, um quadro vivo e fiel dos efetivos debates, como eram àquele tempo". A nota não foi impressa, enfim, nas novas edições, mas a preocupação de Jung com os erros nos transcritos era evidente. A idéia de publicar os seminários para o público em geral estava lançada. Michael Fordham, um dos editores dos *Collected Works*, insistiu fortemente na publicação. Em 24 de maio de 1956, Jung escreveu a Gerhard Adler, também um editor dos *Collected Works*: "Eu gostaria de me referir à nossa conversa de 14 de maio. Estou de completo acordo com a publicação de minhas 'Notas de Seminário' como um apêndice aos *Collected Works*, e eu gostaria que você e o Dr. Fordham fizessem os necessários cortes e correções de erros. Os manuscritos nem sempre são satisfatoriamente acurados. Como o estilo faz parte das anotações, ele deve, sempre que possível, não ser alterado". Jung tornara-se ciente, como se pode inferir, da futilidade em restringir seus textos de seminário, e ele estava obviamente consciente do valor [dos seminários]^[20] para os analistas, no treinamento do grande corpo de estudantes empenhados. Em uma carta de 19 de agosto de 1957 à Bollingen Foundation, ele formalmente declarou: "Por meio desta, confirmo minha concordância com a inclusão dos escritos designados em sua carta (Notas de Seminário e Correspondências) nos *Collected Works*".

Assim a matéria permaneceu, até depois da morte de Jung, em junho de 1961. Enquanto isso, o plano original de publicar as Notas de Seminário, assim como as Cartas, como parte dos *Collected Works*, foi modificado. A edição da correspondência foi delegada, com a aprovação de Jung, ao Dr. Adler como editor-chefe, junto com Marianne Niehus-Jung e Aniela Jaffé^[21]. Como Jung havia aceitado o tradutor dos *Collected Works*, R. F.

C. Hull, como editor dos seminários, o projeto foi suspenso até que o tempo de Hull estivesse livre - isto é, até que se pudesse visualizar os *Collected Works* terminados. Lá pelo meio da década de 60, a Fundação Bollingen tinha um plano provisório feito por Hull para a publicação, em consulta com Herbert Read, a família Jung, Adler, Fordham, Cary Baynes, Jessie Fraser, Joseph Henderson, Aniela Jaffé, Henry A. Murray, e Jane A. Pratt. O projeto, em cinco ou seis volumes, incluiria o Seminário de 1925^[22], "Análise de Sonhos", "Interpretation of Visions", "Kundalini Yoga", "Analysis of Nietzsche's Zarathustra", e provisoriamente uma seleção das conferências no ETH. Os herdeiros de Jung concordaram em princípio. Hull pôde começar o trabalho editorial somente no verão de 1972, quando mudou-se para Nova Iorque. Ele ainda estava preocupado com detalhes residuais da tradução de parte da *Correspondência Freud/Jung*, os trabalhos selecionados escritos em Alemão (em torno da metade), e o volume 18 dos *Collected Works: The Symbolic Life*. Não obstante, a despeito do gradual declínio em sua saúde e energia, Hull esteve apto a editar e comentar algo em torno da metade do seminário Análise de Sonhos de modo experimental, baseado na assistência em pesquisa de Lisa Ress e no conselho, em assuntos substanciais, de Edward F. Edinger, M. D. Na primavera de 1973, Hull retornou a sua casa em Mallorca, em um estado de saúde deteriorante que impedia o trabalho profissional de qualquer espécie; ele morreu na Inglaterra em dezembro de 1974. Seus documentos de trabalho foram preservados por sua viúva e eram eventualmente enviados a Princeton. Ao assumir a responsabilidade editorial pelo seminário Análise de Sonhos em 1980, contudo, eu fiz um novo começo.

Meus princípios editoriais partiam, de algum modo, dos de Hull. Eu havia excluído e alterado o texto tão raramente quanto foi possível, prestando notas editoriais de qualquer mudança significativa. As exclusões são, em sua maior parte, confinadas a passagens em que Jung repetia informações para os novos membros do seminário. Alterações textuais sem referência dizem respeito, principalmente, à pontuação, ortografia, gramática, e clareza. A inserção de uma boa quantidade de pontos finais e pontos-e-vírgulas nos documentos transcritos, em vez de estruturas com sentenças desconexas, não faz violência ao estilo de Jung. Muitas das anotações rascunhadas por Hull e Lisa Ress foram preservadas e foram consideravelmente aumentadas. As notas interpretativas por Hull carregam suas iniciais. Uma posição importante do estilo de Hull é a retenção dos

nomes dos membros de seminário que fizeram comentários. Muitos deles são pessoas de interesse, e muitos já são falecidos. Os quatro que tenho notícia de estarem vivos em 1982 - a Senhorita Hannah, Dr. Henderson, Dr. Kirsch e a Senhora Gaskell - deram permissão para o uso de seus nomes. É possível que seja o caso de, em torno de dez pessoas que eu não pude localizar ou identificar, algumas estejam vivas; se assim é, peço-lhes seu perdão. Certamente nenhum comentário foi feito que pudesse causar arrependimentos a qualquer um cinquenta anos depois. Eu devo ressaltar, também, que nenhum material de estudo de caso, que tenha sido fornecido no seminário, pode ser identificado com qualquer pessoa.

Eu fiz todos os esforços para preservar "um quadro vivo e fiel dos efetivos debates, como eram àquele tempo", o que Jung esperava que acontecesse em 1954, e reproduzi os diagramas e ilustrações diretamente a partir de edições anteriores dos seminários.

As Notas de Seminário têm uma importância substancial no cânone junguiano; isto é evidente, e [as notas]^[23] possuem muitos outros aspectos de significância. O caráter do estilo discursivo de Jung - de fato, seu estilo conferencial - é transmitida fielmente: tal é o consenso destes que o conheceram bem, e especialmente aqueles que assistiram a qualquer dos encontros do seminário. "As notas têm o realismo de uma transcrição a partir de fita gravada, em um tempo no qual as gravações nem eram sonhadas", observou um membro de seminário. As habilidades de registro daqueles que tomaram as notas é responsável por isso - e essa habilidade foi de todo o mais notável nos primeiros dias, quando as notas eram escritas por extenso e encaixadas entre si. O trabalho editorial de Mary Foote concentrou-se na fidelidade de registro, tanto em estilo quanto em conteúdo.

A mestria de Jung na língua inglesa, demonstrada nestes manuscritos, não precisa ser motivo de surpresa. Ele estudou inglês na escola e, durante os primeiros anos do século XX, passou um verão em Londres^[24]. Na Clínica do Burghölzli, quando Jung era assistente de Bleuler, médicos americanos e britânicos vinham para treino e observação: Ricksher, Peterson, Macfie Campbell, Gibson, Burrow, entre outros^[25]. Pacientes falantes da língua inglesa - notavelmente Harold F. McCormick e sua esposa, Edith Rockefeller McCormick, de Chicago - tornaram-se responsabilidade de Jung bastante cedo. De 1909 em diante, houveram freqüentes visitas à Inglaterra e à América, marcadas por conferências,

palestras, e encontros analíticos conduzidos em inglês. Na década de 20, o círculo de estudantes e analisandos em volta de Jung em Zurique era tanto de falantes do inglês quanto de falantes do alemão (franceses eram uma minoria). Jung escreveu e falou inglês quase tão freqüentemente quanto em alemão ou suíço, sua linguagem em casa^[26].

Finalmente, os colóquios dos seminários de Jung são ricos em material que não é encontrado ou mesmo sugerido nos escritos publicados. Para Jung eles [os seminários] eram germinativos: ele freqüentemente desenvolvia idéias enquanto falava. O seminário publicado neste volume fornece um completo exame do método de Jung da amplificação na análise dos sonhos de um paciente e o mais detalhado registro do tratamento de um paciente masculino pelo próprio Jung^[27]. Enfim, os seminários nos fornecem um Jung auto-confidentemente relaxado, despreocupado e não-diplomático, sem respeito por instituições e personagens exaltados, freqüentemente bem-humorado, às vezes obsceno, extravagantemente erudito em referências e alusões, sempre sintonizado com as mais sutis ressonâncias do caso em mãos, e verdadeiro, sempre, a si mesmo e à sua vocação.

WILLIAM MCGUIRE

AGRADECIMENTOS

Eu expressei minha dívida para com R. F. C. Hull, Lisa Ress, e Edward F. Edinger, por seu trabalho em um estágio primitivo da edição. Estou particularmente grato a três membros do seminário de 1928-1930 que responderam calorosamente com suas lembranças dos "efetivos debates" e com respostas a questões, especialmente sobre a identidade de outros membros do seminário: Barbara Hannah, Joseph Henderson e James Kirsch. Sou grato a todas seguintes pessoas que responderam minhas perguntas, dispondo da informação requerida ou com o conselho de fontes de consulta: Gerhard Adler; Doris Albrecht; John Alden; Nora Bangs; John T. Bonner; c. Marston Case; Margaret H. Case; Gerald Chapple; Margot Cutter; Ivan R. Dihoff; K. R. Eissler; Jay Fellows; Marie-Louise von Franz; Patrick Gardiner; Felix Gilbert; Rosamond Gilder; Beat Glaus; Leon Gordenker; Norbert Guterman; John Hannon; Martyn Hitchcock; Aniela Jaffé; James Jarrett; Lilly Jung; Violet de Laszlo; Phyllis W. Lehmann; Michael S. Mahoney; Mary Manheim; Bruce M. Metzger; Paul Meyvaert; Joseph P. O'Neill; Emmy Poggensee; Edith Porada; Frank H. T. Rhodes; Richard Rorty; Angela Richards; Merle Greene Robertson; Beata Sauerlander; Gershom Scholem; Marjorie Sherwood; Elisabeth Rüf; Richard Taylor; Pamela Teske; S. G. Thatcher; Elizabeth Thomas; Fr. Chrysogonus Wadell; Charles F. Westoff; Hellmut Wilhelm; John F. Wilson; James E. G. Zetzel; e Herbert S. Zim.

Pelas citações da tradução de Louis MacNeice do Fausto de Goethe (1951) os agradecimentos são feitos, pela permissão dos editores, Oxford University Press, Nova Iorque, e Faber and Faber, Londres.

W. M.

MEMBROS DO SEMINÁRIO

A lista que se segue contém pessoas cujos nomes aparecem no transcrito; outros indubitavelmente assistiram, e seus nomes não foram registrados. Nenhum registro dos membros do seminário veio à luz. Somente os sobrenomes são dados no transcrito, e os nomes fornecidos, país de residência, etc., foram supridos na medida do possível. Uma linha sublinhando o nome indica um membro que, de acordo com o que se sabe atualmente, foi ou mais tarde se tornou um analista junguiano. A coluna à direita fornece a data do primeiro encontro do seminário no qual o nome de um membro aparece. Vide, ainda, o índice deste volume.

Bacon, Sr. Leonard (EUA)	4 de dezembro de 1929
Barret, Dr. William G. (EUA)	6 de novembro de 1929
Baumann, Sr. Hans H. (Suíça)	11 de junho de 1930
<u>Baynes, Dr. Helton Godwin</u> (Grã-Bretanha)	29 de janeiro de 1930
Baynes, Sra. Cary F. (EUA)	6 de novembro de 1929
<u>Bertine, Dra. Eleanor</u> (EUA)	22 de maio de 1929
<u>Biachi, Srta. Ida</u> (Suíça)	13 de março de 1929
Binger, Dr. Carl (EUA)	6 de fevereiro de 1929
Binger, Sra. Carl (EUA)	28 de fevereiro de 1929
Chapin, Srta. Anne (EUA)	28 de fevereiro de 1929
Crowley, Sr. Bertram (Grã-Bretanha)	21 de maio de 1930
Crowley, Sra. Alice Lewisohn (EUA)	22 de maio de 1929
Deady, Dr. Henderson (EUA)	5 de dezembro de 1928
Deady, Sra. Charlotte H. (EUA)	6 de março de 1929
Dell, Sr. W. Stanley (EUA)	22 de maio de 1929
Draper, Dr. George (EUA)	23 de outubro de 1929
Eaton, Prof. Ralph M. (EUA)	18 de junho de 1930
<u>Fierz, Sra. Linda (Fierz-David)</u> (Suíça)	5 de março de 1928
Flenniken, Srta. Margaret Ansley (EUA)	19 de março de 1930
Gibb, Sr. Andrew (EUA, original da Grã-Bretanha)	30 de janeiro de 1929
Gibb, Sra. Helen Freeland (EUA)	30 de janeiro de 1929
Gilman, Dr.	26 de junho de 1929
<u>Hannah, Srta. Barbara</u> (Grã-Bretanha)	13 de fevereiro de 1929
<u>Harding, Dra. M. Esther</u> (EUA, original da Grã-Bretanha)	9 de outubro de 1929
<u>Henderson, Sr. Joseph L.</u> (EUA)	16 de outubro de 1929
<u>Henley, Sra. Eugene H. (Helen)</u> (EUA)	12 de fevereiro de 1930
Holdsworth, Sr.	26 de fevereiro de 1930
Hooke, Prof. Samuel Henry (Grã-Bretanha)	21 de maio de 1930
Howells, Srta. Naomi (EUA)	26 de junho de 1929
<u>Howells, Dra. Mary</u> (EUA)	9 de outubro de 1929
<u>Jaeger, Sra. Manuela</u> (Alemanha)	25 de junho de 1930
<u>Kirsch, Dr. James</u> (Guatemala, depois Alemanha, Palestina, EUA)	5 de junho de 1929
Kirsch, Sra. Eva (Alemanha, depois Sra. Gaskell, Grã-Bretanha)	5 de junho de 1929
<u>König, Srta. Olga</u> , Baronesa von König Fachsenfeld (Alemanha)	20 de novembro de 1929

Leavitt, Dr.	15 de maio de 1929
Muller, Sra.	20 de fevereiro de 1929
<u>Nordfeldt, Sra. Margaret D.</u> (EUA)	14 de maio de 1930
Ordway, Srta. Katherine (EUA)	12 de fevereiro de 1930
Pollitzer, Srta.	26 de fevereiro de 1930
Richmond, Sr.	11 de junho de 1930
Rogers, Sr.	13 de fevereiro de 1929
Roper, Sr.	30 de janeiro de 1929
Sawyer, Sra. Carol Fisher (depois Sra. Hans Baumann) (EUA)	6 de novembro de 1929
Schevill, Sra. Margaret E. (Schevill-Link) (EUA)	30 de janeiro de 1929
Schlegel, Dr. jur. Eugen (Suíça)	6 de fevereiro de 1929
Schlegel, Sra. Erika (Suíça)	20 de fevereiro de 1929
<u>Schmaltz, Prof. Gustav</u> (Alemanha)	29 de maio de 1929
Schmitz, Dr. Oskar A. H. (Alemanha)	15 de maio de 1929
Sergeant, Srta. Elizabeth Shepley (EUA)	21 de maio de 1930
<u>Shaw, Dra. Helen</u> (Grã-Bretanha/Austrália)	21 de novembro de 1928
Sigg, Sra. Martha Böddinghaus (Suíça)	6 de fevereiro de 1929
Taylor, Srta. Ethel	8 de dezembro de 1928
<u>Wolff, Srta. Toni</u> (Suíça)	30 de outubro de 1929
Zinno, Sra. Henry Fink (EUA)	6 de março de 1929

ORDEM CRONOLÓGICA DOS SONHOS

Outono de 1928

1. Filha da irmã doente; anfiteatro com assentos de costas para uma mesa

Inverno e Primavera de 1929

2. Costureira com tuberculose

3. Rolo compressor fazendo um molde

4. Fuga das galinhas

5. Ciática; colina de macadame fustigada pelas ondas do mar

6. Cunhado diz que algo está errado com os negócios

7. Máquina peculiar para extirpar ervas daninhas

8. Passeio pela Riviera

9. Cena íntima com sua esposa

10. Mecanismo: coração duplo com mola de aço

11. Banhando-se no mar: conversa de negócios com o Príncipe Omar

12. Pequeno garoto nu comendo pão branco

13. Compartimentos marítimos; bordel; boné marrom

14. Plantação de algodão infestada com vermes

15. Árvore de cerejas cheia de cerejas maduras e árvore jovem sem

frutas

16. Máquina estragada; pequena irmã com buracos na saia

17. Agitando-se através das árvores; chegada a um edifício com um

pátio

Outono de 1929

19. Viajando pela Polônia; mecânico consertando magneto

20. Choupana no Egito; caldeirão com cruzeiros e meias-luas

18. Garoto bonito como Münchner Kindl [\[28\]](#)

21. Vasta planície cinza; pessoas trabalhando com listras.

Inverno de 1930

22. Máquina feita de cilindros que revolvem

23. Serviço na Igreja; um hermafrodita perturba o canto

24. Exercícios de ginástica em uma cabana; fuga de rato

26. Sua esposa dá à luz trigêmeos [\[29\]](#)

Primavera de 1930

_ Sinopse da orientação de um sonho desde o início por Howell [\[30\]](#)

- 25. Homem cai de um avião triangular, machucando a mão direita
- 27. Exportação de café; [compte-joint] com Michel & Jalaubout
- 28. Criança o leva a uma tartaruga que cospe crianças
- 29. Agentes estão comprando muito algodão de alta qualidade
- 30. Grande avó atacada por homem-macaco

LISTA DE ABREVIATURAS^[31]

B.S. = Bollingen Series

C. G. Jung: Letters. Editado por Gerhard Adler em colaboração com Aniela Jaffé. Traduções do Alemão por R. F. C. Hull, Princeton (B. S. XCV) e Londres, 1973, 1975, 2 volumes.

C. G. Jung: Word and Image. Editado por Aniela Jaffé; tradução Krishna Winston, Princeton (B. S. XCVII: 2), 1979.

C. G. Jung Speaking: Interviews and Encounters. Editado por William McGuire e R. F. C. Hull. Princeton (B.S. XCVII) e Londres, 1977.

CW = *The Collected Works of C. G. Jung*^[32]. Editado por Gerhard Adler, Michael Fordham e Herbert Read; William McGuire, Editor Executivo; traduções por R. F. C. Hull. Nova Iorque e Princeton (B. S. XX) e Londres, 1953-1979, 20 volumes.

ETH = Eidgenössische Technische Hochschule (Instituto Técnico Federal), Zurique.

The Freud/Jung Letters^[33]. Editado por William McGuire; traduzido por Ralph Manheim e R. F. C. Hull. Princeton (B. S. XCIV) e Londres, 1974.

Golden Flower = The Secret of the Golden Flower^[34], traduzido do chinês por Richard Wilhelm, com comentários de C. G. Jung; traduzido para o inglês por Cary F. Baynes. Nova Iorque e Londres, 1931; revisado e argumentado em 1962.

I Ching = The I Ching, or Book of Changes^[35]. A tradução de Richard Wilhelm vertida para o inglês por Cary F. Baynes. Terceira Edição, Princeton (B.S. XIX) e Londres, 1967.

LCL = Loeb Classical Library.

Letters = *C. G. Jung: Letters*.

MDR = Memories, Dreams, Reflections by C. G. Jung. Registrado e editado por Aniela Jaffé; traduzido por Richard e Clara Winston. Nova Iorque e Londres, 1963. (Como as edições são diferentemente paginadas, duplas citações de páginas são fornecidas)^[36].

R.F.C.H. = R.F.C. Hull.

Sems. = Edições anteriores do seminário presente. Um número como índice^[37] (subscrito) indica uma edição em particular.

Spring: An Annual of Archetypal Psychology and Jungian Thought. Nova Iorque, 1941-1969; Zurique, 1970-1977; Dallas, 1978.

Symbols of Transformation, edição de 1912 = *Psychology of the Unconscious; a Study of the Transformations and Symbolisms of the Libido*. Traduzido por Beatrice M. Hinkle. Nova Iorque e Londres, 1916. Traduzido de *Wandlungen und Symbole der Libido*. Leipzig and Vienna, 1912[\[38\]](#).

The Zofingia Lectures. Editado por William McGuire, traduzido por Jan van Heurck. (CW, volume suplementar A). Princeton (B.S. XX: A) e Londres, 1983.

PRIMEIRA PARTE

INVERNO DE 1928, NOVEMBRO E DEZEMBRO

CONFERÊNCIA I: 7 DE NOVEMBRO DE 1928^[39]

1 Senhoras e senhores: A análise de sonhos é o problema central do tratamento analítico, porque é o meio técnico mais importante para abrir um caminho para o inconsciente. O objeto principal deste tratamento, como vocês sabem, é o de perceber a mensagem do inconsciente. O paciente vem ao analista usualmente porque se encontra num impasse ou *cul-de-sac*^[40], onde parece não haver saída, e ele assume que o médico irá saber o caminho. Se o médico é honesto, ele reconhece que também não sabe o caminho. Mas algumas vezes os médicos não o são: há apenas cento e cinquenta anos atrás, médicos eram estes charlatões que iam às feiras e arrancavam dentes, executavam curas maravilhosas, etc., e esta atitude ainda prevalece em certa extensão na profissão médica, nos dias atuais - os seres humanos são maus, em todo lugar! Em análise devemos ser muito cuidadosos para não assumir que sabemos tudo sobre o paciente ou que sabemos a saída de suas dificuldades. Se o médico diz a ele o que pensa que é o problema, ele segue as sugestões do médico e não experiência por si mesmo. As sugestões podem funcionar por um tempo, mas quando ele está distante o paciente entra em colapso porque não tem contato consigo mesmo e está vivendo não seu próprio caminho, mas o caminho do médico. Ele tem, então, que voltar ao médico para novas sugestões, e logo isto se torna desgostoso a ambos. É importante que o médico admita que não sabe; então ambos estão prontos para aceitar os fatos imparciais da natureza, realidades científicas. Opiniões pessoais são julgamentos mais ou menos arbitrários e podem estar completamente erradas; nunca estamos seguros de estarmos certos. Portanto, devemos pesquisar os fatos fornecidos pelos sonhos. Sonhos são fatos objetivos. Eles não respondem às nossas expectativas, e nós não os inventamos; se alguém pretende sonhar com determinadas coisas, verá que é impossível.

2 Nós sonhamos sobre nossas questões, nossas dificuldades. Existe um dito de que o noivo nunca sonha com a noiva. Isto porque ele a tem na realidade; somente mais tarde, quando existe problema, é que ele sonha com ela - e então ela geralmente já é a esposa. Nós somos bastante incapazes de influenciar nossos sonhos, e o meio externo presente não necessariamente fornece o material do sonho. Mesmo quando algo realmente importante ou

fascinante ocorre, com freqüência não existem muitos traços disso em nossos sonhos. Eu fiquei muito desapontado quando estava na África^[41]; em toda uma série de sonhos não havia nenhum traço da África apesar das mais impressionantes experiências; nenhum único sonho com cenário africano ou com negros - salvo uma vez, no final do terceiro mês, e então o negro se tornou um barbeiro que, lembrei-me depois, havia cortado meu cabelo em Chattanooga (América)^[42].

3 Nossos sonhos são muito peculiarmente independentes de nossa consciência e excepcionalmente valiosos, porque não trapaceiam. Eles são difíceis de ler, assim como os fatos da fisiologia sempre foram difíceis de ler. Da mesma forma que uma técnica séria é requerida para fazer um diagnóstico de coração, fígado, etc., é preciso trabalhar uma técnica séria no sentido de ler os fatos imparciais dos sonhos. Não há dúvida quanto à imparcialidade dos fatos, mas sim com relação à leitura dos fatos; portanto, há um grande número de pontos de vista - o freudiano, por exemplo. Eu não posso discutir os diferentes métodos aqui, mas apenas apresentar o material. Nós tentaremos trabalhar as leituras juntos, e vocês podem conjecturar. Os sonhos mais interessantes são muito excitantes, mas eles são mais fáceis de compreender que os mais simples.

4 Os primitivos acreditam em dois tipos diferentes de sonhos: *ota*, a grande visão, volumosa, significativa e de importância coletiva; e *vudota*^[43], o pequeno sonho comum. Usualmente, eles negam ter o sonho comum ou, se depois de longos esforços de sua^[44] parte, eles admitem uma tal ocorrência, dizem: "Isto não é nada, todo mundo tem isso!". Sonhos grandes e importantes são muito raros, e só um homem realmente grande tem grandes sonhos - chefes, curandeiros, pessoas com mana. Eles disseram que eu também teria uma grande *visão* porque eu era um grande senhor, e alguém com cem anos de idade, porque eu tinha cabelos brancos e estava apto a ler o grande livro, o Alcorão. Nosso usual preconceito^[45] contra os sonhos - de que eles não significam nada - é provavelmente a velha tradição de que os sonhos ordinários não têm nada de relevante. Exploradores dizem que, quando um chefe ou alguém com mana tem um grande sonho, ele sempre chama a aldeia, e todos sentam e escutam, esperam e consideram, e freqüentemente seguem o conselho dado.

5 Talvez os últimos traços de sonhos com tal importância pública possam ser encontrados na época romana. A filha de um senador sonhou que uma

deusa apareceu para ela e reprovou-a pelo fato de que seu templo estava decadente em função da negligência; e falou-lhe que ele devia ser reconstruído. Então ela foi ao senado e relatou seu sonho, e os senadores decidiram reconstruir o templo^[46].

6 Outro fato ocorreu em Atenas, quando um famoso poeta sonhou que um certo homem havia roubado um vaso precioso de ouro do templo de Hermes, tendo-o escondido em certo lugar. Ele não acreditava em sonhos, e a primeira vez que isso aconteceu ele rejeitou. Mas quando ocorreu uma segunda e uma terceira vez, ele pensou que os deuses estavam insistindo e que devia ser verdade. Ele foi ao Areópago, o equivalente do Senado Romano, e contou seu sonho. Então uma busca foi feita, o ladrão foi encontrado, e o vaso foi recuperado^[47].

7 Os primitivos africanos, agora, dependem do inglês para guiá-los, não mais do sonho do feiticeiro. A opinião geral é que o feiticeiro ou o chefe deixaram de ter esses sonhos desde que os ingleses estiveram na região. Eles dizem que o comissariado conhece tudo agora - as fronteiras da guerra, as fronteiras dos campos, quem matou a ovelha, etc. Isso mostra que o sonho tem formalmente uma função social e política, o líder apreendendo seus pensamentos direto do céu, guiando seu povo diretamente de seu inconsciente.

8 Rasmussen soube de um esquimó (filho de uma mulher esquimó e um dinamarquês, que havia vivido com ele na Groenlândia) uma história maravilhosa de um velho feiticeiro que, guiado por um sonho, levou sua tribo da Groenlândia, através da Baía Baffin, para a América do Norte. A tribo havia aumentado rapidamente e houve grande escassez de alimentos, e ele sonhou com um país distante com fartura de peixes, baleias, focas, etc., uma região fértil. A tribo inteira acreditou nele e eles começaram a viagem através do gelo. Na metade do caminho, certos velhos começaram a duvidar, como acontece sempre: a visão está certa ou errada? Então metade da tribo voltou, somente para perecer, enquanto o sonhador continuou com a outra metade e chegou à costa da América do Norte^[48].

9 Nossos pequenos sonhos não têm tal importância, nem soluções coletivas ou universais, embora sejam válidos numa situação particular, mas pode-se ver, em sonhos comuns como estes que estou selecionando, a mesma função de guia e a tentativa de solucionar o problema.

10 A pessoa de cujos sonhos vamos falar é um homem de negócios com quarenta e cinco anos, um bom intelecto, culto, próspero, muito educado e sociável, casado, com três ou quatro filhos; não muito neurótico, porém suscetível; seu problema principal é que ele é irritável e particularmente ansioso para evitar situações nas quais se possa reprová-lo ou feri-lo. Ele teve uma dor no estômago e sentiu-se nauseado uma vez, quando a polícia o deteve por excesso de velocidade. Isto mostra que algo não está bem certo. Ele tenta ser terrivelmente correto, e apenas aqueles que têm habilidade ou tendência para serem incorretos tentam ser tão corretos, para atingir a perfeição; quando as pessoas tentam ser anormalmente boas, algo está tentando tornar-se absolutamente errado^[49]. Ele é muito correto na superfície - maneiras, discurso, vestimentas, muito cuidadoso em cada possibilidade; não fuma em demasia nem bebe, e tem pontos de vista razoáveis sobre como se deve viver. No entanto, detrás desta superfície virtuosa há algum problema em sua sexualidade; ele tem se tornado mais ou menos afastado de sua mulher, que já não está particularmente interessada nele e está, portanto, frígida. Assim, ele começou a ser atraído por novidades, principalmente por aquilo que chamamos mulheres^[50]; ocasionalmente, ele vai a prostitutas de alta classe, e então, para compensar, tenta ser mais e mais correto. Ele não quer enfrentar seu problema, explica isso como um "erro ocasional", arrepende-se e, a cada vez, diz que isso "não acontecerá novamente", como é com a masturbação - até o dia depois de amanhã.

11 Esta é uma maneira imoral de comportar-se diante do problema, e por isso ele nunca se resolve, mas mantém a pessoa sentindo-se, de modo crônico, moralmente inferior. Um estado de mórbida inferioridade, que tem de ser compensado por um excesso de correção, não é bom para ele, nem para sua família, nem para outrem. Isso tem uma influência muito negativa sobre sua mulher; ela é congelada por sua extrema correção, de tal modo que ela não pode ser imprópria de maneira nenhuma, e assim não pode tornar-se consciente de si mesma, punindo-o com a frigidez. Tamanha correção tem um efeito terrivelmente congelante, faz com que alguém se sinta consideravelmente inferior. Se eu encontro alguém tão virtuoso, fico infernizado, não me sinto bem com pessoas muito virtuosas! Este problema o afundava num pântano. Ele tem lido um bom tanto de psicologia e livros sobre sexo, mas ainda tem este problema não-resolvido com o qual se

deveria lidar; aí ele veio a mim. Embora não fosse particularmente neurótico, gradativamente as coisas pioravam, e ele pensou que eu podia dizer-lhe o que fazer a respeito. Eu disse que não tinha idéia. Ele ficou chateado: "Pensei que você saberia". Aí eu disse: "Não sei a solução para o seu problema, mas existem sonhos, fatos imparciais, que podem fornecer informação; vamos ver o que eles dizem". Então começamos a analisar os sonhos dele. O primeiro sonho contém todo o seu problema, e uma pista para sua solução.

Primeiro Sonho^[51]

12 "Eu escuto que uma criança de minha irmã caçula está doente, e meu cunhado vem, e me pede para ir com ele ao teatro e a um jantar em seguida. Eu já comi; no entanto, acho que posso ir com ele.

13 "Nós chegamos a uma grande sala, com uma comprida mesa de jantar, ao centro, já arrumada; nos quatro cantos da grande sala há fileiras de bancos ou assentos, como num anfiteatro, mas estão de costas para a mesa - de modo contrário. Sentamo-nos, e pergunto a meu cunhado por que sua esposa não veio. Aí eu penso que é provavelmente porque a criança está doente, e pergunto como ela está. Ele diz que ela está bem melhor, só com um pouco de febre.

14 "Então eu estou na casa de meu cunhado, e vejo a criança, uma menininha com um ou dois anos de idade. (Ele acrescenta: não há uma tal menina na realidade, mas havia um menino de dois anos). A criança parece um pouco doente, e alguém me informa que ela não pronunciaria o nome de minha esposa, Maria. Eu pronuncio este nome e peço à criança que o repita, que diga 'Tia Maria', mas eu realmente digo 'Tia Mari-', e em vez de, meramente, deixar o 'a' de fora, eu digo 'Mari-ah-ah', como que bocejando, apesar dos protestos das pessoas ao meu redor contra aquela maneira de pronunciar o nome de minha esposa".

15 *Dr. Jung:* Este sonho comum nos introduz à atmosfera do lar do paciente. Todas as particularidades aqui fornecidas são sobre sua família, de onde podemos tirar uma conclusão importante. Qual é?

16 *Sugestão:* Que o interesse do sonhador estava muito centrado em sua família e nos indivíduos particularmente próximos?

17 *Dr. Jung:* Sim, e isto está de acordo com a proverbial idéia dos sonhos. Expressamo-nos através da linguagem que é mais facilmente acessível para nós; vemos isto nos sonhos dos camponeses, soldados, etc., que sonham com coisas familiares, a linguagem diferindo de acordo com a profissão. Devo também enfatizar o fato de que este homem tem vivido muito no estrangeiro; ele é um homem do mundo, um grande viajante. Então, por que ele não sonha com este lado de sua existência, cenário, etc.? Os sonhos posteriores não têm nada a ver com seu lar; logo, há uma razão especial para prestar atenção no fato de que ele sonha primeiro em termos familiares.

18 *Sugestão:* É porque está aí a sede de seu problema?

19 Dr. Jung: Ele está obviamente detido na terminologia de sua família; assim, talvez seu inconsciente tenda a enfatizar o fato de que seu problema está lá. Agora os detalhes.

20 *Criança de sua irmã caçula*: dois anos atrás sua primeira criança morreu, um belo menino de dois anos. Ele disse: "Participamos muito na dor dos pais durante a doença da criança e em sua morte por disenteria - ele era meu afilhado". A irmã está conectada com o sonhador principalmente através desta perda, e há uma situação semelhante no sonho: a doença da menininha lembra a época em que o garoto estava doente e morreu. É muito importante saber que ele está ligado à irmã através de uma memória emocional de perda; e aqui ele está, de novo, emocionalmente perturbado pela *imagem* de uma criança de sua irmã, que mais uma vez está doente. Agora ele está ameaçado com uma perda similar, mas esta é psicológica, uma simbólica *façon de parler*^[52], representada por uma menina. A situação, portanto, é muito semelhante, embora na realidade não seja nada dessa espécie, não há doença na família. Se uma criança de sua irmã estivesse realmente doente, poderíamos dizer que o sonho coincidiu com a realidade. Mas não é isso, esta é apenas uma memória visual trazida à tona para construir a imagem da menina. *Tal caso imaginário sempre se refere ao sonhador*; a memória visual [ou imagem memorizada] deve ser tomada como metáfora.

21 *Sua irmã caçula* sempre foi seu animalzinho de estimação. Ela é onze anos mais nova, e ele a ama carinhosamente, apesar de ter judiado muito dela quando eram crianças. Aquela irmã é importante porque é o elo com a criança doente, e a criança pertence à psicologia própria dele, estando, portanto, entre ele mesmo e sua irmã caçula, ou seja, próxima de seu coração. Assim, a irmã é simbólica; ela vive no exterior, em um país distante, e ele não tem correspondência com ela atualmente.

22 É mister ser cauteloso ao lidar com tais figuras em um sonho. Se a pessoa é muito chegada ao sonhador e tem importantes relações com ele, deve ser tomada como realidade tangível. Se uma esposa sonha com seu marido como ele realmente é, ela não pode assumir que ele é meramente simbólico. Mas um sonho com uma pessoa desconhecida, ou alguém conhecido há muito tempo, torna-se amplamente simbólico.

23 A irmã menor tem se tornado um tanto indiferente para ele atualmente, e não desempenha nenhum papel na vida presente do sonhador. A teoria

freudiana explicaria a irmã como uma substituta para a esposa, mas há algo no sonho que nos permitiria pensar assim?

24 *Sugestão*: Seria a irmã uma substituta para a esposa por causa do enfraquecimento da afeição dele em ambos os casos?

25 *Dr. Jung*: Este elemento pode ser considerado. Mas ela é, de todo modo, diferente da esposa, e o sonho não dá pistas para a identidade dela. O aspecto principal da irmã não permite assumir que ela é uma substituta para a esposa, e ela não é a irmã real porque ela não desempenha um papel atual. Portanto, ela representa uma mulher desconhecida, ou um fator feminino de natureza desconhecida nele, que tem uma criança imaginária que está doente, uma mitologia psicológica, pessoal, concluindo em uma atmosfera obscura^[53], assim como se estivéssemos ignorantes de todo o sonho. Assim, devemos assumir que isto é simbolismo subjetivo, uma condição peculiar na psicologia dele. Meu método, e cabo a rabo, é não fazer suposições, mas aceitar fatos. Em interpretações arbitrárias qualquer coisa pode ser substituta para qualquer coisa; cuidado com os prejuízos em favorecer a substituição. Não há nenhuma prova de que a irmã represente a esposa, os fatos são precisamente contra isso.

26 *Doença da Criança*: A primeira criança de sua irmã sofreu de um problema intestinal e morreu disso. É muito importante que, após a morte desta criança, sua irmã tornou-se muito ansiosa, com receio de que o segundo menino pudesse ficar doente, mas ele não adoeceu. Ela ficou particularmente séria e entrou para a Christian Science, e foi como se o garoto estivesse realmente melhor; o homem não sabe se isto foi uma coincidência ou conseqüência do fato de que a irmã estivesse mais calma e tratasse a criança com mais autoconfiança. Se uma mãe é torturada por medos, a criança provavelmente falhará em corresponder às expectativas da mãe. A morte da primeira criança tendo o efeito de fazer sua irmã entrar para a Christian Science é um fato pertinente a ela, mas aqui ele o menciona. A conotação de Christian Science tem também a haver com aquele caráter feminino em sua própria psicologia; é decididamente uma pista. O fator feminino passou por certa conversão, e aquele homem, dentro dos últimos dois a três anos, começou a se interessar por filosofia, ocultismo, teosofia^[54], e todo tipo de coisas esquisitas; ele era muito nivelado^[55] para ser afetado por isso, embora tivesse um traço místico.

27 *Pergunta*: Ele teve este sonho depois de começar o trabalho com o senhor?

28 *Dr. Jung*: Sim, após sua decisão de trabalhar com os sonhos. Quando sua irmã tornou-se interessada na Christian Science, ele foi para o espiritualismo, etc., de modo que o elemento feminino nele o levou a este interesse. Houve uma mudança nele. Ele era um homem de negócios, e toda sua iniciativa estava associada a assuntos de negócios; não obstante, esses interesses infiltraram-se nele; lentamente ele ficou imbuído de idéias filosóficas. Ele não lia como um estudante, não procurava, efetivamente, um objetivo; lia sobre o assunto, isso ou aquilo, algo chamava sua atenção e ele permitia que isto o influenciasse, mergulhando nele - a maneira feminina de dar a um objeto a chance de ter uma influência sobre ele. Ele mostra um caráter inteiramente feminino em seus interesses místicos e filosóficos. Assim sabemos que a criança é uma criança daquele fator feminino nele.

29 Seu *cunhado* é a segunda figura no sonho. Foram amigos por longo tempo, ele o conhecia antes do casamento com sua irmã; eles estavam no mesmo negócio e iam à ópera juntos, sendo seu cunhado muito musical. Ele disse: "Adquiri toda minha música - não muita - através de meu cunhado, enquanto ele vinha, através de mim, para minha firma de negócios; agora ele tem um cargo de diretor; eu fiquei um tanto desapontado por ele demorar tanto para *au fait*^[56] com o novo negócio, embora ele tenha mais facilidade do que eu para lidar com as pessoas". Eu perguntei se ele ainda tinha conexão com seu cunhado e ele disse que não, ele havia desistido da sociedade de negócio e deixado o país. Assim, efetivamente o cunhado também vive distante, há muito poucas cartas, e ele não desempenha papel notório em sua vida. É tão difícil alegar qualquer realidade com relação ao cunhado quanto é com relação à irmã caçula. Tive a impressão de muito pouca realidade presente sobre ele, embora estivesse em melhores termos com sua esposa do que em seu próprio caso^[57]. O paciente não é nada artístico; portanto, somos levados a acreditar que o cunhado, através de suas qualidades musicais e de pouco tino para os negócios, simboliza outro lado do sonhador; ele não é tão eficiente quanto o paciente, mas tem algo a mais no lado artístico. A música é o símbolo de uma perspectiva curva para o sonhador; é a arte do sentimento *par excellence*.

30 Sócrates era um terrível racionalista, insuportável, de modo que seu dáimon^[58] lhe disse: "Sócrates, você devia fazer mais música"^[59]. E o caro e velho Sócrates comprou uma flauta e tocou coisas horríveis! É claro que o dáimon queria dizer: "Pratique mais o sentimento, não seja tão miseravelmente racional o dia inteiro". Isto poderia ser aplicado ao paciente muito adequadamente. Ele é muito intelectual e seco, e tenta forçar tudo para um esquema racionalista, tenta regular a vida através de linhas precisas, e não permite nada como o sentimento, exceto em um concerto ocasional, porque pessoas respeitáveis e direitas às vezes vão aos concertos ou à ópera. Ele ia, não porque acreditava nisto, mas porque pessoas corretas iam; nenhum amor o levou para lá. Assim eu penso que o cunhado simboliza o lado menos eficiente deste homem, a figura emocional, onírica, que ele é no outro lado. Como ele é um ser humano, ele naturalmente tem todas as tendências em si, como todos temos. Ele acalenta a propositada ilusão de que ele é um mecanismo eficiente e, porque pode andar sobre trilhos em linha reta, ele tem tido considerável sucesso como homem de negócios; ele tem esta vantagem sobre seu cunhado, que é impedido por suas emoções. Nosso paciente pensa que podia livrar-se delas, mas isto é uma ilusão. Ninguém pode desligar os sentimentos humanos sem más conseqüências. Evidentemente ele esconde seus sentimentos, mas então eles se acumulam, e isso causará danos; ou o peso do que quer que se acumule cairá sobre ele, ou explode porão abaixo. Desde que somos humanos, temos todas as funções, e cada função tem sua energia específica que deve ser aplicada ou ela se aplicará de per si.

31 O cunhado, de acordo com sua natureza, *convida-o para ir ao teatro e jantar posteriormente*. O paciente diz: "Eu não posso me lembrar de ter ido ao teatro com meu cunhado desde seu casamento; se assim foi, estivemos juntos com nossas esposas; sequer jantei com ele, exceto em sua própria casa". Novamente, esta não é uma reminiscência de uma situação efetiva; isto nunca ocorreu na realidade, e é portanto uma intervenção simbólica. O teatro é o lugar da vida irreal, é a vida em forma de imagens, um instituto psicoterapêutico onde os complexos são representados; lá é possível ver como estas coisas funcionam. Os filmes são bem mais eficientes que o teatro; são menos restritos, capazes de produzir símbolos espantosos para mostrar o inconsciente coletivo, já que seus métodos de apresentação são tão ilimitados. Os sonhos expressam certos processos em nosso inconsciente, e enquanto o teatro é relativamente pobre e restrito os sonhos

não são, de modo algum, restritos. Assim, ao convidá-lo para o teatro, seu cunhado o convida para a representação de seus complexos - onde todas as imagens são representações simbólicas ou inconscientes de seus próprios complexos.

32 *E jantar posteriormente*: comer os complexos. **Comunhão significa comer um complexo, originalmente um animal sacrificial, o animal-totem, a representação dos instintos básicos daquele clã em particular. Você digere seu inconsciente ou seus ancestrais e assim adiciona força a você mesmo. Comer o animal-totem^[60], os instintos, comer as imagens, significa assimilá-las, integrá-las. O que você vê inicialmente na tela lhe interessa, você observa, e aquilo penetra em seu ser, você é aquilo^[61]. É um processo de assimilação psicológica. Olhando para a cena, o espectador diz ao ator: "Hodie tibi, cras midi!"^[62] Este provérbio latino é a essência da representação^[63]. Olhe para as imagens inconscientes e depois de um tempo você as assimila, elas lhe tomam e se tornam parte de você - uma espécie de momento significativo.**

33 Santo Agostinho, em suas *Confissões*, fala de seu amigo Alípio, um cristão convertido, que sentiu que o pior do paganismo não era o culto dos deuses, mas a terrível crueldade e carnificina da arena; assim, ele fez votos que nunca mais iria lá. Mas, passado um dia, viu todas as pessoas afluindo para lá, entrou na onda e foi. Fechou seus olhos e jurou que não os abriria, mas quando o gladiador caiu e ele ouviu as pessoas gritando, ele abriu seus olhos, e dali em diante gritou por sangue junto com a multidão - "naquele momento sua alma foi ferida por um ferimento mais terrível que aquele do gladiador"^[64].

34 Não é de todo indiferente que as imagens possuam alguém; não se pode ver algo, como por exemplo o feio, sem ser punido; o aspecto da feiúra traz algo feio à alma, especialmente se o germe já está lá. No começo, não reconhecemos aquilo como nós mesmos. Santo Agostinho escreveu: "Eu vos agradeço, Senhor, que não me fizestes responsável por meus sonhos". Um santo teria sonhos terríveis! Nós somos humanos, qualquer coisa pode nos alcançar, pois alcançamos dos deuses ao inferno. E só então, quando estamos horrorizados, aborrecidos e caóticos, choramos por um Salvador; como no tempo de Cristo, aquilo que era representado diariamente na arena demonstrava a necessidade de um salvador. É um fato interessante que, em vários sistemas gnósticos, a definição de salvador é "o demarcador de

limites"[65], aquele que nos dá uma clara idéia de onde começamos e onde terminamos. Muitas pessoas não sabem, são muito pequenas ou muito grandes, particularmente quando começam a assimilar as imagens do inconsciente. É como a história do velho Schopenhauer: absorto, no jardim de gala de Frankfurt, ele caminhou para o meio de uma floreira, e um jardineiro chamou-o: "Ei, o que você está fazendo na floreira? Quem é você?" "Ah, exatamente, se ao menos eu soubesse!", disse Schopenhauer. É por isso que as pessoas preferem uma persona segura[66]: "este sou eu"; caso contrário, elas não sabem quem realmente são. O principal medo do inconsciente é o de esquecermos quem somos.

35 O teatro e o jantar são uma antecipação do processo de análise. No primeiro sonho, as pessoas freqüentemente obtêm a essência de todo o processo a seguir; eu vi este paciente por longo tempo, a intervalos, e foram necessários dezoito meses para que ele compreendesse o que o teatro privado significava. O lado sentimento de sua personalidade, aquele lado dele que não estava nos negócios, estava desligado da vida, não estava nem mesmo em seu casamento. O cunhado é como uma segunda personalidade, que o convida, em seu sonho, para jantarem a sós, sem as mulheres. Aqui chegamos ao significado simbólico das esposas: elas são as emoções, pois é deste modo que o homem usualmente familiariza-se com a mulher. Ele deixar em casa o fator emocional ou não haverá objetividade; ele não pode observar o quadro ou pensar sobre si mesmo quando emocional. Isso tudo é bastante metafórico. Este homem era tão correto, tão sinceramente direito, que se alguém mostrasse a ele o que lhe estava acontecendo realmente ele ficaria horrorizado e não teria objetividade. Ele precisa, primeiro, deixar as emoções e olhar para as imagens de modo muito calmo e objetivo. Eu sempre o deixei longe das emoções, de modo a deixá-lo ver os fatos.

36 *Pergunta*: E com relação à mulher?

37 *Dr. Jung*: É bem diferente com as mulheres; as mulheres precisam ter emoções, caso contrário não conseguem ver nada. Uma mulher chora porque está aborrecida, cansada, irada, alegre, *qualquer coisa* - mas não porque está triste. Suas emoções são sempre por um certo propósito, ela pode trabalhar com suas emoções; se ela admite isto ou não é outro problema. Um homem nunca tem emoções por um propósito; ele não pode ser analisado através de suas emoções; trabalhe com suas emoções e ele fica estúpido; é destrutivo. Já a mulher só pode ser analisada através de suas

emoções; ela se torna emotiva de forma muito frutífera; se não se pode chegar às emoções de uma mulher, chega-se a nada, só se pode falar à sua assim chamada mente como se fosse a uma biblioteca, perfeitamente seco. Seu ser real é Eros.

38 *Uma voz*: Não nos faça sentir inferiores, porque realmente nos sentimos superiores!

39 *Dr. Jung*: Está certo, emocione-se sobre isso! É difícil lidar com lágrimas na análise; um homem acha excessivamente difícil descobrir como estas armas devem ser usadas; e uma mulher tem o mesmo problema em descobrir como atingir o intelecto dele. Uma mulher não pode tomar Logos puro de um homem; um homem não pode tomar Eros puro de uma mulher.

40 *Pergunta*: Há algum valor nas emoções de um homem?

41 *Dr. Jung*: Sim, como matéria-prima, como diamantes não polidos. A emoção de um homem é um produto natural, não há nada proposital nela; mas é genuína e valiosa se puder fazer-se uso dela. Como um sonho, ela acontece. Só é útil quando, através de tremendo autocontrole, ele pode atuar sua emoção quando está frio; então, com esse elemento proposital, ele pode atuar e desempenhar. Mas, afinal, essas não são realmente emoções! Uma mulher trabalha através de suas emoções, com todo talento, como um homem trabalha com sua mente - há sempre um propósito. Já a mente de uma mulher tem toda a inocência e ausência de propósito de um produto natural. Esta é a razão pela qual há tantos demônios poderosos entre as mulheres, como Madame de Maintenon ou Madame de Pompadour.

Quando uma *femme inspiratrice*^[67] trabalha com sua mente ela produz no homem a "semente do Logos"^[68].

O homem teme numa mulher "o formidável segredo de suas ancas", sua forma de potência criativa. E a mulher teme no homem "o formidável segredo de seu cérebro"; o útero criativo de um homem está em sua cabeça. Uma mulher tem tanto terror daquilo que ela vê na mente de um homem quanto um homem tem da criança produzida. Um homem acha misterioso, perigoso, aterrorizante que ela traga à luz uma criança: ele adere ao amor e algo cresce.

Isso toma uma forma cômica no *Adam and Eve*^[69] de Erskine, na terrível ansiedade de Adão sobre uma vaca que deu à luz um bezerro. Por que não algo completamente diferente? E ele se pergunta por que uma mulher deve sempre dar à luz uma criança. Por que apenas um ser humano? Por que não, talvez, um bezerro? O que sai poderia ser qualquer coisa, não se pode ter

certeza de nada! É o medo característico de um homem por uma espécie indefinida de efeito.

42 O próximo aspecto no sonho é que *ele pensa que já jantou*, e portanto é supérfluo jantar novamente. Ele não tem associações, de modo que somos livres para conjecturar. Talvez ele pense que já se assimilou, sente que está completo, um indivíduo perfeito e moderno, sem necessidade de vir a mim nem de assimilar qualquer coisa a mais - alguma resistência contra a análise. Não obstante, ele concorda e vai com seu cunhado. "Não é meu hábito sair à noite, eu prefiro ficar em casa. Deve ser uma condição particular para aquela que me induz a sair, como por exemplo uma peça em que minha mulher esteja interessada, caso no qual, se eu não for, ela vai para a cama mais cedo". Ele aceita o fato de que ele poderia ver mais de si próprio e passar pela análise; ainda assim, ele enfatiza o fato de que não gosta de sair, e sairia somente por algo especialmente interessante ou alguma coisa que interessasse à sua esposa. Esta é sua correção; um homem fora de casa é suspeito, um esposo só deve se interessar por assuntos públicos ou em coisas das quais sua esposa gosta, e nunca ir a lugares ou peças fora do comum. Seu último comentário - que ela vai para a cama mais cedo - abre uma perspectiva. Sua esposa preferiria dormir do que aborrecer-se mortalmente com ele. Noite mais excitante! Por isso é que boceja com resistência interna: Mari - e boceja! Obviamente, esta é a situação em casa: aquela associação com "ah" ao final de "Mari".

CONFERÊNCIA II: 14 DE NOVEMBRO DE 1928

43 *Dr. Jung*: Temos uma pergunta: "Como é que criamos símbolos em nossos sonhos? Como podemos estar certos de que a interpretação é correta, especialmente quando não há associações?" Esta, é claro, é uma pergunta muito prática e fundamental. Eu não submeti isto à consideração, até aqui, porque supus como garantido que vocês compreenderam a teoria de análise de sonhos. Estamos convictos de que os sonhos têm significado simbólico, e nós não sabemos se a interpretação está correta, mas fazemos a hipótese de que um sonho significa algo. Suponha que alguém tem um caso que apresenta um problema difícil e tenha chegado a um impasse na análise; há sintomas neuróticos, tentou-se a hipnose e outros métodos, mas nada funciona. Então onde está a chave para destrancar aquela porta? O paciente não sabe. É muito difícil dar uma demonstração da análise de sonhos; não se pode dar completos particulares de um caso de modo a planificá-lo, porque isso envolve toda a história da vida do paciente. Mas aqui está um caso simples:

44 Um tenente suíço^[70], oficial da infantaria, um homem de mente simples com uma inteligência não maior que a média, bastante destituído de complexos mentais, veio mancando à minha sala, caminhando de uma maneira muito cautelosa e queixando-se de dores em seus pés, especialmente nos calcanhares, e também em seu coração, "como se estivesse apunhalado". (Sempre temos dores onde nos é mais prejudicial e mais perturbador; nos pés para um oficial de infantaria; um tenor as teria na garganta). Estes sintomas começaram dois meses antes de ele vir a mim; ele fôra tratado por vários médicos e havia tentado hipnose, eletricidade, banhos, etc., mas não conseguiu ajuda. Eu perguntei onde o problema começou, mas seu rosto estava absolutamente inexpressivo; era evidente que ele não tinha idéia, e parecia-lhe impossível me fornecer qualquer material. Todas as perguntas foram em vão. Senti-me quase sem esperanças - o homem era suíço e perfeitamente livre de quaisquer complicações psicológicas - mas pensei, como último recurso, que podiam haver sonhos dos quais algo seria capturado. Os sonhos "transpiram", não estão sob controle; não importa o quão inocente e simples a pessoa seja, há sonhos a partir dos quais se obtém algo só se for possível capturar qualquer

extremidade que possa estar de fora. Eu estava certo de que o problema devia ser devido a algum conflito emocional, ou ele não teria tais sintomas, todos de uma vez. Então eu disse a ele: "Não sei qual é a razão para seus sintomas, mas você pode me contar seus sonhos". Fazendo isso eu corri o risco de ser tomado por bruxo por um homem de mente tão simples; perguntar sobre sonhos é quase obsceno, de tal modo que eu tinha que explicar muito cuidadosamente o porquê de eu tê-lo feito. Ele teve grande dificuldade em lembrar seus sonhos, mas produziu alguns recortes e finalmente trouxe um que ocorreu-lhe como muito peculiar e que tinha, evidentemente, causado uma impressão nele: "Eu estava andando num campo aberto e pisei em uma serpente que me mordeu no calcanhar, e me senti envenenado. Acordei assustado". Eu perguntei a ele se pensava algo em particular a respeito da cobra, e ele disse: "Uma perigosa - aquela cobra poderia matar um homem - muito doloroso ser picado por uma cobra". Ele nunca foi efetivamente picado por uma cobra, mas picadas de cobra podem causar dor como a dele. Lembrem-se do dito bíblico do Gênesis: "A serpente ofenderá teu calcanhar enquanto estiveres pisando sobre sua cabeça"^[71]. Eu sugeri uma cobra metafórica e ele disse: "Oh, você se refere a uma mulher?" e mostrou emoção. "Há talvez algo desta espécie?" Primeiramente ele negou; então, finalmente admitiu que cerca de três meses antes ele quase estivera noivo, mas quando retornou do serviço outro homem a possuía. "Você ficou triste?" "Oh, se ela não me quer, eu tomo outra". Eu comentei que algumas vezes homens muito fortes ficavam grandemente angustiados. Ele manteve uma atitude de indiferença, tentou despistar, mas em breve estava chorando. O caso estava perfeitamente claro. Ele havia reprimido seu sentimento a respeito dela e sua emoção ao "levar o fora". Ele a amaldiçoou, disse que todas as mulheres eram iguais, e tentou tomar outra, e não podia ver por que não tivera sucesso. Quando percebeu seu sentimento real, ficou profundamente comovido e as dores em seus calcanhares e pés se foram; elas eram meramente dor reprimida. As dores no coração continuaram, mas estas referiam-se a alguma outra coisa; não me deterei sobre isto - eu tomei as dores no calcanhar como um exemplo útil. Este sonho levou diretamente ao cerne da questão.

45 Para um homem, uma cobra é eternamente uma mulher^[72]. A cobra do Paraíso é representada, em figuras antigas, com a cabeça de uma mulher. Este homem provavelmente não conhecia o dito bíblico sobre a cobra

machucando o calcanhar do homem, mas a imagem estava lá em seu inconsciente. Pense em Rá, no hino egípcio, picado pela cobra formada a partir da terra^[73], e colocada em seu caminho por Ísis, sua amada esposa; ela envenenou-o para ser capaz de curá-lo novamente. Esta é a psicologia das mulheres venenosas. No tempo de Luís XIV, houve um caso famoso de uma mulher que envenenou seu fiel criado de modo a ter o prazer de cuidar^[74] dele, o que ela fez com extraordinário autosacrifício, durante quatro anos, até a morte dele; todos a qualificavam santa. Então ela envenenou seu velho tio do mesmo modo e cuidou dele, mas desta vez ela foi descoberta, e feita em quatro pedaços por quatro cavalos, uma punição ajustada que ela fartamente merecia.

46 O caso do oficial mostra como um sonho pode fornecer a chave. Algo vaza, mesmo nas pessoas que estão bem defendidas; pode-se eventualmente obter o auxílio necessário, sem o qual o analista não consegue destravar a psicologia de um paciente. É por isto que consultamos os sonhos. Não se pode dizer, de qualquer sonho em particular, que ele tenha um significado; é sempre uma hipótese, nunca se tem certeza; experimenta-se e se descobre se o sonho está corretamente interpretado pelo efeito sobre o paciente. A maioria das pessoas, depois de certa extensão de análise dos sonhos, sabe quando a interpretação "clica"; quando há o sentimento de que ela atinge absolutamente o fato, sabe-se que se está na trilha certa. Explica-se os sonhos sobre uma certa teoria, e se a interpretação estiver absolutamente incorreta, o efeito no paciente mostrará isso, o inconsciente reagirá no próximo sonho, e assim a interpretação pode ser corrigida. Se for dado arsênico a um paciente em vez de cloreto de sódio, o organismo reagirá e eliminará o veneno, e é o mesmo na psicologia; não se pode alimentar uma pessoa com veneno psíquico e esperar que ele seja assimilado.

47 O sonho com o qual estamos lidando agora é bem mais complicado do que aquele que eu acabei de lhes fornecer. Nosso sonhador não é realmente neurótico; é um homem educado e muito inteligente, e seus sonhos refletem isto. Os sonhos dos camponeses, pessoas jovens ou simples, ou primitivos, são via de regra espantosamente simples. No entanto, os sonhos de crianças pequenas são algumas vezes muito claros, e algumas vezes muito difíceis; quanto mais inconscientes são as crianças, tanto mais estão sob a influência do inconsciente coletivo, ou podem absorver os problemas inconscientes de seus pais. Eu tive grande dificuldade com um paciente homem que nunca

sonhava, mas um dia ele mencionou os sonhos de seu filho de nove anos de idade. Prontamente eu perguntei a respeito deles. O garoto sonhou os problemas de seu pai, e eu analisei o pai através dos sonhos do menino; o garoto era incommumente intuitivo. Após quatro semanas o pai começou a ter seus próprios sonhos, e os sonhos do menino deixaram de se referir aos problemas do pai. Estas conexões entre pais e filhos são muito espantosas; os sonhos das crianças pertencem ao fenômeno mais interessante da psicologia analítica.

48 A *grande sala* na qual nosso paciente e seu cunhado iam comer era como um *village hall*^[75] em uma estalagem, como aqueles em que os *Vereins* [associados de clubes] se encontram na Suíça. Pode-se encontrar com freqüência, especialmente nos *villages*, um salão para concertos, etc., onde numerosos encontros são mantidos, com ou sem senhoras, com ou sem cerveja, etc. Em duas ocasiões oficiais o paciente lembra de haver participado desse tipo de encontros em uma sala como esta.

49 A *longa mesa de jantar* no meio da sala foi arrumada como se fosse para um grande número de pessoas. Ele então descobre o arranjo peculiar dos assentos, surgindo nos quatro lados como num anfiteatro, mas com suas costas voltadas para a mesa. Mas antes de entrar neste ponto devemos ter uma certa idéia a respeito da grande sala. Como podemos conectar a grande sala com um teatro?

50 *Sugestão*: Era seu teatro privado, onde ele veria seu próprio drama interno representado.

51 *Dr. Jung*: Sim, e então vem o jantar - ele pensa que já comeu, e contudo vai jantar novamente. Da última vez fizemos a suposição de que "comer" significava a assimilação dos complexos. Por aproximadamente vinte e cinco anos eu analisei cerca de dois mil sonhos ou mais a cada ano, e desta experiência eu diria que, mais provavelmente, o ato de comer em conexão com o teatro significa a assimilação das imagens vistas no teatro privado, ou seja, o material fantasioso ou outro material revelado através da introspecção. Esta é uma atividade de suma importância e é o propósito do tratamento analítico. É também exatamente o que a natureza faz no corpo físico. Se você tem um corpo estranho em si, a natureza manda um exército de células especiais para assimilá-lo; se elas não têm sucesso em absorvê-lo, há então a supuração para fazer a expulsão. As leis são as mesmas na mente inconsciente.

52 Provavelmente na realidade absoluta não há uma tal coisa como corpo e mente, mas corpo e mente ou alma são o mesmo, a mesma vida, sujeitos às mesmas leis, e o que o corpo faz está acontecendo na mente. Os conteúdos de um inconsciente neurótico são corpos estranhos, não assimilados, artificialmente cindidos^[76], e devem ser integrados de modo a se tornarem normais. Suponhamos que algo muito desagradável tenha me acontecido e eu não o admito, talvez uma mentira terrível. Eu tenho que admiti-la. A mentira está lá objetivamente, seja no consciente ou no inconsciente. Se eu não admitir isto, se eu não o assimilei, isto se torna um corpo estranho e formará um abscesso no inconsciente, e o mesmo processo de supuração do corpo começa, psicologicamente, assim como tem lugar no corpo físico. Eu terei sonhos, ou, se introspectivo, uma fantasia vendo a mim mesmo como criminoso. O que farei com estes sonhos ou fantasias? Pode-se rejeitá-los, como o fariseu, e dizer "graças aos céus, eu não sou assim". Há um fariseu assim em cada um de nós que não quer ver o que ele é. Mas se eu reprimir minhas fantasias acerca disso, elas formarão um novo foco de infecção, assim como uma substância estranha pode causar um abscesso em meu corpo. Quando é razoável eu tenho que admitir a mentira, engoli-la. Se eu admiti-la, assimilo aquele fato, adiciono-o à minha constituição mental e psicológica; eu normalizo^[77] minha constituição inconsciente assimilando fatos. O sonho é uma tentativa de nos fazer assimilar coisas ainda não digeridas. É uma tentativa de cura.

53 Os primitivos dizem que raramente sonham. Quando estive na África, estava muito ansioso em obter alguns sonhos dos homens das tribos, e lhes oferecia altos preços, dois maços de cigarro, sal, etc., por cada sonho que me trouxessem, mas eles eram tão honestos que nenhum trouxe um sonho, embora muitos viessem diariamente me observar. Um dia um velho chefe apareceu, muito orgulhoso e exaltado, acenando seu chapéu a duzentos metros de distância e fazendo sinais, desde longe, de que estava trazendo um sonho, um tesouro: "Eu sonhei que a vaca preta teve um bezerro perto do rio, num lugar que não conheço". Para um primitivo, ter um tal sonho significa que ele foi abençoado pelos céus. Esta era *Ota*, a grande visão, e o homem precisa ser um grande chefe para ser apreciado pelos céus em tal extensão. O sonhador era um idoso bastante rico, e escravos cuidavam de seu gado, de modo que ele não sabia como andavam as coisas. Eles são um povo amante do gado, vacas são seus animais sagrados^[78] e, como os

suíços, eles são identificados com seu gado; eles têm em seus olhos a mesma coisa que os Suíços. Ele sabia que tinha uma bela vaca preta mas não sabia que ela estava com um bezerro; no entanto, após o sonho ele desceu até o rio pela manhã e lá estava a vaca com o bezerro dela. Isso era um pouco de telepatia? Ele tinha visto a vaca uma vez quando prenha e se tornara consciente de sua condição? Ele negou ter percebido isto. Nesta tribo não havia castração, nada de bois, os touros estavam sempre com o rebanho; touros muito bonitos, bestas amáveis, mansos, tímidos, quase covardes, não como nossos touros; assim, não havia época para crias, nenhum controle, uma vaca podia engravidar a qualquer tempo, e era bastante razoável que ele não soubesse daquela. Mas o sonho o informou. Por que ele deveria assimilar uma tal coisa? Para os criadores de gado, o nascimento de um bezerro é mais importante que o nascimento de uma criança. Eu morei no campo, e quando um camponês tinha um bezerro todos o congratulavam, embora não quando tinha uma criança. Portanto, este evento muito importante, estando em seu inconsciente, foi revelado a ele através de um sonho, e sua adaptação foi posta à prova, pois ele devia manter-se mais informado a respeito de seu gado. O curandeiro costumava sonhar a respeito de aonde o gado tinha ido, quando o inimigo estava chegando, etc., e, se nós vivêssemos sob condições primitivas, assim seria conosco. Assim sendo, somos informados por nossos sonhos sobre todas as coisas que vão mal em nossa psicologia, em nosso mundo subjetivo, as coisas que devíamos saber sobre nós mesmos.

54 Estou entrando em detalhes para a interpretação do sonho de nosso paciente porque é extremamente importante desenvolvê-la passo a passo, indo de fato a fato: porque ele foi ao teatro, porque ele comeu, assim e assado aconteceu. Portanto, a sequência irracional deve ser compreendida como uma sequência *causal*. Nós vimos a conexão entre a grande sala, o ato de comer e o teatro; temos os assentos do anfiteatro na grande sala, como no teatro; ambos são lugares públicos, a mesa está arrumada; fomos informados de que ele foi ao teatro e a certo lugar para jantar, de modo que podemos estar perfeitamente seguros de que esta parte do sonho pertence ao mesmo tema.

55 Agora chegamos a estes *assentos* que estão virados de costas para a mesa. Ele disse: "Nós tínhamos que subir uma escada que começava na porta, como se subíssemos a uma espécie de tribunal, e da escada tivemos acesso a fileiras de bancos voltadas para as paredes da sala. Eu vi como as

peessoas estavam sentando nesses assentos e percebi que não havia ninguém perto da mesa no meio da sala; o jantar não ia começar ainda, aparentemente". Ele lembrava ter visto uma sala como aquela em uma cidade algeriana, onde estiveram jogando *jeu de paume*^[79], um tipo de *pelota basque*^[80], como o velho tênis inglês. Aquela sala também sugeria um anfiteatro, mas os assentos estavam arranjados ao longo de apenas dois lados da sala, chegando quase ao meio, mas deixando um espaço aberto para o jogo. Neste jogo uma bola é jogada contra uma parede com tremenda força, de modo que o braço fica inchado até o ombro. É algo como o inglês "fives", o precursor do tênis inglês. Ele também fez uma associação com uma clínica, onde havia assentos de anfiteatro no salão de conferências. Ele havia visto uma figura de uma sala destas, e na realidade estivera em uma onde um professor demonstrou em um quadro negro uma operação que era para ser feita em sua esposa.

56 Lembrem-se que uma sala de jantar é um lugar onde as coisas devem ser assimiladas; mas a refeição ainda não começou, e parece ser significado que ela não deve começar ainda. Eu enfatizaria que essa sala de jantar é um local público. Por que o sonho enfatiza a coletividade na qual a assimilação das imagens deve tomar posição? O sonho diz: "Assuma que você está em um lugar público onde estão outras pessoas, como num concerto, teatro ou jogo de bola, e você tem que fazer 'como tantas outras pessoas', numa tarefa coletiva, de modo algum individual; aqui estão os fantasmas de seus sonhos, e é muito difícil ter que engolir que você é um covarde, um cão preguiçoso, etc". Para o paciente, isto parece ser uma tarefa quase impossível. Ele a toma com tanta hesitação, com tão pouco apetite, porque assume que é o único indivíduo desde o início do mundo que tem que fazer isto. É verdade que a análise é uma coisa individual; a parte coletiva é confissão; assim como na Igreja Católica Romana, a confissão é coletiva, e a confissão analítica é algo particularmente desagradável. Católicos me contaram em análise que não contam tudo ao padre. Eu uma vez disse a um tal paciente: "Vá e diga isso ao padre!" "Será que ele ficará chateado?" "Eu espero que ele fique; vá e faça isso". Estes pacientes se tornam católicos muito melhores depois da análise; eu freqüentemente tenho ensinado a pacientes católicos como confessar. Uma vez um sacerdote, alta autoridade na Igreja Católica, perguntou a um de meus pacientes: "Mas onde você aprendeu a confessar assim?" - e ficou um pouco chocado ao ser informado.

57 Então o sonho diz ao homem: "Esta coisa que você está fazendo é uma tarefa coletiva; você pensa que a está fazendo privativamente no consultório, mas muitas outras pessoas estão fazendo a mesma coisa". A análise é análoga à confissão, e a confissão tem sido sempre coletiva e deve ser coletiva; não é feita para alguém em si, sozinho, mas para o bem da coletividade, por um propósito social. A consciência social de alguém está com problemas e força-o a confessar; através de pecado e segredo alguém é excluído, e quando confessa é incluído novamente. Esta sociedade humana será novamente construída, depois do encerramento da era protestante, sobre a idéia da universalmente reconhecida verdade. A idéia da confissão sendo um dever coletivo é uma tentativa do inconsciente para criar a base de uma nova coletividade. Ela não existe agora.

58 Esta, vocês podem dizer, é uma conclusão muito difícil de alcançar, mas para este homem ela vai direto ao ponto. Ele é muito consciencioso e percebe dolorosamente o quanto as pessoas hoje estão separadas umas das outras; ele está separado de sua esposa, ele não pode falar com ela, e ocorre o mesmo em relação a seus amigos, porque ele não pode discutir seus interesses reais. Isto é perfeitamente tolo, uma aglomeração irracional de bobagens! Em circunstâncias primitivas pode-se discutir qualquer coisa, qualquer coisa pode ser dita a qualquer um. Quando um homem diz que sua esposa dormiu com outro homem, isto é nada - toda esposa tem feito isso. Ou se uma mulher diz que seu homem fugiu com uma garota de outra vila, isso é nada - todos sabem que todo homem tem feito isso. Estas pessoas não excluem umas às outras pelo segredo, elas conhecem-se umas às outras e assim conhecem a si mesmas, estão vivendo em uma corrente coletiva. O que mais ocorre na vida com uma tribo primitiva é esse sentimento de estar na corrente da vida coletiva; se um homem é sagaz, ele se dissocia até de si mesmo, de modo a não estar separado da tribo^[81]; a tribo inteira é realmente uma unidade. Sente-se que nossas cidades são um mero conglomerado de grupos, cada homem tem seu próprio círculo, e não se aventura a revelar-se mesmo a este, ele procura esconder até de si mesmo. E é tudo uma questão de ilusão. Os assim chamados amigos íntimos não conhecem as coisas mais importantes uns a respeito dos outros. Um paciente homossexual disse-me quantos amigos ele tinha. "Você é muito afortunado em ter tantos amigos íntimos!" Ele se corrigiu: "Tenho cerca de cinco amigos íntimos". "Eu suponho que você é homossexual com seus amigos íntimos". Ele ficou chocado com a idéia, ele esconde isso deles.

Este esconder dos amigos destrói a sociedade; o segredo é anti-social, destrutivo, um câncer em nossa sociedade. O paciente sofre particularmente do fato que ele não pode contar a verdade, e o sonho diz que esta é uma tarefa coletiva.

59 Por que agora este jogo de bola? Uma mesa seria o lugar onde as refeições acontecem, e os assentos serviriam às pessoas que estão participando daquela refeição coletiva - realmente uma mesa de comunhão psicológica. A raiz psicológica da comunhão, e a preliminar necessária, é sempre a confissão; nós precisamos confessar antes de sermos dignos de receber comunhão. O comando apostólico: "confessem suas faltas, uns aos outros"^[82] foi dado nos primórdios da Igreja de modo a estabelecer irmandade. Então por que estes assentos estão voltados de costas para a mesa? Isto obviamente significa algo muito anormal, muito fortemente colocado; qualquer fato absurdo que é muito enfatizado em um sonho refere-se a algo quase patológico. Para interpretar isto, temos que nos colocar na posição dada pelo sonho. Suponham que vocês entraram naquela sala onde a comunhão deveria tomar lugar e encontraram os assentos de costas para aquela coisa central na sala; o que isto significaria? Que vocês estão recusando entrar na comunhão, é claro. Se cada um tornar suas costas aos seus semelhantes, o jogo não pode ser jogado, nenhuma comunhão é possível, não há interesse concêntrico na coisa que está acontecendo, há uma espécie de excomunhão; cada um olha para a parede, distante das outras pessoas, e assim todos são excomungados, todos estão isolados. Este é um sonho muito pessoal, no qual entram considerações sociais; nada há de mitológico nisto, não é um sonho a partir do inconsciente coletivo. O sonho diz: "O que você está fazendo em seu sigilo é aquilo que todos os outros estão fazendo, todos estão voltando suas costas para seus semelhantes".

60 O centro de um grupo social é sempre um símbolo religioso. Com os primitivos, é o totem; a seguir vem um símbolo sacrificial, como a matança mitraica do touro; em formas mais elevadas de religião está o sacramento. O centro da atividade social sob condições muito primitivas é o cerimonial dançante ou mágico em um círculo no meio das cabanas. Provavelmente estes antigos círculos de pedra ainda encontrados na Cornualha foram uns tais lugares comunitários. E estava entendido que quando as pessoas se reuniam as almas ancestrais estavam lá também, observando-as; não apenas seu consciente estava em comunhão, mas seus ancestrais, o inconsciente coletivo. O cerimonial era um jogo simbólico. As touradas no culto de

Mitra não eram como agora são na Espanha; os outros tinham um cinto ao redor do peito, e o toureiro tinha que pular nas costas do touro, apunhalando-o de cima no ombro - não com uma longa espada. Supunha-se ser Mitra um tal toureiro, como um Jesus do ringue de boxe ou de uma partida de futebol. Estes jogos eram comunhões, as pessoas voltavam suas faces umas para as outras. Touradas ainda são o símbolo, na Espanha, de comportar-se decentemente por meio da pura violência contra alguém; o temperamento espanhol não permitiria o comportamento decente se eles não tivessem touradas; eles precisam ter a atitude do toureiro: as paixões precisam ser controladas vivendo-as como o toureiro controla o touro.

61 O mitraísmo era o culto das legiões romanas por causa de sua disciplina. Em Roma, eles se encontravam em cavernas; havia um lugar para encontros e jantares, uma espécie de *triclinium*, com duas fileiras paralelas de bancos, e no final da sala um quadro simbólico de Mitra matando o touro; o quadro foi feito para girar e mostrar, do outro lado, a nova vida brotando do touro morto, gado dos genitais, vinho do sangue, etc., toda a fertilidade da terra^[83]. As pessoas reclinavam nos sofás onde o quadro podia ser visto, e o espaço central era aberto. Era um tipo de teatro e sala de jantar onde elas comungavam com o deus por meio da refeição sagrada: "Assim como o deus está matando o touro, eu estou matando minhas próprias paixões". A água era bebida e pequenos pedaços de pão, com uma cruz marcada neles, eram comidos. Os sinos usados na missa católica romana vieram do culto a Mitra; também a data, vinte e cinco de dezembro, foi assumida pelo cristianismo. O matador de touros é um herói adequado para o soldado; os jesuítas são soldados da Igreja neste sentido, e o Exército da Salvação usa esta forma; pois um soldado, para ter disciplina, precisa matar suas próprias paixões egoístas. Muitas outras coisas do culto mitráico entraram na Igreja Católica. Os banquetes de amor cristãos originais foram, algumas vezes, de uma natureza um tanto duvidosa, freqüentemente terminando em folia. São Paulo não estava muito satisfeito a respeito e tomou conta de uma boa parte do culto de Mitra com propósitos de disciplina, porque nada mais estava disponível. Assim, a primeira forma ritual foi o sacrifício do "cordeiro", - não mais a tourada - a festa sagrada que tornou-se a missa católica.

62 A idéia de um jogo ritual sobreviveu até cerca do século XIII. Eles realmente costumavam jogar bola nas igrejas, o *jeu de paume*, e isto deu ascensão ao rumor de que os cristãos mataram uma criança ao atirá-la de um para outro como uma bola até que ela morreu. Os gnósticos acusaram os

cristãos disto, e os cristãos por sua vez acusaram os judeus. Havia um rumor na Boêmia há apenas trinta anos, de que os judeus haviam matado uma criança, um assassinato ritual. O *jeu de paume* tinha um significado ritual, tal qual o carnaval. Nos monastérios, durante o carnaval de primavera, eles costumavam reverter as posições do abade e dos irmãos mais jovens ordenados; o irmão mais jovem ordenado se tornava o abade, e vice-versa. Havia também uma festa na qual eles trocavam lugares, o abade e os monges mais velhos servindo os irmãos mais jovens, e uma falsa missa era celebrada, o mais jovem irmão ordenado oficiando, na qual as canções e brincadeiras eram obscenas, e todos bebiam o vinho, não apenas o celebrante; então, ébrias orgias tomavam lugar, e todos corriam para fora da igreja, indo à rua, e chateavam todo o local. Estas festas e o *jeu de paume* foram finalizadas pelo papa no século XIII porque chegavam a tais extremos^[84]. As publicações históricas são extremamente importantes, mas nas publicações eclesiásticas muito é escondido; tem havido muita trapaça em assuntos religiosos, muitas mentiras e muitas omissões. O velho culto fálico, por exemplo, tomado a partir do paganismo nos primórdios da Igreja Cristã, nunca é mencionado; um remanescente dele aparece em uma das formas da cruz, mas as pessoas desviam seus olhos disso^[85]. Procurar-se-ia em vão um fato como este nas publicações eclesiásticas.

63 O jogo central simbólico é, então, historicamente verdadeiro. Este sonho dificilmente toca o inconsciente coletivo, exceto que aqui talvez esteja uma leve alusão àquilo que uma vez foi um fato histórico. Mead tinha um texto sobre jogos eclesiásticos em um volume prematuro do *The Quest*. Ele também publicou um texto chamado "The Sacred Dance of Jesus"^[86], uma idéia perfeitamente impossível do ponto de vista cristão, que no entanto pertence aos primeiros séculos; e um pequeno livro chamado *The Hymn of Jesus*, uma peça de dança e paixão de um documento gnóstico do segundo século.

64 Voltar as costas para a mesa de jantar significa a atitude anti-social de nosso tempo e nossa sociedade, como a cisão de nosso mundo protestante. A igreja que uma vez foi universal agora está dividida em mais de quatrocentas seitas, dissociações *ad infinitum*. E isso alcançou a sociedade tão completamente que agora todos pertencemos às "pessoas que voltam suas costas umas às outras". Assim, o simbolismo no sonho faz voltar ao problema pelo qual o paciente é perturbado. Para a sociedade como uma

coisa abstrata eu não ligo a mínima, mas estou conectado com a sociedade através dos representantes da sociedade, aqueles mais próximos de mim, começando por minha própria esposa, filhos, parentes e amigos, as pontes que me conectam à sociedade. Eu estou desconectado da sociedade quando estou desconectado daqueles que amo. Isto não pode ser indiferente para mim. Tal é o caso com este homem: ele está parcialmente separado de sua esposa, eles não têm comunhão, nenhum *jeu de paume* ocorre entre eles.

65 Agora o sonho conduz de volta àquele problema muito pessoal. "*Nós nos sentamos e eu pergunto a meu cunhado por que sua esposa não veio.* Enquanto eu pergunto, lembro-me ao mesmo tempo da razão da ausência dela; eu não esperei por uma resposta porque eu queria mostrar ao meu cunhado que eu não havia esquecido que a criança estava doente". Quanto à doença, ele diz: "Minha esposa nunca é social, nunca sai por prazer se uma das crianças não está perfeitamente bem, ou se ela pensa que as crianças estariam insuficientemente controladas enquanto ela está distante". Como eles haviam vivido tanto em países tropicais onde muito cuidado é requerido para com jovens crianças, criá-las havia sido mais difícil do que se eles tivessem vivido na Suíça. Na África eu mesmo vi a dificuldade em proteger as crianças do perigoso calor do Sol. A *criança doente* está agora bem melhor, apenas um pouco de febre. Em suas associações com este fato ele refere ao garoto de seu cunhado: "Antes do garoto morrer, eu repetidamente havia perguntado a meu cunhado como estava a criança". Toda esta discussão sobre a esposa de seu cunhado logicamente refere a seu próprio problema pessoal, ao fato de que sua esposa não vem com ele, pois eles não têm comunhão. Ele disse: "Quando uma criança está doente, minha esposa fica sempre terrivelmente perturbada, fora de proporção". A doença da criança é a mais óbvia razão pela qual ele e sua esposa voltam suas costas um ao outro; mas a doença de uma criança real não criaria um obstáculo entre um homem e sua esposa. Já sabemos que aquela ausência de comunhão é um problema social geral que se torna evidente em quase todo casamento. Assim como de fato uma esposa é chamada alhures pela doença de uma criança, assim, tão psicologicamente, ela não se junta a ele por causa da doença da criança no sonho. Agora, desde que a doença da criança acontece durante todo o sonho, precisamos assumir que isto significa mais que uma mera oportunidade para a esposa não estar no jogo. E é importante que a criança doente é uma menina.

66 *Sugestão*: Vimos anteriormente que a menina-criança era algum aspecto dele mesmo.

67 *Dr. Jung*: A criança real que morreu era um garoto e não tem efetiva importância aqui. Portanto, se ele sonhasse com um menino, isto expressaria algo nele mesmo. Eu tenho observado em sonhos e em experiências clínicas uma certa tendência no homem para personificar suas idades. Este foi o caso de um médico do campo, no início do século XIX, um homem vivendo uma vida muito árdua, que estava chegando em casa tarde da noite vindo de um caso difícil, caminhando muito cansado, quando tornou-se consciente de uma figura de sombra paralela a ele no meio da estrada. Ele reconheceu a figura como ele mesmo, cerca de dez anos mais novo. Então a visão desapareceu, mas apareceu novamente como ele mesmo, cerca de vinte anos mais novo, e assim por diante até chegar a um menino de oito ou dez anos. Era uma personificação dele mesmo: "O menino ou homem que eu era então, vejo-o ainda como ele era". Assim a alusão ao menino morto é uma alusão à própria juventude morta do paciente. Ele chegou à segunda parte da vida, onde a psicologia de alguém muda: a juventude está morta, a segunda parte está começando. Mas esta é apenas uma alusão; nosso interesse agora está na doença da menina-criança.

CONFERÊNCIA III: 21 DE NOVEMBRO DE 1928

68 *Dr. Jung:*

69 Há duas questões hoje. A primeira é a seguinte: "É uma característica das imagens nos sonhos, que deveriam ser tomadas a nível subjetivo, a de trazerem à luz poucas associações?"

70 Não, não se pode decidir pelo número de associações se um sonho pode ser tomado a nível subjetivo. O critério é bastante diferente. Esse também é o assunto da segunda questão: "Você poderia discutir mais os fatores que fazem você escolher entre uma interpretação objetiva e uma subjetiva?"

71 Há certos princípios definidos que decidem se eu deveria preferir a interpretação objetiva ou a assim-chamada interpretação subjetiva. Vocês talvez estejam conscientes de que há sutis diferenças nas formas de usar as palavras *objetivo* e *subjetivo*. Eu devo deixar suficientemente claro que a interpretação subjetiva não significa aquilo que ordinariamente se designa como subjetivo - que uma opinião subjetiva não é muito substancial por exemplo, que é pessoal, apenas aquilo que *você* pensa a respeito, mas de modo algum certo de ser uma verdade objetiva. Eu não uso a palavra *subjetiva* nesse sentido. Quando eu digo que um sonho é corretamente interpretado no nível subjetivo, quero dizer que a imagem no sonho primária ou exclusivamente se refere ao próprio sujeito; e em uma interpretação no nível objetivo, a imagem refere-se a um objeto, outra pessoa que não ele mesmo. É extremamente importante saber quando aplicar uma interpretação subjetiva e quando uma interpretação objetiva. O critério geral é: quando uma pessoa em um sonho é sua íntima conhecida, desempenhando um papel em sua vida no momento presente, pode-se considerar uma interpretação no nível objetivo, porque então o objeto é importante. Mas seja muito cuidadoso para não cometer enganos aqui. De acordo com o ponto de vista freudiano, a pessoa sobre a qual você sonha é um disfarce para outra pessoa - uma pessoa é substituída por outra.

72 Por exemplo, se uma paciente sonha com o Dr. Jones, que tem sido o médico da família, ela pode assumir que o Dr. Jones seria um disfarce para mim. Este é o modo como Freud consideraria, no sentido de fazer com que isso se encaixe em sua teoria. Mas de maneira nenhuma é certo que o inconsciente tem a mim em vista, mesmo que a paciente faça esta conexão. É claro que é compreensível que a paciente prefira esta interpretação - eu

estou aqui, enquanto o Dr. Jones está distante. Mas o inconsciente é perfeitamente livre para tomar minha imagem se ele quiser fazê-lo, não há obstáculo a sonhar comigo; então precisamos explicar por que o inconsciente escolheu o Dr. Jones. Neste caso Freud diria que a razão pela qual a paciente sonhou com o Dr. Jones diz respeito a certas fantasias conectadas a mim, as quais foram difíceis para ela mencionar; melhor sonhar com o Dr. Jones, que está muito distante. Esta é a teoria freudiana, mas já que eu acredito mais em fatos reais do que em teorias, eu digo que talvez seja assim, mas não tenho certeza. Devo ver se essa teoria explica todos os casos. E eu descobro que em muitos casos uma tal explicação é não-natural e não funciona. Se formos forçados a considerar seriamente a idéia - de que eu estou expresso pelo Dr. Jones - por que o inconsciente faria este problema? O inconsciente usa a figura do Dr. Jones porque tem em vista o Dr. Jones e não eu. Não há razão para acreditar que o inconsciente não diz o que quer dizer; em aguda contradição com Freud. Eu digo que o inconsciente diz aquilo que quer. A natureza nunca é diplomática. Se a natureza produz uma árvore, é uma árvore e não um engano para um cachorro. E assim o inconsciente não faz disfarces, isso é o que nós fazemos. É desagradável ter albumina na urina, mas a albumina não deve ser considerada um disfarce para o açúcar. A teoria de Freud foi elaborada por seus pacientes. O analista está demasiado sob a influência de suas pacientes mulheres, elas preenchem a mente dele com seus pensamentos. Estes desejos dinâmicos das mulheres são uma fonte de erros para o médico; é preciso trabalhar o tempo todo contra estas sugestões. A verdade absoluta é que o inconsciente falou de Dr. Jones e não disse uma palavra de Dr. Jung.

73 Já em casos em que você sonha com um parente distante, ou alguém a quem você não vê há tempos, ou alguém que é talvez conhecido de sua família mas não desempenha um papel efetivo em sua própria vida e não é de modo algum importante, em tais casos não há sentido em assumir que a pessoa é, digamos, um fator autônomo em sua psicologia. Desde que ele não entra em sua esfera com a investida de uma pessoa real, desde que ele não estimula um vórtex psíquico em sua atmosfera mental, ele é mais provavelmente uma mera imagem que tem a haver só com você mesmo. Alguém com o qual você está imediatamente conectado pode causar grande distúrbio em sua atmosfera mental, e portanto você está perfeitamente certo

em assumir que a pessoa remota é somente uma imagem no sonho referindo-se inteiramente a você mesmo.

74 Mesmo aonde a interpretação subjetiva é aconselhável, é bom considerar também uma possibilidade subjetiva. Provavelmente a razão pela qual certas pessoas chegam particularmente perto de você é que elas são portadoras de uma verdade simbólica, pois quem quer que se toque em sua psicologia pode fazê-lo somente na base de uma *participation mystique*^[87]. Caso contrário, a outra pessoa não teria uma chave para sua alma. Portanto, do ponto de vista teórico, e também por propósitos práticos, é extremamente valioso e sábio ver em que medida o objeto que será tomado objetivamente é também um fator subjetivo para você mesmo. Mas este é um postulado filosófico, e é um grande erro substituí-lo pela realidade. Se você sempre interpretasse o objeto como subjetivo, isso tornaria sua vida relativa e ilusória; você estaria completamente isolado porque teria destruído as pontes que ligam você à realidade. Eu devo insistir no valor objetivo de tais imagens objetivas.

75 Eu não depositaria esforço, porém, no objeto, mas na *imagem*. Se você sonha que certa pessoa distante - com a qual você não tem negócios de nenhum tipo - mente para você, dizer que essa pessoa que você não vê há tempos é uma mentirosa conduz a nada mesmo, isso é subjetivo. Mas se você sonha que uma pessoa atualmente em sua atmosfera mente, então você precisa olhá-la sob aquele aspecto, porque pode haver algo nisto; torna-se importante decidir se a mentira está em você ou no outro, ou se há uma ilusão no meio. Pode haver certa qualidade de você mesmo em um estado de não-reconhecimento. Muitas pessoas pensam que são muito boas e que a substância negra é quase não-existente nelas, e no entanto elas possuem vasta quantidade dela, sendo humanas! Se elas sonham com uma ovelha negra, a ovelha negra não é importante, mas chamá-las de ovelhas negras é importante em excesso - é muito melhor que elas tomem isso tudo para si mesmas. Assim, se você sonhar que seu melhor amigo é uma ovelha negra, isso significa que ou você é uma ovelha negra, ou o amigo é, ou há sujeira entre vocês.

76 Eu gostaria agora de voltar ao *jeu de paume*, aquele *pelota basque*. Eu lhes contei que as associações de nosso paciente sobre a disposição do *hall* apontam para um cerimonial ou ritual de comunhão, e que isso também parece ser uma alusão a uma espécie de jogo de pelota porque ele lembra de um salão no qual isto foi jogado, e também ao *hall* de uma Estância

Suíça^[88] à qual os membros vinham para jogar e comer - uma comunhão. A partir de manuscritos medievais aprendemos que o antigo ritual chamado *jeu de paume* foi jogado até o décimo-segundo século, e em certos lugares remotos, como por exemplo Auxerre na França, até o século dezesseis. Eu fiz algumas pesquisas especiais a respeito desses jogos. Desenterrei textos em latim de manuscritos medievais que descrevem esta pelota, e eu quero ler para vocês a tradução. Desafortunadamente, desde que este jogo era muito familiar naqueles dias, e todos sabiam a respeito, a descrição é genérica e os textos são algo vagos, mas vocês obterão algo deles, de qualquer modo. Vocês lembram-se que o salão no sonho tinha uma mesa de jantar posta para a janta e que esta estava pronta para começar, mas, em vez disso, suas associações apontavam para um jogo que estava ocorrendo, o *pelota basque*.

77 ***Fragments de Manuscritos Medievais***^[89]

"Quando a bola, chamada pelota, foi aceita pelo recém-eleito cânone pelo reitor - sendo sua cabeça coberta por um boné - o resto dos cânones começaram a entoar antifonalmente: "Rezem para a Vítima Pascal". Então o reitor, segurando a bola com a mão esquerda, dançou, e o restante juntou as mãos e, cantando, executou uma dança coral em redor do labirinto; enquanto isso, a *pilota* era atirada pelo reitor, alternadamente, aos dançarinos, um por um. Depois da dança, o coro correu para o repasto (o reitor e os cânones e cidadãos mais distintos sentaram em cadeiras com espaldar alto, na orquestra ou coro) e todos sem exceção foram servidos com o repasto, e com vinho branco e tinto em moderação (copos preenchidos duas ou três vezes) enquanto um orador entoava uma homilia lá do púlpito. Então um grande sino tocou, e o cânone mais recentemente eleito ficou pronto, segurando a bola diante de seu peito, e no altar de São Estêvão^[90], por volta de duas horas, ele apresentou a bola ao reitor, que retirou o boné de sua cabeça, de modo que ele pudesse manipular a bola".

78 Aqui está outro jogo que era jogado em Narbonne, um ritual de segunda-feira de Páscoa, também de um manuscrito em Latim do século treze: "Enquanto os sinos são tocados para as 'vésperas', o colegiado todo se reúne na casa do arcebispo, e seus criados servem certos pratos e vinho para todos. Então o arcebispo deve atirar a bola. E o prefeito, ou governador político da cidade, deve fornecer a bola e atirá-la na ausência do arcebispo".

79 E aqui está um belo fragmento de Nápoles (Bispo de Nápoles, 508-536) num *codex* do século nove: "Em memória deste evento eram celebrados, a cada ano, certos jogos de bola para o conforto e refrescamento da alma". Isto ocorreu diante de uma grande multidão em Santa Maria Maggiore na festa de São Januário, no terceiro domingo do mês de maio. É interessante que estes jogos foram jogados "para o consolo e recreação da alma".

80 A seguir, do século doze, há um manuscrito no qual Jean Belet, um teólogo da Faculdade de Paris, escreve: "Há algumas igrejas onde até os bispos e arcebispos jogam com seus subordinados, até mesmo inclinando-se para jogar bola - embora pareça mais louvável não fazer uma tal coisa". Isto foi obviamente escrito na época em que o jogo já se tornava impopular.

81 Há outros fatos muito interessantes em conexão com este costume extremamente peculiar. Possivelmente há uma conexão com a cerimônia da "Bola da Noiva"^[91], que era atirada entre a noiva e o noivo. E em outros jogos nas igrejas a bola era chutada ou cortada em pedaços como se fosse o deus do ano passado. Houve uma vez uma questão, uma *cause célèbre*, relacionada ao jogo de bola na Igreja, nos tempos em que este se tornou impopular; o texto fala da "bola do ano passado", que devia ser mantida pelo velho cânone e passada ao cânone do ano novo, um velho costume da Páscoa. É como se o deus do ano passado tivesse que ser desmembrado, de modo que todos pudessem participar. Comparem também a comunhão cristã, na qual deus é desmembrado e comido. Isto tudo está ligado com as cerimônias sacrificiais da primavera, como o costume antropofágico do rei sendo desmembrado e comido no festival de primavera para fortalecer a tribo e pela fertilidade dos campos no ano vindouro. Assim, é bastante provável que esta bola simbolize o Sol.

82 Isto também está relacionado com outro estranho costume, "o funeral de Aleluia". Na Idade Média, acreditava-se ser Aleluia uma mulher - porque "a" é uma terminação feminina - uma mulher desconhecida que foi enterrada na Véspera da Páscoa, de tal modo que ela seria uma espécie de rainha do ano passado. Nos arquivos de uma igreja em Toul, em Lorraine, está um manuscrito, escrito em 1947 por um Nicolas, cânone da catedral, no qual está registrado, no décimo-quinto artigo: "Aleluia foi enterrada". O texto latino que se refere a isso prescreve o que fazer no funeral. "No Sábado que precede o Septuagésimo Domingo, às nonas, os garotos do coral devem reunir-se em adornos solenes e fazer preparativos para o funeral de Aleluia; e depois da última bênção devem prosseguir em

procissão com tochas, água benta e incenso, carregando um torrão de terra em um ataúde, através do convento, pranteando, até o lugar em que Aleluia será enterrada; lá aspergirão água e grãos no torrão de terra, voltarão o incenso, e retornarão da mesma maneira". Este costume é muito antigo. O torrão de terra é a bola, e a bola é o Sol, que é renovado na ocasião da Páscoa, assim como a terra. O sentido original é muito simples: o Sol não nasceria novamente se não fosse sustentado - renovado por meio do sacrifício, na época da Páscoa. Aleluia era simplesmente a mãe Terra, uma potência feminina feita para sofrer morte, enterro e ressurreição, suposta responsável pelo novo Sol. Os índios do "American Pueblo" assumem suportar o Sol por seu ritual, e é a mesma coisa: morte, enterro, e ressurreição. Meu amigo índio Mountain Lake, em uma carta endereçada a mim, disse: "Se o homem branco continuar interferindo com nossa religião, em dez anos eles verão algo!" - o Sol não nasceria novamente^[92].

83 Quando primeiramente discutimos o *jeu de paume* eu não lembrava de todos estes detalhes, que isto também era realmente chamado *pelota*, etc., e isso provavelmente era desconhecido para vocês; nem o sonhador tinha a mais fraca idéia destas conexões; assim, seu sonho é curioso - o jantar, os assentos, a *pelota*, todo este material ajunta-se no sonho e em suas associações.

84 E há uma outra contribuição. Vocês lembram-se de que estávamos falando, em nosso último seminário, a respeito da idéia de comunidade, à qual o sonho alude na declaração de que "todos voltavam suas costas para ela". Quando estamos prestando atenção a nossas transações conscientes, esquecemos que nosso inconsciente está reagindo ao mesmo tempo: quando falamos de um distúrbio da idéia de comunidade, constelamos diretamente um distúrbio de comunidade em nós mesmos; a psicologia do paciente também é a nossa, e o *rappport* não é tão bom. Nós pensamos que é somente um sonho, e esquecemos que o inconsciente está reagindo de seu modo particular. O fato de que *nós* voltamos nossas costas à comunhão é constelado em nós e tem certos efeitos. Portanto, após o último seminário certas pessoas queixaram-se de uma atmosfera perturbada, e algumas deram a explicação racionalizada de que isso foi porque paramos e tomamos chá e isso quebrou a continuidade do encontro. Se elas estivessem conscientes do transtorno na idéia de comunidade, tomar chá em conjunto seria realmente a coisa a fazer; isso teria sido uma expressão de comunidade. Eu fui acusado de não tomar uma xícara de chá, mas ao menos eu fumei o cachimbo da

paz! Agora, quando as pessoas são perturbadas por uma reação do inconsciente, há sempre um curandeiro que tem um sonho a respeito do assunto. Uma comunidade é um organismo, uma simbiose, e nós formamos uma espécie de organismo aqui, enquanto pensamos juntos; e se qualquer coisa perturbadora acontece dentro deste organismo, alguma mente recebe o distúrbio e diz "olha lá"! Em uma comunidade primitiva, seria a mente do chefe ou feiticeiro. Com o correr do tempo, nós formamos algo como uma tribo primitiva, e o curandeiro dirá: "De noite, enquanto eu dormia, tive uma visão e um espírito falou". A Dra. Shaw teve o sonho do *medicine man* e ela nos contará.

85 *Dra. Shaw*: Eu sonhei que fui à Espanha, e havia uma tourada acontecendo em uma grande arena; um homem e um touro estavam lutando e uma grande multidão gritava que o touro devia ser morto. Eu não quis que ele fosse morto e lutei pelo touro a noite toda. Então Dr. Jung, na conferência do dia seguinte, contou-nos sobre a matança do touro Mitráico.

86 *Dr. Jung*: Agora liguem este sonho com o problema em questão. Vocês lembram que discutimos a matança do touro mitráico e se a matança do touro ainda tem o mesmo significado simbólico; em uma tourada as pessoas voltam suas faces umas para as outras e portanto isso simboliza comunidade; e nós falamos da importância desse símbolo como auto-disciplina quando o culto de Mitra era a religião das legiões romanas. Somente homens eram admitidos ao ritual mitráico, todas as mulheres iam à Mãe Terra. Agora, no sonho da Dra. Shaw o touro não deve ser morto, ela lutou contra isso. O que este sonho significa para vocês? Qualquer um de nós poderia tê-lo sonhado.

87 *Sugestão*: pode ser o esforço contra fazer um sacrifício - todos nós objetamos à execução de um sacrifício.

88 *Sugestão*: há algo de bom neste touro que não devemos matar?

89 *Sugestão*: matar o touro pode significar uma maneira fora de moda de fazer o sacrifício. Talvez um novo modo possa ser encontrado.

90 *Dr. Jung*: Há uma conexão entre as duas últimas sugestões. Matar o touro como um símbolo de comunidade é algo muito "fora de moda", para nós não expressa comunidade. Não muito tempo atrás eu tive uma carta de uma paciente [no México], uma senhora que havia estado em uma tourada, e ela odiou aquelas pessoas sedentas de sangue; ela disse que aquilo a deixou tão irada que estava pronta para matar todos lá com um revólver! Então uma tourada já não promove um sentimento de comunidade. Toda a

performance é muito criticável, nosso sentimento está completamente contra isso. Ninguém deve se comportar como um touro em um mercado, ninguém deve ser incontrolado. Nós podemos entender o significado simbólico, auto-disciplina, mas não obtemos essa inspiração assistindo a uma tourada; uma tourada atual pode dar no efeito oposto. Nós superamos esse simbolismo, assim como superamos a idéia de redenção comendo a carne e bebendo sangue da vítima; poucas pessoas hoje em dia sentem a emoção medieval quando estão comendo o corpo e bebendo o sangue na comunhão.

91 Há ainda muito de um misticismo terreno arcaico, muito enterrado, na Suíça, contudo. Uma mulher suíça que veio a mim recentemente para tratamento confessou, depois de longa resistência, que tinha um jeito secreto para conseguir dormir, ou para ajudar contra a indigestão, etc.: "Um ancião contou-me tal segredo. Eu bebi o sangue de Jesus. De noite, quando não consigo dormir, eu repito para mim mesma: 'Estou bebendo o sangue, bebendo o sangue de Jesus, o sangue, o sangue', e então eu me sinto bebendo-o, e consigo dormir. Se eu acordo, eu faço isso novamente - às vezes uma dúzia de vezes em uma noite". Um dia ela foi até o celeiro - ela era muito boa dona de casa - e ao subir numa cadeira para alcançar algumas maçãs em uma prateleira ela escorregou e caiu. Ela disse: "Eu rapidamente bebi o sangue e não me feri". Ela fez uma tremenda associação mística a partir do beber do sangue; essas coisas ainda são realidade.

92 Então a tourada como símbolo místico é antiquada, assim como muito do nosso simbolismo cristão; nossa emoção comum não pode mais ser estimulada por esses símbolos. Se alguém sonhar com a matança de um touro nos dias atuais, deveremos colocar uma interpretação completamente diferente sobre isso. Portanto, precisamos de um interesse comum que nos permita construir novamente um sentimento de comunidade. O fato da Dra. Shaw sonhar que está lutando contra a matança do touro significa que o touro não deve ser morto. O touro é força *natural*, o animal não-controlado, que não é necessariamente destrutivo. Nós temos o preconceito cristão contra o animal no homem, mas um animal não é necessariamente mau, assim como não é bom. Nós somos maus, o homem é necessariamente mau, porque ele é assim, bom. Somente animais domesticados portam-se inconvenientemente; um animal selvagem nunca se porta inconvenientemente, ele segue suas própria lei natural; não há uma coisa tal como um bom tigre que come apenas maçãs e cenouras! Um animal

selvagem é um ser pio, obediente às leis, que atende à vontade de Deus do modo mais perfeito. O touro é um animal claramente selvagem, e se nós matamos o animal em nós, também matamos as coisas realmente boas em nós, não as coisas aparentemente boas. Portanto, para nós, matar o touro seria blasfemo, um pecado, significaria matar a coisa natural em nós, a coisa que serve naturalmente a Deus. Esta é nossa única esperança - voltar a uma condição na qual sejamos corretos com a natureza. Devemos atender nosso destino de acordo com as leis da natureza ou não poderemos nos tornar verdadeiros serventes de Deus. Assim nós entendemos o que a mensagem do curandeiro deveria ser. A Dra. Shaw estava muito corretamente lutando contra a matança do touro: "Não cometam o erro de matar o touro, porque ele é a única coisa que nos pode conectar; nós devemos voltar às leis eternas e naturais, e então estaremos no estado abençoado dos animais, e isto unirá novamente tudo aquilo que foi separado antes". O conselho do curandeiro é valioso.

93 Agora eu também apareço no sonho - Dra. Shaw e eu nos conhecemos bastante bem, e quando nos encontramos na terra dos sonhos não nos tomamos um ao outro com muita seriedade - em suas associações eu disse que o toureador tinha matado o touro; o touro que não podia ser morto fôra morto. Por que eu confirmo isto? Bem, apenas porque nosso touro está morto, Mitra matou o touro para nós. Não esqueçam que Cristo absorveu Mitra completamente; a velha idéia mitraica continuou no cristianismo através da Idade Média até os tempos recentes; touros e até pequenos cordeiros foram mortos, tudo que foi animal tem sido morto através dos tempos. E eu confirmo que o touro foi morto, o toureador fez seu trabalho. Claro, é um tipo figurativo de discurso dizer que o touro está morto; está vivo de novo e novamente e tem de ser morto novamente, e de novo. Agora, desde que este é um problema individual e não coletivo, que podemos fazer para trazer o touro de volta à vida? Devemos procurar restabelecer conexão com ele, ou ele pode tornar-se vivo em uma parte de nossa psicologia onde nosso consciente não pode chegar. Onde podemos chegar com isso? O touro precisa estar vivo, do contrário a comunidade será impossível. Eu enfatizei este sonho para mostrar a interação do consciente e do inconsciente, mas agora nós voltaremos ao nosso paciente.

94 Nós estivemos discutindo o porquê de a esposa do cunhado não ter vindo com ele - assim foi provavelmente por causa da *doença da criança*. Este é o assunto da próxima parte do sonho. O sonhador está agora na *casa de seu*

cunhado, onde ele vê a criança, uma pequena garota, um ou dois anos de idade. A mudança de localidade significa deslocamento do fundo cênico psicológico, e isso significa um tipo diferente de problema, uma mudança de uma base coletiva para uma base familiar - por exemplo, de um lugar público para uma casa particular. A principal declaração da parte média do sonho era a de que não havia comunidade, nada de estar junto, a razão sendo o fato da mulher não estar junto; como no culto natural de Mitra, a mulher não fica junto; e o *jeu de paume* também era um jogo de homem. Se a mulher não comparece, o homem está lá apenas com seu intelecto, não com seu sentimento. Esta é a razão pela qual muitos homens não gostam de ter mulheres em comitês, etc. - eles não possuem conexão apropriada com a parte feminina de sua própria psicologia. Esta mulher não foi junto porque a criança está doente; e a criança não está em um lugar público, mas na casa.

A cena deslocou-se para um lugar particular dentro do indivíduo^[93].

95 A respeito da casa de seu cunhado, ele disse: "Meu pai viveu vários anos naquela casa, e minha irmã herdou-a; está a cerca de apenas cem passos de distância de minha própria casa, de modo que nos vemos com frequência. A casa e os cômodos são todos monotonamente pintados de cinza, o que confere um aspecto melancólico e monótono. Eu gostaria que eles tivessem pelo menos pintado os cômodos de uma cor diferente, para animar um pouco".

96 A descrição da localidade é muito importante; o lugar onde o sonho se passa, seja hotel, estação, rua, bosque, debaixo d'água, etc., faz uma tremenda diferença na interpretação. Nós já discutimos o fato de que o cunhado deve ser considerado como uma imagem subjetiva, ele é realmente uma parte do próprio sonhador, uma parte que não está apropriadamente ligada, e portanto ele a projeta em seu cunhado. Mas nós temos a importante informação de sua associação de que sua casa não está longe, o que significa que não está muito distante da consciência. Ele poderia facilmente tornar-se consciente da medida em que ele é seu cunhado, e da medida na qual a criança de seu cunhado é sua própria criança; a casa de seu cunhado seria, é claro, o aspecto inconsciente de sua própria casa, o lugar no qual o drama está acontecendo. A casa repete-se frequentemente como um símbolo nos sonhos, e geralmente significa a atitude habitual ou herdada, o modo habitual de vida, ou algo adquirido, como uma casa, ou talvez o modo pelo qual alguém vive com toda sua família. Sua atitude habitual é desinteressante e cinza como a casa de seu cunhado, e ele

gostaria que houvesse mais colorido nela. Nós precisamos ver como isto está ligado com outros eventos no sonho; pode estar conectado à doença da garota de dois anos.

97 *A criança*: Na verdade foi um garoto de dois anos que ficou doente e morreu, e as duas outras irmãs do sonhador têm, cada uma, uma menininha de seus sete anos das quais ele gosta. Ele diz: "Eu gosto mais de menininhas do que de menininhos, elas são muito mais agradáveis e mais expressivas. Eu gosto mais de minha pequena filha do que dos garotos". Não há outras associações, de modo que eu chamo a atenção dele para a idade da criança. Eu disse a ele que ele devia ter alguma associação com dois anos - um certo período de tempo: "O que há a respeito de dois anos atrás?" "Dois anos atrás eu voltei do exterior e me estabeleci na Suíça. Eu comecei então a estudar literatura oculta, espiritismo, teosofia, todo tipo de coisas; só posteriormente eu desisti mais ou menos disso, porque eu não estava muito satisfeito, não era apenas falta de interesse, mas algo de ódio acerca de tal estudo. Quando meu pequeno sobrinho morreu, dois anos atrás, eu estava justamente lendo um livro de Dennis Bradley, *Towards the Stars*^[94] (evidentemente um livro religioso)^[95]. Eu gostei dele particularmente e o dei à minha irmã após a morte do garoto".

98 Ele também leu literatura oculta alemã: "Eu li um famoso livro alemão: *The Visionary of Prevorst*^[96], escrito pelo Dr. Justinus Kerner em 1829^[97], a primeira história de um caso de sonambulismo psicologicamente observado, muito interessante". Ele contou-me que conheceu um certo médico que estava inteirado com a psicologia analítica mas não era um *expert* nela, e ele pensou em sugerir que ele devia escrever um estudo analítico da visionária, com a condição de que ele não deveria racionalizar Kerner, fazendo dele uma farsa. "Eu desisti, porque percebi que o médico era um tanto neurótico por si mesmo e um tal estudo poderia prejudicá-lo". Eu conheço aquele médico e ele não é uma luz psicológica; se ele tentasse escrever este estudo analítico, teria sido um material pobre - ainda bem que ele desistiu!

99 Nós temos agora uma enorme massa de material ligado com aquela criança. Eu repetirei certos fatos:

100 (1) É uma criança não-existente, mera criação de sua imaginação inconsciente.

101 (2) O paciente prefere meninas a meninos.

102 (3) Há dois anos ele iniciou o estudo das coisas ocultas, e também psicologia patológica, etc., e está particularmente ligado com sua irmã através de um tal livro oculto, *Towards the Stars*.

103 (4) Ele estava especialmente interessado na *Visionária de Prevorst*, e quis que certo médico escrevesse um estudo sobre ela mas não o fez, temendo que o homem se prejudicasse com isso.

104 *A pequena garota é a criança de sua alma*^[98], e tem a haver com a energia criativa, e vindo do lado oculto é espiritual. Ele diz que há valores positivos naquele livro, é um tipo de criação espiritual, uma intenção poética, mas ele está com medo de que o médico seja mal afetado por ele, e ele desistir de estudar por si mesmo porque teve uma má influência nele. Ele pensou que os estudos ocultos tornam as pessoas muito irreais; havia muita matéria duvidosa, tão especulativa e no entanto tão impressionante, que enchia as pessoas das cabeças com todo o tipo de idéias vaporosas; havia uma irreabilidade venenosa nestas coisas com muita freqüência, assim como certos trabalhos de ficção fazem com que alguém se sinta envenenado. Assim, um lado dele está ocupado com um fator criativo espiritualmente decidido que tem dois anos de idade, e o médico representa seu lado racional, que ele está usando para estudar seu elemento poético expresso pela criança. Nos últimos dois anos algo novo vem crescendo neste homem, não apenas seu interesse em assuntos ocultos, que manteve sua mente ocupada, mas também um interesse e intenção criativos, que poderiam ser a expressão não de pensamentos mas de sentimento, e que poderiam conferir colorido à sua casa.

105 Agora, a cor da face desta criança é feia, e suas feições estão distorcidas exatamente como o garoto que morreu. E ele adiciona, aparentemente sem nenhuma conexão: "Eu estou lendo muito pouco sobre ocultismo agora". A coisa oculta transcendeu seus poderes digestivos, ele sofreu de indigestão mental. Então, porque a garota está ligada com o garoto que morreu, nós precisamos assumir que ela sofre de problemas intestinais também; ela tem sido alimentada com literatura oculta, e este não é o tipo apropriado de alimento para a pequena alma poética desenvolvendo-se nele.

106 "*Alguém me informa que aquela criança não pronunciará o nome de minha esposa*", e por conta disso ele pronuncia o nome de sua esposa para a criança e tenta fazê-la repeti-lo. Ele diz: "Minha esposa é muito amada por todos os seus sobrinhos e sobrinhas: usualmente o primeiro nome que as

crianças pronunciam com sucesso é o dela". E ele menciona que há não muito tempo ele recebeu uma carta de uma de suas outras irmãs na qual ela conta a ele que seu pequeno garoto compôs uma melodia na qual ele canta: "Tia Maria é um menino querido". Em contradistinação com a realidade, esta criança do sonho não pronunciará ou não pode pronunciar o nome de sua esposa, ela está evidentemente em oposição a ela. Nós sabemos que a relação entre o sonhador e sua esposa é preferencialmente monótona, e em dois anos um desenvolvimento começou nele que produz um ser vivo que se desvia de sua esposa. A criança de sua alma está ligada com interesses ocultos e com uma possível espécie de atividade científica ou artística. Ele está confuso com isso, e tenta ensinar a criança a pronunciar o nome apropriadamente, em vez de chocar-se com algo que poderia desenvolver-se nele sem estar de acordo com sua esposa, o que não se encaixa com o casamento. "Eu com freqüência faço o esforço de ensinar minhas próprias crianças ou as de minhas irmãs a pronunciar de modo correto as palavras que elas pronunciaram erradamente". Ele candidata-se à forma própria; não deve haver nada em sua mente ou em seu coração que não seja correto. Assim, aquele algo nele que não quer pronunciar o nome de sua esposa é um fato que não deve ocorrer; quando o tema de sua esposa aparece, todas as partes dele gritam em uníssono. Um detalhe muito instrutivo relacionado com sua atitude.

107 O nome de sua esposa é Maria e ele menciona: "Uma velha tia de minha esposa é também chamada Tia Maria, mas ela está bastante distante, nada temos a haver com ela". Então ele continua: "Enquanto eu estava ensinando a criança a pronunciar a palavra 'Maria' adequadamente, diverti-me por dizer apenas 'Mari' - e, em vez de pronunciar o 'a', eu bocejava, adicionando um bocejo ao nome em vez da última vogal; no sonho eu me achei extremamente engenhoso em fazer uma tal coisa, mas não consigo ver a piada na vida de vigília. Toda a *família protesta* contra sua assim-chamada piada, e ele diz: "Sim, eles estão corretos, ninguém deve mostrar às crianças tais maus modos, porque elas não podem, como os adultos, fazer uma distinção entre a realidade e a brincadeira". Novamente a atitude correta. Esta parte do sonho foi antecipada na casa com os cômodos pintados de cinza. A casa é cinza e ele está aborrecido, e seu consciente expressa isto pela alusão divertida - de que ele boceja ao pronunciar o nome de sua esposa. Mas conscientemente ele não o admite, ele não quer ver que a vida está agora se desenvolvendo em outra linha.

108 Em um sonho posterior ele estava viajando em uma cabine em um transatlântico com sua esposa e o navio ancorou; ele olhou para fora pela escotilha e viu que eles estavam próximos à costa e bastante perto de uma ruína em uma colina. A seguir, ele estava no *deck* e viu que ele não estava em um transatlântico, mas em um barco a vapor de fundo chato, em um rio; e então já não era nem mesmo um rio, mas uma lagoa de patos numa vila, onde o navio não podia mover-se de modo algum, estando completamente bloqueado, e as pessoas da vila subiam a bordo. Cessou de ser um navio e ele se admirava: "por que com os diabos estamos vivendo em um navio, afinal?"

CONFERÊNCIA IV: 28 DE NOVEMBRO DE 1928

109 *Dr. Jung*: Antes de continuar nosso sonho, eu preciso lhes contar sobre certas coisas que aconteceram neste intervalo de tempo. Aqueles de vocês que são intuitivos provavelmente observaram que a disposição em nosso segundo encontro estava um tanto perturbada. Nós tivemos o sonho do touro com seu aspecto comunitário, e assim vivenciamos uma pequena cena que poderíamos ter assistido na antiga Atenas - eu mencionei o fato de que homens importantes costumavam contar seus sonhos, e illustrei-o com o sonho da filha do senador e o sonho do poeta grego. Ou poderíamos ter assistido a uma tal cena no mercado de alguma vila primitiva, onde um homem se levanta e diz: "De noite eu tive uma visão, um espírito falou", e então todo mundo se junta em volta e fica terrivelmente impressionado. Tudo isto trouxe coincidências interessantes à luz.

110 Vocês se lembram de que no dia 21 de novembro nós falamos do touro e do significado da tourada. O sonhador é um homem ao qual eu ocasionalmente ainda vejo - isso significa que a análise ainda não o matou! Agora, do dia 20 ao dia 24, ele passou quatro dias fazendo um quadro que ele não podia compreender, que o espantou tanto que ele veio a mim para pedir por uma explicação. Ele teve que desenhar uma cabeça de touro, e deve ser um touro muito sagrado porque ele segura o disco do sol entre os cornos. Desafortunadamente, eu não posso lhes mostrar o quadro, porque o homem pensa que nós já fomos muito indiscretos discutindo seus sonhos aqui no seminário. Eu obtenho meus exemplos de meus pacientes - de vocês também! Eu contei a ele que estávamos falando do touro em conexão com seu sonho, e que seu desenho sincronizava com isso, e então eu expliquei a ele o significado de seu desenho.

111 Então, depois de nosso último encontro, depois do sonho da Dra. Shaw, quando eu comentei sobre o significado antigo da tourada, eu recebi outra carta do México, da amiga que havia efetivamente estado em uma tourada. Esta carta chegou dois dias depois do último seminário, teria estado duas semanas no caminho, e assim ela deve tê-la escrita mais ou menos no dia em que primeiro falamos do touro no seminário. Ela não descreve a tourada. Eu citarei o que ela diz: "O ponto de arte suprema na coisa toda é o momento em que o touro pára, imóvel, confuso, e encara o matador, e o matador mantendo-se diante dele faz o gesto de escárnio para mostrar sua

completa mestria". "O matador é o ponto de perfeito controle consciente naquela chafurdante massa de inconsciência, naquele fundo negro de barbarismo". E me pareceu que aquele era o significado do símbolo: alguém deve ter perfeito controle, perfeito estilo e consumada graça e ousadia, para viver no seio do barbarismo; se fraquejar em qualquer lugar, está acabado. Eis porquê a tourada era o símbolo do divino. E o toureiro é o herói, porque ele é a única luz que brilha naquela escura massa de paixão e raiva, aquela falta de controle e disciplina. Ele personifica a perfeita disciplina. Minha amiga é uma observadora bastante independente, mas ela captou o fundamento da coisa e naquele momento achou necessário transmiti-lo a mim.

112 Isto é o que chamamos apenas uma coincidência. Eu a mencionei para mostrar como o sonho é uma coisa vivente, de modo algum uma coisa morta que ressoa como papel seco. É uma situação viva, como um animal com tentáculos, ou com muitos cordões umbilicais. Nós não percebemos que, enquanto estamos falando dele, ele está produzindo. Eis porquê os primitivos falam de seus sonhos, e o porquê de eu falar de sonhos. Nós somos movidos pelos sonhos, eles nos expressam e nós os expressamos, e há coincidências ligadas com eles. Nós declinamos de tomar as coincidências seriamente porque não podemos considerá-las como causais. Verdade, nós cometeríamos um erro considerando-as como causais; os eventos não acontecem *por causa* dos sonhos, isso seria um absurdo, nós nunca podemos demonstrar isso; eles apenas acontecem. Mas é sábio considerar o fato de que eles acontecem. Nós não os perceberíamos se eles não fossem de uma peculiar regularidade, não como aqueles experimentos de laboratório, apenas uma espécie de regularidade irracional. O Oriente baseia muito de sua ciência nesta irregularidade e considera as coincidências como bases confiáveis para o mundo, preferencialmente à causalidade. Sincronismo^[99] é a preocupação do Oriente; causalidade é a preocupação moderna do Ocidente. Quanto mais nos ocupamos com sonhos, mais deveremos ver tais coincidências - chances. Lembrem-se que o livro científico chinês mais antigo é sobre as chances possíveis da vida^[100].

113 Agora continuaremos nosso sonho. Estamos praticamente completos com as associações, e devemos tentar uma mão de interpretação. Deveríamos somar todas as associações, neste caso uma tarefa bastante

tenaz, porque há mesmo muitas delas se nós considerarmos todas as conotações mencionadas. O *jeu de paume* e a tourada não estão no sonho propriamente dito, mas devemos considerar todo o contexto porque a mente do sonhador foi moldada sobre aquele modelo. Nossas mentes foram feitas pela história da humanidade; o que os homens pensaram tem influenciado a estrutura de nossas próprias mentes. Portanto, quando entramos em uma cuidadosa, conscienciosa análise de nossos processos mentais, devemos voltar àquilo que outros pensaram no passado. Para explicar certos processos de pensamento em um homem moderno, não é possível progredir hoje sem o passado. Pode-se explicar o pessoal até uma certa extensão; por exemplo, este homem quer comprar um carro novo; mas comprar um carro novo, um pensamento moderno, é apenas a causa que excita um certo tipo de pensamento, o qual ele não fez; pela parte mais importante de sua dedução lógica, todo o passado é responsável. Somente na idade média nós aprendemos a pensar logicamente - e então através de professores religiosos. Os primitivos não possuíam o pensamento lógico, simplesmente porque não podiam produzir o mesmo tipo de raciocínio abstrato que podemos produzir. Deve ter havido um longo período de tempo antes que nossas mentes fossem treinadas para produzir uma condição abstrata de mente sobre e contra as tentações dos sentidos e emoções.

114 Em assuntos técnicos os antigos nunca poderiam sustentar um pensamento abstrato por qualquer período de tempo, eles sempre eram interrompidos pelo instinto travesso. Nós vemos isto em velhas máquinas ou engenhos datados até 1820; em uma velha bomba, por exemplo, os eixos eram colocados sobre duas colunas dóricas; e certas máquinas eram construídas no estilo rococó - perfeitamente ridículo. Isto é travessura; e quanto mais travessuras se faziam, é claro, menor era a chance de que a máquina fosse eficiente. Eles pararam na curiosidade que agradava aos seus sentidos, de modo que nunca chegaram a qualquer espécie de seriedade no pensamento. Navegar contra o vento, bordejar, era algo desconhecido na antigüidade; foi inventado pelos normandos no século doze. Antes daquele tempo os marinheiros sempre tinham que esperar até que o vento fosse favorável ou pegavam nos remos; e eles não tinham quilhas fundas ou mesmo quilhas pesadas, somente fundos planos. Contudo, tinham barcos de até 1500 toneladas, e as naus egípcias que levaram o trigo a Roma tinham cerca de 1800 toneladas. Nós começamos a construir novamente navios daquela tonelagem somente no século dezenove, perto de 1840.

115 Estes são caminhos históricos pelos quais nossa mente tem se desenvolvido e eles precisam ser levados em conta, quando precisamos considerar as conotações históricas na tentativa de explicar sonhos; não podemos compreendê-los somente no plano pessoal. Na prática analítica, contudo, não se pode ir tão longe nos caminhos históricos. Tanto quanto possível, tentarei ser breve, prático e pessoal. No primeiro sonho que eu analisei com o paciente, eu não atraí a atenção dele para o culto de Mitra, o *jeu de paume*, etc., não havia razão para fazê-lo, eu estava bastante satisfeito em dar a ele alguma idéia superficial do significado do sonho. Mas aqui no seminário nós precisamos seguir em detalhe para ver do que é feito o sonho, talvez mais do que nos sonhos que eu analisei com vocês pessoalmente. Este homem ficaria espantado de nos ouvir falando de seu sonho, ele não o reconheceria.

116 Agora voltemos ao sonho uma vez mais e tentemos fazer uma interpretação geral. Muito freqüentemente o fim de um sonho pode ensinar alguma coisa a alguém; ao fim usualmente alguma coisa aconteceu às figuras que apareceram no palco, de tal modo que a situação e os eventos nele são suficientemente explicáveis. Neste caso nós poderíamos facilmente começar pelo fim, onde damos de encontro com o importantíssimo fato ao qual o sonho inteiro leva, que o sonhador é obviamente perturbado por aquele nome, Maria, e boceja ao pronunciá-lo; e os protestos dos membros da família mostra que ele próprio protesta contra ele a partir do ponto de vista familiar. Ele é um homem de família e a família é quase algo sagrado, é bastante horrível bocejar com o nome da esposa de alguém. Assim somos introduzidos imediatamente neste conflito pessoal; ele está aborrecido contra sua vontade, não é sua intenção e ele não gosta disso. Em tal caso nós podemos esboçar uma conclusão a respeito da economia deste estado mental. O que vocês concluiriam?

117 *Sugestão*: Ele está inconsciente do aborrecimento?

118 *Dr. Jung*: Sim, bastante certo: ele não precisaria sonhar isto se ele estivesse consciente disso; sua não-admissão vai a tal ponto que ele tem que sonhá-la. O sonho tem de dizer a ele: "meu caro colega, você está apenas aborrecido!" Nós sempre assumimos que conhecemos até mesmo o inconsciente, o que, é claro, é perfeito *nonsense*; o inconsciente é aquilo que não sabemos. Vocês assumiriam que perceberiam se estivessem aborrecidos, mas há situações nas quais vocês não se atreveriam a percebê-lo, prefeririam pensar que estavam doentes. Há situações em que não temos

condições de admitir a verdade, ela pode ser demasiadamente contra nossos interesses; nós não podemos admitir a verdadeira natureza de nossas emoções, elas são muito chocantes. Ele é um homem muito agradável, um homem de família, um pai e tudo mais; portanto é claro que ele está regularmente interessado em sua esposa, e o sonho tem de dizer a ele: "Você está apenas aborrecido, esta é a verdade!" Agora, quando um homem é forçado a perceber que está aborrecido, o que acontece com sua vida, sua libido?

119 *Sugestão*: Eu poderia pensar que ela começaria a ocupar-se com aquilo que ele poderia fazer a respeito.

120 *Dr. Jung*: Quais seriam suas preocupações? - essa é a palavra correta, as coisas que vêm antes de suas ocupações. As mulheres não têm sido aborrecidas por seus maridos? O que elas poderiam fazer?

121 *Sugestão*: Isto está muito na psicologia de um homem.

122 *Dr. Jung*: Não estou tão certo! Mas aqui o sonhador é um homem, portanto vamos nos ater ao papel dele. O que ele fará?

123 *Sugestão*: Ele começaria a "olhar pela janela"[\[101\]](#).

124 *Dr. Jung*: Neste sonho nada dessa espécie é mencionado. Sua sugestão não se demonstra neste caso.

125 *Sugestão*: Eu penso que ele deve ter olhado pela janela antes de ter o sonho.

126 *Dr. Jung*: Correto, ele com freqüência tem olhado pela janela e está além do estado no qual isto surgiria em um sonho. Ele agora está em uma situação onde ele está procurando mais; ele ainda está aborrecido com sua esposa, olhar pela janela não remediou isso, e ele chegou à conclusão que isso não serve. Certas dicas no sonho podem socorrê-lo, pequenas coisas, mas ele não poderia aceitá-las; elas pareceriam ridículas para ele, não representariam resposta, ele precisa de outra resposta; assim ele chega a um impasse. Nós assumimos que o sonho contém uma resposta para seu enorme problema, de tal modo que devemos lê-lo como uma mensagem que vem do inconsciente, precisamos tomá-lo muito seriamente e tudo mais, porque a situação deste homem é muito similar àquela de muitos outros homens, e há inumeráveis mulheres que ficam aborrecidas até a morte com seus esposos. Várias pessoas entre quarenta e setenta têm estado ou podem estar em situação similar. Portanto o sonho é de importância geral. Seguir nas associações pode nos dar uma idéia do que alguém deveria fazer em uma tal situação.

127 O sonho fala primeiro da criança de sua irmã mais nova e do convite de seu cunhado para ir ao teatro e jantar depois. Obviamente ele está posto em afinidade com esta parte de sua família. Vocês lembram que sua irmã mais nova era da estimação particular dele, onze anos mais nova, e ele ainda a sente como sendo uma pequena criança, e é muito extremoso com ela; ele estava quase mortificado quando ela perdeu sua criança, como se ela tivesse sido seu próprio filho, assim há uma relação particularmente próxima entre ele e sua irmã; e ele também está em bons termos com o marido dela. Estas pessoas, com as quais ele com efeito não está presentemente preocupado, seriam tomadas no nível objetivo se estivessem próximas de ou assumindo qualquer importância atual. Mas desde que elas estão distantes, estamos seguros em assumir que elas representam conteúdos subjetivos no sonho, partes do próprio sonhador, figuras de palco em seu teatro particular. Assim, nós podemos somente chegar ao significado real desta parte do sonho quando vemos o que estas pessoas representam no sonhador. A criança, como vocês sabem, é irreal, uma criança imaginária; a criança real está morta. Nós deixaremos aquela criança imaginária por enquanto.

128 Primeiro, *o cunhado*: o sonhador tem estado em uma importante posição, um diretor de uma companhia de negócios, e seu cunhado, sendo homem mais novo, o sucedeu; portanto, ele o seguiu, ele é o representante de alguém que nos segue, a sombra. A sombra é sempre a seguidora.

129 *Sugestão*: Com frequência a sombra vai à frente.

130 *Dr. Jung*: Sim, quando o Sol está atrás. Mas a velha idéia do *synopados*^[102] é aquela de algo que nos segue e vem conosco; é a idéia de um dáimon pessoal:

scit Genius, natale comes qui temperat astrum,
naturae deus humanae, mortalis in unum

quodque caput, voltu mutabilis, albus et ater^[103].

- um deus de face mutável, branco e preto, isto está em todos, um dáimon de aspectos contraditórios. Agora por que deveríamos traduzir uma tal figura de um tal modo? Por que deveríamos chamar seu cunhado de sua sombra?

131 *Resposta*: O sonhador tem estado tanto no negócio que partes dele foram negligenciadas, as quais são representadas pelo cunhado.

132 *Dr. Jung*: Ora, quanto mais alguém se volta para a luz, maior é a sombra atrás de si. Ou, quanto mais alguém volta seus olhos para a luz da

consciência, tanto mais sente a sombra detrás de si. Este termo está em completa harmonia com as idéias antigas. Há um excelente livro chamado *O Homem sem Sombra* [104], a partir do qual um filme muito bom foi feito, *O Estudante de Praga*, uma espécie de segundo *Faust*. É a história de um estudante, pressionado por dinheiro, fazendo um contrato com o diabo. O diabo oferece a ele 900.000 soberanos de ouro empilhados sobre a mesa diante dele, e ele não pode resistir. Ele diz: "É claro que eu não posso esperar que você me dê todo esse ouro sem algo em retorno?" "Ah, nada de importância", diz o diabo, "apenas algo que você tem nesta sala". O estudante ri - não há muito na sala, velha espada, cama, livros, etc., muito pobre. "Você é bem-vindo para tudo que lhe apetecer, pode ver que não há muito de valor aqui!" Então o diabo diz: "Fique aqui e olhe para o espelho". O grande trunfo dos filmes são os espantosos efeitos que eles podem produzir. Vê-se o homem e seu reflexo no espelho, e o diabo fica em pé por detrás e acena para o reflexo do estudante no vidro, e a reflexão sai dele de um modo bastante extraordinário e segue o diabo. O estudante olha para o espelho e já não pode se ver, ele é um homem sem sombra. E o diabo se vai. Então o filme segue mostrando todas as situações embaraçosas nas quais o estudante se encontra por causa da perda de sua sombra. Por exemplo, o barbeiro mostra a ele um espelho depois que o barbeou, e ele olha nele e diz: "Sim, assim está certo", mas ele não vê nada, nada de reflexo, ele tem de fingir que vê. Noutra cena ele está indo a um baile com uma dama, e num espelho no topo das escadas ele vê a dama com um braço, como que através dele, mas ele não está lá. É a situação de um homem que *cindiu* [105] toda a consciência de sua sombra, ele a perdeu.

133 Nosso paciente é mais ou menos assim, e sua sombra está aqui representada por aquele que o segue, seu cunhado. Não há prova científica de que assim é, nós assumimos que é uma hipótese de trabalho. E se o cunhado representa a sombra, segue-se que a esposa da sombra é uma figura muito definida; e deve ter características dessa figura, a esposa é a alma. Para elucidar tais conceitos obscuros e complicados, como sombra, alma, etc., um diagrama é útil para mostrar o que é ou não é lógico [106]. Precisamos começar a partir de idéias arquetípicas, precisamos começar pela idéia de totalidade; e expressamos a totalidade da personalidade, masculina e feminina, por um círculo. Haveria necessariamente de ter um centro, mas não se pode assinalar o lugar central para a consciência porque

nossa consciência é sempre unilateral. Se alguém olhar para o que há diante de seus olhos, pode não estar ciente do que há atrás de si; não se pode estar consciente de tudo em um dado momento. Para ser consciente é preciso estar concentrado; alguém que está consciente está sempre consciente de algo específico. A personalidade em seu todo poderia ser descrita como consciência mais inconsciente. Há a área do habitualmente inconsciente, e a área do relativamente inconsciente. Assim, há uma área que é apenas relativamente consciente; há tempos em que se está consciente disso e tempos em que se está consciente de alguma outra coisa. A consciência é como uma lanterna errando em um campo; somente os pontos que são iluminados estão conscientes.

134 O inconsciente está no lado negro, a parte que é habitualmente inconsciente é a esfera da sombra, e ela não tem um centro particular porque nós não sabemos onde ele estaria. A sombra é um tipo de centro, é claro, uma certa personalidade diferente daquela consciente, neste sonho o cunhado.

135 Nossa consciência é voltada para aquilo a que chamamos mundo. De modo a mover-se no mundo nós precisamos de uma certa atitude ou persona, a máscara que pomos frente ao mundo. Pessoas com uma persona muito forte têm faces muito parecidas com máscaras. Eu lembro de uma paciente mulher que tinha uma tal face. Ela era uma figura de anima para os homens, misteriosa e fascinante por causa de sua máscara - mistério por trás, uma mulher misteriosa. Eu fico doente quando ouço isso, mas nem todo mundo fica. A "mulher mistério" de alguns filmes é uma figura de anima. Esta mulher disse ter uma natureza muito pacificamente harmoniosa, mas dentro ela era justamente o oposto, terrivelmente despedaçada e cheia de espantosas contradições de caráter. Sem sua máscara ela seria apenas polpa, sem qualquer controle. A persona é uma espécie de pasta que alguém usa sobre a face.

136 O que vemos do mundo está distante da totalidade, é meramente a superfície; nós não olhamos para dentro da substância do mundo, para dentro daquilo que Kant chamou de "a coisa em si". Aquilo seria o inconsciente das coisas, e tanto quanto tais coisas são inconscientes elas são desconhecidas para nós. Portanto, nós precisamos da outra metade do mundo, o mundo da sombra, o lado de dentro das coisas. A cisão entre o consciente e o inconsciente atravessa o mundo. Agora, se eu tenho uma pele de adaptação para o mundo consciente, eu devo ter uma para o mundo

inconsciente também. A alma é a conclusão da inteira adaptação do homem às coisas desconhecidas ou parcialmente conhecidas. Foi muito tardiamente que eu cheguei à conclusão de que a alma é a contraparte da persona, e sempre aparece como uma mulher de certa qualidade porque ela está em conexão com a sombra específica do homem.

137 No caso de nosso sonhador, temos uma demonstração muito típica da alma. Ela está ligada com o cunhado, a sombra, como sua esposa; com a pequena irmã, sua estimação feminina^[107], a fêmea mais íntima, que ele mais ama; e com a criança pela qual ele tem sentimentos muito ternos, como algo muito próximo a sua alma. Portanto é uma figura que alguém pode designar como um símbolo de alma. Eu escolhi usar a palavra *anima* para evitar todos os problemas com o significado de "alma". A irmã dele no sonho é a figura que está casada com a sombra, e a declaração ulterior do sonho é a de que esta fêmea é uma criança imaginária. Um fato imaginário não é um fato não-existente, mas algo de uma ordem diferente. Uma fantasia, por exemplo, é um fato muito dinâmico. Lembrem-se que alguém pode ser morto por uma fantasia, e ser morto por um tiro disparado em guerra ou por um lunático aqui é a mesma coisa - está morto! Quando o sonho fala de uma criança, esta é uma entidade definida, como sua irmã e cunhado, a mãe de sonho e o pai de sonho, são entidades definidas. Elas possuem existência psicológica, são fatos que trabalham e constituem um mundo que funciona.

138 Não há nada em nossa civilização que não tenha estado primeiro em nossa imaginação, em fantasia; mesmo casas e cadeiras existiram primeiro na imaginação do arquiteto ou projetista. A Guerra Mundial veio através de meras opiniões de que a guerra deveria ser declarada na Sérvia, opiniões baseadas em fantasia, imaginação. As fantasias são extremamente perigosas; nós seríamos sábios em compreender, em nossas mentes, que uma criança ou mulher imaginária é uma perigosa realidade, e ainda mais porque não é visível. Eu preferiria muito mais lidar com uma mulher real do que com uma mulher imaginária. Uma alma pode trazer à luz os mais admiráveis resultados: ela pode enviar um homem a praticamente qualquer lugar no mundo; o que uma mulher real não poderia fazer, a alma pode. Se a alma assim diz, deve-se seguir. Se uma esposa fala aborrecido *nonsense*, ela é amaldiçoada, mas quando a alma fala *nonsense* aborrecido...

139 *Questão*: Por que a alma tem tal poder?

140 *Dr. Jung*: Porque nós subestimamos a importância da imaginação. A alma e o animus têm tremenda influência porque nós deixamos a sombra para eles. Não estando ciente de ter uma sombra, você declara uma parte de sua personalidade como não-existente. Então ela entra no reino do não-existente, o qual incha e atinge enormes proporções. Quando você não toma conhecimento de que tem tais qualidades, está simplesmente alimentando os demônios. Em linguagem médica, cada qualidade na psique representa um certo valor energético, e se você declara um valor energético como não-existente, um demônio aparece em seu lugar. Se você declara que o rio que corre perto de sua casa não existe, ele pode inchar e encher seu jardim com seixos e areia e minar sua casa. Se você der uma possibilidade tão sem-limites à natureza, para trabalhar por si mesma, a natureza pode fazer o que ela bem entende. Se você vê um rebanho de gado ou de porcos e diz que são não-existent, eles imediatamente estão em todo o lugar, as vacas comerão o jardim de rosas e os porcos subirão em sua cama e dormirão lá! Deste modo o não-existente engorda. O *Die Fledermäuse* de Meyrink^[108] (sob certo aspecto muito ruim) descreve muito vividamente um mundo no qual vivem alguns espécimes muito pobres de pessoas, pálidas, tristes, doentias, ficando cada vez piores; e então é feita a descoberta de que à medida em que elas declinam certos corpos no cemitério estão engordando proporcionalmente. A coisa que você enterrou engorda enquanto você emagrece. Se você se livra de qualidades que você não gosta negando-as, torna-se mais e mais desavisado do que você é; você se declara mais e mais não-existente, e seus demônios vão engordar mais e mais.

141 Como a sombra é uma entidade definida, assim a alma é, uma entidade definida, e assim a criança é, uma entidade definida, e perigosa sobretudo, porque é uma criança imaginária. Ela é perigosa porque pode refletir no próprio paciente. Isto é novamente empírico, uma mera hipótese de trabalho, mas somos forçados a fazê-la. O ponto principal é que ela tem mais ou menos dois anos de idade, e está pálida e doente, e é um produto da união da sombra e da alma - ambos estão juntos de algum modo. É muito misterioso, muito difícil explicar, afinal. Nós sabemos que o produto tem dois anos de idade e que o paciente começou seus estudos ocultos, que o levaram à análise, dois anos antes; este é o fato significativo. Se um tempo tão definido é declarado em um sonho, é um palpite de que é necessário prestar atenção ao elemento de tempo na história do caso. Sonhar com uma criança de sete anos significa que sete anos antes algo começou.

142 Outra paciente minha sonhou que tinha uma criança com apenas cinco anos de idade que deu a ela terríveis problemas e podia ter um mau efeito em sua mente. Eu perguntei: "No mesmo mês, há cinco anos atrás, o que aconteceu?" A mulher não conseguia pensar de início e então ela ficou muito embaraçada; ela havia se apaixonado por um homem e tinha declarado seu sentimento como não-existente. Ela tinha tido uma vida infernal em seu casamento com outro homem, e agora era assombrada [como por um demônio] de medo de enlouquecer. Mulheres que mantiveram um tal fato em segredo realmente ficaram loucas! Porque ela era de uma família simples, e ele era de uma mais aristocrática, ela sentiu que seu amor era sem esperanças, nunca assumindo que ele podia amá-la; assim, ela casou com outro homem e tiveram duas crianças. Então, três anos atrás, ele conheceu um amigo do primeiro homem que contou a ela que ele a amava e que portanto nunca se casaria. "Seu casamento o apunhalou no coração". Pouco depois disso, enquanto dava banho em sua criança mais velha, uma garotinha de três ou quatro anos, com os olhos de seu primeiro amante - ela gostava de pensar nela como a criança de seu amante - ela percebeu a garotinha bebendo água da banheira, água não-filtrada, muito infecciosa. Ela percebeu que isto ia acontecer, e até deixou seu menino beber da mesma água. Ambas as crianças ficaram doentes com febre tifóide, e a criança mais velha morreu. A mulher entrou em profunda depressão, algo como *dementia praecox*, e foi enviada a um asilo de lunáticos onde eu a tratei. Logo descobri a história toda e senti que a única esperança para ela era contar-lhe a brutal verdade: "É claro que você matou sua criança de modo a matar seu casamento". Lógico que ela não sabia o que estava fazendo; porque ela negou seu amor anterior, declarou-o não-existente, ela alimentou seus demônios e eles sugeriram matar a filha de seu marido. Neste caso a coisa terrível em seu sonho nascera do espectro de três anos antes, no momento em que ela ouviu que seu primeiro amante estivera profundamente desgostoso porque ela havia casado com outro homem. Ela havia "alimentado seus demônios", o animus, e eles haviam matado sua criança. A mulher se recuperou [\[109\]](#).

143 *Questão*: Você pensa que há realmente uma conexão entre o casamento da sombra e da alma e o fato de que o paciente foi levado a estudos ocultos?

144 *Dr. Jung*: Eu assumo que a ciência oculta que ele estava tentando estudar representaria simbolicamente o lado escuro e desconhecido das

coisas; desde que o interesse nasceu da união da sombra e da alma, seria naturalmente expresso por algo oculto. A união da sombra e da alma tem o caráter de algo excedentemente misterioso. O fato de isto eventualmente ter levado nosso paciente aos estudos do oculto é uma dica importante para o tipo da experiência. Parece algo estranho e admirável como um evento que só poderia ter lugar em um mundo imaginário não-existente; não se pode expressá-lo apropriadamente, é muito ímpar, muito inaudito, só se obtém uma repercussão disso. Eu perguntei ao homem o que o havia levado a tais estudos e ele não pôde me dizer; ele apenas sentiu que o mundo tinha outro lado. Ele tivera de tudo que o sucesso exterior poderia lhe dar, mas tinha a idéia de que isto não era tudo; assim, ele voltou-se para o oculto, começou a estudar sobre a Atlântida, etc., de modo a descobrir onde "aquela coisa" estava escondida. O que quer que aquela união entre a sombra e a alma possa ser, tem esse efeito.

145 Já o inconsciente diz que é uma ocupação de tipo insano, e portanto a criança está doente. Esta é uma importante peça de informação para ele e para mim. Sob outro aspecto eu não poderia ter o direito de ser crítico. Nem eu nem ninguém mais poderia assumir que seus estudos ocultos eram necessariamente mórbidos; o sonho nos dá a dica de que isso é patológico, que estes estudos estão errados. Ele então é convidado para ir ao teatro e para jantar, mas a Senhora Anima não está lá, ela está longe, preocupada com a criança doente. A sombra convida o sonhador ao teatro, de modo que ele possa ver tudo que a sombra vê, o cenário do inconsciente. Qual é o propósito secreto do cunhado? A que ele está se dirigindo? Ele está tentando chegar em algum tipo de comunhão; seguindo com a sombra o sonhador vai com a parte de si que ele declarou não-existente. Quando eu digo que estou indo jantar com alguém eu dou realidade àquela pessoa. O fato de que ele vai jantar com a sombra significa que ele aceita a existência da sombra como aceita seu cunhado; ele admite a realidade de seu lado sombrio - que ele está terrivelmente aborrecido, que ele tem fantasias, etc. Ele irá e verá estas imagens, e assimilando-as o objetivo último do sonho, de que a criança seja curada, será atingido. A criança está doente porque ele começou seus estudos pelo caminho errado, ele devia começar pela sombra. Bastante recentemente um teósofo representativo contou-me que pensara que deviam introduzir a análise em sua teosofia. Começaram a perceber que, a menos que comecem pela ponta correta, com a sombra, seus objetivos ocultos são mórbidos. O correto início é por dentro. Aprender do

próprio lado negro, e então pode-se atacar a questão da teosofia. Teosofia significa "sabedoria de Deus". Podemos ter algo assim? Céus, não! Seja sábio sobre si mesmo, então você saberá alguma coisa.

146 Na próxima semana eu gostaria que vocês me dessem suas próprias interpretações do sonho, sejam suas interpretações individuais, ou formem grupos e discutam, com um membro como o orador. O professor não tem que fazer todo o trabalho!

CONFERÊNCIA V: 5 DE DEZEMBRO DE 1928

147 *Dr. Jung*: Hoje eu quero ouvir suas interpretações sobre o sonho.

148 *Dra. Deady (Primeira interpretação)*: O problema do sonho é um problema de anima. Ele foi ao oculto sob influência de sua irmã, não como um homem o faria mas em uma disposição que sempre significa anima. Sua irmã era sua anima, assim não foi um trabalho consciente, intelectual.

149 *Dr. Jung*: Não se pode dizer isto deste homem. Ele é muito amplamente letrado, e tem uma mente muito meticulosa; ele o fez de um modo muito consciente. É preciso ser cuidadoso ao falar da anima como promotora de um interesse. Disposições são apenas um sintoma da anima - há outros sintomas mais conspícuos. A anima pode conferir algumas idéias muito estranhas; ela pode, por exemplo, conferir aquela peculiar qualidade que faz com que um homem leve sua vida como um tipo de aventura ou missão, fazendo da tarefa o objetivo de sua vida inteira. Napoleão é um exemplo, seu sonho era de ser como Alexandre o Grande; sua vida tornou-se uma missão, uma aventura romântica; isto mostra a influência da anima.

150 Nosso sonhador suíço é meticulosamente romântico, ele foi aos estudos ocultos como se fossem uma missão, organizada como aventuras de cavaleiros buscadores, e isso é trabalho da anima. A anima não se ocupa somente com *nonsense*, ela também é a *femme inspiratrice*: ela dá a um homem idéias muito grandiosas e impulsos generosos, ela pode fazer da vida de um homem algo grande e nobre, não meramente um pacote de disposições. É verdade que quando a anima está por trás de um homem há também alguma armadilha, como se o incentivo fosse de algum modo errado, ou como se o fizesse com apenas a metade de seu cérebro, como se não fosse o homem inteiro, sua personalidade completa. Este homem é um comerciante, e quando ele vai ao oculto ele está vivendo somente a metade de si, não a soma total de sua personalidade. Ele é como uma pessoa com um hobby. Seus sonhos posteriores constelaram o fato de que ele é um comerciante e que ele tem uma mente prática: ele estaria sonhando com situações muito mitológicas e então nelas apareceria o comerciante prático. Uma vez ele sonhou que estava na presença de uma peculiar deidade maligna, uma bola amarela, e ele fazia alguma magia com ela, de tal modo que se poderia esperar algo tremendo; mas ao ilustrar isto, o que deveria ter sido um deus amarelo apareceu como uma peça de dinheiro, uma moeda de

ouro. Ele quis queimar aquela bola amarela mas alguém cortou a onda. Ele então ficou irritado, quis matar pessoas, e a única arma que ele pode encontrar foi uma ferradura - nada suficiente para matar seus inimigos, e ele se apavorou e correu, como um garoto, escorregando pelo corrimão para escapar, pensando que ele não tinha condições de encarar o problema. Foi como se ele próprio tivesse cortado a onda, de modo que o deus amarelo não podia ser queimado. O sonho mostrou o quão perto os pares de opostos se haviam aproximado, foi uma luta corpo-a-corpo. Mas então ele ainda estava muito distante do problema de o que o deus amarelo significa e o que os estudos ocultos significam. Ele era primariamente um homem de negócios e então ele mudara para os estudos ocultos. Isto é o que a anima pode fazer sozinha, quando ela trabalha sem a ajuda do homem; ela pode mudá-lo para uma esfera inteiramente diferente na qual ele esquece sua vida comum. Mas ela continua à parte, como em *She*.

151 *Dra. Deady*: Portanto aquele estudo, o nascimento de um novo interesse, é o estudo de uma criança; assim a criança é seu interesse no oculto. Mas seu interesse no oculto é um interesse da anima, não um interesse do logos masculino; conseqüentemente a criança está doente. É sua sombra e sua anima que têm este interesse, e ambos estão em seu inconsciente, de modo que ele é levado a algo sobre o qual ele não tem controle. Ele tem que conhecer seu inconsciente, relacionar-se com sua sombra, se ele vai à teosofia, etc., conscientemente. O sonho representa a situação e é dinâmico: ele vai ao teatro e janta, isto é, ele avança rumo a uma nova atitude, rumo à consciência.

152 *Dr. Jung*: Você poderia mencionar que seu cunhado, sua sombra, convidou-o a ir ao teatro, ele não pensa nisso por si mesmo. A mensagem veio de seu inconsciente, como se uma voz baixa tivesse dito: "Vá ao teatro". Assim a voz disse a Sócrates, "Faça mais música". E outra vez, "Pegue a rua à esquerda", e ouvindo a voz de seu dáimon, Sócrates evitou uma grande horda de porcos que corria descendo pela rua em que ele estivera. Eu fui consultado recentemente por uma mulher que ouvia uma tal voz; ela é apenas suavemente maluca, algo de familiar. Ela tinha uma voz que falava vindo de baixo, em seu abdômen, e dava excelente conselho; ela veio para ser curada daquela voz, mas queria mantê-la. Era a voz da sombra, é claro. Por exemplo, ela estava acostumada a escrever notas individuais para todo o povo dela no Natal, mas então sua voz sugeriu que ela devia mandar a mesma nota para todos. Desde que nosso homem não é

louco, ele ouve a voz no sono, não em vigília. A voz é peculiarmente banal e também grandiosa. Pode-se cometer um engano, como Sócrates fez quando ele tomou sua voz literalmente e saiu e comprou uma flauta. E aquela mulher está aturdida, ela não sabe se é a voz de Deus ou do demônio. Pode-se ficar receoso e mesmo assim isto não devia ser tomado com seriedade em sua totalidade. Uma mulher negra que era meio louca uma vez me disse: "Sim, o Senhor está trabalhando em mim como um relógio, sério e divertido". Isto é exatamente o que os sonhos são - sérios e divertidos. Assim é importante para nosso paciente perceber de onde vem a mensagem, que ela vem do inconsciente. Pois seu consciente pensa que ele já jantou, já fez alguns estudos ocultos. Mas você não pegou o ponto principal do sonho.

153 *Srta. Taylor (Segunda interpretação)*: A mensagem do sonho é conversão, uma mudança de atitude. Quando o velho modo de vida começa a perder interesse, qualquer tempo entre os quarenta e os setenta, o momento chegou para uma mudança, não de condições externas mas algo dentro: por uma união entre o ego e a sombra, pela observação e assimilação das imagens do inconsciente para obter o mana armazenado neles, de modo a criar novamente: "seu cunhado pede a ele para ir ao teatro com ele e jantar posteriormente".

154 O problema do sonhador é (1) sua ultra-correção - ele desistiu do estudo do oculto não por perda de interesse mas porque havia "algum opróbrio" [\[110\]](#) em torno daquele estudo; (2) conseqüente aborrecimento - persianas cinzentas, etc.; e (3) seu sentimento inconsciente primitivo - ele pede a uma criança doente para pronunciar corretamente e ele boceja ao dizer o nome de sua esposa. Ele está aborrecido com sua esposa mas sua correção o impede de percebê-lo até que seu sonho lhe conta, e sugere que a culpa reside nele mesmo - "protesto das pessoas".

155 "Garota com dois anos de idade": dois anos antes na morte do garoto de sua irmã seu sentimento foi constelado e uma menina nasceu, o princípio Eros nele mesmo. Ele começou a questionar: ele teve uma vida ativa, com sucesso, e mesmo assim estava entediado, e um novo interesse despertou nele, um interesse no outro mundo. Também, dois anos antes, sua irmã, na qual ele havia projetado sua anima, foi embora. Como ele não tinha relação real com uma mulher de verdade, sua libido voltou-se para sua anima, que o levou aos estudos ocultos - ele "não sabia exatamente por quê" estudara o oculto. Assim a criança era a expressão criativa de seu próprio inconsciente,

e "estava doente" porque foi alimentada de estudos ocultos; a libido saía da criança para alimentar sua alma. O alimento para a criança seria a expansão livre e o estudo de suas imagens inconscientes, não ocultismo, desde que é a criança de sua alma e portanto é com ela, não sem ela.

156 "Meu cunhado me pede para ir ao teatro e para jantar". Seu lado irracional sugeriu que ele poderia observar seus sonhos, as imagens de seu inconsciente, e então assimilar estas partes inconscientes dele. "Sozinho": sem a mulher, isto é, sem emoção. "Eu penso que já comi, mas mesmo assim posso ir com ele": ele pensa que sabe tudo sobre si mesmo, porém ele verá o que a análise tem a dizer; esta é alguma resistência à análise. "Grande sala, mesa de jantar, assentos invertidos, etc.": uma concepção intuitiva da análise como um precursor de um novo tipo de coletividade; primeiro confissão, um alívio de segredos que tornam impossível uma comunhão real para todos; ele está separado de sua esposa, amigos, etc. O jogador, a bola e o muro, isto é, o ego, o self e o analista. E então a refeição, a comunhão real. "Eu pergunto por que sua esposa não veio, e penso que é porque a criança está doente": como se ele percebesse que não poderia haver sentimento ou a comunhão correta quando seu interesse estava alimentado pelos estudos ocultos. "Criança está melhor, somente um pouco de febre agora": ele desistiu dos estudos ocultos, a análise está na linha certa. "Na casa de seu cunhado": A cena muda para seu problema pessoal, que repousa em sua própria psicologia.

157 Não há elemento de lenda, de fantasia, nisto. Na realidade a irmã é a alma do homem somente em seu sonho, não na atualidade. Ele não teve uma projeção positiva de alma para uma mulher vivente, ele tem somente disposições. Até este tempo sua alma tem sido quase totalmente negativa. Mas nós precisamos ter o fim do sonho.

158 Sra. Fierz (*terceira interpretação*): O poema e canção do pequeno sobrinho, "Tia Maria é um estimado garoto", e a velha Tia Maria à qual o homem conferiu uma associação parecem importantes. Sua esposa é para ele algo como uma tia distante, e a velha tia parece chata, como sua esposa. A canção pode mostrar a ele que ele poderia realmente *fazer algo* com sua própria esposa; é a isto que as crianças freqüentemente se referem quando chamam uma pessoa de estimada. Não há tanto sentimento quanto a expressão de um desejo de brincar com, fazer algo com, a pessoa que é "estimada". Talvez este homem poderia, com sua esposa, fazer algo por suas crianças, ajudá-las em sua educação, etc. Ele admite que não se

importa tanto assim com os garotos, gosta mais das meninas; aqui está algo sobre o qual trabalhar. Ele diz a si mesmo somente que ele corrige a linguagem das crianças, uma parte estúpida de sua educação. Assim talvez o sonho significa que ele poderia mostrar uma mudança de atitude com relação a sua esposa e suas crianças; pois sua atitude em relação às crianças é evidentemente como sua atitude com respeito à sua esposa.

159 *Dr. Jung*: Naquela família Tia Maria significa a velha tia. Ela é chata e refere à sua esposa, porquanto sua esposa é declarada como um "estimado garoto".

160 *Sra. Fierz*: A criança que escreveu aquela canção é um garoto, e ele faz de sua tia sua companhia. As camaradagens infantis são ativas.

161 *Dr. Jung*: Ele pensa nela como estando em seu próprio nível? - está certo. Um dos sintomas da criança doente é que ela não quer pronunciar o nome Maria, e isto está associado com o outro fato de que todas as crianças da família fazem isso^[111]. Sua esposa tem uma atração por crianças, ela é como as crianças, ela é companheira de jogos de todas as crianças na família, um fato que é excessivamente importante para seu próprio problema, pois significa que sua esposa não é uma boa companheira de jogos para um homem. O tipo de mulher *anima* pode sempre jogar com um homem e portanto é importante para seu desenvolvimento mental e espiritual. Sua associação explica que sua esposa é uma boa companheira de jogos para crianças e implica que ela *não* é uma boa companheira para ele. A criança não pronunciará o nome porque ela não gosta da esposa; aquela pequena menina nele, estudos ocultos, o afasta de sua esposa para o segredo. E ele não quer segredos, ou que qualquer parte dele não goste do nome de sua esposa, assim ele tenta ensinar a criança a pronunciar o nome, e não pode fazer isso sem bocejar ele próprio. Isto o denuncia, ele já não pode negar que está aborrecido. Os homens podem ir às *cocottes* e mesmo assim insistir que permanecem corretos; e as mulheres podem voar com os demônios e mesmo assim se dizerem leais esposas. Nós precisamos assentar o fato de que o muito é muito sério e muito divertido. O sonho força este fato sobre o sonhador de uma maneira muito óbvia. Ele me contou com franqueza que ele odeia a idéia de que ele não é o marido correto, é repugnante para ele a obrigação de reconhecer este fato. Um homem usualmente trata as crianças como trata as mulheres e como trata seu próprio *self* sentimental.

162 O drama é suficientemente desconcertante por conta de não ter um pensamento principal. Ele contém dois conjuntos inteiramente diferentes de coisas - por um lado, material excessivamente pessoal e, por outro, material muito impessoal. O começo e o fim do sonho são muito pessoais; e vocês ouviram como este material no meio veio à tona e o que tem a haver com o sonho.

163 [Aqui começou uma discussão a respeito do relacionamento de homem e esposa, se é individual ou coletivo].

164 *Pergunta*: Qualquer relação que um homem tem com sua esposa é coletiva?

165 *Dr. Jung*: Um homem pode achar seu relacionamento com sua esposa algo nada mais do que coletivo, e isso não dá. Ele deveria ter uma relação individual; se isso está faltando, não há ajustamento individual. Ele é apenas o marido perfeitamente respeitável comum, e sua esposa é a mulher com a qual ele se encontra na instituição do casamento, e ele tenta preencher seu dever como marido do modo como tenta ser um bom diretor em uma companhia. Mas sua esposa é uma mulher em particular com a qual ele deveria ter um relacionamento particular.

166 Para compreender o casamento, nós precisamos pensar nele como uma instituição e precisamos voltar historicamente para saber o que significa. Desde tempos imemoriais, o casamento foi arranjado como um sistema de combinações, e haviam poucas combinações amorosas; era principalmente uma permuta, mulheres compradas e vendidas; e nas famílias reais, ainda é quase uma espécie de negociação de gado, e tem muito do mesmo caráter em famílias muito ricas. Isto é muito certamente verdadeiro entre camponeses por razões econômicas poderosas. Assim é freqüentemente "o bacon com a lingüiça", como dizemos, duas coisas gordas juntas. Casamento é uma instituição coletiva, e o relacionamento no casamento é um relacionamento coletivo. Então, quando os tempos se tornam mais sofisticados e há uma certa cultura, o individual fica mimado; tem-se mais desejos e clamores, psicologiza-se e se quer compreender, e então se descobre que não se está realmente ajustado e não tem realmente um relacionamento. Depois de uma grande catástrofe, busca-se uma sala à prova d'água onde se pode estar a salvo, qualquer sala servirá desde que o teto não tenha vazamentos; mas não se tem relacionamento com esta sala, é apenas qualquer buraco coberto e relativamente seguro. Assim, em tempos anteriores e sob condições mais bárbaras, e entre tribos de primitivos,

qualquer mulher serviria mais ou menos. Isto explica o incesto entre os camponeses. Há casos extraordinários na Suíça. Eis aqui um caso do qual acabo de ouvir falar: um rapaz camponês quis casar; ele e sua mãe tinham um bom lugar, de modo que a mãe disse: "Por que casar? Isso só criará mais bocas para alimentar; eu teria que ir, e você teria que me suportar; se você quer uma mulher, tome a mim". Este é o camponês, e isto foi por razões econômicas. Foi dito pelas côrtes em certos distritos que o incesto por razões econômicas é tão freqüente que não se pode atender todos os casos, eles não se preocupam com isso. Em toda parte se descobre estas coisas. Em algumas das ilhas britânicas, nas Hébridas, etc., a condição das pessoas é excessivamente coletiva, apenas instintiva, não de todo psicológica. Assim a condição geral do casamento tem sido sempre excessivamente coletiva; o elemento pessoal é a aquisição de uma era cultural; e só muito recentemente o casamento se tornou um problema que se pode discutir sem ser acusado de imoralidade. Moralidade é a única coisa que não se pode exceder, como dizemos. É aquilo que não pode!

167 Nós temos um grande problema hoje porque nossa relação marital coletiva não é aquilo que as pessoas esperam dela - um relacionamento individual, e é excessivamente difícil criar um no casamento. O casamento em si constitui uma resistência. Isto é simplesmente uma verdade. Pois a coisa mais forte no homem é a *participação mística*, apenas "você e seu cachorro no escuro"; isto é mais forte do que a necessidade de individualidade. Vocês vivem com um objeto e depois de um tanto vocês assimilam um ao outro e ficam parecidos. Tudo que vive junto é influenciado mutuamente, há uma *participação mística*; o mana de um assimila o mana de outro. Esta identidade, este estado de união, é um grande obstáculo ao relacionamento individual. Se é idêntico, nenhum relacionamento é possível, o relacionamento só é possível quando há separação. Desde que a *participation mystique* é a condição usual no casamento, especialmente quando as pessoas se casam jovens, uma relação individual é impossível. Talvez os dois escondam seus segredos um do outro; se admitirem-se, podem se habilitar a estabelecer um relacionamento. Ou talvez não tenham segredos para partilhar; então não há nada para proteger alguém contra a participação mística, afunda-se ao buraco mais fundo da identidade e depois de um tempo se descobre que nada aconteceu além disso.

168 Agora, neste estado de coisas nosso paciente obviamente percebe que algo está errado, que ele está insatisfeito. Sua relação sexual com sua esposa não funciona: ela o mantém tão distante quanto possível, e aos quarenta e sete fazer sempre trabalho para cima é algo terrivelmente desinteressante, e ele está mais ou menos descartado da coisa toda. Portanto é uma situação desprazerosa. Sua tentativa com os estudos ocultos é parecida com a idéia de sublimação de Freud - um intercurso com os anjos. A Teosofia provê alguém com todos os tipos de coisas dessa espécie! Se eu pudesse ouvir as vibrações da Atlântida, escutar o antigo Egito, e tudo aquilo, eu esqueceria tudo sobre minha esposa e tudo sobre meus prezados pacientes também! A Teosofia é um tremendo chamariz para um tal homem, e sublimação é uma boa palavra, soa como qualquer coisa; mas, peculiarmente suficiente, na realidade a sexualidade não pode ser inteiramente sublimada. Repentinamente, um dia, em Paris talvez, o homem comete um erro, a sublimação não funcionou naquele dia. Uma vez por quinzena talvez não funcione, mas a teoria é muito boa! Para fora dessa onda de insatisfação veio o sonho. A sombra aparece e diz: "Agora venha, deixemo-nos olhar os verdadeiros quadros do inconsciente, as figuras reais, imparciais, das coisas como são; e deixemo-nos comê-las e assimilá-las depois sem as mulheres - sem emoção, objetivamente, impessoalmente, apenas olhando as coisas como elas são".

169 Já que o teatro é um lugar público ele significa: você é como os outros, você está no mesmo barco, fazendo aquilo que todo mundo devia fazer ou tem feito. Ele associa os assentos do anfiteatro com uma sala onde o jogo da pelota foi jogado, porém a arrumação da sala não tem nada a ver com pelota, é algo mais como uma mesa de convidados em um hotel; mas os assentos estão voltados para a parede, de modo que eles não podem sentar-se à mesa. Aqui, vocês lembram, nós entramos em um emaranhado de associações históricas. É óbvio que estamos entrando em algo coletivo aqui; o sonho, ao enfatizá-lo como estando em um lugar público, intencionalmente põe à frente a importância de seu estado coletivo. Neste ponto do problema o coletivo deve vir à tona. Em contraposição com seu sentimento intensamente pessoal sobre seu problema, o inconsciente diz que é um problema coletivo - não apenas naquela forma talvez, mas acontecendo em toda parte no mundo. Somente pessoas que não viveram pode ter quaisquer ilusões sobre este assunto; está em todo o mundo.

170 Assim como um problema é coletivo, ele tem a haver com a história daquela sociedade em particular, e deve haver um simbolismo coletivo. Nenhum problema coletivo começou logo hoje, nossas condições são meticulosamente históricas. Tome-se a questão do casamento em geral: tem tremendas conexões históricas, as leis sobre casamento têm idade considerável, e todos os nossos costumes sobre casamento e nosso sistema moral inteiro em questões de sexo são muito antigos. As pessoas dizem: "Estas idéias fora-de-moda - ao inferno com elas!" Mas se um problema é coletivo, é histórico, e não podemos explicá-lo sem explicar a história; inadvertidamente chegamos a discussões históricas. Não são apenas vocês que são tolos por estarem casados assim, todos nós estamos casados assim, de acordo com leis antigas, idéias sagradas, tabus, etc. O casamento é um sacramento com leis inquebráveis; vocês precisam criticar os costumes, não as pessoas individuais.

171 Por trás de tudo o que fazemos está uma filosofia geral; uma dessas, viva, é a religião. A cristandade é nossa filosofia. Já era florescente na época de Augusto e está por trás de inumeráveis tabus, leis, etc. Assim vocês vêem que não podemos evitar o retorno à história - ele não está fora do caminho. Nós precisamos reconhecer que o sonhador em suas associações literais não trouxe isto à tona; somente depois ele se tornou consciente da necessidade disso. Naturalmente, nada vemos de histórico naquilo que fazemos quando estamos inconscientes. Nossa linguagem está cheia das coisas mais extraordinárias das quais não estamos conscientes, nós as usamos sem parar para considerá-las. Por exemplo, quando vocês dizem, "eu estou sob o tratamento do Dr. Assim-e-Assim", vocês estão usando a palavra latina *trahere*, puxar; o doutor está puxando vocês através do buraco do renascimento, e quando ele lhes traz inteiros eãos, vocês dizem: "O doutor me trouxe de volta". Houve uma clínica pré-histórica na Cornualha, a *Menanthole*^[112], uma enorme laje de pedra com um buraco através do qual os pais puxavam suas crianças, e supunha-se serem curadas pessoas doentes daquele modo. Eu mesmo passei pelo buraco. E na Alemanha, no século dezenove, eles tinham o costume de fazer um buraco na parede atrás da cama do homem doente e puxá-lo através e para fora, para o jardim, para renascimento.

172 Agora o sonhador fala de uma sala onde muitas pessoas estão juntas; nem todos por ele, mas juntos, como que jogando um jogo ou jantando juntos, onde todos sentam à mesma mesa olhando uns aos outros e fazendo

a mesma coisa. Assim nós estamos unidos com ele como em um teatro ou restaurante, estamos todos olhando para os mesmos quadros juntos. A sombra o admoesta a vir e fazer algo com muitas outras pessoas, de modo a sentir a comunidade naquele problema particular dele. Vocês perceberão o que isso significa para um homem que pensa que ele é o único que sofre de sua aflição particular e sente-se responsável por ele. Quando ele ouve que é um problema geral, ele é confortado, de uma só vez isto o põe de volta no regaço da humanidade; ele sabe que muitas pessoas estão tendo a mesma experiência, e ele pode falar a elas e não está isolado. Antes, ele não ousava falar a respeito disso; agora ele sabe que todos compreendem. A prescrição particular no Novo Testamento - "confessem suas faltas uns aos outros" - e "suportem os fardos uns dos outros"^[113] - mostra a mesma psicologia que nós encontramos aqui no sonho. Nós devíamos ter comunhão e companheirismo no problema que é nosso fardo particular, esta é a admoestação do sonho.

173 Antes de mais nada havia a associação do *jeu de paume* e da *pelota basque*. Elas não eram exatamente a mesma coisa. O *jeu de paume* era jogado na Idade Média, não com uma raquete, mas com a palma da mão; e a mesma idéia estava no *pelota basque*, mas a bola era jogada contra o muro; então uma terceira versão foi o *jeu de paume* como era jogada na igreja, com os clérigos atirando a bola uns para os outros. Eu não sei que tipo de figuras eles faziam, mas estavam todos jogando o mesmo jogo. E nós o jogamos também, o jogo de *bola* tornou-se quase uma figura de linguagem para nós; freqüentemente usamos os símiles "atirar a bola", "jogar o jogo", "peguei", etc. Isso simplesmente significa o jogo em conjunto; nós todos jogamos juntos e desde que reagimos, estamos todos nisso, responsáveis e vivos - essa é a idéia.

174 Há então uma versão particular aqui, uma mera associação, então nós precisamos não imprimi-la muito arduamente; no caso da *pelota* jogada contra o jogo onde a bola é pega não por outras pessoas mas por si mesmo, pode haver um elemento de auto-isolamento ou auto-erotismo. Ao jogar a bola assim, não com um parceiro mas contra a parede, há uma conotação particular. Mas nós precisamos não forçar o ponto; precisamos manipular os sonhos com nuances, como um trabalho de arte, não lógica ou racionalmente, como alguém pode fazer uma declaração, mas com uma pequena restrição em algum lugar. É a arte criativa da natureza que faz o sonho, assim precisamos estar prontos para ela quando tentamos interpretá-

los. Que aqui há um nuance que pode apontar para um jogo auto-erótico, jogado solitariamente, não em conjunto, poderia facilmente vir do fato de que o homem o jogará sozinho primeiro. Algumas pessoas "falam para as paredes" e não para seus companheiros: tais faladores são mais ou menos auto-eróticos, eles falam para si mesmos mesmo quando estão em comunidade.

175 Se o sonhador segue a intimação da sombra, ele verá o seu problema como coletivo, que deve ser trazido para uma conexão geral com o espírito de seu próprio tempo, e não escondido à parte, assumindo que é o erro de um indivíduo em particular e que as famílias felizes normais não são assim. Seu problema não devia ser discutido apenas nos agradáveis termos do preconceito geral, assumindo que o mundo é todo amáveis famílias em amáveis casinhas, com chás das cinco, carrinhos de criança e pequenos e doces bebês! Há as mais terríveis coisas debaixo de tudo isso, e eu tenho que me preocupar com isso. As pessoas jogam na galeria como se enfim nada fosse problema! Toda aquela parte do sonho prepara ele para o fato de que ele está entrando em um problema coletivo e a solução será algo igualmente impessoal: algo como uma comunhão, uma iniciação, um mistério desempenhado na igreja, um tipo de jogo ritual como o simbolismo central do culto de Mitra. Vocês lembrarão que quando nós falamos daquele culto o inconsciente começou a reagir em todo o lugar, e nós tivemos uma safra de sonhos de touros, o que prova que a coisa está praticamente ativa mesmo aqui e é um problema geral para as pessoas bem aqui.

176 Agora, depois desta declaração geral, que prepara ele para uma atitude inteiramente diferente a seu problema particular, o sonho volta novamente ao aspecto pessoal das coisas, a condição patológica da criança. Sua condição é mórbida porque os estudos ocultos levam a lugar algum; eles são apenas uma tentativa de sublimação, uma sublimação que nunca responde ao problema real, urgente, dos tempos. O que pode ser feito agora com a criança? É muito bom dizer que este é um problema coletivo, *a ele falta cultivar seu jardim* [\[114\]](#), voltar a seu próprio problema, sua própria criança, venha e admita que você está aborrecido com sua estimada esposa em casa. Psicologicamente isto significa que ele precisa *reconhecer sua sombra*, o homem inferior que não vive em condições racionais, uma espécie de primitivo mais consciente das necessidades da natureza, que o força a admitir seu aborrecimento. Ele então ganharia um conhecimento de sua sombra, ele poderia admitir seu ser natural e trocar um aperto de mãos com

ele, e não mais negar a verdade sobre sua própria psicologia. Desde que ele não pode escapar à sua sombra, ele se tornará consciente do lado menos elegante de si mesmo. Então a sombra será desconectada de sua anima, porque à medida em que ele se torna consciente de sua sombra, ela é libertada de seu inconsciente. Então, entre a sombra e a anima uma relação real pode ter lugar, com o resultado de que a criança será normal.

177 E quando a sombra e a anima tiverem um relacionamento próprio, há uma chance de que sua relação com sua esposa se torne melhor, que ele possa ter uma relação individual com ela. Pois ele só pode estabelecer um relacionamento real quando estiver consciente de sua sombra. Nós nos permitimos as mais espantosas ilusões a respeito de nós mesmos e pensamos que as outras pessoas nos levam a sério. É como se eu devesse ter a ilusão de que tenho apenas cinco pés de altura - só louco! Isto não é mais absurdo do que as pessoas que querem fazer-nos acreditar que são muito morais e respeitáveis. Não é verdade, e como pode você estabelecer uma relação real a menos que as pessoas sejam reais, como realmente são? Nós sabemos que as pessoas, em vez de serem respeitáveis ou morais, são apenas desesperadamente cegas. Como podem vocês estabelecer um relacionamento individual com uma tal criatura? Fica-se mareado, é nauseante. Eu preferiria muito mais ter um relacionamento individual com um cachorro, que não assume que é um cachorro respeitável, um cachorro sagrado, um cachorro de tabu, ou qualquer outro tipo de cachorro - nada além de um cachorro! Há pessoas que têm a ilusão de que são melhores do que outros homens, assumem que são diferentes, como se tivessem outro tipo de sangue. Isto é tudo ilusão; portanto nenhuma relação individual é possível com estas pessoas.

178 Primeiro que tudo, nosso homem precisa desistir de suas ilusões, admitir que ele não é respeitável e que está aborrecido; e ele precisa *contar a sua esposa* que está aborrecido até a morte e ao mesmo tempo que "às vezes minha sublimação não funciona". Se ao menos ele conhecesse sua esposa isto seria mais fácil. Ela ficará ultrajada com sua infidelidade mas ela mesma, na noite, estará indo embora com os demônios do animus - só que ele não sabe. Se ele pedir a ela para se interessar naquilo que ele está lendo, muito provavelmente ela dirá: "Ah, eu não consigo ler esses livros difíceis", e ele pensa que ela é tão doce e boa! Se ao menos ele estivesse consciente dela como ela realmente é, ele poderia achar mais fácil falar de sua sublimação não funcionando como deveria.

179 Agora levem tudo isto à prática, isto será alguma coisa a mais!

CONFERÊNCIA VI: 12 DE DEZEMBRO DE 1928

180 *Dr. Jung*: Chegamos agora a uma parte importante da interpretação deste sonho, a saber, à sua crítica e à questão do caráter histórico das associações. Eu expus meus pontos de vista sobre este sonho bastante livremente e dei a vocês uma oportunidade de ver como alguém poderia compreendê-lo. Eu tenho fornecido a vocês muito do material pessoal do paciente e da atmosfera inteira do sonho, pelo que eu compreendo a disposição histórica que jaz sob nossa mente efetiva. Esta última é mais freqüentemente incompreendida. As pessoas dizem: "Por que trazer à tona o paralelo histórico? É irrelevante e mera fantasia". Mas o paralelo histórico não é irrelevante, é extremamente importante, particularmente porque nós, pessoas brancas, não percebemos em que extensão somos os descendentes, as crianças, de uma longa série de ancestrais. Nós gostamos de nos comportar como se fôssemos apenas recentemente criados, vindo frescos da mão de Deus, com nenhuma predisposição histórica enfim, nossa mente como uma *tabula rasa* no nascimento. Esta é uma projeção peculiar de nossas mentes, esta vontade de ser livre, não suportados por nenhum cenário de fundo: é um tipo de ilusão de nossas consciências de modo a ter o sentimento de completa liberdade, como se o passado histórico fosse nos acorrentar e não nos permitisse movimentos livres - um preconceito que novamente tem razões históricas.

181 Nossa mente atual é um resultado do trabalho de milhares ou talvez um milhão de anos. Há uma longa história em cada sentença, cada palavra que falamos tem uma tremenda história, cada metáfora é cheia de simbolismo histórico; elas não teriam alcance se isso não fosse verdade. Nossas palavras carregam a totalidade da história que esteve uma vez muito viva e ainda existe sobre uma fibra histórica, como foi, em nossos semelhantes; e portanto cada palavra que falamos faz soar aquele acorde em qualquer outro ser vivo sempre que falamos a mesma linguagem. Certos sons são considerados em toda a terra: sons de medo e terror, por exemplo, são internacionais. Os animais compreendem articulações de medo de espécies inteiramente diferentes porque têm a mesma fibra subjacente.

182 Portanto possivelmente não podemos entender um sonho se não compreendemos a atmosfera, a história das imagens subjacentes. Há problemas pessoais nos sonhos que se pode achar importantes somente para

aqueles casos particulares, mas se seguir profundamente à estrutura, ao simbolismo do discurso, entra-se em camadas históricas e se descobre que aquilo que pareceu ser meramente um problema pessoal vai muito mais fundo, alcança o próprio analista e todos que o ouvem. Não se pode evitar de trazer à tona o modo pelo qual nossos ancestrais tentaram expressar o mesmo problema, e isso leva à mesma substância histórica.

183 Quando vocês estão dormindo em seu silencioso quarto próprio de dormir, sonhando seu próprio sonho particular, que conexão há entre seu sonho particular e as pirâmides? - os dois parecem incomensuráveis. Contudo vocês podem encontrar um paralelo próximo ao seu sonho em um texto egípcio contendo os mesmos símbolos. Ou vocês podem ver em um livro muito erudito escrito por E. A. Wallis Budge uma tradução de certos hieróglifos e vocês pensam: aquilo é o Egito e isto é o meu sonho e é tolice comparar os dois, nada há em comum. Mas o escriba que produziu aquele texto era um ser humano, na maioria das proporções exatamente como vocês - cabelo, dois olhos, um nariz, duas orelhas e mãos, as mesmas funções naturais, ele foi feliz, triste, amado, nasceu e morreu, e estas são as características principais. Até nossas doenças são praticamente as mesmas; umas poucas doenças estão extintas e umas poucas são novas, mas no todo não há diferenças. As principais características da vida humana permaneceram as mesmas por cinco ou seis mil anos ou mais, por um período interminavelmente longo. As tribos primitivas são movidas pelas mesmas emoções que nós somos. O horizonte de um camponês é diferente mas as principais características são as mesmas, as concepções fundamentais da vida e do mundo são as mesmas; e nosso inconsciente fala uma linguagem que é internacionalíssima. Eu analisei sonhos de negros da Somália como se eles fossem pessoas em Zurique, com a exceção de certas diferenças de linguagens e imagens. Onde os primitivos sonham com crocodilos, serpentes, búfalos e rinocerontes, nós sonhamos que somos atropelados por trens e automóveis. Ambos têm a mesma voz, realmente; nossas cidades modernas soam como uma floresta primeva. Aquilo que nós expressamos pelo banqueiro o somaliano expressa pela serpente. A linguagem de superfície é diferente, contudo os fatos subjacentes são justamente os mesmos. Esta é a razão pela qual podemos fazer paralelos históricos; não é forçado, estas coisas estão muito mais vivas do que vocês podem pensar ou assumir.

184 Há um antigo pergaminho escrito na antiga linguagem germânica que contém uma invocação a Wotan (Odin) e Baldur; é extremamente raro e precioso, amarelado com a idade, e é mantido sob vidro em um museu em Zurique. Quando se o lê, pode-se dizer: "Oh, quão distante; poderia muito bem ter vindo da Lua!". Pode-se pensar que tudo isso morreu. Mas há uma vila no cantão de Zurique onde os camponeses ainda estão vivendo pelo mesmo livro, só que agora em vez de Wotan e Baldur são Jesus Cristo e seus discípulos^[115]. Há um pouco de psicologia medieval nisso, mas ainda é a mesma velha coisa no fundo. Agora, se um garoto ou garota de uma dessas famílias vem ao analista e sonha com qualquer coisa antiga fora desse livro, e o analista relaciona as duas coisas, as pessoas diriam que foi forçado. Mas elas apenas não sabem, e não querem saber; odeiam pensar em velhas superstições como ainda válidas.

185 Peguem um grupo de cinquenta pessoas normais e perguntem a elas se são supersticiosas e elas jurarão que não são, mas não viveriam na casa número treze! Estão certas de que não têm medo de demônios, fantasmas, truques, mas batam na parede de seus estudos e elas pulam, acreditam em fantasmas. E desenvolvem idéias e fantasias que são encontradas somente na literatura antiga. Ou talvez na Babilônia, Mesopotâmia, China, Índia, alguém encontre o mesmo material. Tudo brota da mesma mente inconsciente, o estoque eterno e irracional, o pré-funcionamento do inconsciente coletivo, que se repete através dos séculos, um tipo de linguagem eterna, imperecível. Negros insanos, negros muito pretos que eu analisei nos Estados Unidos, tinham mitos gregos em seus sonhos - Íxio na roda, por exemplo^[116]. É apenas ilusão quando vocês pensam que eles estão muito distantes; o negro tem o mesmo tipo de inconsciente daquele que produziu estes símbolos na Grécia ou em qualquer outro lugar. Os cientistas gostam de pensar que estes símbolos migraram. Isto não é verdade; eles são bastante autóctones. Um velho símbolo babilônico pode ser produzido por uma servente de Zurique. Estas antigas pessoas eram exatamente as mesmas que nós somos, nem sequer anatomicamente diferentes; vocês podem ver um homem de Neanderthal nos bondes de Zurique hoje em dia. Nós precisamos voltar cinquenta ou sessenta mil anos para encontrar diferenças anatômicas reais nos seres humanos. Eu quis deixar tudo isto claro porque eu senti que alguns de vocês não

compreenderam por que eu estava falando tanto a respeito do *jeu de paume* e das touradas. Esta é a razão para os paralelos históricos.

186 *Pergunta*: Eu penso que você disse - no seminário de Zurique, em 1925 - que quando a alma tem uma criança, ela morre.

187 *Dr. Jung*: Isto é só metafórico. É como se uma personificação do inconsciente recebesse vida através de certos conteúdos, e quando a personificação é exaurida destes conteúdos então aquela personificação particular desmorona. É como dar a um fantasma seu nome correto - ele desfalece^[117].

188 *Pergunta*: No *Sonne*^[118] nós discutimos a doença da criança. Era crônica ou aguda?

189 *Dr. Jung*: O sonho fornece a resposta. Vocês lembram que a associação com a doença da criança era a de que a irmã do sonhador havia perdido uma criança que tivera disenteria. De acordo com esta associação nós podemos assumir que a criança do sonho está tão doente quanto a criança efetiva da irmã estava doente. Há sempre um paralelo; o sonhador usualmente dissimula sua idéia inconsciente em termos da vida ou experiência atual, como o cachorro sonha com ossos e o peixe sonha com peixes. Assim, quando vocês analisam um homem cuja profissão vocês não sabem, se ele sonha com carne, juntas, etc., vocês podem assumir que ele é um açougueiro, ou cirurgião, ou um professor de anatomia. Desde que a criança está estreitamente associada, nós devemos assumir que foi infectada e não necessariamente nasceu doente. A criança é uma expressão simbólica do novo interesse dele em estudos ocultos, o que não é necessariamente errado. Tudo depende da atitude. Se alguém estuda o oculto com a atitude errada, pode ficar infectado, pois todo este campo está cheio de armadilhas metafísicas através das quais alguém pode cair, desaparecer como dentro de uma masmorra, e tornar-se o astrólogo, o teósofo, ou o mago negro. Este homem estava em perigo de se tornar um teósofo. Nada é dito diretamente no sonho sobre a duração da doença, mas nós podemos concluir do paralelo que ela deve ter sido bastante curta, que os estudos ocultos não deram problema à criança por muito tempo. É provavelmente uma doença aguda que veio da indigestão. Ele me contou que sentiu-se "peculiarmente vazio" depois de um tempo e atirou longe os livros: "Eu fiquei doente deles".

190 *Pergunta*: Há algo não muito claro para mim acerca de animus e anima. Não é animus o mediador entre o mundo individual e o mundo sombrio? O

ego não obtém sua matéria-prima através do animus? Fausto não é um animus?

191 *Dr. Jung*: Se tomarmos Goethe como um ser humano, então uma parte é Fausto, e a outra parte é o demônio, a sombra típica. Fausto poderia ser a grande, heróica, idealizada personificação da aspiração consciente de Goethe, e Mefistófeles a personificação de todos os seus fracassos e defeitos, a negatividade de seu intelecto, a parte escura, a sombra. Isso não tem nada a ver com animus ou anima, contudo. Mas se você sonhar com Goethe, então ele funciona como uma figura de animus, a personificação do Dr. Goethe inconsciente em você. Você pode expressar a situação em um quadro de uma mulher em uma montanha entre dois mares, luz em um lado e escuro no outro, e para fora do escuro uma grande figura assoma, Goethe. Este é o modo que aparece para sua imaginação. Mas voltemos ao diagrama (pág. 28). O indivíduo seria o centro da personalidade. E nós representáramos Goethe pelo pequeno círculo no lado escuro inconsciente. Que está fazendo aquele homem lá embaixo naquele mundo de sombra? Ele é uma função psicológica trazendo alguma mensagem do inconsciente, ou carregando alguma intenção lá para baixo, para o inconsciente. Você pode perguntar a ele, e ele pode informar a você, ou você pode contar-lhe algo. Ele é um tipo de figura humana para ser seu mediador ou mensageiro, uma função da personalidade.

192 Na outra metade do círculo aparece outra figura. Aquela é sua máscara ou persona, como você gostaria de aparecer ao mundo ou como o mundo faz com que você apareça. A persona também lhe fornece informações. Esta manhã, antes de vir para cá, eu pus minha capa profissional, Dr. Jung, para o seminário. Nela eu apareço diante de vocês e pode ser mais ou menos satisfatório para vocês, como eu quiser: eu estou parcialmente fazendo o que vocês querem ou esperam que eu faça e parcialmente o que vocês não querem ou gostam - esta é minha escolha.

193 O inconsciente pessoal é uma camada de conteúdos que poderiam ser conscientes também; é perfeitamente supérfluo ter um inconsciente pessoal, um tipo de negligência. As pessoas não deviam estar desavisadas dos fatos naturais; não há sentido em não estar ciente de fome, problemas com o sexo, certas relações com certas pessoas, etc. Todas estas coisas deviam ser conscientes. Ninguém devia imaginar que é diferente dos outros, ou que é perfeitamente moral ou estético ou qualquer outra ilusão. Tais pessoas são incapazes de perceber o inconsciente impessoal, bastante naturalmente,

porque estão sempre no escuro e portanto nunca cientes dele até que o inconsciente pessoal desapareça, isto é, enquanto tiverem teorias erradas, expectativas, ilusões, sobre si mesmos ou sobre o mundo. Ninguém se aproxima do Reino dos Céus sem ter passado através das chamas e se queimado de ponta a ponta. O inconsciente coletivo é o desconhecido nos objetos.

194 Pessoas que não têm critério psicológico assumem que são sempre as mesmas, mas isso é quando muito um papel. O que vemos do indivíduo é a persona. Somos todos conchas aqui, só superfícies, e temos idéias muito apagadas do que está dentro. Ao fazer todas as suas pequenas tarefas, a maioria das pessoas acredita que são suas máscaras, e assim tornam-se neuróticas. Se eu fosse acreditar que sou exatamente o que estou fazendo, seria um terrível engano, eu não me encaixaria naquele camarada. Enquanto eu digo que estou apenas desempenhando um papel para este momento para contentar a vocês, eu estarei correto. Eu preciso saber que neste momento eu estou desempenhando César; então mais tarde eu fico bastante menor, um mero nada, sem importância. Assim, esta crosta pessoal é uma função pronta da qual vocês podem se retirar, ou para a qual vocês podem entrar à vontade. De manhã eu posso dizer "*Je sui roi*"^[119], e à noite "Oh, dane-se tudo, é tudo sem sentido!". Se as pessoas estão idênticas com a crosta, elas nada podem fazer além de viver sua biografia, e nada há de imortal sobre elas; elas se tornam neuróticas e o demônio chega nelas. Wagner foi o grande artista, o grande criador; ele foi pregado àquela cruz. Quando ele convidava os amigos, eles tinham que trazer as garrafas; e ele tinha que escrever cartas para uma dama em Viena acerca de roupões de seda rosa! Esta persona pode ser uma coisa muito atraente; se alguém tem a sorte de possuir uma persona atrativa, ele certamente se identificará com ela e acreditará que é ela, e então se tornará a vítima dela. Os sonhos com frequência personificam a persona como um objeto muito sem atrativo. Se eu imaginasse que sou o que pareço ser, eu teria um sonho de um espantalho miserável que simboliza minha persona. Pois nós estamos vivendo não apenas nesta figura e em nossas relações, mas também em todos os tipos de modos comuns, enquanto comemos, dormimos, nos vestimos, banhamos, etc. Wagner não era o grande compositor dia e noite; quando ocupado com suas funções naturais, ele as fazia do modo humano geral, de maneira alguma extraordinariamente; se era de outro modo, era uma perversão e inteiramente incorreta. Assim, as pessoas que estão

identificadas com sua persona são forçadas a fazer coisas espantosas por trás da tela como uma compensação, para pagar tributo aos deuses inferiores.

195 Os opostos da persona são a anima e o animus. É extremamente difícil perceber que temos um lado escuro. É claro, isto é meramente um diagrama, é todo metafórico e figurativo; é para expressar o fato de que quando vocês se volta para o mundo consciente para perfazer qualquer tipo de atividade, vocês o farão através da máscara ou persona, através do sistema de adaptação que vocês dolorosamente construíram ao longo de uma vida. E então, quando vocês saem deste mundo, vocês se retiram e pensam que estão a sós consigo mesmos, mas o Leste diz: "Você esqueceu o velho homem que está residindo em seu coração e vê todas as coisas". Então, sozinhos, vocês chegam ao ponto crítico, seu inconsciente pessoal. Extrovertidos, e todas as pessoas que são identificadas com sua persona, odeiam ficar sozinhos porque começam a perceber a si mesmos. Nossa própria sociedade é sempre a pior: quando estamos sozinhos conosco mesmos as coisas ficam muito inaceitáveis. Quando há muito inconsciente pessoal, o coletivo é sobrecarregado; as coisas das quais deveríamos estar cientes parecem comprimir-se no inconsciente coletivo e realçam suas qualidades fantásticas. Há um tipo de medo, um pânico, que é típico do inconsciente coletivo: como o medo da mata, um tipo particular de medo que se aproveita de você quando você está só no mato. É um sentimento peculiar de estar se extraviando no mato - a coisa mais terrível que você pode imaginar, as pessoas ficam doidas em um instante - ou você pode desenvolver o sintoma de sentir-se observado por todos os lados, olhos em toda parte olhando para você, olhos que você não vê. Uma vez, no mato na África, eu fiquei dando voltas em um pequeno círculo por meia hora, de modo que minhas costas não ficassem voltadas para os olhos que eu sentia que estavam me olhando - e eles estavam lá, sem dúvida, os olhos de um leopardo talvez. Quando você fica naquela solidão consigo mesmo - quando você está eternamente só - você é forçado sobre você mesmo e é confinado a tornar-se ciente de sua experiência. E quanto mais há do inconsciente pessoal, tanto mais o inconsciente coletivo força-se sobre você. Se o inconsciente pessoal é clareado, não há pressão particular, e você não ficará aterrorizado; você fica sozinho, lê, anda, fuma, e nada acontece, tudo é "apenas assim", você está correto com o mundo.

196 Mas ainda pode haver alguma atividade independente no inconsciente coletivo causada por alguma atitude incorreta no consciente. Vocês estão conscientes de seus defeitos pessoais, estéticos e morais, mas sua atitude consciente pode estar de algum modo errada. Por exemplo, você pode saber que não é bastante digno de confiança e você pensa: "Eu não devia ser indigno de confiança, eu preciso negar isso, preciso saltar para uma condição redimida: de hoje em diante eu preciso ser digno de confiança, eu nunca mais farei isso, agora estou redimido". Mas isso não funciona e no dia seguinte você está fazendo as mesmas velhas coisas. É a típica fórmula cristã: de hoje em diante eu nunca mais farei isso.

197 Um velho padre da Igreja estava terrivelmente preocupado porque certos homens santos haviam pecado mesmo depois de receber o batismo e serem redimidos. Ele concluiu que o batismo não havia sido correto, que algo deve estar errado com o ritual, e portanto as pessoas que pecam novamente precisam ser batizadas uma vez mais, moralmente esterilizadas uma segunda vez. Mas novamente haviam certos demônios que pecavam. Assim ele desistiu deles como sem esperança e decidiu que aquelas eram almas perdidas, procurando pelo inferno! Esta é a idéia cristã de pular para o reino dos céus em um grande salto. Isto *não é* verdade; esta idéia de reforma súbita está errada. Vocês não podem pular para fora de seus pecados e arremessar todas as suas cargas de lado. Pensar assim é errado.

198 O significado completo do pecado é aquilo que você carrega. Qual é a utilidade do pecado se você pode atirá-lo longe? Se você estiver rigidamente consciente de seu pecado, você precisa carregá-lo, viver com ele, ele é você mesmo. De outro modo você nega seu irmão, sua sombra, o ser imperfeito em você que segue atrás e faz tudo que você é relutante em fazer, todas as coisas que você é muito covarde ou muito decente para fazer. Ele comete o pecado, e se esse companheiro é negado, ele é empurrado para o inconsciente coletivo e causa distúrbios lá. Pois é contra a natureza, você devia estar em contato com sua sombra, você devia dizer: "Sim, você é meu irmão, eu preciso aceitá-lo". Você deve ser amável consigo mesmo, não dizer ao seu irmão: "Raca, eu não tenho nada que fazer com você!"^[120]. É um engano negar a sombra. Se você o faz, uma reação do inconsciente coletivo assomará do escuro na forma de alguma personificação. O homem pio diz a si mesmo, "não, isso não!" e empurra a sombra para longe e fica bastante satisfeito. Então subitamente figuras peculiares, fantasias sexuais, começam a surgir em sua mente vindas do abismo; quanto mais pio ele for,

tanto mais más as coisas que sobrevêm a ele. Ele é um tipo de Santo Antônio, e um homem tão pio teria visões terríveis. Talvez uma mulher venha à sua mente; esta é a alma surgindo, usualmente como uma mulher nua, terrivelmente natural. Esta é a natureza derrubando um tabu, a vingança do inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo é real, assim quando uma alma ou animus vem à tona, é real. E qualquer um pode ser o inconsciente coletivo para qualquer outro; as pessoas se comportarão como os demônios se comportariam se eles pudessem vir para fora do abismo - "*homo homini lupus*"^[121], o homem é um lobo para o homem, a idéia do lobisomem.

199 Mesmo quando vocês pensam que estão sós e podem fazer o que lhes deleita, se vocês negarem sua sombra haverá uma reação da mente que sempre é, do homem de um milhão de anos de idade dentro de vocês^[122]. Vocês nunca estão sós porque os olhos dos séculos observam vocês; vocês sentem de uma vez que estão na presença do Velho Homem, e sentem sua responsabilidade histórica para com os séculos. No instante em que vocês fazem algo que está contra o plano de longa era, vocês pecam contra as leis eternas, contra a verdade média, e isso não se encaixará. É como se vocês tivessem comido algo que não se ajusta a seus órgãos digestivos. Assim vocês não podem fazer o que lhes deleita, pensar o que lhes apraz, porque isso pode ferir aquela consciência^[123] que tem a idade de um milhão de anos; de um modo repentino ela irá reagir. Ela tem várias maneiras de reagir, e talvez vocês não sintam o impacto imediato, mas quanto mais vocês estão cientes do inconsciente, tanto mais vocês desenvolvem seu sentido intuitivo de lei permanente, tanto mais vocês sentem quando tocam a linha sobre a qual não deveriam seguir. Se vocês trespassarem, terão uma reação imediatamente ou indiretamente; se vocês fizeram a coisa errada, uma reação muito poderosa pode atingi-los através de vocês mesmos, ou vocês podem apenas tropeçar ou bater sua cabeça. Vocês pensam que é meramente acidental, sem lembrar que fizeram algo errado ou quando tiveram o pensamento errado.

200 Isto é simples, mas há um jeito bem mais complicado; uma reação pode alcançar vocês através de seus semelhantes, através de ondas nos seus arredores. A reação não está só em vocês, está em seu grupo todo. Vocês podem não reagir, mas alguém próximo de vocês ou nas suas imediatas cercanias, alguém próximo e estimado para vocês, seus filhos talvez, irão

reagir; mas eles terão feito justiça a vocês, porque vocês trespassaram. Ou circunstâncias frustrantes podem levar a cabo a revanche. Pois o inconsciente coletivo não é uma função psicológica em suas cabeças, é o lado sombrio do objeto em si mesmo. Assim como nossa personalidade consciente é uma parte do mundo visível, do mesmo modo nosso lado sombrio é um corpo no inconsciente coletivo, é o desconhecido nas coisas. Nem todas as reações chegam a vocês na forma de efeitos psicológicos, mas como as ações aparentes de outras pessoas ou circunstâncias.

201 Quão longe estas circunstâncias manter-se-ão é hipótese^[124], mas a superstição de todos os tempos tem afirmado esta hipótese - alguém cometeu um erro ou uma coisa como essa não aconteceria. Se há uma circunstância má, vocês estão perfeitamente a salvo assumindo que há um erro em algum lugar. Em uma tempestade no mar, por exemplo, alguém assume que há um homem malvado a bordo - a idéia geral culpa algum homem malvado. É como se eu dissesse, "Esta química medicinal não funcionará, mas beba esta poção, e você ficará bem", e funciona. Soa como a superstição mais fora-de-moda, procurar o malfeitor se o navio está afundando, mas é sábio assumir que se as coisas estão dando errado alguém andou passando dos limites; pois isso convém ao inconsciente e faz um curso suave para nossa psicologia e nossa digestão. Nós não podemos dizer por quê, é apenas um fato que é sábio pensar de um modo que convenha ao Velho Homem; fazer o contrário pode ser conveniente a você ou ao seu racionalismo, mas tira alguma coisa fora do mundo.

202 Há uma lenda judia, bela e indecente, sobre o Demônio Mau da Paixão^[125]. Um velho homem, sábio e muito pio, a quem Deus amava porque era muito bom, e que havia meditado muito sobre a vida, compreendeu que todos os males da humanidade vêm do demônio da paixão. Assim ele prostrou-se diante do Senhor e implorou a Ele para remover do mundo o espírito mau da paixão, e desde que ele era um tal velho homem muito pio, o Senhor concordou. E como sempre, quando realizava alguma grande façanha, o homem santo ficou muito contente, e naquela noite como de hábito ele foi ao seu belo jardim de rosas para desfrutar o perfume das rosas. O jardim parecia o que sempre fôra, mas algo estava errado, o perfume não era bem o mesmo, algo estava faltando, alguma substância estava faltando, como um pão sem sal. Ele pensou que poderia estar cansado, de modo que pegou seu copo de ouro e encheu-o

com um pouco de um vinho antigo maravilhoso que ele tinha em sua adega e que nunca antes falhara. Mas desta vez o sabor estava insosso. Então este homem sábio possuiu em seu harém uma jovem esposa muito bela, e seu último exame foi de que, quando ele a beijou, ela estava como o vinho e o perfume, insossa! Assim, ele voltou-se aos céus novamente e contou ao senhor o quão triste ele estava, e que tinha medo de ter cometido um erro ao pedir para que o espírito da paixão fosse levado embora, e implorou ao Senhor: "Será que o Senhor não podia mandar de volta o Espírito Mau da Paixão"? E como ele era um homem muito pio, Deus fez o que ele havia pedido. Então ele provou de tudo novamente, e era maravilhosamente suficiente, nada de insosso enfim - as rosas tinham um perfume maravilhoso, e vinho estava delicioso, e o beijo de sua esposa era mais suave do que jamais tinha sido!

203 Esta história deve dizer-lhes que vocês tiram algo do mundo quando vocês passam dos limites, contra as leis eternas do Velho Homem, sejam razoáveis ou não. O mundo e nossa existência são absolutamente irracionais, e vocês não podem nunca provar que ele devia ser racional. Estão perfeitamente a salvo em assumir que há certas considerações racionais, as quais nós podemos avaliar; os Alpes estão no centro da Europa e nós devemos avaliar este fato - desde que eles obstruem o tráfego, precisamos construir túneis neles. E assim nossa psicologia está sujeita a certas leis que são *irracionais*, os Alpes no centro de nosso continente psicológico, e temos que nos conformar com este fato. De outro modo o mundo do espírito mau desaparece. É sábio, é vital que estejamos convencidos de certos fatos irracionais. O critério para a verdade psicológica em geral é de que nós submetemos o que pensamos ao Homem Muito Velho; se ele concorda, estamos provavelmente na estrada correta e não muito distantes da verdade. Mas se o Velho Homem discordar, nós sabemos que estamos em uma viagem por conta própria e corremos grandes riscos. Nós podemos experimentar, não há objeção a tentar isso; se vocês preferem andar por si mesmos, então façam-no!

204 *Pergunta*: O que acontece quando a alma retorna ao inconsciente?

205 *Dr. Jung*: A alma atua como um filtro: ela fornece certos efeitos, como ela pode receber certos efeitos. Através da persona nós obtemos certos efeitos e também produzimos certos efeitos em outras pessoas, e precisamos assumir que é o mesmo com a alma. Há razões, meramente empíricas, para esta afirmação. A alma sabe muitas coisas das quais muitas pessoas estão

desavisadas. No *She* de Rider Haggard^[126] vocês vêem como a anima do inconsciente coletivo sabe todos os segredos, que ela transmite a Leo e Holly, o homem e sua sombra. Na primeira parte do livro, nós vemos como *She*^[127] pode trabalhar sobre o mundo secreto dela; na segunda parte Ísis está sempre surgindo por trás. Por ter o ouvido de Ísis como sua sacerdotisa, *She* pode ter influência sobre Ísis e também receber uma influência dela. É um fato psicológico que a anima está apta a nos influenciar em nossa psicologia - assim como nós rezamos para Maria ou pedimos a intercessão dos santos com a deidade. Os santos são figuras anímicas de grande auxílio no caminho para a deidade, auxiliares em um estado de necessidade contra distúrbios especiais ou males da humanidade. E eles têm seus distritos especiais. A anima é uma espécie de intercessor entre Ísis e o homem em *She*.

206 Vocês vêm algo similar em sua psicologia quando compreendem a anima como uma reação sentimental peculiar no interior. Suponha que você se desgosta no lado do mundo e se recupera neste esquema, você cerca e se aproxima do outro lado: então você obtém uma reação sentimental particular lá dentro, e aquilo é a anima. Um velho texto chinês diz que quando um homem acorda de manhã grave e de mau humor, aquilo é sua alma feminina, sua anima - uma disposição peculiar que tem influência nele, e em seu lado escuro, o inconsciente, também. Isto é provado pelos resultados daquela disposição. Esta manhã, digamos, eu estive lá embaixo no inconsciente coletivo, e então eu galguei 365 degraus e cheguei à soleira e entrei em minha casa, no consciente, onde eu encontrei minha máscara, Dr. Jung, toda pronta, assim como a de Madame Tussaud^[128]. Se eu encontro algo muito desagradável no inconsciente coletivo, eu amaldição e trago comigo um humor muito mau. Então eu aflijo vocês com um mau humor, e vocês me afligem, e eu fico desgostoso e volto atrás e aflijo o inconsciente coletivo com minha disposição. E vou reagir com uma série de imagens peculiares, as quais certamente vocês pegarão se permitirem à sua fantasia criativa jogar com isso. Pode se criar uma cena noturna, um selvagem, vasto e tempestuoso mar, como um poeta criaria. Estas imagens podem se tornar muito específicas e ir muito além se vocês se colocarem na cena: agora onde estou, em que condição? Vocês pode se ver em um bote sacudido pelas ondas no meio daquele mar, e então vocês pegam o impacto do inconsciente e percebem todos os outros quadros.

207 Destas fantasias vocês podem ver o que seu humor produziu no inconsciente coletivo; elas dizem a vocês muito sobre a natureza do inconsciente coletivo e como esta coisa toda funciona. Vocês podem estudar a influência de sua disposição no cenário de fundo de sua mente consciente pelos efeitos que retornam a vocês, como podem estudar a influência de sua persona no mundo exterior a partir da reação do povo. Há muitos que só aprendem sobre si mesmos a partir da reação de outros, quando alguém lhes acerta no meio dos olhos. Um homem vem a mim e reclama amargamente: "Ele disse isso e aquilo" - enquanto, na verdade, o próprio homem disse algo que trouxe à luz sua resposta, como alguém descobre ao perguntar o que ele fez para produzir este efeito. As pessoas precisam ver os efeitos para saber o que sua persona realmente é. E se vocês querem saber o que a anima é, este é o caminho: peguem os conteúdos de um humor, vejam os quadros que retornam do inconsciente. Algumas disposições são reais e necessárias. Mas se elas são incontáveis e muito fortes e irracionais (o escocês diz: "Uma sombra caiu do céu azul sobre mim"^[129]), significa que certos conteúdos inconscientes foram constelados; e se vocês forem àquela disposição com fantasia, o inconsciente coletivo produzirá uma série de quadros ou imagens peculiares que explicam o estado em que vocês estão. Algumas religiões orientais tentam organizar no ritual religioso um substituto para a coisa viva - para aquele processo no inconsciente coletivo.

SEGUNDA PARTE
INVERNO DE 1929, JANEIRO A MARÇO

CONFERÊNCIA I: 23 DE JANEIRO DE 1929

208 *Dr. Jung*: Nós vamos continuar a série de sonhos que começamos em nosso último seminário, pois vocês obterão uma melhor impressão de como os sonhos são analisados se nós seguirmos uma série de sonhos do mesmo paciente.

209 Eu percebi que há certos pré-conceitos a respeito da análise sobre os quais eu gostaria de falar antes de prosseguirmos. Uma das coisas mais importantes a considerar é a idade do indivíduo; esta deve fazer uma tremenda diferença em nossa atitude quando analisamos. Tudo que é importante na última parte da vida pode ser completamente negligenciável na primeira parte da vida. A próxima consideração deve ser quanto ao indivíduo ter ou não completado uma adaptação da vida, se ele está acima ou abaixo do nível padrão de vida e se ele completou ou não as expectativas razoáveis. Aos quarenta, alguém deve ter raízes, uma posição, família, etc., e não estar psicologicamente à deriva. Pessoas que não têm objetivo aos quarenta, que não casaram, que não estão estabelecidas na vida, têm a psicologia do nômade, na terra de ninguém. Tais pessoas têm uma meta diferente daquelas firmemente estabelecidas em lares e famílias, pois aquela tarefa ainda está por ser completada. A questão a ser perguntada é: o indivíduo está normalmente adaptado ou não? Os jovens são inadaptados porque são muito jovens, outros o são por várias razões: porque encontraram obstáculos, resistências, ou por falta de oportunidade. As coisas que devem mudar em um caso não devem mudar em outro. Certas formas de fantasia podem ser o pior veneno para a pessoa que não está razoavelmente adaptada. Mas quando vocês encontram germes de imaginação em um homem que está firmemente enraizado, talvez aprisionado, em seu ambiente, eles devem ser tratados como o material mais valioso, como jóias ou germes de libertação, pois saindo deste material ele pode ganhar sua liberdade. Todas as pessoas jovens têm fantasias, mas elas devem ser interpretadas diferentemente. Elas são freqüentemente belas, mas na maior parte de importância negativa, e a menos que as pessoas jovens sejam manipuladas muito cuidadosamente elas podem ficar empatadas em suas fantasias. Se vocês abrirem a porta do simbolismo para elas, elas podem vivê-lo em lugar da vida real.

210 Uma jovem moça que veio a mim alguns dias atrás está noiva, está apaixonada pelo homem como o homem está por ela. Ela tem estado na análise por quatro anos, cinco dias por semana, e tem apenas três semanas de férias no ano. Eu perguntei a ela por que diabos ela não casou. Ela me respondeu que ela precisa terminar sua análise, que essa é uma obrigação da qual ela precisava se livrar primeiro. Eu disse a ela: "Quem lhe contou que você tinha uma obrigação para com a análise? Sua obrigação é para com a vida!" Aquela moça é uma vítima da análise. Seu analista também está aprisionado. Este é o caso em que a moça está vivendo em suas fantasias, enquanto a vida está esperando por ela. A garota está presa por seu animus. Mesmo que ela fizesse uma tolice, não obstante isso a empurraria para a vida. Do modo como está, o resultado é confusão, ar, nada. Seu analista segue uma teoria, e a moça faz um trabalho de análise em vez de vida. Se ela fosse uma mulher na segunda metade da vida o tratamento deveria ser bastante diferente, aquele de construir o indivíduo. Eu não questiono os motivos do analista, mas por contraste eu sou um bruto na maneira como trato meus pacientes. Eu os vejo apenas duas ou três vezes por semana e eu tenho cinco meses de férias durante o ano!

211 Vou rever brevemente o caso que estamos seguindo. O sonhador tem quarenta e sete anos, não é neurótico, é um grande comerciante, muito convencional e correto, um homem altamente intelectual e culto. Ele é casado e tem filhos. Seu problema é que ele é muito adaptado, ele está inteiramente acorrentado por seu ambiente, pela obrigação para com seu mundo. Ele tem perdido sua liberdade. Assim, neste caso, se houver qualquer traço de imaginação, ele deve ser nutrido. Ele sacrificou toda a imaginação criativa para ser "real", portanto as fantasias neste caso são extremamente valiosas. Agora este problema é muito sutil. Conscientemente ele poderia não perceber o que foi. Ele tem tido algumas aventuras eróticas com mulheres, não-satisfatórias; então ele lentamente descobriu que sentia que devia haver algo mais na vida. Ele começou a ler teosofia, e tem lido um pouco de psicanálise, e então veio a mim para ver se eu poderia ajudá-lo; eu o tenho visto a intervalos, por dois anos. Da análise de seu primeiro sonho ele descobriu que estava terrivelmente aborrecido com a vida em geral e com sua esposa em particular. O segundo sonho foi quatro dias depois, sonhado com base em seu conhecimento do primeiro sonho.

212 Aqui está o sonho [2]: "Minha esposa me pede para ir com ela atender um chamado de uma pobre jovem, uma costureira. Ela vive e trabalha em um buraco insalubre, está sofrendo de tuberculose. Eu vou lá e digo à moça que ela não devia trabalhar lá dentro, ela devia trabalhar em local arejado. Eu digo a ela que ela podia trabalhar em meu jardim - mas ela diz que não tem máquina. Eu digo a ela que ela pode ter a máquina de minha esposa".

213 O sonhador tem a impressão de ter esquecido partes importantes do sonho. Nesta associação ele diz "a despeito do fato de que não há nada erótico no sonho eu senti que havia essa atmosfera. Quando minha esposa pediu-me para fazer a visita eu senti que algo poderia acontecer". Vocês podem ver esse mesmo olhar de expectativa nas faces de homens sentados no *lobby* de um hotel, o olhar de um cão que pode ter uma lingüiça caída diante de seu nariz. Assim, o sonhador tinha a expectativa de que algo poderia acontecer. "Minha mulher desempenhou um papel completamente passivo mas eu aparentemente atuei como se estivesse completamente só. Ela (a costureira) estava vestida em cores negras, e eu lembrei que alguém me havia dito que pessoas com tuberculose são freqüentemente eróticas. Quando as pessoas têm libido não-utilizada o erótico vem à tona. A máquina de costura pertence à minha esposa, e eu tive o sentimento de que ela devia dar o primeiro passo".

214 Ele associa sua própria vida aprisionada com a vida da moça. Ele não pode permitir a seus sentimentos trabalhar em local aberto - a única coisa a fazer é ter a garota trabalhando em seu próprio jardim com a máquina de costura de sua esposa. Os sentimentos de um homem respeitável não podem trabalhar em aberto, uma vez que "em seu próprio jardim" significa pressionar seus sentimentos de volta ao casamento. Um de seus motivos para a respeitabilidade é o medo de que sua saúde possa ser afetada por doença venérea. O resultado da análise do primeiro sonho é que ele pode admitir seu tédio em seu casamento. É muito difícil para um homem racional admitir o que seu Eros é realmente. A mulher tem dificuldade especial em perceber o que é sua mente. O Eros no homem é inferior, é como o Logos na mulher. Um homem deve ter uma quantidade justa do feminino nele para perceber o que lhe é relacionado. Eros é o trabalho da mulher. Vocês podem lutar com um homem meio ano antes que ele admita seus sentimentos, e o mesmo com uma mulher e sua mente. É muito contraditório. Minha mãe tinha uma mente dividida, e dela eu aprendi a mente natural de uma mulher. Eu era um garoto terrível e odiava todos os

garotos bem-comportados dos quais minha mãe gostava, com roupas agradáveis e limpas, mãos limpas, etc. Sempre que eu tive chance, eu batia nestes garotos e passava a perna neles; para mim eles eram repugnantes. "Crianças tão amáveis", minha mãe diria, "e tão bem educadas". Uma família na vizinhança tinha tais crianças e minha mãe estava sempre mostrando-as a mim como exemplos. Um dia, quando eu tinha feito algo particularmente ultrajante para estas amáveis crianças, minha mãe me repreendeu e disse que eu ia estragar a vida dela se eu continuasse daquele modo. Eu fiquei profundamente triste e saí e sentei-me no canto da sala. Minha mãe esqueceu que eu estava lá e começou a falar consigo mesma; eu a ouvi dizer, "é claro que não se deve agüentar essa ninhada", e eu imediatamente me reconciliei com minha mãe^[130].

215 A mulher tem duas mentes, a mente tradicional, convencional e a mente da Natureza, rude e sensível, que diz a verdade. Ela pode pensar sobre ambos os lados. Isto é ilustrado de maneira muito bela em *Penguin Island*, de Anatole France. Quando o batismo foi administrado aos pingüins a disputa levantou-se acerca de ser ou não algo blasfemoso a fazer, porque os pingüins não têm alma. Eles são apenas pássaros, e pássaros não podem ter almas imortais porque as almas pertencem somente aos seres humanos. A disputa ficou tão quente que finalmente um Conselho dos Pais da Igreja e dos Homens Sábios foi chamado aos Céus. Inaptos para assentar a questão, eles chamaram Santa Catarina. Ela cumprimentou ambos os lados e disse: "É verdade que os pingüins, sendo animais, não podem ter almas imortais; mas é igualmente verdade que através do batismo se atinge a imortalidade, portanto," ela disse a Deus, "dê-lhes uma alma, porém uma pequena"^[131].

216 A mulher, em certa extensão, é Natureza e a Natureza é terrível, inconsistente e lógica ao mesmo tempo. Naturalmente quando um homem olha para seu lado Eros ele acha difícil reconciliar com o que lhe foi ensinado. Seu Eros tem idéias opostas, tendências conflitantes. Contudo, lá está sua relação com a Natureza e isso o desconcerta. Ele *sente* a coisa terrível que a mulher *pensa*.

217 Foi uma grande aquisição o fato de o sonhador estar apto a admitir seu tédio. Ele está só com seu problema. Todas as pessoas sentem esse tabu da mente natural. É claro que o sonhador esconde tudo isto de sua esposa. O sonho o aplaca, nós podemos concluir, mas isto não é verdade. Não é uma coisa benevolente dizer algo consolador, pois a bondade não é natural.

Bondade e crueldade são qualidades humanas, mas não à moda da natureza. Quando o sonhador diz: "Minha esposa me pediu para ir ver a moça", isso mitiga o problema do homem. Se o homem pode sentir que sua esposa não está contra ele, isso começa a fazê-lo sentir menos solitário. Nós precisamos assumir que este sonho constelou uma atitude, já que não há modo satisfatório de alcançar a verdade real a respeito.

218 O que é a esposa no sonho? A moça representa seus sentimentos que viajam para o exterior, a esposa, seus sentimentos em casa. A interpretação é "meus sentimentos, que estão com minha esposa, têm interesse em tentar lidar com estes outros sentimentos". Atualmente esta esposa não tem interesse nestes sentimentos voltados a outras mulheres, mas o sonho diz que fará seus sentimentos voltados para sua mulher mais individuais, mais reais se ele conseguir lidar com estes. Ele talvez andou pensando em sua esposa de uma maneira rígida e inflexível porque ele fez uma injustiça similar a seus sentimentos. Se ele pode aprender a lidar com seus sentimentos que viajam ao exterior, que são sentimentos criativos, sua relação com sua esposa se tornará viva, porque será duvidosa. A dúvida é a coroa da vida porque a verdade e o erro andam juntos. A dúvida é vivente, a verdade é algumas vezes morte e estagnação. Quando vocês estão em dúvida vocês têm a grande chance de unir os lados escuros e luminosos da vida. Logo que ele começar a lidar com os sentimentos no exterior, o relacionamento com sua esposa se tornará cheio de dúvidas, experimental e vivo. O sonho tem a intenção de ajudá-lo, mas chama sua atenção ao fato de que sua relação com sua esposa será beneficiada por um novo relacionamento sentimental de sua parte.

219 Quando uma mulher é levada a pensar somente certas coisas, ela não consegue pensar nada. Vocês não podem levar alguém a funcionar somente em certos caminhos. Se vocês obstruírem o pensamento ou o sentimento de alguém, ele não funcionará mais de modo apropriado. Se vocês estão limitados a acreditar em um certo dogma, vocês não podem pensar a respeito dele. O sentimento, como qualquer outra função, precisa ter espaço. A relação do sonhador com sua esposa sofrerá do fato de que a ele não é permitido sentir. Se ele puder lidar com seus sentimentos que saem, ele poderá ter uma relação com sua esposa. "Não duvidar" é um grande erro. Nós chegamos agora à compreensão do fato de que a lida com seus sentimentos não-convencionais o ajudará em sua relação para com sua esposa.

220 Quando ele presta atenção a seus sentimentos, ele os encontra associados com uma garota que está infectada com uma doença grave. Os sentimentos e os pensamentos podem ficar doentes e morrer.

221 Alguns dias atrás uma mulher veio a mim para uma consulta. Ela foi uma paciente minha quinze anos atrás. Foi um caso difícil porque ela não veria certas coisas, não jogaria o jogo, ela queria permanecer uma criança. Certas pessoas não podem levar a vida a sério, como se nascessem crianças eternas. Se um caso vem a mim com diabetes e o paciente não presta atenção a seus sintomas ou aceita meu conselho, não há nada que eu possa fazer. Há alguns dias eu vi minha paciente novamente. Ela parecia terrível e eu fiquei chocado. Ela percebeu e disse: "Sim, é muito mau, mas eu já não tenho problemas". Ela queria que eu dissesse ao marido dela que ela já não era mais histérica, e era verdade que ela não tinha problemas, nem perturbações: ela os havia sugado para o interior, convertera-os para seu corpo. Em tais casos o coração dispara por razões psicológicas, e o resultado é uma neurose comparável a uma neurose de guerra. Sobressalta-se com qualquer coisa e não se tem controle das ações. Quando os problemas são convertidos para o corpo, os problemas externos se vão, mas o corpo padece. Se a neurose foi profundamente aos processos psicológicos^[132], um tremendo flagelo é necessário, talvez um risco de vida em si mesmo. Geralmente um alçapão se fecha para sempre. Heráclito, o Obscuro, o mais inteligente dos velhos filósofos, disse: "Para a alma, é morte tornar-se água"^[133]. É morte para a alma tornar-se inconsciente. As pessoas morrem antes que haja a morte do corpo, porque há morte na alma. São sanguessugas, semelhantes a máscaras, perambulando como espectros, mortos, mas sugando. É um tipo de morte. Eu vi um homem que havia convertido sua mente em pasta. Vocês podem ter sucesso em afastar-se de seus problemas, vocês precisam somente olhar para longe deles, o suficiente. Vocês podem escapar, mas é a morte da alma. Se nosso sonhador não prestar atenção a seu problema sentimental, ele perderá sua alma. Vão ao *lobby* de um hotel - lá vocês verão faces com máscaras. Estas pessoas mortas estão freqüentemente pegando carona na asa de um avião^[134], para escapar de problemas; elas parecem acossadas e vestem uma máscara completa de medo. Algum tempo atrás eu conheci uma mulher que estava em sua terceira viagem ao redor do mundo. Quando eu perguntei a ela por que ela o estava fazendo, ela pareceu surpresa com minha questão e

respondeu: "Ora, eu estou indo para terminar minha viagem. O que mais eu poderia fazer?" Outra mulher eu vi na África em um carro da marca Ford. Ela estava fugindo de si mesma com os olhos se movendo rapidamente, cheios de medo[DEK1]. Ela queria se confessar a mim, contar-me como ela havia desistido de sua vida. Ela só tinha a memória de si mesma como ela costumava ser. Ela estava procurando o que havia perdido. Quando vocês virem que um certo sinal de vida foi-se dos olhos, o funcionamento físico do corpo, em algum lugar, tornou-se errado.

222 A garota no sonho é uma costureira, o que significa uma fabricante de roupas; uma fabricante de novas atitudes. O nascimento de uma nova atitude tem um longo pano de fundo histórico. Há um mito negro que conta sobre um tempo em que todos eram imortais e cada um podia tirar fora sua pele. Um dia todos estavam tomando banho e uma velha mulher perdeu sua pele; ela morreu, e é assim que a morte veio ao mundo. Por analogia, as pessoas precisam se comportar como serpentes, pondo fora as velhas vestes. Na crisma católica, as jovens garotas usam roupas brancas. Na África eu vi garotos, que foram circuncidados nas cerimônias de iniciação, vestindo cabanas de bambu, cobrindo inteiramente seus corpos. Esta é a nova pele espiritual, uma veste espiritual. Os polinésios põem uma máscara para denotar a renovação da primavera. Durante o carnaval põe-se a vestimenta do novo ano. Vocês renascem no ano novo. - É muito lisonjeiro para o analista ser chamado de alfaiate. Quando ele é sonhado como sendo o alfaiate, ele é o fabricante de um novo corpo, a nova pele; ele é o iniciador de uma nova imortalidade. - Os sentimentos inconscientes do paciente, que estiveram indo ao exterior e que foram repudiados, contêm a possibilidade de um novo nascimento. Aquele sentimento não-convencional, a garota costureira, é o fabricante de uma nova pele, o criador da imortalidade. Se ele seguir o caminho daquele novo sentimento, nova vida lhe será dada.

223 Todas as coisas que vocês fazem e repetem com frequência bastante tornam-se mortas, batidas. Mulheres além da idade dos quarenta começam a perceber sua masculinidade, e os homens sua feminilidade, porque é algo novo e não foi tentado. Há um mito indiano de um chefe a quem Manitou aparece, convidando-o a comer com as mulheres, sentar com as mulheres, e vestir-se como as mulheres - uma curiosa intuição psicológica. Em alguns lugares, na Espanha por exemplo, as velhas mulheres têm fortes barbas negras das quais têm muito orgulho. As vozes das mulheres às vezes se tornam mais profundas. Nós freqüentemente vemos aqui, entre os

camponeses quando envelhecem, que o homem perde seu poder sobre as coisas e a mulher tomam o trabalho. Ela abrirá uma pequena loja e ganhará a vida. O homem se torna mulher e a mulher se torna homem. A coisa que não fôra considerada, a coisa que fôra desprezada - aquele será o local de nascimento do Salvador. Portanto o sentimento, que é o mais inoportuno para ele, contém os predicados para uma nova atitude.

224 Há duas máquinas, dois métodos. Um é o da garota, outro é o da esposa. A máquina é um fator psicológico, uma máquina mental que alguém pode aprender a usar e pela qual vocês produzem resultados. A máquina é método. Com um método vocês seguem um certo caminho, um caminho definido. Agora nós podemos ver mais profundamente no sonho. A garota diz "eu tenho meu próprio modo". Ele oferece o método de sua esposa. Como é produzido o novo método? Costurar é unir as coisas. O método precisa ter o propósito de unir, juntar o que foi separado. Aquilo que devia ser juntado no homem, psicologicamente, é o consciente e o inconsciente. A análise une a ambos - e isso é integração.

CONFERÊNCIA II: 30 DE JANEIRO DE 1929

225 *Dr. Jung*: Vocês se lembram que nós paramos da última vez com a máquina de costura.

226 *Pergunta do Sr. Gibb*: {Na última semana você interpretou o símbolo "máquina de costura" como "método". Não podemos ir mais adiante e particularizar o método a partir deste símbolo? Cinderela teve um vestido de baile incluindo sapatos, e o método foi o movimento da varinha de condão de uma fada. Para os propósitos de um sonho, um amuleto, um talão de cheques, agulha e linha e tesoura, ou uma fada com uma varinha de condão poderiam todos simbolizar um método de produção de um novo conjunto de roupas, tão efetivamente como a máquina de costura, mas não teria havido uma diferença significativa no princípio envolvido em cada caso?}

227 Meu ponto é: não estamos justificados em assumir que o material do sonho tem um tipo de lógica própria dele, desde que aceitemos completamente as premissas que seus símbolos sugerem e nos abstenhamos de projetar nele nossa própria obsessão em favor de alguma premissa ou princípio em particular? No sonho em questão, o símbolo *máquina de costura* sugere para mim que deveríamos aceitar preferivelmente uma causa mecânica e uma atmosfera efetiva, até onde o elemento é pertinente}.

228 *Dr. Jung*: A própria natureza da máquina sugere um tipo muito particular de método. É aqui que eu difiro de Freud. Vocês não podem dizer que o símbolo do sonho é meramente uma fachada por trás da qual vocês podem camuflar e então dizer o que o sonho é. O símbolo é um fato, como neste sonho é uma máquina de costura, e nós só podemos continuar com o sonho compreendendo o que a máquina de costura significa. Nós não podemos meramente dizer que a máquina de costura significa um método para a obtenção de novas roupas, pois vocês podem obter novas roupas de vários modos: de modo místico, de modo mágico, etc. O sentido do método da máquina de costura poderia significar um modo mecânico, puramente causa e efeito, um caminho sem alma. Vocês obtêm a idéia do que este caminho mecânico pode ser estudando as associações do paciente. Um símbolo em um sonho tem o propósito de ser o que o é. Quando um médico analisa urina e encontra açúcar ele não pode dizer que ela é só fachada, assim precisamos seguir o caminho que o Sr. Gibb apontou.

229 Nós não exaurimos o significado da máquina de costura. Eu apontaria particularmente o fato de a máquina de costura ser uma coisa mecânica. Em suas associações o sonhador diz: "Poderia ser que a garota, que está infectada de tuberculose, representasse meus sentimentos doentes, que eles precisem viver em um buraco escuro? Eu tive o sentimento de que a máquina de costura realmente pertencia a minha esposa e que ela devia dizer a primeira palavra". Com esta associação o que a máquina de costura significa?

230 *Resposta*: Uma relação anatômica, somente sexual.

231 *Dr. Jung*: Ele compreende o método como puramente mecânico, e esta é a maneira como ele vê o sexo. Esta é a fonte do eterno erro de concepção entre homem e mulher. Para a maioria dos homens a idéia de sexualidade é puramente mecânica e não-psicológica, enquanto para a mulher ela está associada com sentimento.

232 *Sr. Gibb*: O que trouxe à tona a questão foi o fato de que você tão freqüentemente fala do material do sonho como sendo irracional e agora você diz que ele é racional.

233 *Dr. Jung*: Há certas coisas irracionais que precisam ser aceitas como fatos, como por exemplo o fato de que a água encontra sua maior densidade aos quatro graus Celsius. É irracional, mas é um fato.

234 O sonhador me perguntou como ele deveria tomar para si este material e eu disse a ele para aceitar estas coisas como fatos; pois esta é a maneira como são as coisas. E eu disse: "Eu não sei se seu demônio ou seu bom anjo sugeriu isto; nós precisamos apenas esperar e ver como isso se desenvolve. Eu admito que seria muito inoportuno para você se apaixonar por esta garota e transtornar seu casamento, mas você está imensamente atraído pela idéia de levar seus sentimentos para o céu aberto. Você precisa ser paciente e esperar, e ver". O papel de salvador para esta pobre coisa aprisionada em um buraco escuro é imensamente atraente para ele. Poucos homens poderiam resistir a este papel.

235 A idéia de Freud é de que o sonho é racional. Eu digo que é irracional, e que simplesmente acontece. O sonho caminha como um animal. Eu posso estar sentado na floresta e um cervo aparece. É a idéia de Freud que os sonhos são pré-arranjados, com o que eu não concordo.

236 O significado geral deste sonho é uma continuação do que nós estivemos trabalhando. Os sentimentos do paciente não permitem a ele sair ao ar livre. Como a máquina de costura pertence à sua esposa, o mecanismo

de sexo pertence à sua esposa. Ele teve um tremendo gozo com seu sonho[DEK2], embora ele seja confrontado com o fato de que seria embaraçoso para ele apaixonar-se pela garota.

237 *Sra. Schevill*: Três damas gostariam de saber mais sobre a mente natural das mulheres.

238 *Dr. Jung*: Eu lhes dei um exemplo da última vez, sobre minha mãe - sem me poupar. Vocês podem perguntar a vocês mesmas esta questão. Eu estou certo de que vocês têm algo por trás desta questão em suas almas negras. A mente natural é uma coisa que vocês nunca vêm pela superfície, pois toda mulher tem receio deste tipo de mente, assim como o homem tem receio de admitir seus sentimentos.

239 *Sra. Gibb*: O que você pode fazer a respeito dela, pode educá-la?

240 *Dr. Jung*: Não, vocês precisam aceitar que está lá e não ter ilusões a respeito dela. Se vocês tentarem educá-la vocês cairão nela. Ela não pode ser tocada, é um fio [elétrico] vivo, [descascado].

241 Um homem admitirá todo tipo de pensamento pecaminoso, mas não o sentimento, e uma mulher não pode admitir pensamentos. Vocês obtêm um exemplo muito bom disto em *Christina Alberta's Father*, de Wells[135]. Lá a moça está fazendo toda a sorte de coisas sem sentido durante o dia, e de noite ela mantém uma corte de consciência que diz a ela justamente aquilo que ela fez durante o dia. Este pensar é inexorável, ela não pode escapar disso. Vocês precisam aceitar o fato de que há uma tal dissociação em suas mentes. A única coisa que vocês podem fazer com a mente natural é aceitá-la. Nós todos queremos ter um Deus, nós todos queremos ter uma alma, etc., nós todos queremos escapar da dualidade da vida, o contraste, a dissociação em nossa natureza, mas nós não podemos. Em um lado vocês são o que vocês parecem ser, perfeitamente inocentes, no outro lado há o pensar natural. As pessoas jovens estão bastante corretas em fugir disso; mas para as pessoas mais velhas é muito importante o fato de que elas deviam saber que elas mesmas, o mundo, etc., são ambíguos. É o começo da sabedoria para a dúvida. É importante que elas comecem a duvidar do valor da existência, de modo que possam se desembaraçar do mundo. As pessoas jovens não podem viver em dúvida. Se alguém tem profundas dúvidas da vida, não pode entrar no mundo, mas um homem maduro deve ter mais despreendimento do mundo. Isto é perfeitamente normal quando já se passou da metade da vida. Se um homem perde seu entusiasmo mais

cedo na vida ele se despedaça, e se ele não se atém a uma nova atitude mais tarde ele se torna um incômodo.

242 *Dra. Shaw*: O tipo de pensamento da mente natural é o pensamento do animus?

243 *Dr. Jung*: Uma mulher obtém esse tipo de pensamento através do animus, mas se ela o aceita, ela é ela mesma e assim ela desenergiza [\[DEK3\]](#) o animus. O animus de uma mulher é sempre poderoso às expensas da extensão de sua mente. À medida em que sua mente se expande o animus se torna menos poderoso, de tal modo que uma mulher se torna consciente de que ela não deveria mais ver esse tipo de pensamento com dúvida, pois ela está pensando de modo perfeitamente normal. Tão logo ela tenha desenergizado estas coisas, elas perdem poder, elas pertencem ao véu de Maya.

244 Se vocês pudessem colocar-se de volta no mundo primitivo haveria tanto fora de vocês e tão pouco dentro que qualquer coisa poderia acontecer, todo o mundo começaria a agir de um modo excêntrico, árvores a falar, animais a fazer coisas estranhas, fantasmas a aparecer. Agora, aumentem suas consciências e estes fenômenos todos se desvanecerão, eles só estavam expressando a vocês aquilo que vocês, por si mesmos, pensavam. As árvores já não falarão, e nenhum fantasma andarão.

245 Este é o progresso do homem, o fato de que ele desenergiza o mundo exterior; o último remanescente é a idéia de um Deus absoluto, ou tais figuras como anima e animus. Quanto mais vocês aumentam sua consciência, menos estas coisas existem. Isto é o que o Oriente diz. Eles chegaram a isto a partir de uma continuidade da experiência de vida. Eu cheguei a isto através da psicologia. As pessoas freqüentemente me repreendem com materialismo. Isto não é materialismo nenhum, simplesmente antecipa a importância daquilo que chamamos de psique. Nós não temos a mais tênue idéia do que é a psique, não temos a mais tênue idéia do que somos. Nós não sabemos, e é infantil dizer que sabemos.

246 *Sra. Schevill*: Mas você não nos deu mais exemplos da mente natural. Nós todas admitimos que temos exemplos que podemos fornecer, mas eles são muito pessoais para falar a respeito [\[DEK4\]](#).

247 *Dr. Jung*: É justamente isso. Vocês nunca podem fazer com que uma mulher expresse seus pensamentos reais, assim como nunca podem fazer com que um homem lhes conte seus sentimentos reais. Para dar exemplos destas coisas é sempre se está indo ao núcleo. Eu tenho uma grande

quantidade, mas eles são muito pessoais. Eles diriam respeito a vocês ou a alguém a quem vocês conhecem e isso nunca iria servir. A mente natural é uma coisa muito imediata e vai direto ao âmago. Frequentemente o filho obtém sua primeira idéia da mente natural a partir de sua mãe. Eu poderia lhes dar outro aspecto da mente natural; se o garoto é forte e cheio do demônio ele pode resistir a isso, mas se não, então ele poderá ser esmagado por isso - envenenado.

248 As mães são capazes de prejudicar seus filhos pelo desencadeamento de suas mentes naturais. Quando eu era um garoto meu pai era clérigo em uma cidade que é famosa por sua mentalidade tacanha. Se eu tivesse vivido às custas daquele cenário eu teria sido completamente sufocado. As pessoas viviam nas mesmas salas em que seus ancestrais haviam vivido por centenas de anos, com retratos deles pendurados nas paredes, por Dürer e Holbein. Um de meus melhores amigos tinha uma biblioteca que datava de 1680 a 1790, uma biblioteca que simplesmente permanecia como fôra, nada novo nunca foi adicionado a ela. Toda a atmosfera desta vida era tremendamente cativante. A mente natural diz que um garoto pode nunca sair disso. É claro que eu tinha que criar toda minha vida novamente, eu tinha que resolver isso.

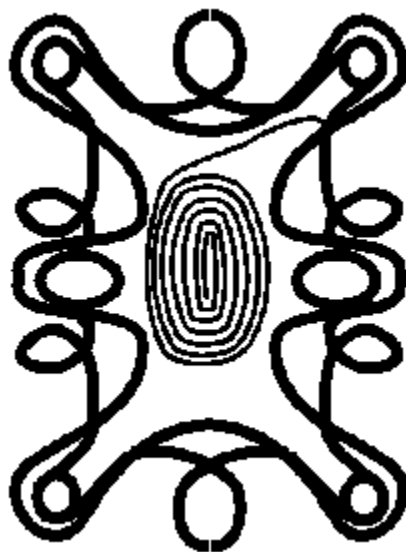
249 Em um momento muito crítico de minha vida, quando eu estava trabalhando muito duro, minha mãe veio me ver. Minha mãe me amava muito e tentava me ajudar, mas ela podia me debilitar com sua mente natural. Eu havia trabalhado muito duro em meus testes de associação e minhas paredes estavam cobertas com gráficos, quando minha mãe veio inesperadamente me visitar. Ela olhou toda à volta em minhas paredes e disse: "Estas coisas significam algo?" O que ela disse era leve como ar, mas caiu sobre mim mais pesadamente do que toneladas de chumbo. Eu não toquei a caneta por três dias. Se eu tivesse sido um garoto fraco, eu seria esmagado e diria "É claro, isso não é bom", e desistiria. Minha mãe teria dito que me amava e que ela não tinha nenhuma intenção com aquilo, mas o homem é um ser civilizado e seu maior perigo é a natureza. Muitos homens permanecem como agradáveis espectros pintados na parede, os demônios neles estão todos mortos; a mãe os engoliu com sua mente natural. Uma boa mãe não usaria sua mente natural em seu filho, assim como um bom pai não usaria seu sentimento natural em sua filha. Ora, eu tive uma terrível crise de raiva e então eu pude trabalhar novamente.

250 Segue o próximo sonho [3]. O paciente diz: "É como se eu estivesse vendo um tipo de rolo compressor de um ponto acima. A máquina vai seguindo e está aparentemente fazendo uma estrada, formando um padrão particular, como um labirinto". E no sonho ele pensa: "Esta é minha análise"; e então ele está no quadro que ele olhava de cima. Ele está parado na bifurcação da estrada em uma floresta, e não sabe qual caminho tomar. Primeiramente ele não prestou muita atenção ao arabesco que a máquina estava fazendo.

251 A associação do paciente com sua *posição acima* é a de que se pode ver as coisas em sua relação verdadeira, menos pessoalmente, enquanto que quando se está mais próximo a máquina domina.

252 Sobre a *máquina de estrada* ele diz: "Eu li em um artigo técnico que com estas máquinas pode-se fazer uma estrada de macadame em um tempo relativamente curto".

253 A associação do *arabesco* é: "Não há sentido em construir estradas que levam a lugar algum". (Eu repliquei que o desenho particular que estas estradas faziam poderia levar a algum lugar). Ele diz: "Este desenho parece com um quebra-cabeças. Talvez se alguém tiver a paciência necessária possa-se achar a meta, talvez isso signifique que eu preciso ter paciência se eu quero chegar a algum lugar com minha análise. A bifurcação da estrada pode vir da conversa sobre o sonho precedente. O analista me disse que não há obrigação de passar pela análise se o problema parece muito difícil". Aparentemente eu disse a ele que ele podia pensar se ele sentia uma resistência ou se queria seguir adiante.



Representação do Sonho^[136]

254 Ele associa *em uma floresta* com a *Divina Comédia* de Dante^[137]. Este é um símbolo bem conhecido da Idade Média, e significa a descida no inconsciente. Dante perde seu caminho quando encontra a descida para o inconsciente. O paciente pensa também em outra história antiga, datada de cerca de 1450, do monge que perdeu seu caminho na Floresta Negra e um lobo se tornou seu guia para o Mundo Inferior.

255 Uma coisa é muito evidente, o motivo da "máquina" está em sua mente. Quando um sonho subsequente retoma o problema de um sonho prévio significa que a análise do sonho prévio não foi exaustiva. Seu problema é um problema sexual. Quando um homem chega em alguma coisa urgente, ela é sempre expressa pelo sexo. O inconsciente diz: "E agora, acerca da sexualidade?", assim o problema não terminou. Um homem tem que lidar com seu tipo de sexualidade de urgência ativa. Em uma mulher não é assim, só se torna assim na segunda metade da vida; no começo não é assim. Com um homem a sexualidade se torna o símbolo para a urgência daquilo que tem que ser.

256 O fato de que ele é colocado ao alto, acima da máquina, significa que ele poderia ser menos pessoal, menos difícil. Ele poderia ver a si mesmo e seu problema mais impessoalmente, como Senhor e Senhora Formiga, que estão tendo alguma disputa sobre a sexualidade das formigas e o interesse do Sr. Formiga em outra formiga, e então ele poderia olhar para isso facilmente. Até um rolo compressor parece menor quando vocês olham para baixo de um avião; qualquer coisa é *liliputiana*^[138]. Quando vocês estão no alto, vocês já não estão mais sob o poder do rolo do compressor, vocês vêem a estrada, o caminho nela; quando vocês estão perto, vocês vêem o poder da máquina, a sujeira e o barulho, o estardalhaço, mas vocês não podem ver o que o rolo compressor está fazendo. Mas de cima vocês vêem um padrão simétrico. Em um sonho, um padrão sempre faz um certo sentido. Ele diz: "É muito interessante perceber que o padrão aparentemente sem sentido é um labirinto". Isto é o que ele precisa trazer à sua mente - uma vez lá não há saída. É por isto que ele o está evitando. É claro, ninguém quer entrar em um lugar de onde não há saída, mas é justamente isso que ele precisa perceber. Se ele vai seguir com a análise ele precisa perceber que ele precisa passar por aquele caminho. Não há escapatória de si mesmo. Ele está entrando em algo do qual não há escapatória. Ele pensa:

"Isto é a análise". Na próxima parte do sonho ele está na divisão das estradas. Ele continuará? Ele percebe que está em uma floresta, como na *Divina Comédia*. Esta é a divina comédia do Homem.

257 No desenho do padrão, a estrada pode começar em qualquer lugar, e ele percebeu ao final que ele não estava mais na estrada feita pelo rolo compressor, mas em uma vereda em espiral. O plano todo é simétrico: do lado de fora estão estradas muito desconcertantes, que porém apresentam um padrão inequívoco, e do lado de dentro está uma espiral feita por seus próprios pés. O padrão é quase quadrado e consiste de símbolos, símbolos jônicos e fálicos significando o poder produtivo, gerativo da natureza, os poderes Yang e Yin, masculino e feminino. Há também um ritmo peculiar no desenho, dentro e fora, aproximando-se do centro e deixando-o novamente, um padrão tal como as pessoas fariam ao dançar, se vocês o demarcassem no solo. Vocês lembram-se do padrão de lançar a bola para a frente e para trás, associado com um sonho prévio? Nós obtemos algumas valiosas contribuições à idéia dos padrões, a fonte inconsciente deles, e a que a máquina se destina. Uma das leis fundamentais do desenvolvimento natural é a de que ele se move em espiral, e a verdadeira lei da natureza é sempre encontrada depois que o labirinto foi percorrido. O homem que descobriu a matemática da espiral vivia em minha cidade. Em seu túmulo está gravado: "Sempre mudando da mesma maneira, mesmo assim eu ascendo"[\[139\]](#).

258 Psicologicamente vocês se desenvolvem em uma espiral, vocês sempre passam sobre o mesmo ponto em que estiveram antes, mas nunca é exatamente o mesmo, está acima ou abaixo. Um paciente dirá: "Eu estou justamente no ponto em que eu estava há três anos atrás", mas eu digo: "Ao menos você percorreu três anos". Aquilo com que nos estamos ocupando é o padrão. A idéia que ele sugere é a de que a estrada feita pelo rolo compressor tem uma meta em si mesma - ela leva à espiral. Algum dia a espiral se bifurcará e encontrará sua própria meta. O "caminho" que o rolo compressor faz é para dentro e para fora, sugerindo a função do masculino e feminino, mas eu penso que estamos perfeitamente justificados em deixar que o sexo siga e pensar nisto como o ritmo da vida, como fases ativas e passivas, alturas e profundidades.

259 No mito de Gilgamesh[\[140\]](#), a idéia do Homem Perfeito, o Homem Completo, é a de que dois terços do homem são divinos e um terço é

humano. Ele é o homem do desgosto e do deleite, aquele que faz os dois movimentos, alto e acima e profundo e abaixo. Gilgamesh é mostrado na mais grandiosa satisfação e no mais profundo desespero, subindo às maiores alturas e descendo às mais baixas profundidades. A idéia da vida completa é o enorme vaivém de alto a baixo, de baixo a alto; de extroversão para introversão e vice-versa. Se a vida não contém os pares de opostos, é apenas uma linha reta. É como se vocês não respirassem, é justamente como se vocês não vivessem. Quando a vida é vivida com ritmo, diástole e sístole, então ela é um todo, aproximando-se da completude. Assim, quando o sonhador olha para si mesmo de um modo tridimensional (temporal), é dentro e fora, mas ele vê a si mesmo *sub specie aeternitatis*, então ele está suspenso na água da vida, aspirando e expirando como uma célula.

260 Quando o rolo compressor, a qualidade rítmica da vida, completou seu dever, este movimento particular de dentro e fora pode bifurcar-se e se tornar uma espiral. Naquela esfera interior o homem pode desistir de mover-se para frente e para trás e então o ritmo é como a vida de uma planta. Este padrão sugere algo extremamente significativo, e é certamente mais significativo o fato de que o sonho diz: "Aqui você está na situação mitológica do herói, como Hércules. Você está na floresta da *Divina Comédia*". Lembrem-se de como Dante oscilava de céu para inferno e de inferno para céu.

261 Os sonhos são muito maravilhosos. Eles param justamente onde um grande artista deixaria o drama [\[DEK5\]](#). A grande questão do destino foi posta a este homem - você é um herói? Que caminho você vai tomar? Nós precisamos esperar pela resposta do homem.

262 *Sr. Gibb*: Ele já não está perdido na floresta?

263 *Dr. Jung*: Ora, ele pode fugir. Você[s] pensa[m] que ele fugirá?

264 *Sr. Roper*: As estradas nos desenhos exteriores entremesclam-se - e nunca atravessam.

265 *Dr. Jung*: Bem, nós não exaurimos todas as possibilidades. Há ao menos duas melodias. Uma segunda linha está serpenteando através daquela que tem bem menos oscilação; uma é maior, a outra é menor. Eu não sei exatamente o que isso sugere. Se eu estiver certo em assumir que isso significa o ritmo da vida, há um comprimento de onda de diferente amplitude. Nós temos duas amplitudes. - O homem pode viver de um modo ativo ou passivo, de maneira masculina ou feminina. Um homem pode ser espancado pelo destino em algum caminho, e ser completamente mudado e

se tornar feminino, pois ele tem um comprimento de onda feminino também. A amplitude masculina é mais excessiva. Em uma mulher é menos excessiva. - Uma mulher menos freqüentemente perde a cabeça, ou se perde no mundo. Quando ela o faz, ela se perde conjuntamente, mas ela raramente o faz. Um homem precisa estar apto a sair para o mundo com seus maiores riscos, de modo a se adaptar. As mulheres com freqüência têm o choque de suas vidas quando vêem como seus maridos atuam em suas vidas de negócios.

CONFERÊNCIA III: 6 DE FEVEREIRO DE 1929

266 *Dr. Jung*: Eu quero chamar sua atenção novamente para o desenho do paciente, porque é muito importante em sua análise. É a primeira intimação do curso inteiro e propósito da análise. Porquanto eu não posso ir a cada detalhe do desenho, eu posso fornecer-lhes algumas idéias gerais a respeito dele. Há dois cursos entrelaçados. Em um lugar em que eles se encontram outra linha começa, formando uma espiral, que termina no centro do desenho. O paciente chama a isto um labirinto e pensa o caminho irracional do rolo compressor como o curso da análise. Ele tem um senso de alívio porque ele se sente menos confuso sobre todo o material que vem à tona nos sonhos. Os primeiros sonhos freqüentemente fazem isso. Ele tinha uma idéia sobre a análise {uma idéia errada} - de que era uma tentativa de descer a algum complexo raiz e então vocês poderiam puxar para cima aquela raiz. Sua idéia não se encaixou com a análise, assim ele ficou confuso, e seu sentimento de confusão no sonho foi expresso no desenho. Este padrão de linhas que faz um labirinto leva a nenhum objetivo. É apenas um ziguezague de linhas irracionais entrelaçadas sem fim. Eu chamei a atenção dele para a simetria do desenho, mas ele não tinha idéia do que a isso se referia. Se eu tivesse mostrado aquele desenho a um filósofo oriental, ele diria: "Ah sim, nós sabemos tudo sobre isso, é uma mandala". Nós no ocidente não temos concepção de tais figuras. Nós podemos chamar isso de círculo mágico. Há uns poucos exemplos na Europa Ocidental. Há um espécime no Museu Britânico de uma coleção inglesa, e o Professor Wilhelm me mostrou recentemente um de um monastério taoísta^[141]. Quando vocês analisam esta figura vocês percebem que ela consiste de quatro divisões; freqüentemente o centro é um quadrado com um círculo dentro e as quatro divisões pode ser subdivididas fazendo oito ou mais. Uma mandala oriental é usada para meditação. O que entendemos por meditação é uma coisa muito diferente. Por exemplo, há os exercícios de Loiola na Igreja Católica^[142]. As pessoas meditam em certos objetos prescritos, e uma imagem dogmática auxilia a mente a concentrar-se rumo a uma certa meta.

267 As mandalas não são desconhecidas no ocidente. Uma forma freqüente é a mandala com Cristo no centro e os evangelistas nos quatro cantos - o

anjo, a águia, o boi e o leão, dispostos como os quatro filhos de Hórus^[143]. O mito de Hórus desempenhou um papel extraordinário, e ainda não foi completamente explicado. No mito, Hórus deu seu olho a seu pai, que ficara cego por ter visto o maligno. Hórus deu seu olho para restaurar a luz do dia, para restaurar a visão de seu pai; assim, ele desempenha o papel de salvador^[144]. O olho é também uma mandala.

268 Na arte normanda há manuscritos com mandalas; há um no tesouro da catedral de Cologne que data de cerca de 1150. Há uma mandala mexicana, a famosa Pedra-Calendário^[145], que tem uma face no centro com quatro formas semelhantes a torres agrupadas sobre ela. O todo é rodeado por um círculo e os cálculos do calendário estão nas intersecções do círculo.

269 O desenho do sonhador indica o modo pelo qual sua análise continuará, e ao mesmo tempo é um meio de concentrá-lo. Quando um sacerdote taoísta medita sobre uma mandala e gradualmente concentra sua libido no centro, qual é o significado do centro? O centro da consciência é o ego, mas o centro representado na mandala não é idêntico com o ego. Está fora da consciência, é outro centro. O homem ingênuo o projeta no espaço, ele diria que está lá fora, em algum lugar do mundo. O alvo do exercício é deslocar o fator de direcionamento para longe do ego, para um centro não-ego no inconsciente, e este também é o alvo geral de um procedimento analítico. Eu não o inventei, mas descobri que assim é. Dez anos atrás se eu tivesse visto essa figura eu não teria sabido o que isso significava. Até certo ponto o ego consciente poderia ser o centro, o fator de direcionamento, mas se nós estamos na segunda metade da vida, parece haver uma necessidade de outro centro. O ego é somente aquele campo que está em minha consciência, mas o sistema psíquico é muito mais vasto, é todo o inconsciente também, e nós não sabemos quão longe ele alcança. Nós podemos ao menos assumir que a Terra está no centro do Sistema Solar assim como nosso ego está no centro da psique. Se nós criarmos um centro fora da ego-consciência, ele pode até ser um centro mais real do que nosso ego. Mas nós entramos em águas profundas se seguirmos nisto.

270 Os Índios Pueblo fazem mandalas, pinturas de areia^[146], no mesmo estilo das mandalas orientais. Talvez sejam remanescentes da origem oriental dos Pueblos.

271 O *próximo sonho* [4], da *próxima noite*. O paciente diz: "Eu possuo uma espécie de jaula em um vagão, uma jaula que pode ser para leões ou

tigres. A jaula consiste de diferentes compartimentos. Em um deles eu tenho quatro frangotes. Eu preciso olhar por eles cuidadosamente, porque eles estão sempre tentando escapar, mas a despeito de meus frenéticos esforços eles escapam perto da roda posterior. Eu os pego em minha mão e os coloco em outro compartimento da jaula, aquele que creio ser o mais seguro. Ele tem uma janela, mas ela está fechada por uma tela de mosquitos. O extremo inferior da tela não está apropriadamente encaixado, então eu resolvo pegar algumas pedras e colocá-las na borda mais baixa da tela, para evitar que os animais escapem. Então eu coloco os frangos em uma com lados altos e polidos, assumindo que eles acharão difícil fugir. Eles estão lá no fundo da bacia, e eu vejo que um deles não se move e penso que é porque eu o pressionei com muita força. Eu penso que se o frango está morto ele não pode ser comido. Enquanto eu o observo, ele começa a se mover, e eu sinto o aroma de galinha assada”.

272 *Suas associações* são muito poucas. *Jaula*: “Animais selvagens de circo são mantidos em tais jaulas. Nós, seres humanos, somos os mantenedores de nossos pensamentos, e devemos ser cuidadosos para que nossos pensamentos não fujam, porque se eles o fizessem seria muito difícil pegá-los novamente”. Ele pergunta a si mesmo: são os pássaros pensamentos ou sentimentos, fatores psicológicos que tentam se libertar e que ele tenta manter presos, mesmo com o risco de pressioná-los com muita força, de modo que eles morram e não sejam mais comestíveis? Mas o fato de que eles são animais parece apontar para algo instintivo.

273 *Roda posterior*: em um automóvel, esta é uma parte muito importante, porque é a parte motora e indispensável ao carro ^[147].

274 *Dr. Jung*: O que lhes ocorre como especialmente importante?

275 *Dr. Binger*: O número quatro. Você discutiu a mandala com ele?

276 *Dr. Jung*: Não, não particularmente. O número quatro desempenha um papel importante na filosofia de Pitágoras ^[148]. É o quatro místico, a essência de todas as coisas existentes, o número básico. A maioria das mandalas são baseadas no quatro.

277 Qual é a próxima coisa? Por que estes pequenos animais sempre tentam fugir e tornam difícil para ele mantê-los juntos? Isto seria especialmente estranho se eles representam a mandala.

278 *Dr. Schlegel*: Eles obviamente representam a dissociação de sua personalidade.

279 *Dr. Jung*: Individualidade, não personalidade. Há algo nele que luta contra a concentração. Ele está obviamente doente de constrangimento, ele tem muito disso em sua vida presente. Esta é a razão para sua dissociação, ele pensa que já teve o suficiente de concentração, e ele odiaria ter de segurar-se ainda mais. Seu inconsciente está mostrando a ele no processo atual de manter estes animais juntos; portanto o inconsciente obviamente quer que ele mantenha uma sua individualidade. Sua resistência está no caminho de uma falsa analogia. Nós podemos concluir que este “manter uno” é como sua vida, mas nada há no sonho para demonstrar isso. Ele precisa se concentrar no centro da individualidade. Eu não me sinto bem justificado em dizer que é como o constrangimento em sua vida comum, isso significaria o centro do ego. O centro da individualidade não está necessariamente no mesmo lugar que o centro do ego. Nós deveríamos antes associar personalidade com persona, mas precisamos de outra palavra para a individualidade efetiva. Individualidade é a qualidade do ser inteiro ao qual chamamos homem, assim o centro do indivíduo é o centro do *self*, e estes quatro frangos obviamente pertencem àquele centro; e a interferência do paciente e seus maiores cuidados são necessários, senão o centro está sempre se desintegrando e se separando. Eu estou inclinado a separar o problema de seu constrangimento e resistência conscientes do problema do constrangimento do *self*; isto é, a integração do centro fora do campo da consciência. Pode ser que o paciente tenha uma resistência contra a própria palavra *constrangimento*^[149] ou *auto-controle*, porque ele já teve problema suficiente com sua restrição consciente. A coisa que é apontada no sonho nada tem a haver com o problema de sua consciência. Ela tem a haver com quatro frangos que a serem colocados em uma bacia, e também com a idéia de frangos assados. É um modo engraçado de representar este centro.

280 No *I Ching* há um hexagrama, número 50, que é chamado “O Caldeirão”^[150] De acordo com o Professor Wilhelm, uma panela de cozimento com três pernas significa, em *yoga*, a técnica para produção do novo homem. Há algo muito bom na panela, é o alimento para o rei, a gordura de faisões está nela. Aí vocês têm os frangos. Esta parte do sonho sugere que o centro não-egóico não existe realmente por si mesmo, tem que ser produzido pelo próprio paciente e com grande cuidado.

281 Numa parte do texto do “Caldeirão” se lê: “Fogo sobre madeira. / A imagem do Caldeirão. / Assim o homem superior consolida seu destino / tornando correta sua posição.” ... “Um *ting* com pernas para o alto” (tudo está jogado fora, então está pronto para ser usado). “Há comida no *ting*. / Meus companheiros estão invejosos, / mas não podem me prejudicar.” ... “A empunhadura do *ting* está alterada. / Alguém está impedido em sua estrada da vida. / A gordura do faisão não é comida. / Uma vez que a chuva caia, o remorso será consumido.” ... “As pernas do *ting* estão quebradas. / o alimento do príncipe está desperdiçado.” ... “O *ting* tem empunhaduras amarelas, anéis de transporte dourados.” ... “O *ting* tem anéis de jade” (isto significa grande boa sorte). “Nada deixará de atuar para favorecer”. A idéia da panela vem de um tipo de vaso sacrificial usado no culto ancestral taoísta. É um símbolo do útero espiritual no qual o novo ser é formado. É o mesmo que o *krater* dos primeiros cristãos, ou o destilador dos alquimistas, no qual o novo ser é feito. Fragmentos de coisas são jogados juntos, coisas que não se misturam ordinariamente, mas se unem no fogo e produzem o ouro, o novo homem. Assim, a panela obtém ouvidos de ouro e até mesmo de jade, a mais valiosa, a *lapis lapidum*, pedra das pedras. Aqui nós temos a mesma idéia da alquimia medieval, a *lapis lapidum* é a pedra dos filósofos. A idéia de que os faisões são cozinhados na panela como alimento para o príncipe é usada porque todo o processo de cozimento se refere à quinta linha do hexagrama, o lugar do Governante. A quinta linha é o ouro, o príncipe a ser feito, o novo homem. Mas primeiro é preciso pegar o faisão, ele tem que levar o tiro. Há muito simbolismo de caça no *I Ching*. Tudo significa que o feixe de instintos do homem, sua caótica totalidade de instintos, não é de modo algum integrada. Os instintos são muito contraditórios, e o homem é arrebatado [\[151\]](#) por eles. Portanto, se vocês quiserem fazer qualquer coisa por esse feixe de instintos que vocês são, vocês precisam perseguir seus instintos, juntá-los e transformá-los. Isto sugere que vocês precisam coletar coisas raras de todo o mundo, cozinhá-las juntas numa panela, e algo pode aparecer, talvez o ouro. Esta é a idéia no sonho. Há quatro animais que tentam escapar, e eles precisam ser caçados e postos na panela. O alimento está pronto para o homem perfeito. Os instintos são alimento a ser mantido e transformado sobre o fogo. Esta é a preparação do alimento do príncipe. Depois de um tal processo, já não se é mais arrebatado pelos pares de opostos, mas se é uno consigo mesmo - o velho desiderato. Nada é dito disto tudo no sonho precedente. O desenho

sugere que o sonhador deve circular em todo lugar, de acordo com o padrão, para todos os quatro cantos do mundo, não apenas uma vez, mas duas vezes. Ele tem que fazer a grande viagem de engano no mundo da ilusão, de modo a experimentar cada coisa. Cada coisa que acontece a ele é ele mesmo. Esta viagem é a caçada, e quando isto é completado, o processo de cozimento toma lugar, e a produção do ser que é um. Importantes partes nossas estão esperando por nós no mundo e nós temos que encontrar um destino particular de modo a experimentar essa qualidade. Se nós a experimentamos, ela é enjaulada, saboreamos o frango. O destino deve ser vivido neste sentido de tal modo que podemos experienciar outros aspectos de nós mesmos, e então integrá-los.

282 O paciente quase não tem associações com “frango” exceto pelo ato de comer. As galinhas são animais para os quais nós podemos ter não muito grande respeito. Elas estão usualmente em pânico, cegas, criaturas estúpidas que correm para a estrada bem quando um automóvel está passando. Elas são um excelente símile para tendências fragmentárias reprimidas ou nunca por nós atravessadas, vivendo vidas autônomas bastante à parte de nosso conhecimento. Estes pedaços de alma fragmentária, como as galinhas, estão atingindo um terrível *nonsense*, todas as coisas tolas que as pessoas sábias fazem, como o perdulário que guarda seus fósforos. Vocês conhecem algum número de exemplos de pessoas que têm algo absolutamente inconsistente com suas características. Todas as coisas que escapam de nosso controle e observação são “frangos”.

283 *Sr. Roper*: Por que ele sente que o frango que ele pressionou é o assado?

284 *Dr. Jung*: Ele não teve associações com isso. Algumas pessoas não têm associações por causa de resistências, mas algumas vezes é porque estão bastante frustradas. Se a atitude do paciente com relação a sonhos tivesse sido diferente, ele teria feito associações. Algumas vezes eu não tenho associações porque uma coisa parece tamanho disparate que me deixa com raiva, de modo que minhas emoções evitam associações. Assim, este homem está encolerizado com este tolo sonho de frangos depois do belo sonho prévio, e não tem associações. Por que ele pressiona o frango tão violentamente que ele parece morto? Este frango é obviamente uma de suas funções que tentaram escapar, assim nós podemos assumir que é sua função inferior, aquela mais fora de controle. Ele é um tipo intelectual e sua função inferior é o sentimento. Ele tem espremido demais seu sentimento; ele o

tem espremido para agradar a sua esposa, mas o ganho aparente não vale a pena. Nós estamos bastante seguros em assumir que ele pegou seu sentimento, espremeu-o, quase o matou, e então olhou para ele. Agora vem uma peça de magia antiga. Por meio de olhar para algo, concentrar-se em ou meditar sobre algo, você o faz crescer sair da casca. Ele está no ato de matutar sobre si mesmo. Quando os deuses querem trazer algo à tona, eles matutam sobre esse algo, fazem *tapas*^[152], contemplam-no. Assim, neste caso quando o paciente começa a olhar a galinha que ele pensa que está morta, ela torna à vida novamente. O sentimento tornará à vida, não importa o quão árdua tenha sido a compressão, se vocês meditarem sobre ele.

285 *Dr. Schlegel*: Nós entendemos que foi uma questão de princípios, que foi era boa coisa juntar os frangos e assá-los?

286 *Dr. Jung*: Eu tenho que repetir que o inconsciente não tem intenção moral; ele é pura Natureza, diz o que está acontecendo, como um evento objetivo. O sonho nunca diz o que deve ser ou o que não deve ser. Nós temos que tirar nossas próprias conclusões. Nós não podemos dizer que o inconsciente quer que façamos coisas ou não; nós dizemos: “Algumas coisas estão acontecendo assim - é bom dar uma olhada” ou “é bom que as coisas estejam acontecendo assim”. O sonho é meramente uma declaração das coisas que estão efetivamente acontecendo. Nós podemos assumir que é bom ou mau que este frango escape ou que um seja assado. Tudo é possível. Nós falamos dos “frangos” como almas ou tendências fragmentárias, acéfalas, que estão no exterior no mundo, em outras pessoas. Todas as coisas fragmentárias em nós, enquanto forem inconscientes, estão para ser encontradas nas outras pessoas, do lado de fora. Este homem não completou a soma de seus erros. Ele tem quarenta e sete anos, mas ainda há muito tempo para erros. Nunca se sabe, talvez este frango seja uma alma fragmentária que deva escapar; eu não posso dizer. Alguns podem escapar, alguns podem não escapar; é porque não são suficientemente fortes. Há certas pessoas que são apenas muito fracas para serem más, elas não têm nenhum dom particular para isso; pois ser mau é um dom. Algumas pessoas o têm e sua meta é a cadeia, assim como a *Royal Academy* é uma meta para outras. Algum tempo atrás eu ouvi falar de um homem, um pilar da igreja, homem extremamente respeitável. Ele gradativamente ficou mais e mais insatisfeito com sua vida, até que uma vez ele acordou no meio da noite e disse: “Agora eu sei que tipo de homem eu sou. Eu pertenço ao demônio”, e depois disso ele se converteu ao Mal.

287 Assim o frango pode ser apenas uma alma fragmentária que pode fugir e escapar. Eu só poderia dizer: “Bem, ele teve sucesso em escapar, o que você pode fazer a respeito?” Uma vez eu encontrei um conhecido casual que tivera um sonho no qual ele estava no departamento de polícia e tinha assumido o controle de um estabelecimento de convictos. Não haviam criminosos realmente maus nesta casa, apenas uns vagabundos, escroques, etc. Ele pensou que tinha trancado a porta, mas enquanto ele estava afastado todos os “pássaros” fugiram. Ele me contou o sonho e achou muito divertido que todos tinham fugido. Eu pensei: “Isto é estrambótico, algo está errado com esse homem”, e minha idéia estava certa. Cerca de um ano depois ele arruinou-se. Ele foi à bancarrota e entrou em colapso completo. Aquilo não era frango. Era sério, seu inconsciente disse a ele: “agora olhe - seu inconsciente está cheio de vagabundos e eles vão sair”. Este homem tinha um interesse peculiar em pessoas vagabundas e estrambóticas. Ele ia falar com elas e gostava de estar com elas. Isso era estranho para mim, pois sua vida não parecia se encaixar nisso, mas seu inconsciente estava cheio de vagabundagem e irresponsabilidade. É como o clérigo que pegou um interesse similar em prostitutas. Ele até viajou a Paris e foi a todos os tipos de bordéis para salvá-las. Havia algo estranho acerca daquilo, e o desenlace disso foi que o homem pegou sífilis e ficou muito doente. Assim, com esses frangos, é uma questão de ver se eles devem fugir ou devem ser resgatados. Aqui está toda a arte do clínico. Suponha que eu tenha alguns cisnes ou mesmo águias em uma jaula. Eu poderia dizer: “é claro que se deve permitir a eles fugirem, águias devem voar”, mas é absurdo falar nos mesmos termos de galinhas. É bom para uma águia ser livre, mas é ridículo para galinhas escapar e correr por todo lugar. Esta é uma maravilhosa oportunidade para um analista que não tem está seguro de si. Se o analista sentiu que o paciente era um homem cheio de preocupações, pode ser melhor que as galinhas vão-se embora. Pode-se dizer que ele se faz de ridículo no sonho tentando mantê-las no interior. Melhor que ele mate uma avezinha ordinária e a coma, é só uma galinha. Mas eu ainda não estou certo deste homem. Ele tem uma natureza muito complexa e eu não estou certo de que ele não é um frango. Ele não tem neurose, mas tem grande interesse intelectual. Se ele tivesse leões ou tigres por trás das grades eles rugiriam. Nós não ouvimos rugidos e eu o conheci por dois anos. O homem é uma alma muito quieta e eu não sei onde ele pegou as pulgas que o irritam. Pode ser que estes frangos sejam como pulgas e devam “dar o fora”. O sentimento dele no

sonho era de que eles não deviam escapar, assim eu fico em dúvida. Eu estou preferencialmente inclinado a assumir que não há um voto de liberação naquele homem. Algumas vezes, com alguns de vocês, eu não sei se é um leão ou um frango. Estes são os escrúpulos de um analista. Este homem é absolutamente respeitável. Quando ele morrer o pároco dirá que ele viveu uma vida sem manchas e foi um marido modelo, mesmo que ele tenha pego umas pulgas no caminho, as “cocotas” de alta classe (cem francos para que ele não pegue uma infecção). Lentamente ele se torna consciente de que isto não funciona. Ele tem algum sentimento por uma garota assim. Talvez ele tenha uma visão de como ela poderá parecer quando ficar velha, quando tiver uns cinquenta anos, como estas terríveis velhas *cocottes* que se vê em Paris. Tais coisas podem começar a vir à tona nele e causar sentimentos muito desagradáveis. Ele tem andando cego como um garoto, e a fuga das galinhas pode significar as cegas escapadelas de sua vida.

288 *Dr. Binger*: Você vê algo de uma natureza compensadora nisso?

289 *Dr. Jung*: Depende de como ele vê isso. Se esse homem, por exemplo, fosse um rapaz inocente vivendo no paraíso com sua jovem e doce esposa, talvez fosse necessário que as galinhas fugissem, de modo que ele pudesse perceber o que o mundo realmente é. Mas este homem não é ingênuo, ele é um homem de negócios em alta ebulição [\[DRAW6\]](#), mesmo tendo algo de um idealista. Ele tem um traço humano, assim ele continua com sua análise.

290 *Sra. Sigg*: Quem é o “Eu” neste sonho? Ele não é um homem domesticado?

291 *Dr. Jung*: O catador de galinhas não é o homem convencional. É o homem convencional que persegue prostitutas. Seu lado convencional sai com prostitutas, isto é convenção. As galinhas são almas fragmentárias inconscientes que organizam escapadelas. Este homem tem uma filosofia e é bem letrado; ele não providencia escapadas, mas - dada uma garrafa de vinho, etc. - não há mais filosofia. Isto é convenção e muitas pessoas não se preocupam enquanto não é descoberto. Muitas mulheres até dizem que não se preocupam se seus maridos saírem com *cocottes*, ou se eles são homossexuais e corrompem garotos e fazem toda a sorte de coisas feias. Elas só se preocupam se o marido se apaixona por uma mulher decente. Este homem pensou que estava tudo bem com as prostitutas; exceto ocasionalmente, um vapor se levanta, uma questão. Uma vez um homem muito convencional me disse: “Você não pensa que eu posso me divorciar

de minha esposa? Nós estamos casados há vinte e dois anos e eu gosto dela bastante, mas eu tenho visto uma mulher mais jovem e eu gostaria de casar com ela. Eu estive legalmente casado com minha esposa, portanto não vejo razão pela qual não possa estar legalmente divorciado”. Este homem não era muito lógico, mas ele não tinha nenhum sentimento.

292 Minha idéia em resumir este sonho é a de que ele fornece os ingredientes para a produção do novo homem. Portanto, nós temos o paralelo com o *I Ching*. Se ele vai deixar os frangos correrem ou se ele os mata e os assa é praticamente a mesma coisa. Se as galinhas fogem ele terá uma série de aventuras de frangos a céu aberto e retornará dos jogos e terá que integrá-los. Ou, se ele não estiver preparado para tais aventuras então ele precisará integrar estas tendências. Por exemplo, suponha que eu estou andando ao longo da *Bahnhofstrasse* e eu vejo uma bengala particularmente bonita, e eu penso: “Isto é justamente o que eu quero”, e então eu penso: “Por que eu desejo isso? Eu não sou assim, já tenho uma grande quantidade de objetos e eu apenas a atiraria longe”. Eu acho que é tolice, mas eu a compro e pago cem francos por ela, e então a atiro longe. Então eu penso: “bem, eu a comprei e joguei longe, aí está uma experiência”. Eu posso registrar isso em meu favor, ou posso dizer que sou um tolo em fazer isso, que inconsistência a minha em desejar aquela bengala; mas eu também posso registrar aquela realização em meu favor. Assim, com este homem, se ele tem algumas experiências com prostitutas pode ser que as coisas fiquem mais claras para ele; ou ele pode dizer: “É tudo uma ilusão, apenas”, assim ele enjaula os frangos e os assa; o resultado é o mesmo. A coisa principal é que ele deve ver a si mesmo e aprender a manter-se uno, pois ele é bastante disperso. Eu não tenho certeza, ele pode ser bastante charmoso em sua família e com seus parentes e amigos, mas possivelmente em seus negócios ele pode ser capaz de executar um truque sujo. Eu não sei, mas tenho uma impressão que ele pode ter um pouco de um caráter dispersivo. Ele precisa aprender a ver a si mesmo, não importa por qual técnica, e se manter consigo mesmo. Algumas pessoas tornam-se conhecidas de si mesmas se espalhando pelo mundo; outras, trancando-se em si mesmas. Tudo depende do temperamento. Há muitas razões para isso, extroversão, introversão, tradição na família, etc.

CONFERÊNCIA IV: 13 DE FEVEREIRO DE 1929

293 *Dr. Jung*: Nós temos um número razoável de questões para lidar, a maioria a respeito do *I Ching*. Parece que isto levantou um interesse geral. A questão do Sr. Gibb vai às raízes da coisa toda: “Esta questão se refere ao desenho no sonho prévio e ao assunto de tais desenhos e padrões em geral. Estamos justificados em assumir que tais sonhos e fantasias suportam a verdade de uma forma particular de filosofia, como por exemplo algo baseado na idéia de quatro funções? Ou devemos tomá-las como expressão de um desejo inconsciente ou necessidade de uma filosofia de algum tipo, isto é, por algum tipo de produção de uma completa integração ou síntese de experiências? Eu sinto que no máximo elas indicam há uma necessidade de uma filosofia baseada em experiências psíquicas em vez de algo baseado em abstrações coletadas na ciência física. Mas estamos justificados em dizer algo mais que isso?

294 “Um exemplo do que eu quero dizer é a Divan-i-Khas (sala de audiências privadas) do Imperador Mogul, Akbar, em Fatehpur Sikri^[153]. Esta edificação é construída de modo a formar justamente um desenho como esse que estamos discutindo, e Akbar costumava sentar em um tipo de prato no meio dela, enquanto homens ilustrados do mundo todo contavam a ele sobre todos os tipos de religiões e filosofias e discutiam-nas com ele. Lá ele tentou fazer uma integração para si mesmo.

295 “O prato de arenito vermelho é suportado sobre um pilar com uma haste azevichada, no meio do salão quadrangular. Quatro corredores levam ao prato a partir dos quatro cantos, onde eles encontram uma galeria que dá a volta em todos os quatro lados do salão. Quando alguém olha para cima, para o prato, a haste negra do pilar é praticamente invisível de modo que toda a coisa parece estar suspensa no meio do ar”.

296 *Dr. Jung*: Eu admito que o que dissemos sobre a mandala e seu significado possível soa como filosofia, mas não é filosofia. É aparentado com Pitágoras e seu quatro. Tem a haver com princípios, todavia em si mesmo não é filosofia. É meramente uma expressão de fatos *inconscientes*.

297 Eu nem mesmo diria que expressa uma necessidade inconsciente por uma filosofia, tal como muitas pessoas prefeririam uma religião a uma filosofia. Estas figuras são ingenuamente produzidas pelo inconsciente e

portanto vocês podem encontrá-las em todo o mundo. A mais remota que eu conheço acaba de ser encontrada em Chichén Itzá, no Templo Maia do Guerreiro. Um explorador americano^[154] abriu caminho através do muro externo da pirâmide e descobriu que esse não era o templo original; um templo muito mais velho e menor estava dentro deste. O espaço entre os dois estava preenchido com entulho, e quando ele limpou aquilo ele chegou aos muros do templo mais antigo. Porque sabia que tinha sido o costume enterrar tesouros rituais sob o solo como um tipo de encanto, ele cavou o chão da varanda e encontrou um vaso cilíndrico de rocha calcária de cerca de um pé de altura. Quando ele levantou a tampa, ele encontrou lá dentro uma placa de madeira na qual estava afixado um desenho de um mosaico. Era uma mandala baseada no princípio do oito, um círculo dentro de campos verde e azul-turquesa. Estes campos estavam preenchidos com cabeças de répteis, garras de lagartos, etc.. Um de meus pacientes fez uma mandala similar com o mesmo tipo de divisões, mas preencheu-a com desenhos de plantas, não de animais. Estas são expressões aparentemente tão naturais que podem ser encontradas em todo o mundo. O Sr. Gibb nos dá um belo exemplo. É uma expressão ingênua da mesma idéia: o Imperador Mogul, Akbar o Grande, em seu salão de audiências privadas. O padrão da edificação bastante claramente forma uma mandala, o Mogul se assenta em uma espécie de prato de arenito vermelho suportado por um pilar delgado, de modo que o prato parece quase estar suspenso dos céus^[DRAW7]. É uma bela idéia para o velho homem sentar daquela maneira no meio de sua mandala, de modo que a sabedoria venha a ele a partir dos quatro cantos do mundo.

298 Na filosofia chinesa a mandala é “o campo de uma polegada quadrada da casa de um pé quadrado”^[155] - diz-se que a casa significa o Corpo Imperecível e a edificação da mandala significa a edificação do Corpo Imperecível. Mead escreveu um estudo muito interessante sobre a teoria de que o homem possui um corpo sutil além de seu corpo físico material^[156]. Geley tem uma teoria completa disso, uma nova psicologia chamada “*systeme psychodynamique*”^[157], uma nova palavra para uma velha coisa - como a maioria de nossos termos científicos. O corpo sutil é o domicílio permanente para aquilo que a filosofia antiga teria chamado *entelechia*, a coisa que tenta realizar a si mesma na existência. Agora, a idéia chinesa é de que a mandala é o símbolo do corpo sutil. De acordo com a teoria

oriental, pela meditação sobre a mandala todos os constituintes do corpo sutil são retirados de fora e são concentrados no homem interior, onde edificam o corpo imperecível. O novo homem dos remotos ensinamentos cristão de São Paulo é exatamente a mesma coisa que o corpo sutil. É uma idéia arquetípica, extremamente profunda, que pertence à esfera dos arquétipos imortais. Pode haver algo nisso, pode ser verdadeiro, eu não sei; eu não sou o próprio Deus, que sabe tudo; eu preciso ater-me a meu mundo psicológico.

299 Em todos os eventos, a teoria oriental e seus símbolos concordam, do modo mais espantoso, com nosso trabalho. Um texto chinês explica a arte do prolongamento da vida pela edificação do corpo sutil^[158]. Ele contém um monte de simbolismo que eu tenho visto com meus pacientes, e enquanto todo este simbolismo é bem-conhecido para mim eu não ousa fazer interpretações arrojadas como as que o Oriente está fazendo. O Oriente ousa utilizar termos tais como a “transmigração das almas”.

300 Para os primeiros cristãos chamar um homem de “Filho de Deus” era nada, era um lugar-comum, esse era seu pão de cada dia. Por milhares de anos o Rei do Egito foi o Filho de Rá, assim como quando Cristo era chamado O Filho de Deus não havia dificuldade em acreditar. Mas para nós isso soa um tanto incrível porque nossa crença em Deus é uma abstração, nós nos tornamos mais filosóficos. Assim, com nossos arquétipos de imortalidade, quanto mais vimos a falar de imortalidade, tanto mais impossível parece, mesmo para os espiritualistas mais fervorosos. Que dizer da prolífera população de todas as eras, que dizer dos animais e insetos, dos cães e pulgas, etc.? Isso logo se torna absurdo, e nós dificilmente poderíamos imaginar céus e infernos suficientes para todos. Em assuntos metafísicos vocês nunca podem decidir a verdade, o único critério é “se isso *clica*”. Se acontece isso, então eu posso sentir que penso apropriadamente, e pensando assim eu funciono apropriadamente. Nós não temos outra prova. Todas as assim-chamadas experiências espiritualísticas podem facilmente ser criticadas. Vocês nunca podem evidenciar um fantasma. Há mil aberturas para a auto-ilusão.

301 *Questão da Dra. Shaw*: “Como você reputa tais coisas encontradas na filosofia chinesa como sendo tão aplicáveis à nossa psicologia atual? Eu concluo que você atrai nossa atenção especialmente ao hexagrama 50 do *I Ching* porque ele simboliza o caminho da análise, assim como o da Yoga”.

302 *Dr. Jung*: A Dra. Shaw aponta para a analogia entre a análise e a Yoga. O capítulo do *I Ching* que lida com a panela é um dos capítulos que contém o procedimento da Yoga, e nosso procedimento analítico produz formas ocidentais daquilo que no Oriente é a Yoga. A terminologia é diferente, mas o simbolismo é o mesmo, o propósito é o mesmo. A forma chinesa da Yoga é bastante como o simbolismo que obtemos nos sonhos e a partir do inconsciente em geral.

303 Falar de Yoga é falar de uma certa forma do método analítico. Estas coisas são pouco conhecidas e levantam resistências. As resistências são usualmente fundamentadas na ignorância. Muito poucas pessoas na Europa sabem qualquer coisa a respeito de Yoga. Nós estamos preenchidos com a mais espantosa megalomania, assumimos que as pessoas no Leste são ignorantes e que nós no Oeste temos descoberto uma grande verdade. Muitas pessoas assumem, por exemplo, que astrologia é completo contrasenso. É verdade que a astrologia nada tem a ver com as estrelas. O horóscopo pode dizer que você nasceu em Touro, mas as constelações hoje se moveram e os horóscopos já não correspondem à posição atual das estrelas. Desde 100 antes de Cristo nosso sistema de medida de tempo foi mantido suspenso de forma bastante arbitrária. Nosso ponto de primavera é agora a cerca de 29 graus de Peixes e não é mais em Áries, embora o horóscopo seja feito nessa base. O ponto da primavera está próximo de entrar em Aquário. Mas as pessoas criticam a astrologia como se tivesse algo a ver com as estrelas.

304 Se alguém menciona a Yoga, as pessoas imediatamente pensam em faquires, pessoas de ponta-cabeça por sete anos, e todo esse *nonsense*. Um verdadeiro conhecimento das práticas da Yoga é muito raro no Ocidente. Eu me senti muito pequeno quando fiquei bem familiarizado com essas coisas. Aqui está uma reprodução de uma figura no templo de “Nuvens Brancas” em Pequim^[159]. Ela pertence ao sistema do Tao Chinês. É como se eu tivesse de escrever um tratado sobre como proceder ao longo da estrada da psicologia analítica. Esta figura não foi publicada, mas se fosse ninguém saberia o que ela significa. A mandala e a idéia da panela de cozimento estão nela. Uma tremenda experiência de simbolismo inconsciente seria necessária para compreender todos estes detalhes. A forma desta figura mostra a espinha humana - cabeça, olhos, a região do coração, e abaixo há outros centros ou zonas. Em vez da coluna vertebral há rochas assentadas no banco de um rio que flui subindo a colina a partir da zona de água. A

Yoga Taoísta tem muitos paralelos com a análise. Apenas recentemente um texto de mil anos de idade foi encontrado por um chinês e decifrado pelo Instituto Chinês em Frankfurt^[160]. Wilhelm me diz que ele contém material similar a nossos resultados aqui. É uma espécie de ponte psicológica entre o Oriente e o Ocidente. Não há razão pela qual devêssemos ter qualquer tipo de megalomania em conexão com as coisas orientais. Não podemos assumir que o chinês é um idiota, e que nós somos terrivelmente inteligentes. É sempre um engano subestimar um oponente.

305 *Dr. Binger*: Você nos dará a derivação da palavra *mandala*?

306 *Dr. Jung*: *Mandala* significa orbe ou círculo com uma conotação de magia. Você pode desenhar uma mandala, pode construir uma mandala, ou pode dançar uma mandala. A “Mandala Nritya” é uma dança na qual as figuras descrevem uma mandala.

307 Aqui está outra questão que tem a haver com o famoso frango que foge e é pressionado e foi encontrado na panela em uma condição mais ou menos comestível. A Sra. Sigg acha que o frango que fugiu era intuição. Mas eu não vejo possibilidade de interpretação daquele frango como intuição. Eu não consigo ver que possamos assumir que o paciente desenvolveu qualquer função particular.

308 *Sra. Sigg*: O primeiro sonho era naturalístico, e então veio a mandala cuja expressão era a situação toda, e agora vemos a processo todo por intuição; é sintético.

309 *Dr. Jung*: O homem estava confuso e desconcertado, portanto algo tinha que acontecer para dar a ele clareza a respeito da situação toda. A mandala foi um tipo de carta do inconsciente destinada a clarear sua mente. Neste caso sua função é trazer ordem a um estado de confusão, e esta ordem parece ser estabelecida neste padrão particular de mandala. É como um amuleto. Amuletos com frequência têm uma forma de mandala. Um bom número de mandalas pré-históricas da Idade do Bronze foi escavado e está no Museu Nacional Suíço. Elas são chamadas rodas-do-sol e têm quatro raios, como as velhas cruzes cristãs. Este é também o desenho na Hóstia na Igreja Católica e no pão usado no culto mitraico, um tipo de “pão-mandala”, como é mostrado em um monumento. Comer o pão é comer o deus, comer o salvador. Este é o símbolo reconciliador. Comer o animal do totem simboliza o fortalecimento da unidade social do clã inteiro. Esta é a idéia original repetida eternamente através das eras.

310 *Sra. Sigg*: Eu não vejo a diferença entre uma visão interior e uma intuição.

311 *Dr. Jung*: Quando vocês sonham, não podem dizer que usam esta ou aquela função, embora algo possa entrar em suas cabeças. Vocês não precisam de olhos para obter esse algo. Intuição pode significar um esforço consciente. Se eu preciso dela numa situação, eu preciso procurar por ela, de modo a obtê-la. É bastante possível que este homem tenha feito o esforço antes, mas a coisa no sonho é apenas uma visão de um fato. Não é função da mente.

312 *Sra. Sigg*: É difícil em um sonho excluir o esforço que ele tem feito conscientemente.

313 *Dr. Jung*: Não precisamos confortar a nós e ao paciente dizendo que ele tem feito um esforço e agora como recompensa há o sonho bom. Com bastante certeza, esta coisa é o resultado de seu pensamento, mas não é intuição. Nós já dissemos tanto a respeito desse sonho que podemos assumir que lidamos suficientemente com ele. Há quaisquer outros pontos não-claros para vocês? Vocês vêem todo o significado do sonho em conexão?

314 *Sr. Rogers*: Como você sabe quando incluir a consciência e quando deixá-la de fora? Em algumas explicações onde haviam três figuras, como em *Macbeth* e em *Fausto*, você adicionou a consciência para fazer quatro. Mas se você a adicionasse em outras haveriam cinco. Em *Macbeth* os três seres humanos com a consciência seriam quatro; aqui com os quatro frangos não há. Como você sabe quando excluir?

315 *Dr. Jung*: A diferença é que em nosso sonho há quatro animais, quatro frangos. Isso aponta para o fato de que o self, como representado pela mandala, é inconsciente (animal!). Não há consciência a adicionar.

316 *Sr. Rogers*: E a respeito dos quatro filhos de Hórus, como é que aquilo funcionaria?

317 *Dr. Jung*: Hórus está no centro e seus filhos são seus quatro atributos. Com Hórus, assim como com os quatro evangelistas, a figura central é humana e os quatro são meramente atributos. O grupo de Hórus, tal como o de Cristo (*Rex gloriae*), simboliza o self, com três funções inconscientes e uma que atingiu a consciência.[\[DRAW8\]](#) Assim, os filhos de Hórus são freqüentemente representados como três com cabeças de animal e um com uma cabeça humana. O mesmo é verdadeiro com a mandala cristã. Seria difícil se encontrássemos um de tais quatro coisas sozinhas, mas nunca as

encontramos sem Hórus. Assim, com os Evangelistas, você nunca os vê sozinhos, mas sempre agrupados em redor do Salvador.

318 Vocês têm que ser cuidadosos ao especular sobre números e desenhos geométricos. Eu estou lhes dando meras conjecturas ao explicar nosso tema de mandala por paralelos mitológicos e ao interpretar as figuras mitológicas por nossas observações psicológicas. Parece como se quatro animais sem o centro representassem a inconsciência de todas as quatro funções, enquanto três animais e uma figura com cabeça humana representassem o fato de que três funções estão inconscientes e apenas uma está consciente. Uma quinta figura no centro representaria a soma total do homem; suas quatro funções [consciente e inconsciente] sob o controle de um Deus ou “centro não-ego”.

319 Há algo mais a respeito de nosso sonho para ser considerado?

320 *Srta. Hannah*: E a respeito da roda posterior? Você ainda não nos falou sobre ela.

321 *Dr. Jung*: O que a roda posterior representa?

322 *Dr. Binger*: O próprio sonhador a interpretou como a força diretriz.

323 *Dr. Jung*: O que é isso psicologicamente?

324 *Dr. Binger*: Significa libido, o frango está escapando com a libido do homem.

325 *Dr. Jung*: Uma destas funções está escapando onde está a libido de motivação. Por quê?

326 *Sr. Roper*: [A função] Está indo com aquela mulher?

327 *Dr. Jung*: A mulher era fantasia. Não há indicador no sonho de que ela vai para uma mulher. O sonho diz que uma função escapa onde a libido motivadora ou criativa está. Se vocês assumirem que ele está motivado pela fantasia de uma mulher, então isso pode ser onde o frango escapa.

328 *Sr. Roper*: Poderiam ser os estudos ocultos?

329 *Dr. Jung*: Como estes estão conectados com a libido?

330 *Sr. Roper*: São uma de suas duas linhas fortes.

331 *Dr. Jung*: Sim, não se sabe, com este homem, se sua motivação mais forte é sua fantasia sobre mulheres ou seus estudos ocultos. Se ele tem devotado mais tempo a seus estudos ocultos do que a suas experiências com mulheres, então vocês podem estar certos de que ele está mais interessado neles. Eu sempre tento obter a quantia exata de tempo e dinheiro que alguém tem gasto em algo, então eu sei o quão importante aquilo tem sido para o paciente. Uma mulher conta não pela intensidade de sentimento, mas pelo tempo que você gasta com ela. Melhor quatro horas com menos

insistência na beleza do sentimento do que quinze minutos só com palavras maravilhosas. As mulheres são impiedosas, mas estes são métodos muito eficientes, eu os aprendi das mulheres. Três quartos de análises são feitos por mulheres, e eu aprendo delas.

332 Neste caso não temos meio de saber se a libido motivadora, a “roda posterior”, está ou não está mais ocupada com os estudos ocultos do que com fantasias sexuais, mas ao menos podemos assumir que ela está ocupada com o vazamento através por volta da roda posterior. O vazamento na análise é muito importante. Há muitas pessoas que, quando estão sendo analisadas, tentam estabelecer uma espécie de fortificação, uma ilha, um lugar onde nada se move, onde nada acontece, onde nada é deslocado. É a construção de um contrapólo que eu não destruiria, e a idéia de uma tal ilha é um símbolo feliz e importante, mas muitas pessoas fazem um uso errado disso ao reservar seus julgamentos, ou retendo algo. Além da polidez, estas reservas são sempre racionalizadas ou pretextos são feitos. Por tais subterfúgios criam um lugar seguro por onde podem se esgueirar. Certa dama vem a mim para a análise e se apaixona por outro homem imediatamente. Alguém pode se perguntar por quê. Ele não é particularmente o tipo que se esperaria que a atraísse. É simplesmente uma válvula de segurança para ela, ela está se protegendo contra a transferência. O outro homem se torna o lugar de escoamento. A paciente não admitirá totalmente sua paixão, ela diz: “Ah, só uma pequena fantasia”; mas lá sua libido está vazando. Nada acontece, com efeito, na análise, porque tudo está vazando. Então o analista tem que trabalhar sobre um tipo de “cenário de roupas chuvosas”. Vocês não obtêm reação, tudo está suspenso pelo vazamento para este lugar seguro. Quando vocês têm que lidar com tais pessoas, vocês só podem fazer nada. Quando vocês tentam pegar alguma coisa, ela recua. Vocês fazem uma espécie de análise provisória. Pode ser o mesmo na vida em que o filho permanece no pai como um depósito de segurança. Vocês podem descobrir que estas pessoas têm um contrapólo ou depósito de segurança, onde está o vazamento. A influência do analista é contra-atuada por alguma coisa constante e autônoma até que ele descubra o contrapólo.

333 Assim este homem nesse estágio de análise estava inclinado a fazer a *restriction mentale*, um tipo de truque curioso. Por exemplo, há uma história sobre um monastério do século dezoito, que queria obter o patrimônio de um camponês. Eles não tinham direito a ele, mas fizeram

tudo que podiam para obtê-lo. Então o abade aprendeu de um homem sábio que ele poderia aplicar a *restriction mentale* para certas coisas que seriam decididas por juramento. Assim o abade pegou um pouco de terra de seu próprio jardim e colocou-a em seus sapatos, então ele pisou na terra do camponês e jurou: “Eu estou pisando na minha própria terra”.

334 *Passe-partout par l'Eglise Romaine*^[161] é um livro sobre tais restrições. São coisas terríveis, mas acontecem. A *restriction mentale* neste caso seria aquela em que o paciente diria: “Sim, estou fazendo análise. Oh, sim, é muito interessante mas pode ser explicada de um modo diferente, como por exemplo, Dr. Jung é um tipo de médium. As coisas que ele diz que são boas são inspiradas por Mahatmas em um monastério no Tibete, e as outras coisas que ele diz são nada”. Com tal suposição, eu nada poderia fazer: ele não tinha tais reservas na realidade, mas alguma tendência a isso. Isto está acontecendo na análise o tempo todo, animus e anima estão ocupados com tais coisas. Uma vez eu tive um caso que realmente me deixou maluco. Eu estava tentando explicar algo a uma mulher minha paciente e eu usei um bom tanto de vitalidade para tornar enfático, mas ela ficava mais e mais obtusa e logo eu vi que ela não estava prestando atenção. Eu descobri que ela pensava que eu estava apaixonado por ela e estava sexualmente excitado, porque eu estava tão interessado e animado, e ela não via importância naquilo que eu estava dizendo. Aquela era uma *restriction mentale* na qual algo estava vazando, e eu nada podia fazer. Assim, com este homem, minha idéia é de que os estudos ocultos são o vazamento na libido motivadora.

CONFERÊNCIA V: 20 DE FEVEREIRO DE 1929

335 *Dr. Jung*: Hoje nós vamos continuar com nossos sonhos, nada mais de frangos! O próximo sonho veio dois dias depois.

336 *Sonho [5]*: “Eu estou chegando em um lugar onde um santo está sendo adorado; um santo de que se diz curar doenças quando alguém menciona seu nome. Eu estou aqui porque sofro de ciática. Eu penso que há muitas outras pessoas com as quais continuo meu caminho, e alguém me diz que um paciente já foi curado. Eu penso que preciso fazer algo mais do que chamar pelo santo, que eu devo tomar um banho no mar. Eu vou à praia e percebo alguns poderosos penedos na praia, em direção à terra. Entre os penedos e as colinas rochosas há um vale, um tipo de baía. O oceano a penetra em ondas quietas e poderosas, e se perde lentamente através do recesso da baía, que penetra na terra indo a uma distância considerável. Por um tempo eu observo a majestosa rebentação e alta ondulação que se passa. Eu escalo a alta colina rochosa. Então estou com meu filho mais novo. Nós estamos a ponto de escalar mais para cima quando vejo um borrito de água subindo pela colina que estamos escalando, do outro lado, e então fico receoso de que a rebentação seja tão poderosa do outro lado que possa arrastar a colina, que não era feita de leito de pedra, mas cascalho e penedos empilhados. A colina pode desmoronar e uma grande ondulação pode arrastá-la de uma lavada. Por conta disso eu levo meu garoto para longe”.

337 O quadro do sonho está muito claro, bem visualizado. Há uma praia plana, embora em direção à terra estejam penedos empilhados. Ele chega a uma colina de cascalho e pedras soltas que poderiam ser arrastadas pelo mar.

338 *Associações. Santo*: “Eu não consigo lembrar o nome do santo, mas acho que era algo como Papatheanon ou Papastheanon. Não consigo explicar este nome grego ou romeno”. Há muito grego na Romênia, por causa da mistura de grego na língua rústica, a linguagem dos camponeses através do Império Romano. Ela ainda perdura como *Romansch* na Suíça. *A cura mágica*: “é como a cura em Lurdes ou nas tumbas de santos em todo o mundo maometano, no Norte da África, Egito, etc. Eu só posso explicar essas curas, cuja realidade certamente não posso negar, através da crença no efeito, através de auto-sugestão, que é sempre realçada nas curas. A atmosfera de Lurdes onde as pessoas vêm curas mágicas tem um efeito

tremendamente sugestivo, sugestão de massa”. Ele fala a respeito de como alguém fica sob a sugestão da crença de uma multidão, o efeito sobre toda a multidão.

339 Então ele chega ao fato de que ele acha, mesmo no sonho, que é duvidoso que uma tal cura possa se dar: “Eu estou duvidoso se posso ser curado por um milagre ou crença cega a despeito do fato de que outros são assim curados, e penso que ajudaria um banho no mar e a contemplação do movimento poderoso da rebentação durante o dia”.

340 *Associações. O mar:* Aqui ele usa um termo alemão significando o meio primordial de vida. A evolução começou no oceano e o primeiro germe da vida apareceu lá. Poder-se-ia chamar o mar de útero da natureza. *Os majestosos vagalhões que vêm do mar:* “Pode-se dizer que nosso inconsciente é assim. O inconsciente envia ondas poderosas, quase com regularidade certa, ao nosso consciente, que é o vale que contém a baía”. Ele usa um símile que eu com freqüência tenho percebido meus pacientes expressando, que o consciente é como uma baía, ou laguna no inconsciente, conectado ao mar, mas separado por uma barragem ou península. Ele continua: “é tranquilizador e ao mesmo tempo muito interessante observar estas ondas. Falando neste sentido, nosso consciente é movido pelo movimento do inconsciente para cima e para baixo”. Ele quer dizer que o movimento inconsciente é uma espécie de respiração rítmica da natureza, como a idéia de Goethe de “diástole e sístole”. Este é o primeiro tipo de movimento, como nos protozoários. O movimento de extroversão e introversão é o que ele visa.

341 O sonhador prossegue: “Mas também pode ser bastante perigoso aproximar-se do oceano em um dia tempestuoso. A violência do mar pode destruir seus próprios muros, as praias e dunas construídas pelo próprio mar ; e muitos poderiam não se salvar das poderosas ondas”.

342 Ele diz a respeito do *menino*: “Ele é provavelmente meu preferido. Ele é meu menino mais novo, e ele identifica a si mesmo comigo e quer se tornar o que seu pai é. Ele é muito ciumento das outras crianças e sempre observa para ver que ele não tem menos que seus irmãos”. Depois que o sonhador contemplou por algum tempo o majestoso jogo do oceano, ele quer subir mais alto na colina. Ele vê o borrifo salpicando do outro lado e tem receio de que a colina seja destruída. Sua associação com isto é: “Do outro lado há, aparentemente, tal força de tensão que pode causar uma catástrofe; portanto, deve-se ter muito cuidado de modo que não se chegue

ao topo da colina e se veja [a colina] abrindo caminho de maneira que se caia na água”. Ele aqui se expressa ambigualmente. Ele fala parcialmente na metáfora do sonho e parcialmente de forma psicológica, significando que a “tensão no outro lado é perigosa”.

343 Quando vocês traduzem a língua alemã para o inglês vocês não conseguem dar todo o significado. Algo se perde, pois está ainda em uma condição primitivamente ambivalente, de maneira que está particularmente bem ajustada para expressar significados psicológicos com tons e nuances. Quando chega a formulações definidas de fatos científicos artificiais (não naturais), a língua alemã não é muito boa, tem muitas conotações, muitas linhas laterais. (Este não é o caso em inglês ou francês. Como linguagem filosófica ou legal, o francês é ideal). Como Mark Twain disse, a palavra *Zug* tem 27 significados diferentes: um alemão usa *Zug* para expressar o significado que ele quer transmitir e nunca pensa em seus outros possíveis significados. É como linguagem primitiva, onde algumas vezes a mesma palavra é usada para preto e para branco. O primitivo a usa e significa branco, mas para outro pode também significar preto. Em alemão uma correnteza é um *Zug*, um trem é um *Zug*, tendência é um *Zug*, e uma dessas fitas elásticas que vocês colocam em algum lugar em suas roupas também é um *Zug*. Isso é primitivo. Em inglês vocês têm as palavras *good*, *better*, *best*, e *best* vem de *bad*^[162]. Em Anglo-Saxão era *bat*, “bad”. A palavra francesa *sacré* tem um significado duplo também, *Sacré couer*, *Sacré nom de chien*^[163].^[DRAW9]

344 Eu quero ouvir suas impressões do sonho. Primeiro o santo; vocês se lembram do sonho anterior? Na interpretação de sonhos é sempre nosso primeiro dever ligar o sonho com o sonho anterior. Vocês podem ver qualquer conexão possível entre os frangos (no último sonho) e o santo? É muito forçado. Eu próprio não poderia dizer se eu não tivesse analisado tantos sonhos assim, e por saber o tema do sonho anterior e o deste sonho. O tema do sonho anterior foi o tema arquetípico da montagem do alimento sacrificial na panela, o procedimento alquímico para a reconstrução do novo homem. Esta é a velha idéia da transformação do indivíduo, do homem que está necessitado de salvação, redenção, cura. Ele está como uma velha máquina quebrada, consiste de trapos e ossos. Ele está oprimido pelos pecados do “Velho Adão”, e com os pecados de seus ancestrais também. Ele é um completo amontoado de miséria inconsistente. Ele é atirado na panela

ou *krater*, fervido ou fundido na panela, e surge algo novo! Isto é apenas fracamente aludido no sonho dos frangos. O cozimento dos ingredientes é uma espécie de cura. Em Alemão *heilig* está conectado com *heil*, ou “sendo inteiro”; *geheilt* significa curado. Curar é tornar inteiro, e a condição na qual se entra é uma condição completa ou inteira, enquanto antes era apenas fragmentos mantidos juntos. Assim, pegar e assar os frangos significa curar ou tornar novo.

345 Aqui vem à tona a idéia de medicamento. O Salvador é sempre o curandeiro que fornece *pharmakon athanasias*, o medicamento da imortalidade, que produz o novo homem. Quando vocês obtêm a *tintura magna* do alquimista, estão curados para sempre, nunca mais podem adoecer novamente. Estas são as conotações mitológicas do procedimento alquímico, ou a panela da transformação de fusão; portanto não é de admirar que no próximo sonho ele comece com um santo. Por que justamente um santo? Poderia ser um curandeiro ou um mágico. Por que ele escolheu ^[164] um santo? É uma boa peça de psicologia de paciente. O santo é o médico. Ele me chama ao telefone. “Você é o Dr. Jung? Pode me curar? Quanto tempo vai levar?” Ele invoca o Dr. Jung como um santo. O paciente, é claro, não pensa em mim como um santo. Mas seu inconsciente diz: “Você está invocando o nome de um santo”. O inconsciente o comunica como a mesma verdade antiga repetida novamente, que um homem chamou seu Salvador, um indiano chamou seu curandeiro, o árabe chamou seu Marabu. O católico esfrega a tumba de Santo Antônio de modo a obter energia de cura dela. Por que o inconsciente fala assim, qual seria o uso disso?

346 *Sra. Schlegel*: Acreditar ajudaria.

347 *Dr. Jung*: Sim, a crença não precisa significar nada além de uma vontade de acreditar, um tipo de expectativa: “Minha crença e esperança estão no Senhor”. O sonho diz que o paciente está na mesma velha situação arquetípica. Um dos efeitos de uma situação arquetípica é que, quando vocês entram nela, há uma grande quantidade de sentimento, e quanto mais o inconsciente está agitado tanto mais expectativa haverá de que as coisas entrarão no caminho certo. Que acontece em nossa psicologia quando nos aproximamos de um arquétipo?

348 *Dr. Binger*: Há um brotar de uma imagem tribal ou racial a partir do inconsciente coletivo.

349 *Dr. Jung*: Um arquétipo pertence à estrutura do inconsciente coletivo, mas como o inconsciente coletivo em nós mesmos, é também uma estrutura nossa. É parte de uma estrutura básica de nossa natureza instintual. Qualquer coisa trazida de volta àquele padrão instintivo é suposta a ser curada. Esta estrutura do homem é suposta a ser um animal totalmente adaptado, uma coisa notável apta a viver perfeitamente. A maior parte de nossas doenças psicogênicas consiste do fato de que somos desviados do padrão instintivo do homem. Subitamente nos encontramos no ar, nossa árvore não mais recebe a substância nutriente da terra. Portanto, vejam, quando vocês voltam a uma situação arquetípica vocês estão em sua atitude instintiva correta, na qual vocês precisam estar quando querem viver na superfície da terra; em sua atmosfera correta, com sua comida correta, etc. O arquétipo é o homem natural instintivo, como ele sempre foi. Os velhos curandeiros e sacerdotes compreenderam isto, não pelo conhecimento, mas pela intuição. Eles tentaram trazer um homem doente de volta a uma situação arquetípica. Se um homem tinha uma mordida de cobra podíamos dar-lhe soro, mas o antigo sacerdote egípcio iria à sua biblioteca e pegaria o livro com a história de Ísis^[165], levá-lo-ia ao paciente e leria para ele sobre o Rá, o Deus Sol, sobre como, enquanto ele estava andando pelo Egito, sua esposa Ísis fez um verme terrível, uma víbora de areia com somente sua boca aparecendo fora da areia. Ela colocou-a no caminho dele, de modo que ela o mordesse. Ele pisou no venerável verme e foi gravemente mordido e envenenado, seu queixo e todos os seus membros tremendo. Os deuses o apanharam e pensaram que ele ia morrer. Chamaram a Mãe Ísis, pois ela poderia curá-lo; então o hino foi lido sobre ele, mas sua mágica não pôde curá-lo inteiramente e ele teve que fugir no dorso da Vaca Sagrada e dar lugar ao deus mais novo. Agora, como poderia a leitura deste hino sobre Rá curá-lo da mordida de cobra? Qual é a utilidade de tal tolice? Eu assumo que estas pessoas não eram idiotas, de modo algum. Elas sabiam muito bem o que faziam, eram tão inteligentes quanto nós somos, tinham bons resultados com estes métodos, por isso os usavam, era “boa medicina”.

350 Quando vocês estudam a farmacopéia do antigo galeno, vocês ficam doentes, a mais espantosa pilha de esterco, e no entanto ele era um excelente médico. Eles tinham uma farmacopéia que era absolutamente ridícula de acordo com nossas idéias, mas nós o fazemos de fora para dentro, de modo racional, enquanto eles faziam de dentro para fora. Nós nunca vemos as coisas curativas que vêm de dentro; a *Christian Science* as

reconhece, mas a medicina clínica mesmo em nossos dias está vivendo e trabalhando pelos fatos exteriores. Aquilo que o antigo sacerdote egípcio tentava fazer era comunicar àquele homem que seu sofrimento não era somente o destino do homem, mas o destino de Deus. Tinha de ser assim, e a Mãe Ísis, que fez o veneno, também pode curar seu efeito (não inteiramente mas quase assim). Ao trazer o paciente à verdade eterna da imagem arquetípica da mordida da serpente trazida pela Mãe, seus poderes instintivos são estimulados, e isso é extremamente prestativo.

351 Já com nosso paciente, se os poderes arquetípicos pudessem ser trazidos à tona ele poderia ser ajudado. Mas conosco não é tão fácil, nós estamos distantes demais de uma tal imagem.

352 Alguém está em desespero ou muito triste, e o pároco o acompanha e diz: “Olhe aqui, pense em Nosso Senhor sobre a Cruz, o quanto ele sofreu, o quanto ele suportou as cargas por nós todos”. Nós podemos entender este tipo de técnica, e para as pessoas para as quais a imagem arquetípica de Cristo ainda tem sentido isso tem um efeito definido, mas para aqueles que se desviaram do arquétipo é apenas vento. Toda esta técnica naturalmente começou a partir do inconsciente. Estes velhos médicos, como os galenos, perguntavam a seus parentes por seus sonhos. Os sonhos desempenhavam um grande papel nas curas médicas. Um dos velhos médicos fala de um homem que sonhou que sua perna havia virado pedra, e dois dias depois ele teve paralisia de uma perna, de apoplexia. Certos sonhos são muito importantes para o diagnóstico de um caso. A técnica comum do sonho é de que ele leva o paciente à situação arquetípica de modo a curá-lo, a situação do Deus-homem sofrendo ou a situação da tragédia humana. Este foi o efeito da tragédia grega.

353 Agora este sonho subitamente põe o paciente no papel do peregrino, viajando para um santuário, como a Tumba de Santo Antônio de Pádua ou Lourdes. Ele está posto na situação do homem comum de todos os tempos, e através disso ele é trazido mais perto da natureza fundamental do homem. Quanto mais perto ele chegar, mais perto estará de se endireitar, e nós podemos assumir que com algumas pessoas isso funciona. Os poderes instintivos são liberados, parcialmente psicológicos, parcialmente fisiológicos, e através dessa liberação toda a disposição do corpo pode ser alterada. Um de meus estudantes fez alguns experimentos sobre a viscosidade do sangue, seguindo a viscosidade através de diferentes estágios da análise. A viscosidade era bem menor quando o paciente estava

embaraçado, resistente, ou em um mau quadro mental. Pessoas neste estado mental estão em condições para distúrbios físicos e infecções. Vocês sabem o quão estreita é a conexão entre o estômago e os estados mentais. Se um mau estado psíquico é habitual, vocês estragam seu estômago, e pode ser muito sério.

354 *Sr. Rogers*: Posso perguntar uma questão um pouco à parte da discussão? Quando a mesma palavra significa coisas opostas, o que há na mente primitiva que traz os opostos tão próximos?

355 *Dr. Jung*: É o desconcertante simbolismo das coisas que estão no inconsciente, onde as coisas são existentes e não-existentes. É uma coisa que vocês freqüentemente encontrarão nos sonhos e no inconsciente. É como se você tivesse uma nota de cem dólares em seu bolso, você sabe que a tem, você tem uma nota para pagar com ela, mas você não consegue encontrá-la. Assim, com o conteúdo inconsciente, as coisas são sim e não, bom e mau, preto e branco. Talvez haja uma possibilidade em seu inconsciente à qual você não consiga atingir. Há altas e baixas qualidades. Não pode ser ambas, mas pode ser uma ou outra. Assim, boas pessoas têm uma certa semelhança com más pessoas no sentido em que ambas têm um problema moral. Primitividade e talento, como em um artista, podem vir juntos. Todos os africanos são artistas maravilhosos no que podem produzir. Isto não é realmente uma nova descoberta. Os gnósticos tiveram essa idéia e expressaram-na como Pleroma, um estado de completude no qual os pares de opostos, sim e não, dia e noite, estão juntos, então quando eles “se tornam”, ou é dia ou é noite. No estado de “promessa”, antes que se tornem, são não-existentes, onde não há branco nem preto, bom nem mau. Com freqüência isso é simbolizado nos sonhos, como dois animais indistintos, ou um animal que come outro. É um sintoma de conteúdos inconscientes. Na Lombárdia nórdica pode-se ver frisos de animais que comeram um ao outro, e em manuscritos precoces dos séculos doze e treze há muitos desenhos entrelaçados de animais comendo um ao outro. Desde que a mente humana no começo era inconsciente, e a origem das linguagens trai o modo como as coisas eram, vocês podem ainda de certo modo sentir isso. Na mente fracamente iluminada vocês vêem algo preto que quase lhes dá o sentimento de branco. Com alguns primitivos é a mesma palavra. Vocês podem ver uma reação ambígua todos os dias, quando algo lhes aborrece e produz emoções conflitantes. Suponham que seu servente estraçalhe uma estátua valiosa, vocês ficam muito irados e dizem: “Que inferno!” ou “Que

diabo!”, ou podem dizer “Meu Deus!”. O que “Deus” significa quando usado de tal modo? Vocês o usam quando se maravilham, quando estão espantados, irados ou desesperados, tal como um primitivo diz “Mulungu”^[166] em todo tipo de estado. Quando ele ouve um gramofone ele diz “Mulungu”. O conceito ambíguo “Mana” é usado em Swahili para significar importância ou significância, é como “Mulungu”, o conceito de algo extraordinariamente eficiente ou poderoso. Quando pensamos do inconsciente é obrigatório pensarmos paradoxalmente, freqüentemente em termos de sim e não. Precisamos aprender a pensar em algo bom que pode ser mau, ou em algo mau que pode ser bom. Quando vocês pensam no bem devem pensar em termos de relatividade. Este é um princípio muito importante na interpretação dos sonhos. Tudo depende do ponto de vista de sua consciência, se é bom ou mau. O bom em termos psicológicos tem que ser relacionado ao mau. Originalmente aquele sentimento de bom e mau significou favorável ou desfavorável. Por exemplo, uma vez a um chefe foi perguntada a diferença entre bom e mau. Ele disse: “Quando eu tomo^[167] a mulher de meu inimigo, isto é bom. Mas quando outro chefe toma minha mulher isto é mau”. Não é uma diferença entre algo moral e imoral, mas entre favorável e desfavorável. A atitude supersticiosa sempre pergunta: “É favorável?” A mente é terrivelmente alerta a estas coisas. O conceito moral surge muito tarde. Há uma variedade de coisas às quais chamamos bem e belo no primitivo, mas ele não pensa nelas deste modo, mas tão somente como favoráveis ou desfavoráveis. “Comportei-me de tal modo que esta coisa não me ferirá?”

356 Em Hubert e Mauss, *Mélanges d'histoire des religions*^[168] os conceitos básicos da mente mitológica são categorias reconhecidas da fantasia criativa, o que Kant chama de “categorias de razão pura”. Categorias de raciocínio são somente aplicações intelectuais dos arquétipos. Os arquétipos são os recipientes primordiais nos quais vocês expressam qualquer coisa mental ou psicológica. Não há como fugir disso.

357 Agora, no progresso da idéia de cura o sonhador chega ao guia espiritual ou salvador. Tal processo nunca é cuidadosamente examinado sem um professor, curandeiro, guia ou guru, um homem que assiste o processo de iniciação, como nos velhos ritos de puberdade. O interessante fato de que o santo no sonho é chamado Papatheanon sugere o pai, desde que o velho “Pai” é um símbolo para um guia, mas por que não apenas

Papa? Por que este peculiar Papatheanon? A Senhorita Bianchi sugere que o paciente tenha sido influenciado pela ópera *A Flauta Mágica*, que é uma história de iniciação. A palavra *Papagei*, significando um papagaio, ocorre na ópera^[169]. *Papagei* é italiano. É uma palavra polinésia de origem exótica. Pode ser que o paciente tenha alguma associação com esta ópera, ou pode ser que ele não associe com nada do tipo. Ele enfatiza o grego e o romeno.

358 Sra. Sigg: Talvez ele signifique mais que o pai, também os pais da antigüidade?

359 Dr. Jung: Sim, o pai não é suficiente, ele quer adicionar uma forma particular, simbólica. O paciente fala italiano e ele também sabe grego e latim, portanto a palavra *papa* ou *papas* sugere a ele o Papa, o pai absoluto. O culto de *Attis* teve um templo no local de São Pedro em Roma, e o alto sacerdote era chamado “Papas”, portanto já havia um “Papas” várias centenas de anos antes de haver um Papa no Vaticano. O paciente também tem algumas associações, as quais não posso fornecer aqui, que conectariam com a forma grega. Assim é mais ou menos certo que a forma grega contém a idéia de um patriarca, ou papa. A conotação romena eu não pude decifrar^[170], mas tenho certeza de que poderia se eu tivesse chegado nela com tempo ilimitado. O paciente fala romeno, portanto isso deve significar algo para ele, mas nós temos material suficiente em conexão com o santo para tornar perfeitamente claro que o santo significa o guru, o líder, guia, e conselheiro espiritual; portanto o paciente está colocado em uma situação arquetípica.

360 Sua próxima associação é de que ele está em um lugar sagrado como Lurdes. Um tipo de cura arcaica é sugerido pela invocação do nome do santo. Quando eu estava viajando pelo Nilo Superior em um barco a vapor que puxava muito pouca água, nós usávamos barcas ao longo das laterais para estabilizá-lo. Um árabe vivendo em uma das barcas estava sofrendo de malária, e durante toda a noite eu o ouvia chamar “Alá!”, e então, depois de um intervalo, “Alá!”. Esta era uma invocação do nome de seu Deus para sua cura. Em um velho papiro grego atribuído ao culto de Mitra há uma prescrição de iniciação, uma admoestação ao pupilo, onde o iniciado é instruído a segurar suas faces e gritar tão alto quanto puder o nome de Mitra. Esta é uma parte muito importante do ritual.

361 Este paciente viajou ao Oriente, e sem dúvida seu inconsciente assimilou estas coisas. Ele traz à tona o fato de que sofre de ciática e que ele precisaria mais que uma mera invocação para curá-lo. Ele é um leigo, não um médico, e ele pensa na dor em sua perna como nada tendo a haver com uma doença nervosa, pensa em ciática como uma doença física e para curá-la algo físico tem que ser feito por ela, como por exemplo o banho no mar.

362 *Sra. Muller*: Ciática pode retardar o movimento, não?

363 *Dr. Jung*: Sim, a idéia do paciente é de que ciática é uma doença física; ela sugere que a máquina não prosseguiria, ele poderia não ir avante, certos desenvolvimentos não podem ter lugar. Qualquer doença ou ferimento das pernas sugere isto, e tal simbolismo é com freqüência usado nos sonhos. Com o paciente então, a sugestão é de que as coisas estão suspensas, e também de que não é um problema apenas mental, mas físico. Que problema físico há?

364 *Sra. Muller*: Sua relação com o mundo exterior pode ser o problema físico.

365 *Dr. Jung*: Que seria isso?

366 *Sra. Sigg*: Ele não está relacionado a sua esposa.

367 *Dr. Jung*: A falta de sexualidade, um problema fisiológico. Ele não tem relação física com sua esposa; chamem a isso um problema de glândulas se vocês quiserem, uma condição complicada, algo físico que leva ele à idéia de se banhar no mar. No caminho para casa alguém diz a ele que um dos peregrinos já foi curado.

368 Ele fornece uma associação para isto, a atmosfera sugestiva da multidão. Se alguém é curado entre eles é encorajador, portanto o sonho diz a ele que algo já aconteceu em sua análise. O sonho faz a declaração de que ele já está sob o encanto. Por que o inconsciente dele faria tal sugestão?

369 *Sr. Gibb*: Algo nele já está curado.

370 *Dr. Jung*: Sim, ele já está sob o encanto, um efeito sugestivo já aconteceu. O inconsciente dá a ele esta sugestão para a orientação dele. É extremamente valioso para ele saber que ele está sob o encanto de uma pessoa ou situação. Se alguém não percebe isso, pode ser secretamente movido por aquela pessoa. Na análise se um paciente não sabe disso ele se afasta de si mesmo. Os primitivos têm medo do olho maligno. Se você olha para eles de modo um tanto aguçado eles suspeitam de você. A mente primitiva está sempre olhando para fora, para se colocar sob um encanto ou charme. Na Grécia se vocês apontam um dedo para um homem ele aponta

dois, isso faz três e quebra o encanto. Com frequência acontece conosco de ficarmos sob um encanto e ficarmos inconscientes disso. Eu vi tantas pessoas ficarem sob a influência de outras pessoas. Uma jovem garota que me consultou entrou na condição mais espantosa na qual ela estava resolvendo as fantasias de outro alguém. Vocês podem até viver as fantasias de outras pessoas, bastante contra seus próprios interesses. Alguém pergunta: “Você quis fazer isso?” - “Bem, eu pensei que tinha que fazer”.

371 Os primitivos sabem isto, mas nós não sabemos. Quando alguém está sob um tal encanto, não pode evitá-lo ou percebê-lo, mas quando vocês saem da atmosfera não conseguem entender como é que ficaram assim, como é que chegaram a pensar ou sentir desse modo. Quão freqüentemente eu vejo transferências que são perfeitamente óbvias para todo mundo, mas o paciente em si mesmo não tem idéia disso. Ele pode estar no fogo e saindo pela chaminé sem ao menos estar consciente disso. Vocês podem cair sob o encanto de pessoas muito más. É por isso que tantos sonhos sugerem a situação, de modo que possamos saber onde estamos. Eles podem parecer ridículos, mas são altamente importantes. É importante para este paciente saber que ele está sob um encanto ou que ele descobrirá isso posteriormente e então pensará que há algo mau nisso, e tentará escapar disso. Ele poderia preferir desenvolver resistências terríveis, a menos que tenha compreendido.

372 Quando analisamos nossos sonhos e fantasias temos que analisar não somente nosso próprio material, mas algumas vezes também aquele [material] de nossos vizinhos. Eu acho que já contei a vocês sobre um paciente que não sonhava, e ao qual eu analisei a partir dos sonhos de seu filho. Isso durou por várias semanas, até que o próprio pai começou a sonhar. Vocês dormem em um quarto e algo se arrasta pelo chão, para dentro dele, vindo do quarto ao lado. Nós somos animais tão gregários que pressentimos a mudança psíquica mais sutil na atmosfera, como o peixe que nada em um cardume, um vira um pouco e todos eles se viram. Aqui está a atmosfera sugestiva na qual o paciente entra. Ele entra neste grupo de pessoas sob análise e se coloca sob o encanto, ele precisa saber disso ou desenvolverá resistências mais tarde. Algumas vezes isto acontece de um modo grotesco. Uma jovem moça altamente educada, muito respeitável, moderada, veio a mim para análise. Ela não pôde prosseguir com sua análise e foi para casa. Algum tempo depois ela disse a um antigo paciente meu: “Eu não pude continuar minha análise com o Dr. Jung porque ele

ficou sexualmente envolvido comigo”. Meu paciente perguntou a ela como foi isso, e ela respondeu: “Ora, eu tive sonhos bastante sexuais com ele”. Ela não podia assumir que *ela* teve fantasias sexuais, assim eu tinha de tê-las.

CONFERÊNCIA VI: 28 DE FEVEREIRO DE 1929

373 *Dr. Jung*: A questão do Senhor Gibb é importante e simples. Ela volta ao vazamento e às galinhas; eles têm que ser mágicos.

374 *Questão do Sr. Gibb*: “Referindo àquilo que você disse sobre ‘vazamento’ duas semanas atrás, a contradição inerente à duplicidade de atitude não viria sempre à tona nos sonhos? Tome por exemplo um homem que veio à análise, mas retém uma atração secreta pela Christian Science, Behaviorismo, ou Teosofia. Ele está conscientemente tratando suas experiências de um ponto de vista analítico com uma parte de sua mente, e também dá a si mesmo uma consideração diferente disso em termos de sua teoria de estimação com outra parte de sua mente. Se esta contradição não é trabalhada conscientemente, não produzirá inevitavelmente conflito inconsciente e portanto sonhos? - em cujo caso o assunto seria trabalhado no curso da análise do modo comum.

375 “Haveria alguma diferença com relação a isso devido ao tipo psicológico do homem? Por exemplo, o tipo de conflito sugerido acima pode ser mais perturbador no caso de uma pessoa do tipo pensamento do que em com uma pessoa do tipo intuitivo.

376 “Ou o problema realmente se levanta a partir da má-vontade de uma tal pessoa em fornecer as associações deste material de sonho que poderiam levar à descoberta da contradição?”

377 *Dr. Jung*: Um tal conflito perturba mais um tipo pensamento do que um tipo intuição ou sentimento; um tipo pensamento está obrigado a desempenhar o jogo completamente e ao melhor de sua habilidade. No começo de sua análise vocês podem dispensar o sentimento; ele virá mais tarde. Um tipo sentimento precisa ter seu sentimento claro primeiro; ele não pode suportar ter sentimento dualístico. Um tipo intelectual pode ter um armazém inteiro de sentimentos contraditórios sobre vocês e isso faria pouca diferença. Vocês tem que se aproximar de cada tipo pelo modo do tipo em si.

378 Um ponto de vista contraditório, uma *restriction mentale*, é geralmente retido como um tipo de pólo contrário, uma salvaguarda contra uma possível transferência. Ocorre então uma falta de vontade em fornecer associações que possam levar ao conflito, exatamente como senhoras que, quando estão sob a impressão de que uma transferência ameaçadora possa

ser descoberta, desenvolvem um grande amor por algum outro homem e assim constroem um contrapólo contra uma possível submissão. Em Logos, também, constrói-se uma fortaleza contra a possível submissão. Na Igreja Católica, por exemplo, não há uma tal coisa. Eles se submeteram inteiramente à autoridade, mas o protestante perdeu tudo isso. Ele corre solto, embora seu desejo secreto seja o de encontrar um lugar no qual possa se submeter, mas ele não ousa admiti-lo.

379 Vamos continuar com o sonho da última vez. Chegamos até o banho de mar e à contemplação da rebentação.

380 O cenário é uma baía, uma espécie de recesso, para o qual o oceano está avançando, em ondas poderosas, majestosas, quebrando no pontão mais adiante. O sonhador está parado sobre o pontão e assiste esse espetáculo. Ele associa que o inconsciente está mandando suas ondas para o consciente, assim como o oceano manda ondas para a pequena baía. De um ponto de vista teórico esta é uma descrição interessante. Tentem pintar a cena em suas mentes, o que ela sugeriria?

381 *Sr. Gibb*: Toda a atividade está vindo do oceano.

382 *Dr. Schlegel*: A espantosa diferença em tamanho entre o consciente e o inconsciente.

383 *Dr. Jung*: Sim, a espantosa diferença em tamanho. Nós gostamos de pensar no inconsciente como algo abaixo do consciente, uma pequena sujeira deixada no canto. O sonho em si traz um quadro inteiramente diferente. O pequeno garoto do consciente é nada ao lado da imensidão do oceano. É assim que o inconsciente se retrata. Subir a colina é uma aproximação ao inconsciente em suas associações. O que são as grandes ondas vindas do inconsciente?

384 *Dr. Binger*: Ondas poderosas arrastando-se para a consciência.

385 *Dr. Jung*: Como ele sente isso?

386 *Dr. Binger*: Como um sonho.

387 *Sra. Sigg*: Como emoções.

388 *Dr. Jung*: Que emoções? Há evidência de emoção?

389 *Dr. Binger*: Medo.

390 *Dr. Jung*: Sim, pode ser medo. Algo mais?

391 *Sra. Sigg*: Pode ser que ele tenha uma transferência enorme por seu médico. Ele não tinha uma boa relação com sua esposa, há muito sentimento como pano de fundo, e em análise isto às vezes acontece com os homens.

392 *Dr. Jung*: Tentar averiguar isso seria fatal; assustaria o paciente. é algo muito delicado averiguar se as ondas são uma emoção de amor ligada à transferência. O paciente prefere negar o sentimento, ele não pode admiti-lo. Precisamos de mais evidência. Por enquanto, é decididamente medo. Isso significa que o oceano está mandando ondas de medo, mas se é assim como ele pode admirá-lo?

393 *Sra. Sigg*: Pode haver algum sentimento religioso. A admiração é algumas vezes misturada com o medo na religião.

394 *Sra. Schevill*: O ritmo é de impressionante regularidade.

395 *Dr. Jung*: Sim, é impressionante, mas o que isso lhe lembra?

396 *Dra. Shaw*: Sua sexualidade.

397 *Dr. Jung*: Sim, é sua sexualidade que ele teme. Mas a que ele comparou o mar? Todos vocês devem ter complexos maternos!

398 *Sra. Schevill*: À mãe eterna.

399 *Dr. Jung*: Sim. É importante lembrar que em sua associação com o mar ele o chamou de “a causa primordial da vida, a mãe eterna, o útero da natureza”.

400 *Dr. Binger*: Você poderia chamar isso de um símbolo regressivo, um desejo pela mãe.

401 *Sra. Sigg*: É como o oceano contra o qual Fausto teve que construir uma barragem.

402 *Dr. Jung*: Sim, mas a barragem não é mencionada aqui. É uma duna de areia, uma barragem natural. Como vocês avaliam suas associações com o mar?

403 *Sra. Muller*: Ele o associa com a fonte da energia criativa.

404 *Dr. Jung*: Qual é a qualidade dessa associação? Estética, científica, religiosa, sentimental, agressiva?

405 *Sra. Muller*: Biológica.

406 *Dr. Jung*: Não, decididamente *não* biológica.

407 *Srta. Chapin*: É filosófica.

408 *Dr. Jung*: É claro. Vocês podem ler estes mesmo princípios na velha filosofia: “o útero da natureza”, “a evolução do primeiro germe”. Isto não é biologia, mas antigüidade, filosofia arquetípica, um tanto romântica. Assim, quando ele contempla o movimento do mar, é como se ele o qualificasse. Isso obviamente levanta idéias filosóficas nele. Ele olha para o mar com um tipo de emoção filosófica.

409 *Sra. Sigg*: Ele foi forçado a mudar sua mente a respeito de sexualidade, e portanto está obrigado a mudar sua filosofia a respeito.

410 *Dr. Jung*: Sim, na primeira parte de sua análise ele pensava a sexualidade como algo desconfortável à parte, uma dificuldade pessoal para a qual ele não se sentia preparado. O inconsciente está lentamente tentando abrir seus olhos para uma visão ou concepção mais ampla de sexo. O símbolo piedoso da máquina de costura cresceu agora a uma dimensão quase cósmica. O ritmo da máquina de costura é agora a sístole e diástole da vida, que também se mostra no sexo, portanto ele deveria olhar o sexo como se fosse o ritmo do mar; o ritmo da mãe primordial, a contração rítmica do útero da natureza. Isto lhe fornece outro aspecto da sexualidade. Não se trata mais de seu caso pessoal e miserável de amor, algo que ele tenha que pôr de lado, mas um grande problema de vida. Não é uma intriga suja, mas se torna uma coisa grande, um situação universal geralmente humana. Assim ele mobilizará tropas bastante diferentes para lidar com a sexualidade em vez de tratá-la como se fosse um caso de polícia.

411 Agora ele vê seu problema como o grande ritmo da vida, um problema de natureza, para o qual ele olha filosoficamente, e agora ele pode permitir seu funcionamento criativo em si próprio. Primeiro era a máquina de costura que não funcionava, e então o rolo compressor que fazia o caminho misterioso criando a mandala, e agora é o próprio oceano que se tornou um símbolo universal. Isto lhe fornece uma atitude filosófica e ele tem uma chance maior para lidar com seu problema. Ter uma atitude pessoal em relação a isso não funcionaria. Uma pessoa mais jovem teria que lidar com um tal problema pessoalmente, mas um homem de sua idade não pode lidar com isso pessoalmente; ele precisa lidar com isso para ganhar algo em seu desenvolvimento espiritual, e não para a propagação de sua abençoada família particular.

412 Na próxima parte do sonho, ele tenta escalar uma colina de pedregulhos com seu garoto mais novo, e então ele observa que o mar se lança em jatos sobre as rochas. Ele pensa que é perigoso, a colina pode ser destruída pelas ondas, e se retira. Esta é uma tentativa de aproximar-se do inconsciente em movimento, expondo-se às poderosas ondas. Psicologicamente, isto significa que ele vai lidar com seu problema, vai fazer algo a respeito. E a respeito do seu menino mais novo, que está com ele?

413 *Sra. Sigg*: Significa progresso. Antes, a criança estava doente, morta, agora está viva, saudável.

414 *Dr. Jung*: Ele é um substituto para o pai (o paciente). Ele diz que esta criança está especialmente identificada com ele. De acordo com a idéia primitiva, a criança é verdadeiramente o prolongamento do pai, a réplica do pai; corporal e espiritualmente ele é o pai. Há a história de um velho negro [africano] [\[171\]](#) que gritou com seu filho crescido, e quando este não lhe deu atenção o pai disse: “Lá vai meu corpo, e ele nem sequer me obedece!” Assim o paciente diz que está agora, com sua nova tentativa (o garoto), esperançoso, progressivo, iniciando. Ele diz “vamos nos aproximar do mar”, e então fica receoso. O que é o medo no sonho?

415 *Dr. Binger*: O medo do inconsciente e das forças que podem ser liberadas por ele.

416 *Dr. Jung*: Sim, ele obviamente tem subestimado o tremendo poder da natureza, mas agora ele vê que ela poderia tirar o solo de seus pés, sua situação estabelecida. Isso significa que esta força poderia com suas ondas destruir sua posição natural, social, física e filosofada. Ele está suspenso, interessantemente o suficiente, entre o consciente e o inconsciente. Estas forças podem derrubar em ondas a colina sobre a qual ele está de pé, pois ela é de pedregulho e pedras soltas, não tem coesão. Foi amontoadada pelo mar, feita pelo poder da natureza. É deste modo que somos, apenas pedregulhos soltos, matéria empilhada pelo poder da natureza, sem coesão. Não é *nosso* mérito. Ainda não encontramos cimento para manter esta matéria unida. Esta é a tarefa do sonho.

417 Quando eu expliquei a mandala eu falei desta matéria solta, os grãos de materiais diferentes que precisam ser unidos por uma espécie de procedimento alquímico, de modo que esta ação do mar não possa destruí-la novamente. Nosso paciente ainda está em fragmentos, está tudo solto, e portanto ele está bastante correto em não confiar na colina, pois ela poderia facilmente ser destruída pelas ondas. Isto significa que ele ainda não tem individualidade, nada está cimentado nele, assim ele pode ser dissolvido pelo poder do inconsciente. É melhor que ele retroceda.

418 *Dra. Shaw*: A criança mostra a ele como aproximar-se de seu problema em uma atitude confiável?

419 *Dr. Jung*: Sim, o paciente estava tentando construir uma filosofia de uma velha virgem a respeito de sua sexualidade. Ele tentou ser uma das onze mil virgens recém-iniciadas, não levando em conta a natureza. Ele está mais ou menos identificado com a criança, e a criança com ele. Ele se

aproxima do problema com uma espécie de entusiasmo infantil, e salta para ele. Os pacientes geralmente saltam e quebram uma perna.

420 *Sra. Sigg*: Pacientes mulheres com freqüência constroem uma filosofia sem sexo. Por que ele precisa ser purificado por banhos de mar e fogo?

421 *Dr. Jung*: O fogo foi mencionado muito por cima. O banho é purificação. Onde quer que toquemos a natureza, ficamos limpos. Os selvagens não são sujos - somente nós o somos. Os animais domesticados são sujos, mas nunca os animais selvagens. Matéria no lugar errado é sujeira. Pessoas que ficaram sujas através de civilização em demasia dão um passeio pela floresta, ou tomam um banho no mar. Elas podem racionalizar deste ou daquele modo, mas derrubam os grilhões e permitem à natureza tocá-las. Isso pode ser feito de dentro ou de fora. Andar nos bosques, deitar na grama, tomar um banho de mar, são a partir de fora; entrar no inconsciente, entrar em você mesmo através dos sonhos, é tocar a natureza a partir de dentro e dá no mesmo, as coisas são endireitadas mais uma vez. Todas estas coisas foram usadas em iniciações em épocas passadas. Estão todas nos velhos mistérios, na solidão da natureza, na contemplação das estrelas, no sono de incubação no templo. Em Malta um templo subterrâneo da Era Neolítica foi encontrado, o qual tinha dormitórios para os iniciados, e havia pequenas estatuetas mostrando mulheres pré-históricas no sono da incubação. Elas sugerem a Vênus de Brassempouy, uma figura de marfim encontrada na França, uma estátua paleolítica na qual todas as características sexuais secundárias, as partes traseiras, os seios, etc., são fortemente exagerados^[172]. Nos dormitórios de incubação em Malta os iniciados eram mergulhados no inconsciente para renascimento. Curiosamente, havia um corredor levando dos nichos de incubação para um buraco quadrado, de seis pés de profundidade^[173], cavado no chão e cheio de água. O templo em si era bastante escuro, de modo que quando o iniciado andava ao longo do corredor ele muito provavelmente caía na água fria, e assim ele tinha seu banho frio e seu sono de incubação juntos.

422 Depois deste último sonho seguiu-se uma reação muito peculiar. O paciente escreveu-me várias notas sobre sua família. Ele tem três crianças e escreve certas observações sobre elas. “Por vários dias eu observei que há algo errado com minha esposa. Quando eu perguntei a ela o que estava errado ela disse, com alguma hesitação, que ela tinha receio de que as

crianças não estavam bastante contentes com seus pais. Ela disse que a filha tinha se comportado estranhamente, ela subitamente saiu da sala aos prantos e não sabia dizer o porquê”.

423 Isto não significa que havia uma razão, ela poderia estar chorando apenas porque achou que era bacana chorar. Se ela fosse um menino seria diferente! “Então ela teme que o garoto possa estar tuberculoso porque ele tossiu. O caçula não é psicologicamente o que devia ser, egoísta e um tanto neurótico; ele também tem chorado, mas sua mãe assumiu que ele acha que pode conseguir algo por meio disso”. O sonhador escreve isto no dia seguinte de sua última análise. Aqui está um bom exemplo de psicologia prática. Como vocês explicam toda esta reação? O paciente estava obviamente bastante assustado por todas essas coisas ruins, sua esposa de mau humor, etc.

424 *Srta. Chapin*: Ele sente alguma conexão entre sua família e sua condição psicológica, assim ele escreve as notas.

425 *Dr. Jung*: Sim, mas qual é a conexão? Por que ele tem este sentimento justamente em seguida ao último sonho?

426 *Dr. Bingeri*: Os pedregulhos estão sendo removidos pelas ondas.

427 *Dr. Jung*: Lembrem-se, é sua *esposa* que revela estas coisas.

428 *Dra. Shaw*: O inconsciente dela está infectado pelo problema dele.

429 *Dr. Jung*: Vocês estão chegando lá. Ele tem trabalhado sobre este problema há algum tempo. A máquina de costura, o rolo compressor, a mandala, o mar. Ele tem observado sua esposa piorando por vários dias. Depois do último sonho, quando ele perguntou a ela qual era o problema, ela revelou todos os seus temores a respeito das crianças. Ela está infectada com os problemas dele. Ele nunca os discutiu com ela, ela está num estágio onde tudo que é psicológico é tabu.

430 *Sr. Gibb*: Ele não está projetando tudo isso?

431 *Dr. Jung*: Não, isto é real, ele é uma pessoa muito objetiva. Ele vem com seus medos e queixas de sua esposa, obviamente repetindo o que ela diz.

432 *Sra. Binger*: Assim que seu problema chegar a termos menos pessoais ele poderá aproximar-se deste, mas para a esposa isso se torna perigoso.

433 *Dr. Jung*: Sim, enquanto ela pode manter tudo enrustido de modo que não se possa aproximar de modo pessoal, ela pode “segurar”, mas assim que assume um aspecto importante ela sente o cheiro no ar. Não que ele nunca tenha mencionado, mas naquele exato momento, como se fosse, quando ele

examina o problema filosoficamente, sente o ar fresco da alvorada, e não está mais preso, nada de divisões, ela fica afetada. Isso chega a ela através da atmosfera, de algum modo. Há um bom número de casamentos nos quais isto acontece. Ele pode ter parecido um tanto mais arrojado naquele dia, subiu alguns degraus, e ela desceu. Ela não podia ver se havia algum problema com ele, então ela pôs algo nas crianças. Assim são as mães, ou é o marido ou são as crianças. Neste caso muito obviamente não é o marido, portanto têm de ser as crianças. Por que as crianças?

434 *Sra. Sigg*: As crianças são os símbolos para algo novo chegando. Estas crianças são um tal símbolo.

435 *Dr. Jung*: Neste caso as crianças são os símbolos da mãe. Esta é a psicologia da mãe. As crianças são símbolos das coisas não-desenvolvidas nela. Ela segue o caminho errado, desenvolve resistências contra a análise, aquilo que poderia ser bom para ele; e ela projeta seu medo nas crianças, e assim as envenena. É sempre assim com as mães. A mãe real nunca está errada. Por que ela deveria estar errada? Ela é mãe, tem três filhos e está casada. Se algo está errado tem que ser com seu marido ou com as crianças. As crianças não são más, portanto elas têm que estar doentes. As mães podem deixar seus filhos doentes em um instante, podem projetar doenças neles. O diabo fará tuberculose e tudo mais. Vocês projetam tuberculose em uma criança e ela vem. Com frequência vocês têm tem de tirar as crianças à distância de certas famílias, para livrá-las da terrível pressão de suposições erradas. O ponto é que as coisas estão erradas com a esposa. Então o paciente está alarmado. Ele é muito bom homem de família. Sua esposa compreende como fazer isto, ela faz uma espécie de barulho psicológico para perturbá-lo. Ela toma sua atenção para fora de sua análise, falando da doença das crianças. Deste modo o espectro pode ser manipulado pela esposa, assim ele gasta ao menos meia hora comigo sobre estas doenças inexistentes. Eu disse a ele que procurasse um médico para elas e parasse de se preocupar. Ele estava perdendo seu tempo, e este não era seu negócio. Assim, o progresso pode ser prejudicado por uma esposa que recusa se interessar no que seu marido está fazendo. Ela tem um poder terrível, pode trazer o inferno no lugar inteiro, pode até mesmo matar as crianças. Ela está perfeitamente correta, mas está matando suas crianças. Eu tratei de uma mulher que efetivamente matou sua estimada criança. Isso acontece.

436 Não é em vão que pequenas crianças ficam com medo de suas próprias mães à noite. As mães primitivas podem matar suas crianças. Isso é

absolutamente incompatível com o período diurno, pois então elas são as mães mais devotadas. Mas à noite elas tiram a máscara e se tornam bruxas; perturbam psiquicamente as crianças, até mesmo as matam. Quão mais devotas são a elas, no caminho inverso tão piores serão.

437 Eu disse ao paciente que ele devia conversar com sua esposa, tentar fazê-la perceber o que a análise realmente é, caso contrário as crianças ficariam realmente doentes e a esposa, percebendo mais tarde que isso era seu erro, tornar-se-ia um destroço. Vocês podem fazer algo para parar com isso, quando sabem que essa situação está no início. Eu estava bastante certo de que a ela poderia parar com tudo, infectar as crianças e tirá-lo de sua análise sem resolver seu problema. Soa supersticioso, mas eu sei que tais coisas acontecem, como a mãe que deixou sua criança tomar água infectada e até mesmo deu tal água à criança mais nova, na esperança secreta de que as crianças morressem. Eu tive um paciente que teve sucesso, depois de tentar três vezes, em matar sua esposa de um modo magnificamente indireto. Aí ele entrou numa neurose brava. Eu descobri toda a história e disse-lhe que ele tinha assassinado sua esposa, e então sua psicose clareou e ele curou-se. Desde então eu estou amplamente convencido de que, quando uma mulher começa algo assim, é preciso ser cuidadoso e parar com isso.

438 Quatro dias depois o paciente teve o seguinte sonho [6]: “Meu cunhado me diz que algo aconteceu nos negócios” (o cunhado tomou o lugar do paciente na firma). “Alguma provisão que fôra vendida não fôra enviada quando devia ter sido, muito tempo atrás. Agora é junho, e ela devia ser enviada em maio. Foi esquecido então, e uma segunda vez em junho. Eu fiquei bastante irado e disse a meu cunhado que se o comprador reclamasse danos alguém deveria satisfazer sua reclamação”.

439 *Associações*: “Meu cunhado, que entrou em nossa firma como sócio, escreveu-me ontem que estivera em viagem de negócios, e queria perguntar-me certas coisas sobre assuntos ligados ao negócio. Mas ele não me disse quais eram, e no sonho eu me perguntava o que é que ele queria discutir comigo. Há algo de errado ou ele teria me contado na carta”.

440 Sobre *vender* e *esquecer*: “Eu fui sempre muito cuidadoso em cumprir quaisquer obrigações. Levei o negócio com muita seriedade, e quando eu o deixei estava um tanto receoso de que meu cunhado não desse ao negócio este tipo particular de atenção. Se agora, de acordo com o sonho, as coisas são esquecidas assim, no curto tempo desde que me afastei de minha

posição, as coisas estão erradas com o negócio, o que poderia causar um sem-fim de prejuízos. Meu cunhado é algo como minha sombra, ele é mais novo que eu, entra na empresa depois de mim e mantém a posição que eu mantive anteriormente”. É como se seu cunhado, sendo sua sombra, informasse a ele que há desordem no negócio, isto é, desordem em sua vida (em seu inconsciente), e portanto ele não cumpre com obrigações que são completamente reconhecidas. Tais esquecimentos só poderiam ficar bem permitindo-se os danos. Este é um sonho claro; agora, como vocês o explicam?

441 *Sra. Sigg*: Ele talvez pense que é por sua própria culpa que sua esposa está perturbada.

442 *Dr. Jung*: Sim, ele sente que é sua própria culpa, mas como vocês explicam o sonho?

443 *Srta. Chapin*: Ele tem falado com sua esposa?

444 *Dr. Jung*: Sim um pouco, mas não foi muito bom. Não tem nada a haver com isso.

445 *Sra. Sigg*: É uma obrigação para com aquela parte de seu ser que não está continuada, algo a haver com sua alma.

446 *Dr. Jung*: Sim, a coisa desenvolveu-se numa espécie de entusiasmo infantil. No sonho prévio ele estava tentando lançar-se à plenitude da vida. Ele tenta lançar-se à plenitude da natureza, às ondas do oceano de amor. Então ele vê que sua situação é um tanto perigosa, e ele se retira, com medo de que os cascalhos e pedras sejam removidos pelas ondas, da colina na qual ele está.

447 Isso está como deveria ser. Aí sua esposa cheira algo no ar e ameaça matar suas crianças. Esta é a vingança dela. É como se ela dissesse “Ah, se você ousar mudar eu matarei as crianças”. Naturalmente isso o pega seguindo o caminho, e o afasta de seu propósito. Ele está preocupado com as crianças, e assim ele desiste. Ele poderia ter ido mais adiante nesse propósito de cimentar o solo. Ele estava interessado, mas sua esposa ameaça e ele pára. Então surge o sonho e diz: “Esta é a desordem no seu negócio. Você o deixou para sua sombra e ela esqueceu suas obrigações. Seu negócio é com o mar, você precisa lidar com ele. Fortifique sua ilha, estabeleça-se. Seu negócio não é com pequenas doenças, como uma velha enfermeira”. Ele devia saber que sua esposa está com ciúmes, mas isso é tudo. O sonho o está mantendo em seu trabalho.

448 *Dr. Binger*: Parece-me que esse pode ser apenas um sonho de consciência de culpa. Ele pode sentir que tem negligenciado sua esposa.

449 *Dr. Jung*: Mas de fato ele fez tudo que podia fazer. Ele está tentando fazer a coisa certa o tempo todo. Tentou conversar com sua esposa. Ele está indo à análise, tentando resolver seu problema. Isso também seria em favor de suas crianças. É melhor para as crianças ter um pai que esteja bem. Sua culpa é que ele estava entrando nisso um pouco precipitadamente talvez, agindo com entusiasmo infantil. As ondas estavam bem altas. A reação de sua esposa começou com o retraimento dele^[174]. Ele é justo, confiável, e claro em sua mente, portanto eu realmente assumo que ele tem sido deixado de lado em demasia. Isto é bastante freqüente na análise, circunstâncias externas tornam impossível seguir adiante, ele não está bastante pronto para o próximo passo, ou ele ainda tem resistências.

450 *Próximo Sonho [7] um dia depois*: Ele vê uma máquina peculiar, que é um novo dispositivo para extirpar ervas daninhas. Era tão peculiar que ele não pode descrevê-la. Ele sabia apenas, no sonho, que devia usá-la.

451 *Associações*: “Eu recentemente li no jornal uma espécie de artigo sentimental sobre um velho construtor de estradas^[175], que observa uma nova máquina limpando as ruas. Esta máquina trabalha cem vezes mais eficientemente do que ele trabalhava. Assim, o significado do sonho é bastante claro para mim. Eu deveria aplicar a máquina ao meu caso”.

452 *Sra. Sigg*: Parece-me que ele não lidou o suficiente com todo o material no primeiro sonho, de modo que a máquina apareceu novamente.

453 *Dr. Jung*: Sim, ele precisou levantar novamente a máquina. O sonho anterior dizia: “No caso do comprador fazer uma reclamação, alguém deve pagar os danos”. Assim muito tempo pode ter sido perdido, e agora a máquina é para extrair ervas daninhas, e é cem vezes mais eficiente do que quando se trabalha sozinho. Este sonho mostra onde o dano reside. A regressão que ele fez era relativa a sua esposa; ele ficou infectado por sua esposa, e teve a idéia de que poderia extrair suas próprias ervas daninhas e então não teria nenhum problema em sua família. O sonho mostra a ele que em vez de desistir da análise, ele devia aplicar esta máquina para extrair as ervas daninhas que se levantaram.

454 Lembrem-se sempre do Hino de Rá: Ísis, sua amável esposa, estava fazendo o verme.

455 *O próximo sonho [8], um dia depois*: “Eu estou viajando em meu carro perto da Riviera. Alguém me diz que as *route d’en haut et route d’en bas* [estrada de cima e estrada de baixo] podem ser usadas, de agora em diante, somente por aqueles que ficam por dois meses no país, que todos os carros têm que seguir em mão única na estrada mais baixa e no sentido oposto na estrada mais alta. Estas regras mudam todos os dias. Segunda-feira é assim, enquanto na terça-feira é o sentido oposto, de modo que se possa apreciar a bela vista de cada direção. Alguém me mostra um mapa com um esboço das duas estradas; círculos verdes e brancos indicam os dias da semana e o sentido a ser observado pelos visitantes, leste-oeste e oeste-leste.

456 “Os visitantes que estavam lá apenas por um curto período de tempo não precisavam observar as regras, e eu achei um tanto ilógico que eles pudessem seguir como bem quisessem. Eu também ouvi que outros visitantes estavam protestando contra estes regulamentos, porque se tinha que pagar pela permissão para viajar nestas estradas por não menos que seis anos. Nós todos achamos aquilo terrivelmente exagerado”.

457 *Associações*: “Eu nunca estive na Riviera mas tenho uma bela fantasia deste país, como sendo [um país] de eterna primavera, como na Ilha dos Abençoados. Eu achei que desceria em meu carro, porque viajar por lá seria uma excursão encantadora. Eu não estou certo se realmente há duas estradas. Suponho que viajar nestas estradas simboliza a vida, se alguém a vive sistematicamente sem mudar com muita frequência. O fato de que aqueles que ficam dois meses precisam se submeter às regras, mas aqueles que estão lá por apenas alguns dias podem fazer como quiserem, não se encaixa na minha vida, mas poderia se encaixar à minha viagem ao inconsciente. Talvez ela seja tão interessante e bela quanto viajar na Riviera. Se alguém quer ficar dois meses ou mais, precisa se submeter aos regulamentos mesmo que eles não pareçam ser muito lógicos e mesmo que as pessoas que estejam lá por um curto período de tempo não tenham que observar as regras. Sob as condições certas, pode-se viajar para cima, nas montanhas, ou para baixo, no vale; lá pode-se ver coisas à direita e à esquerda. *Branco* e *verde* mostram um curso livre - apenas *vermelho* significa parada”.

458 *Permissão para viajar por seis anos*: O paciente pensou que eu tinha dito a ele que uma completa renovação de atitude tomaria dele seis anos. Mas eu não pude lembrar-me dizendo a ele qualquer coisa desta espécie. Eu posso ter dito a ele de um caso que levou seis anos. Não pode haver nada

arbitrário a respeito da duração de uma análise. O que é uma completa renovação, de qualquer modo? Certamente eu não disse o que ele havia feito disso. Agora, o que vocês fazem com isto? Lembrem-se que nós estamos começando outra vez, e novamente há uma máquina.

459 *Dr. Binger*: Parece-me que este é um comentário sobre a análise dele. Se ele fica apenas um curto período de tempo não há muito progresso, mas se dois meses ou mais, ele precisa se manter nos regulamentos. Há uma resistência ao regulamento e ao elemento tempo, e também às duas estradas, alta e baixa.

460 *Dr. Jung*: Com certeza, a coisa toda tem algo a haver com a análise dele, e vocês encontram o mesmo tipo de resistência que havia no sonho da mandala com as estradas. Aqui ele está viajando em estradas, a máquina é o carro. Ele novamente está em circulação. A máquina de arrancar ervas daninhas é algo sedentário, lento como o rolo compressor, e vocês não podem viajar com ela. Mas com uma carro vocês podem ir rápido, e longe. Quando vocês usam a estrada, querem chegar a algum lugar. O objetivo é “a Ilha dos Abençoados”, “Atlântida”, onde vivem os Imortais. Mas isso é um tanto sem graça porque naquele país eles têm certas regras. É como se estas regras o fosse forçadas sobre eles pelo país. É o inconsciente onde ele quer ir, e é a natureza daquele país que ele deva ir neste caminho peculiar. Na mandala o caminho estava todo enrolado. Aqui, primeiro o trajeto segue por um caminho, e então por outro, há um impulso, e então o seu contrário! Esta é uma descrição fina, apurada, do inconsciente. Com frequência há um tipo de impulso trançando, ou uma bomba indo para cima e para baixo. Isto é típico do inconsciente; não apenas há pares de opostos, mas impulsos contrastantes seguindo pela direita e pela esquerda. Quando ele segue primeiro uma estrada e depois a outra, ele tem tempo ampliado para ver o país de todos os pontos de vista. Isto está expresso otimisticamente.

461 Vocês têm de se colocar na posição do paciente. Ele é um homem do mundo, um bom homem de negócios, está acostumado a fazer as coisas de forma acurada, a direcionar seus assuntos sem perda de tempo. Repentinamente ele se encontra no inconsciente, onde tudo está para cima e para baixo, de e para, com os mais contraditórios impulsos e opiniões. Falamos disto e daquilo, e ele não consegue entender o que diabos isso tudo significa. Ele está perdido, detesta isso, e não pode compreender que esta experiência peculiar é a coisa principal. Ele não pode amadurecer até que tenha se exposto a um tal processo de obstáculos. Eles são os testes do

iniciado nas velhas iniciações, como os doze trabalhos de Hércules. Algumas vezes eles parecem coisas inúteis, como a limpeza dos Estábulos de Augias, ou o estrangulamento da Hidra^[176] com cabeças de serpente. O homem de negócios diria: “não é meu assunto limpar o estábulos ou matar o leão que vive em algum lugar”. Mas no inconsciente ele tem que se submeter ao lento progresso do “de” e “para”; a um tipo de deliberação equilibrante, uma espécie de tortura. Um dia vocês pensam que chegaram a uma decisão clara, no dia seguinte ela se foi. Vocês se sentem como tolos e amaldiçoam isso até que aprendem que esta coisa está em pares de opostos, e vocês não são os opostos. Se vocês aprenderam isso, entenderam sua lição. Este homem não aprendeu isso.

CONFERÊNCIA VII: 6 DE MARÇO DE 1929

462 *Dr. Jung*: O último sonho foi sobre as duas estradas, aquela acima e aquela abaixo, na Riviera. Agora, qual é a situação atual no problema de nosso paciente? Uma série de sonhos é como o desenvolvimento do drama. Eu gostaria que vocês sempre se preparassem antes do seminário, quanto à situação efetiva a que se chegou na análise.

463 Houve o sonho sobre a máquina de costura e a costureira, uma garota doente trabalhando num buraco úmido; depois deste, o rolo-compressor fazendo um padrão, e depois ele teve um sonho de uma máquina para arrancar ervas daninhas; agora temos o sonho da Riviera. Como vocês vêem a situação do problema do sonhador? O que o último sonho demonstra?

464 *Sra. Deady*: Ele fez uma regressão por causa da reação de sua esposa, e o barulho que ela fez sobre as crianças. O simbolismo das estradas superior e inferior mostram a ele onde ele está em sua análise.

465 *Dr. Jung*: O que o sonho está enfatizando?

466 *Sr. Gibb*: Ele não estava originalmente mais ou menos identificado com seu lado respeitável? O sonho mostrou que as coisas com ele estão numa condição desordenada. Ele não precisa lidar com seus impulsos opostos também?

467 *Dr. Jung*: Sim, ele já havia se dedicado a esse problema antes, e então ele se deparou com a reação de sua esposa, e isso mostrou quais efeitos seriam possíveis, assim ele ficou assustado e voltou atrás; então veio o sonho mostrando a desordem nele, que necessita uma máquina para arrancar as ervas daninhas.

468 *Sra. Sigg*: O inconsciente não está forçando ele a tomar a estrada irracional?

469 *Dr. Jung*: Sim, em uma situação onde ele deveria aceitá-la.

470 *Dr. Binger*: Ele precisa examinar cuidadosamente a coisa espantosa, embora isso seja difícil e longo [\[177\]](#).

471 *Dr. Jung*: Sim, seu engano foi tomar a coisa toda muito simplesmente. Ele pensou que poderia apenas virar uma chave e então as coisas estariam certas, assim ele atirou-se a isso bastante entusiasticamente. A análise é como um laboratório químico no qual as pessoas tomam passos experimentalmente, mas vêem todas as conseqüências que surgiriam se

tomassem os passos na realidade. Como na prática com canhões, usa-se uma pequena carga de pólvora, duzentos gramas em vez de dois quilos. Isso mostra como a coisa funciona sem os riscos. Assim ele tomou os passos e deparou-se com dificuldades, que eram dicas do que poderia acontecer se ele fizesse o movimento na realidade. Seus olhos se abriram e ele retrocedeu. Agora novamente ele segue adiante e encontra-se indo à *Ilha Abençoada*^[178], a Riviera, e lá ele aprende que o empreendimento inteiro não é tão fácil como ele pensava que seria. Ele encontra uma situação desastrosa, todos estes regulamentos peculiares de tráfego que se deve observar quando se está lá por dois meses, mas alguém que fica por apenas alguns dias não precisa observá-los, e por último diz-se a ele que ele precisa se empenhar por seis anos. O inconsciente significa, por seis anos, um *longo* tempo.

472 Na Nigéria houve certa vez uma história na qual milhares de alemães haviam marchado sobre território britânico, assim uma companhia de soldados foi enviada para inquirir a respeito disso, e eles voltaram e relataram que apenas seis soldados de uma patrulha que se havia extraviado havia atravessado.

[1] (N. do T.): Título do original: *Dream Analysis - Notes of the Seminar Given in 1928-1930 by C. G. Jung*. Editado por William McGuire, Bollingen Series XCIX, Princeton University Press. Traduzido em 1995 para a língua portuguesa por Armando de Oliveira e Silva, para o Curso sobre Análise de Sonhos, em Curitiba. Auxílio na tradução, revisão e anotações: Daniel Ricardo Augusto Wood.

[2] Baseado usualmente no atingimento de um certo número de horas de Análise Junguiana.

[3] *General Bibliography of Jung's Writings*, CW 19.

[4] (N. do T.): Os Montes Adirondacks ficam perto do lago Placid, em Keene, Nova Iorque, nos EUA. São citados explicitamente na *Correspondência Completa de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung*, Segunda Edição Revisada, Organizada por William McGuire, publicado pela Imago, Rio de Janeiro, 1993, pág. 267.

- [5] *The Freud/Jung Letters*, págs. 245-246. (Para completas citações, ver as Abreviaturas). (N. do T.): Na edição em português (citada na nota de rodapé anterior), o episódio do encontro com Putnam é citado a partir da pág. 267.
- [6] *The Fanny Bowditch Katz Collection*, Francis A. A Biblioteca de Medicina de Countway, em Boston, contém este livro de notas e outros documentos que são mencionados. O material foi consultado por cortesia do Dr. Richard J. Wolfe, bibliotecário no referente a manuscritos e livros raros em Countway. Estou grato, também, ao Sr. Franz Jung pela informação sobre as lições de seu pai na Universidade.
- [7] *The Freud/Jung Letters*, pág. 551, nota 2. (N. do T.): Na edição em português da *Correspondência Freud/Jung*, pág. 560, nota 2.
- [8] Vide as cartas de Jung a Fanny Bowditch (Katz), 22 de outubro de 1916 e 30 de julho de 1918, em *C. G. Jung Letters*, vol. 1.
- [9] Vide *Jung: His Life and Work*, de Barbara Hannah (Nova Iorque, 1976), págs. 141, 149-53. O livro sobre *Blobbs* (xvi + 42 páginas) foi escrito por Arthur John Hubbard (1856-19??), M. D., "auxiliado pela Sra. Hubbard", e publicado por Longmans, Green, em 1916. Jung possuía uma cópia.
- [10] Matéria datilografada não-publicada, de 38 páginas, na Biblioteca Kristine Mann, Clube de Psicologia Analítica de Nova Iorque. (N. do T.): "Relacionamentos Humanos em Relação ao Processo de Individuação".
- [11] Hannah, págs. 164-5. *The Harding Notes*: documento datilografado não-publicado, 101 páginas, na Biblioteca Kristine Mann.
- [12] *Memories, Dreams, Reflections*. Introduction (por Aniela Jaffé), págs. vii/11. (N. do T.): Na edição em português, pág. 12 (14a. edição, Editora Nova Fronteira, 1992).
- [13] Edward Foote, "Who Was Mary Foote", *Spring* 1974, págs. 256 e seguintes. (N. do T.): Provavelmente a referência a *Spring* aqui é relativa ao jornal anual do clube de Psicologia Analítica de Nova Iorque, como se vê adiante, nota de rodapé número 17.
- [14] idem nota anterior, pág. 262, e *C. G. Jung: Letters*, vol. 2, pág. xxxiii.
- [15] Edward Foote, loc. cit.
- [16] (N. do T.): Título original em inglês: "The Kundalini Yoga".

[17] Com a permissão de Jung, excertos do seminário "Intepretation of Visions", preparados por Jane A. Pratt, foram publicados em dez partes em *Spring* (o jornal anual do Clube de Psicologia Analítica de Nova Iorque), de 1960 a 1969. Estes, com três partes concludentes preparadas por Patrícia Berry e um pós-escrito por Henry A. Murray, foram publicados como *The Vision Seminars* (Zurique: Spring Publications, 1976, 2 volumes). As quatro conferências referentes aos "Psychological Commentary on the Kundalini Yoga", a partir do seminário de 1932, foram publicadas nas *Spring* de 1975 e 1976. (Durante os anos 1970 a 1977, *Spring*, ainda um órgão do Clube Psicologia Analítica de Nova Iorque, foi publicada em Zurique; depois disso, sob outros auspícios, tem sido publicada pela Spring Publications, Inc., em Dallas, no Texas). Um excerto do "Psychological Analysis of Nietzsche's Zarathustra" foi publicado na *Spring* de 1972.

[18] (N. do T.): Respectivamente, "Textos Orientais", "Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola", "Sonhos de Crianças", "Literatura Antiga sobre Interpretação de Sonhos", e "Alquimia".

[19] Excertos das conferências sobre "Exercitia Spiritualia of St. Ignatius of Loyola" foram publicados em *Spring*, em 1977 e 1978. Todos os seminários e as conferências no ETH são listados cronologicamente em *CW 19: General Bibliography*, págs. 209-15.

[20] (N. do T.): a inserção entre colchetes se faz necessária à clareza do contexto, como se pode perceber pela frase contida no original em inglês, referindo-se aos seminários: "Jung had become aware, one may infer, of the futility of restricting his seminar texts, and he was obviously conscious of their value to analysts in training and the larger body of serious students". (pág. xiv).

[21] A Sra. Niehus-Jung morreu em 1965. Jaffé subsequêntemente editou a edição suíço-alemã "in Zusammenarbeit mit Gerhard Adler"; ela apareceu em três volumes, de 1972 a 1973. Adler editou a edição anglo-americana "em colaboração com Aniela Jaffé"; ela apareceu em dois volumes, de 1973 a 1975.

[22] (N. do T.): O Seminário de 1925 é intitulado "Analytical Psychology".

[23] (N. do T.): As anotações entre colchetes, em geral, dizem respeito à clareza do texto, como demonstrado na nota de rodapé número 20.

[24] Informação do Sr. Franz Jung.

[25] Vide a *Correspondência Freud/Jung*, índice, [págs. 597 e seguintes na edição em português], para referência aos detalhes destes psiquiatras.

[26] Vide *C. G. Jung: Word and Image*, págs. 142-4.

[27] O caso tratado em *Psychology and Alchemy* (CW 12), envolvendo sonhos em série nos quais o simbolismo da mandala tinha proeminência, era o caso de um homem analisado por um dos colegas de Jung. (N. do T.): Na edição em capa dura, em português, dos trabalhos de Jung pela Editora Vozes, é volume XII: *Psicologia e Alquimia*.

[28] Estes sonhos estão fora de seqüência.

[29] Estes sonhos estão fora de seqüência.

[30] (N. do T.): No documento original, consta: "Synopsis of dream trend from beginning by Dr. Howell". Na lista de participantes do seminário consta uma doutora Mary Howells. Se perde-se um "s" no nome, não se pode determinar neste ponto do texto. De tal modo que, não sabendo-se o gênero (se é homem ou mulher), optou-se, na tradução, por omitir o título.

[31] (N. do T.): Algumas das fontes, ao longo do texto, são também citadas em termos de sua publicação em português, onde é possível. Onde não há essa referência, vale a publicação em língua inglesa.

[32] (N. do T.): Embora não estejam todos em língua portuguesa, já há uma parte dos volumes da obra de Jung publicados pela Editora Vozes. A correspondência na numeração de volumes, para estes publicados em português, é a mesma da publicação em inglês.

[33] (N. do T.): *Correspondência Completa de S. Freud e C. G. Jung*, publicado pela Editora Imago. Segunda Edição, Revisada, 1993.

[34] (N. do T.): *O Segredo da Flor de Ouro*. Existe uma versão em português desse livro, editado pela Vozes.

[35] (N. do T.): *I Ching. o Livro das Mutações*. Existe uma versão em português desse livro, com prefácio de C. G. Jung, editado pela Pensamento.

[36] (N. do T.): *Memórias, Sonhos, Reflexões*, Editora Nova Fronteira. As referências de página, quando houverem, referem-se à 14a. Edição.

[37] (N. do T.): Na edição original em inglês, usam-se números como expoente. Esta mudança foi feita na tradução para evitar confusões com os

indicadores de rodapé.

[38] (N. do T.): A edição portuguesa de Símbolos da Transformação está no volume XII das obras de Jung. Contudo, a edição atual tem consideráveis modificações com relação à obra original de 1912. Neste sentido, costuma-se considerar a obra de 1912 como uma obra diferente da obra atual.

[39] (N. do T.): Embora na edição original não haja numeração de parágrafos, optou-se por numerar os parágrafos, como na edição das obras completas de Jung. A referência ao número de parágrafo pode ser bastante útil em estudos posteriores. Há uma correspondência direta com os parágrafos da edição original em inglês.

[40] (N. do T.): *cul-de-sac* = beco-sem-saída.

[41] Jung dirigiu uma expedição ao Leste da África, do final de 1925 à primavera de 1926, através do Quênia e de Uganda, e descendo o Nilo até o Egito. Vide *MDR*, capítulo IX, parte iii. (N. do T.): Na edição em português, págs. 224 e seguintes.

[42] Não há registro da estadia de Jung em Chatanooga, Tennessee, embora ele possivelmente tenha parado lá em uma viagem de trem que fez de Nova Orleans a Washington, D.C., em janeiro de 1925. Vide W. McGuire, "Jung in America, 1924-1925", *Spring*, 1978, págs. 44-45.

[43] A precisão destes termos Swahili pode ser debatida, e podem haver erros de transcrição (ou Jung pode ter ouvido um dialeto). De acordo com o conselho do Programa da Universidade de Yale em Língua Africana, *ota* é uma forma verbal que significa "sonhar"; a forma *vudota* não é registrada e pode ser um erro de transcrição para o substantivo *ndoto*, simplesmente "sonho". (N. do T.): a confusão pode aumentar se nos reportarmos aos verbos "to dream" (traduzido aqui por "sonhar") e ao substantivo "dream" (traduzido aqui por "sonho"). Se recorrermos, por exemplo, à língua espanhola, podemos encontrar, para o sono e para o sonho, a palavra "sueño" (embora isso não aconteça do mesmo modo com a língua inglesa). O Dicionário Escolar Inglês-Português/Português-Inglês de Oswaldo Serpa, 8a. Edição/7a. Tiragem, editado pelo Ministério da Educação e Cultura, Fundação de Assistência ao Estudante, Rio de Janeiro, 1983 (usado para boa parte das traduções que aqui são feitas), coloca na mesma posição, com relação à tradução do termo "dream", os vocábulos "sonho", "imaginação", "quimera", "ilusão", "fantasia". Essas alusões são, talvez, significativas para

a percepção do quanto, na cultura ocidental, encontra-se vago o pensamento ordinário a respeito do sonhar e do sonho.

[44] (N. do T.): *Sua parte*, aqui, é referência a um esforço feito por um no sentido de convencer o outro, e não do esforço do outro por seu próprio convencimento: no texto original, "*your part*" é referência a *você* (ou *vocês*) e não a *ele/ela* (ou *eles/elas*).

[45] (N. do T.): Aqui, preconceito é tradução de "*prejudice*", que também tem uma conotação de prejuízo ou perda.

[46] Vide "The Tavistock Lectures" (1935), CW 18, parágrafo 250. A deusa é Minerva.

[47] Idem nota anterior. O poeta é Sófocles, o templo era o de Héracles, e o sonho está documentado em "Life of Sophocles", século XII, em *Sophoclis Fabulae*, editado por A. C. Pearson (Oxford, 1924), p. xix.

[48] Knud Rasmussen, *Across Arctic America* (Nova Iorque, 1927), cap. III: "A Wizard and His Household". Cf. "The Symbolic Life" (1939), CW 18, parág. 674.

[49] (N. do T.): Este trecho está escrito da seguinte forma: "*when people try to be abnormally good, something is trying to go absolutely wrong*" (pág. 6 no original). A tradução é a mais próxima possível do literal, uma vez que a referência, aqui, é, provavelmente, ao funcionamento do inconsciente no lugar de "*something*" - *algo*, ou alguma coisa.

[50] (N. do T.): Expressão original desta oração: "*chiefly by what we call women*" (pág. 6). Novamente, é caso de uma tradução literal.

[51] (N. do T.): Esse sonho é mencionado por Jung no Vol. XVI de suas obras, *A Prática da Psicoterapia*, no capítulo IV, *Objetivos da Psicoterapia*, parágrafos 92 a 94.

[52] (N. do T.): *façon de parler* = forma de falar.

[53] (N. do T.): A expressão desta oração é "*concluding in blue air as much as if we were in ignorance of the whole dream*". "Blue air" foi traduzido, aqui, pelo sentido figurado de "blue", que pode indicar melancolia, depressão, tristeza. Pelo restante da frase se deduz o sentido de obscuridade.

[54] (N. do T.): A Teosofia, distinta da Teologia, é uma escola místico-filosófica de fundo oriental que teve maior expressão na primeira metade do século XX. Tem como um de seus expoentes a Sra. Helena Petrovna

Blavatsky, autora, entre outras coisas, da *Doutrina Secreta* (publicada no Brasil em seis volumes pela Editora Pensamento), um tratado em que ela procura expor as origens do homem e do universo, segundo estudos místicos variados, que tomam por principal base os antigos textos védicos.

[55] (N. do T.): A expressão traduzida por *nivelado* é "level-headed".

[56] (N. do T.): *Au fait* (francês) = a par.

[57] (N. do T.): Não está muito clara a referência a respeito de com quem se dá a impressão de pouca realidade, mas é possível pensar que o "ele" aqui é referência ao cunhado. O que se segue é possivelmente uma comparação entre o casamento do homem sob análise e o casamento do cunhado deste analisando.

[58] (N. do T.): Também se usa traduzir *daemon* por *daimonion*.

[59] Conf. *Phaedo*, 60e; M.-L. von Franz, "*The Dream of Socrates*", *Spring*, 1954; "*Foreword to the I Ching (1950)*", *CW 11*, parágrafo 995. [(N. do T.): "Socrates, thou shouldst make more music". No *Volume XI* (Psicologia da Religião Ocidental e Oriental) das obras de Jung em português, o título é *Prefácio ao I Ging*, e localiza-se o texto a partir do parágrafo 964, e a menção a Sócrates se faz no parágrafo 994. É preciso notar que a tradução constante do Volume XI da edição em português foi obtida a partir da edição alemã, e segundo o original escrito em 1948 por Jung para a edição inglesa; na edição inglesa, houve participação de Cary F. Baynes para a tradução. Existem diferenças entre a tradução da versão inglesa para o português e da versão do alemão para o português. Para uma comparação entre as traduções deste prefácio para o português, ver o *I Ching - O Livro das Mutações*, de Richard Wilhelm, Edição Brasileira, publicado pela Editora Pensamento. O texto traduzido na Edição Brasileira do I Ching de Wilhelm foi obtido a partir da Edição Inglesa, Bollingen Series XIX, Princeton, 1972. Uma breve comparação revela diferenças que são, no mínimo, preocupantes.]

[60] (N. do T.): O animal-totem é um animal sagrado.

[61] (N. do T.): Pela estrutura da língua inglesa, esta frase também pode ser lida assim: "você está aquilo".

[62] "Hoje por você, amanhã por mim". Uma inversão do Eclesiástico 38:22, no qual se lê "hodie mihi, cras tibi" ou "Midi heri, et tibi hodie" (Ontem por mim, hoje por ti). (N. do T.): A Edição Barsa da Bíblia Sagrada,

Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, 1967, publicada pela Catholic Press, traz essa citação no versículo 38:23 do Eclesiástico, cuja íntegra é a seguinte: "Lembra-te do estreito juízo por onde já passei: porque assim o será também o teu: ontem por mim, e hoje por ti".

[63] (N. do T.): Aqui "acting" foi traduzido como *representação*. Provavelmente a referência é à *ação* de representar, em vista da referência imediatamente anterior à peça teatral.

[64] (N. do T.): As *Confissões de Santo Agostinho*, Livro VI, capítulos 7-8, in Santo Agostinho, *Os Pensadores*, São Paulo: Nova Cultural, 1987. Para a história de Alípio em maior detalhe, ver *Símbolos da Transformação* (1952), Vol. V das Obras Completas de C. G. Jung, parágrafo 102, Petrópolis: Vozes, 1986. O editor do texto em inglês original, nesta mesma nota (que é ampliada a partir daquela), faz o comentário de que este parágrafo não é encontrado na edição de 1912. (N. do E.): *Sems*. "Aloysius" é substituído por "Alipius".

[65] Na Gnose Valentiniana, o poder que impede Sophia, em sua procura pelo Pai, de ser dissolvida pela suavidade do Abismo, e que consolida-a e a traz de volta a si mesma, é chamado Limite (*horos*). [RFCH] Cf. Hans Jonas, *The Gnostic Religion* (Boston, 1958), pág. 182, e (N. do T.) *Aion - Estudos sobre o Simbolismo do Si-mesmo* (1951), Vol. IX/2 das Obras Completas de C. G. Jung, Petrópolis: Vozes, 1988, parágrafo 118, nota 87.

[66] Do latim *persona*: no drama clássico, a máscara utilizada por um ator para indicar o papel que desempenhava. Na terminologia junguiana, é a face oficial, profissional ou social, que apresentamos ao mundo. Ver *Estudos Sobre Psicologia Analítica*, Vol. VII das Obras Completas de C. G. Jung, parágrafos 243 e seguintes; e *Tipos Psicológicos*, Vol. VI das Obras Completas de C. G. Jung, parágrafos 877, 752 e seguintes, ambos editados pela Vozes, e adiante, neste texto [página a indicar, correspondente à tradução da página 74 do original].

[67] (N. do T.): do francês, mulher inspiradora.

[68] (N. do T.): no original a expressão é "seed Logos".

[69] A novela de John Erskine, *Adam and Eve: Though He Knew Better* (Indianápolis, 1927).

[70] Para consideração mais detalhada deste caso e suas conexões com a lenda Egípcia mencionada no parágrafo seguinte, vide "The Structure of the

Psyche" (1927), CW 8, parágrafos 303 e seguintes, e "The Tavistock Lectures" (1930), parágrafo 230.

[71] (N. do T.): A citação original em inglês, remontando a Gênesis 3:15, é aquela que se traduz aqui, e é a seguinte: "The serpent shall bruise thy heel while thou art treading upon its head". A Edição Barsa da Bíblia Sagrada de 1967, já relacionada em nota anterior, traz o seguinte texto em Gênesis 3:15: "Eu porei inimizades entre ti, e a mulher; entre a tua posteridade e a dela. Ela te pisará a cabeça e tu procurarás mordê-la no calcanhar". No texto em português desta versão da Bíblia, Deus fala dirigindo-se à serpente e não à mulher, como acontece na citação de Jung de acordo com o original em inglês deste seminário.

[72] (N. do T.): Barbara Black Koltuv, em seu *O Livro de Lilith* (Ed. Cultrix, 1989), discorre sobre a primeira mulher de Adão, que mais tarde tornou-se na serpente que tentou Adão e Eva. Ela cita C. G. Jung a respeito desse tema, remontando ao *Visions Seminar*, ao CW 13 (*Alchemical Studies*, par. 399), ao *Letters* (Vol. I, 1973, pág. 462), e ao Vol. XII das Obras Completas de Jung (*Psicologia e Alquimia*, fig. 257).

[73] (N. do T.): No texto original em inglês: "bitten by the snake *formed out of the earth*", (o grifo em itálico é nosso), a expressão em itálico pode levar à tradução literal "*formada fora da terra*"; contudo, "*out of*" também tem um sentido de ponto de partida, origem ou causa. Daí a tradução fornecida nesta versão em português.

[74] (N. do T.): O verbo inglês *to nurse* admite as traduções de *cuidar de um doente*, *amamentar*, *acalantar*. A forma na qual o texto se apresenta é *nursing*, que também tem o sentido de *amamentação*.

[75] (N. do T.): Espécie de grande salão, remontando a um salão de uma agremiação.

[76] (N. do T.): O termo aqui traduzido por *cindidos* (da idéia de *cisão*) é *split-off*, que dá uma idéia de *rachar separando*. É uma espécie de divisão que pode ser comparada ao *cisalhamento*, que na Física pode ser produzido por instrumentos de corte, como uma guilhotina.

[77] (N. do T.): Em química, o termo *normalização* tem um significado interessante: normalizar uma solução implica em fazer com que determinada substância se dissolva em um dado solvente até uma quantidade específica que é ideal em determinadas circunstâncias. A

solução normalizada é dita, então, *solução a X normal*. Em outra situação, o ideal pode ser uma *solução a Y normal*. Em virtude da aproximação de Jung à alquimia, essa analogia pode ser de algum valor.

[78] (N. do T.): A vaca como animal sagrado é um ingrediente presente em muitas culturas. O sagrado Ápis, do Egito Antigo, é citado por Jung em seu *Símbolos da Transformação* (par. 579, nota 156), Vol. V das Obras Completas de C. G. Jung, a partir de Heródoto, como sendo "um bezerro de uma vaca que não pode mais conceber um fruto de seu ventre". Junito de Souza Brandão, no Vol. I de sua *Mitologia Grega* (Vozes, 6a. Edição, 1990) menciona o Minotauro e o Rudra do Rig Veda como "portadores de um sêmen abundante que fertiliza abundantemente a terra" (pág. 57).

[79] (N. do T.): Jeu de paume (francês) = Jogo de Péla.

[80] (N. do T.): Pelota basque (francês) = Bola de meia (ou novelo) basca.

[81] (N. do T.): Em virtude da estrutura da língua inglesa (na qual o verbo *to be* pode significar tanto *ser* como *estar*, diferenciando-se o significado, quando muito, apenas pelo contexto), talvez seja preciso notar que este trecho pode ser lido assim: "(...) *ser* na corrente da vida coletiva; (...) de modo a não *ser* separado da tribo (...)".

[82] *James 5:16*. (N. do T.): "Confess your faults, one to another". Este texto é um trecho literalmente igual ao texto contido na *Holy Bible* dos *Gideons*, versão autorizada pelo Rei James, na *General Epistle of James*, 5:16. O apóstolo *James* é mencionado pela Bíblia da Barsa como sendo *Tiago, filho de Alfeu*, dito *o menor*. A citação correspondente está na *Epístola Católica de S. Tiago Apóstolo* (5:16), em cujo versículo completo consta o seguinte: "Confessai pois os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes salvos: porque a oração do justo, sendo fervorosa, pode muito".

[83] Conferir os *Símbolos da Transformação*, Vol. V das Obras Completas de Jung, Vozes, 1986, parágrafo 354 (como na edição de 1912).

[84] Jung descreveu algumas destas folias em "The Psychology of the Trickster Figure" (1954), CW 9 i, parágrafos 458 e seguintes. (N. do T.): Na data em que esta tradução ocorre, a Vozes ainda não lançou o Vol IX/1 das Obras de Jung, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*.

[85] Para um exemplo, vide adiante, 6 de novembro de 1929, fig. 12.

[86] G. R. S. Mead, "Ceremonial Game-playing and Dancing in Mediaeval Churches", *The Quest* (Londres), IV (1912-13), págs. 91-123; "The Sacred Dance of Jesus", *The Quest* (Londres), II (1910-11), págs. 45-67; *The Hymn of Jesus (Echoes from Gnosis)*, Londres e Benares, IV; 1907). Conferir também "Round Dance" em "Acts of John" (século II), em *The Apocryphal New Testament* (1924), traduzido por M. R. James para o inglês, págs. 253 e seguintes; e Max Pulver, "Jesus' Round Dance and Crucifixion according to the Acts of John" (1942), *The Mysteries* (textos da Eranos Yearbooks, 2; 1955), págs. 179-180.

[87] Jung considera o termo e conceito *participation mystique* do filósofo francês Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939), que introduziu-o em *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures* (Paris, 1912), traduzido para o inglês por L. A. Clare, *How Natives Think* (Londres, 1926). Jung primeiro usou o termo em seu *Tipos Psicológicos* (1921), Vol. VI das Obras Completas de C. G. Jung, parágrafo 871 (N. do T.: Edição em inglês: parágrafo 781. A referência a seguir é tradução da referência ao parágrafo da edição em inglesa). Ver especialmente o parágrafo 781, definição: "conexão psicológica na qual o sujeito não pode distinguir claramente entre ele e o objeto, mas está atado a ele por uma relação direta que atinge uma identidade parcial". Ver também *Mysterium Coniunctionis* (1956), CW 14, parágrafos 336 (nota 662) e 695 (nota 106) (na edição em inglês). (N. do T.: Na edição em português, Vol. XIV das Obras Completas de C. G. Jung, ainda não foi possível encontrar a numeração correspondente de parágrafo/nota. Sabe-se apenas, neste ponto, que a primeira indicação refere-se ao Volume XIV/1, enquanto que a segunda refere-se ao Volume XIV/II - edições em capa dura da Editora Vozes).

[88] (N. do T.): Estância Suíça é a tradução utilizada aqui para "Swiss Verein".

[89] Os vários exemplos descritos por Jung foram parafraseados por Mead, "Ceremonial Game-playing and Dancing in Mediaeval Churches", especificamente nas páginas 97-111 (vide conferência anterior, 14 de novembro de 1928, nota 86).

[90] (N. do T.): O texto menciona St. Stephen. Os esforços possíveis foram feitos no sentido de traduzir os nomes para o português, de modo a permitir referências à mitologia católica cristã em língua portuguesa.

[91] (N. do T.): O termo aqui utilizado é Bride-ball.

[92] Mountain Lake (Ochwiay Bianco) ou Antonio Mirabal (1890-1975), de Taos Pueblo, a quem Jung conheceu quando visitou Taos em janeiro de 1925. Ver *Memórias, Sonhos e Reflexões*, "Os Índios Pueblos", págs. 218 e seguintes (na edição inglesa *MDR*, capítulo IX, parte ii), e a carta de Jung a Mirabal, 21 de outubro de 1932, em *Letters*, ed. Adler, vol. 1. Há uma foto de Mirabal em *C.G.Jung: Word and Image*, pág. 155.

[93] (N. do T.): nesta frase, onde se encontra a palavra indivíduo também se pode ler a palavra *individual*.

[94] (N. do T.): *Towards the Stars* = Em direção às estrelas.

[95] Herber Dennis Bradley, *Towards the Stars* (Londres, 1924).

[96] (N. do T.): A Visionária de Prevorst.

[97] *Die Seherin von Prevorst* (1829), 2 volumes; tradução para o inglês por Catherine Crowe, *The Secrets of Prevorst* (Nova Iorque, 1859). O próprio Jung conhecia o trabalho desde, ao menos, 1897, quando ele o citou em uma conferência a sua fraternidade de estudantes; ver *The Zofingia Lectures*, parágrafos 93-94. Também ver o Volume I das Obras Completas de C. G. Jung, *Estudos Psiquiátricos*, Índice de Autores e Textos (Kerner, Justinus), Vozes, 1994.

[98] *Anima*: termo de Jung para o componente feminino da psicologia de um homem, representando sua função de relacionamento (Eros) com o sexo oposto e também com seu inconsciente. A anima aparece personificada em sonhos como a mulher desconhecida ou "garota de sonho" e é invariavelmente projetada em uma mulher real ou uma série de mulheres. O *animus* personifica o componente masculino (Logos) da psicologia de uma mulher. Estes dois arquétipos frequentemente expressam-se nas irracionalidades do sentimento de um homem (caprichos da anima) e no pensamento de uma mulher (opiniões do homem). Para descrições completas de ambos, ver *Estudos sobre Psicologia Analítica* (volume 7 das Obras Completas de C. G. Jung, Vozes, 1981), capítulo *Anima e Animus*, parágrafos 296 e seguintes, e *Aion, Estudos sobre o Simbolismo do Si-mesmo*, (volume 9/II das Obras Completas de C. G. Jung, Vozes, 1988), capítulo III: *Sizígia: Anima e Animus*, parágrafos 20 e seguintes.

[99] Aparentemente o primeiro uso de Jung deste termo no sentido de "sincronicidade", ou coincidência plena de significado, como um princípio explanatório de eventos físicos e psíquicos paralelos, iguais em importância e complementares ao princípio de causalidade. Ver também a seguir, na conferência de 27 de novembro de 1929, nota {{{06}}} e 4 de dezembro de 1929, {{{pág. 417}}}. Jung primeiro publicou seu termo "sincronicidade" em 1930, em seu discurso memorial para Richard Wilhelm (vide *O Espírito na Arte e na Ciência*, vol. XV das Obras Completas de C. G. Jung, Vozes, 1985, parágrafo 81). O conceito está completamente desenvolvido na monografia *"Sincronicidade: Um Princípio de Conexões Acausais"*, em *A Dinâmica do Inconsciente*, volume VIII das Obras Completas de C. G. Jung, Vozes, 1991, parágrafos 816 e seguintes.

[100] O *I Ching, O Livro das Mutações*. Numa edição inglesa a tradução é de Cary F. Baines (1950) a partir da tradução de Richard Wilhelm (1924). Jung escreveu um prefácio especialmente para a tradução na língua inglesa; ele também se encontra no volume XI (*Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*, Editora Vozes) das Obras Completas de C. G. Jung. A respeito, vide nota 59, e nota de rodapé {{{8}}} na conferência de 6 de fevereiro de 1929, adiante.

[101] Coloquialismo alemão para "lançar um olho errante à volta, para outra mulher". (N. do T.: Aqui parece não ser adequado usar a expressão "pular a cerca", embora ela seja mais ou menos parecida com "olhar pela janela". Contudo, apenas olhar ainda não é equivalente ao ato de "pular" em si).

[102] "Aquele que segue atrás" (grego). Vide "*Basic Postulates of Analytical Psychology*" (1931), CW 8, parágrafo 665. (N. do T.: No volume VIII das Obras Completas de C.G.Jung, *A Dinâmica do Inconsciente*, [Ed. Vozes], o capítulo XIII leva o nome de *O Problema Fundamental da Psicologia Contemporânea*, e a explicação de Jung a respeito do *synopados* encontra-se no mesmo parágrafo 665).

[103] "O porquê disso, só o Gênio sabe - aquela companhia que governa nossa estrela de nascimento, o deus da natureza humana, embora mortal para cada vida singular, e mutável em semblante, branco ou preto". Horácio, *Epistles*, 2.2.187ff. (tradução para o inglês de H.R.Fairclough, LCL).

[104] Adelbert von Chamisso, *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* (1814); o título é usualmente traduzido para o inglês com o nome *The Wonderful History of Peter Schlemihl* (isto é, nas traduções de 1844 e 1923). O filme *Der Student von Prag* (1926), dirigido por Henrik Galeen e estrelando Conrad Veidt, não foi creditado ao original de Chamisso embora sua história seja similar. "Parece que ele fez com que os alemães percebessem sua própria dualidade" - S.Kracauer, *From Caligari to Hitler* (1947), pág. 153.

[105] (N. do T.): O termo aqui é *split off*, que tem o sentido de "rachar separando".

[106] O diagrama é reproduzido aqui a partir de *Sems₂* (1938), onde está explicado em uma nota de rodapé que o diagrama original de Jung foi perdido e reproduzido a partir da memória de Ethel Taylor. Referência foi feita a um diagrama similar em *ABC of Jung's Psychology* (1927), de Joan Corrie, pág. 21. Os *Sems₃₋₄* dão a mesma versão do diagrama; ele não se encontra no *Sem₁*.

[107] (N. do T.): A expressão aqui utilizada para "estimação feminina" é, no original em inglês, *female pet*, que pode significar algo como uma espécie de bichinho de estimação de qualidade feminina, um mimo feminino.

[108] Gustav Meyrink, *Fledermäuse. Sieben Geschichten* (1916).

[109] Para um relato mais detalhado deste caso, vide "Tavistock Lectures" (1935), *CW 18*, parágrafos 107 e seguintes.

[110] (N. do T.): A expressão entre aspas é "*some odium*", que pode significar algum opróbrio, ira ou rancor.

[111] A esse respeito, vide conferência de 21 de novembro de 1928, parágrafo 106, página 23.

[112] Perto de *Penzance*, e não longe de *Polzeath*, onde Jung ministrou um seminário em Julho de 1923. A pedra é ainda chamada Menetol; vide Jaquetta Hawkes, *A Guide to the Prehistoric and Roman Monuments in England and Wales* (1951), pág. 169, citada em S. Giedion, *The Beginnings of Art* (1962), págs. 159-161, com ilustrações da pedra.

[113] Epístola de Tiago, 5:16; e Epístola de Paulo aos Gálatas, 6:2.

[114] Voltaire, "*mais il faut cultiver son jardin*", *Candide* (1759), últimas linhas.

[115] Para uma discussão da sobrevivência da magia medieval na Suíça, vide "Flying Saucers" (1958), *CW 10*, parágrafos 700 e seguintes. (N. do T.): Nas obras em português, "Um Mito Moderno sobre Coisas Vistas no Céu" (1958), Vol. X das Obras Completas de C. G. Jung (*Psicologia em Transição*), parágrafos 700 e seguintes.

[116] No outono de 1912, enquanto estava nos Estados Unidos para suas conferências na Universidade de Fordham, Jung "analisou" alguns pacientes negros no hospital mental do governo, St. Elizabeths, em Washington, D.C.; vide a *Correspondência Freud/Jung*, 11 de novembro de 1912. Ele nunca escreveu sobre o material mas referiu-se a ele em *Tipos Psicológicos* (1912), Vol. VI das Obras Completas de Jung, parágrafo 747; "The Tavistock Lectures" (1935), *CW 18*, parágrafos 81 e seguintes; e *Símbolos da Transformação* (1952; adicionado a esta edição), Vol. V das Obras Completas de Jung, parágrafo 154. Sems.: "Sísifo", erro para "Íxio", a figura mitológica mencionada por Jung nas últimas duas citações.

[117] (N. do T.): Jung faz referência ao nome real e/ou secreto de uma entidade em vários pontos de sua obra. Dentre eles, podemos citar C. G. Jung, *A Dinâmica do Inconsciente*, Vol VIII das Obras Completas, Vozes, 1991, parágrafo 663 e seguintes, e *Símbolos da Transformação*, Vol. V das Obras Completas de C. G. Jung, parágrafo 274, e nota de rodapé.

[118] Pequeno hotel em Küsnacht, perto da casa de Jung, freqüentado por seus pacientes e pupilos.

[119] (N. do T.): "Eu sou rei".

[120] Conferir Mateus 5:22.

[121] Conferir Plauto, *Asinaria*, 495.

[122] Conferir "The 2,000,000-Year-Old-Man" (1936), uma entrevista em *C. G. Jung Speaking*, páginas 88 e seguintes.

[123] (N. do T.): A palavra aqui traduzida para o português como consciência é *awareness*, diversamente da forma mais imediatamente correspondente no inglês - que é usada mais propriamente com o sentido da consciência como é mais completamente conceituada na psicologia -, expressa pela palavra *consciousness*.

[124] (N. do T.): A frase aqui é "how far these circumstances hang together"; também pode ter um significado de alcance além do de manutenção.

[125] De acordo com Gershom Scholem, a idéia sobre a qual esta lenda está baseada é encontrada no tratado talmúdico *Yoma* 69 b, onde está dito que em certo tempo Israel teve sucesso em abolir a "urgência perniciosa" (impulso sexual), mas depois de três dias nenhum ovo fresco foi encontrado em toda a terra de Israel. Scholem especula que a fonte para amplificação de Jung da idéia pode ser um conto folclórico judeu-árabe em alguma coleção desconhecida para ele. (Comunicação Pessoal).

[126] Jung com frequência citou a figura epônima da novela de H. Rider Haggard, *She* (1887) como um exemplo da anima. A primeira citação parece ter sido na versão original de "Alma e Terra", Vol. X das Obras Completas de C. G. Jung (1927), *Psicologia em Transição*, parágrafo 75.

[127] (N. do T.): Jogo de palavras. O título do livro é ao mesmo tempo usado como pronome, significando "Ela" - alusão à Ela do livro e ao seu simbolismo como anima.

[128] O famoso museu de cera em Londres.

[129] (N. do T.): A expressão aqui é "A shadow fell on me out of a blue sky". Como *blue* também pode significar uma disposição obscura (tendendo para a tristeza ou uma espécie de ambiente soturno), também se pode traduzir esta expressão como "Uma sombra caiu de um céu escuro sobre mim".

[130] Jung descreve este episódio em *Memórias, Sonhos e Reflexões* [14a. edição, Nova Fronteira], páginas 49/55 e seguintes. Sua mãe estava aludindo às "amáveis crianças".

[131] *Penguin Island*, traduzido para o inglês por E. W. Evans (1948), pág. 30. Vide *Mysterium Coniunctionis*, Vol. XIV/I das Obras Completas de C. G. Jung [Vozes, capa dura], parágrafo 221 [na edição em inglês, CW 14, parág. 227]. (N. do T.): "Donnez leur une âme mais une petite".

[132] Erro de transcrição para "fisiológicos"? (N. do T.): A semelhança não é imediata na língua portuguesa, mas em inglês temos "*psychological*" e "*physiological*".

[133] Fragmento 68 em *Early Greek Philosophy* de John Burnet (4a. edição, 1930), página 138: "For souls it is death to become water, for water death to become earth. But from earth comes water, and from water, soul". (Citado em *Tipos Psicológicos*, Vol. VI das Obras Completas de C. G. Jung, parágrafo 792, na definição de *enantiodromia*). (N. do T.): (a) na edição em inglês, CW 6, parágrafo 708; (b) "Para as almas é morte tornar-se água, para a água é morte tornar-se terra. Mas da terra vem a água, e da água vem a alma"; (c) o livro *Os Filósofos Pré-Socráticos*, organizado por Gerd A. Bornheim, Ed. Cultrix, 1991, traz à sua página 38, fragmento 36 (referindo-se a Heráclito) o seguinte texto: "Para as almas, morrer é transformar-se em água; para a água, morrer é transformar-se em terra. Da terra, contudo, forma-se a água, e da água a alma".

[134] (N. do T.): a expressão aqui é *travelling on the wing*, que literalmente significa "viajando na asa".

[135] De acordo com E. A. Bennet (*What Jung Really Said*, Londres, 1966, pág. 93), esta novela de H. G. Wells (1925) originou-se de uma conversa entre Jung e Wells. Jung discutiu isso longamente em *Two Essays*, CW 7, parágrafos 270 e seguintes (isto é, na segunda edição, 1935, de "The Relations between the Ego and the Unconscious"). (N. do T.): Na Edição Brasileira em português das Obras Completas de C. G. Jung, Vol. VII, *Estudos sobre Psicologia Analítica*, texto *O Eu e o Inconsciente*, parte II, a partir do parágrafo 270.

[136] (N. do T.): Não nos foi possível reproduzir o desenho de forma *completamente* fiel ao original. Contudo, esta representação foi feita seguindo os padrões de simetria do desenho original, e consideramos a idéia transmitida por este equivalente à representação original.

[137] A *Divina Comédia* começa assim: "Nel mezzo del cammin di nostra vita / mi ritrovai per una selva oscura, / che la diritta via era smarrita". ("Em meio à jornada de nossa vida eu me encontrei em uma floresta escura, pois o caminho certo fôra perdido" - Tradução de C. S. Singleton, 1970). (N. do T.): A versão dada acima em português é tradução da interpretação em inglês contida na edição original deste seminário.

[138] (N. do T.): Referência à célebre história das Aventuras de Gulliver, quando este se encontra com seres muito pequenos, no reino de *Liliputh*.

[139] Jung cresceu em um subúrbio da Basiléia e foi estudante na Universidade da Basiléia. O descobridor da matemática da espiral foi Jacob Bernoulli (1654-1705), de uma famosa família da Basiléia, que requisitou que a espiral fosse gravada em seu túmulo com as palavras "Eadem mutata resurgo" (traduzidas acima). A vontade de Bernoulli foi atendida, na laje de seu túmulo na catedral da Basiléia. (*Die Kunstdenkmäler des Kantons Basel-Stadt*, III [1941], págs. 261 e seguintes). Vide *Psicologia e Alquimia*, Vol. XII das Obras Completas de C. G. Jung, parágrafo 325 (tal como na versão de 1936). (N. do T.): A referência à tradução da frase em latim que consta no epitáfio de Bernoulli é traduzida, no *Psicologia e Alquimia* da edição brasileira, como "Ressurgirei mudado, porém o mesmo". A frase em inglês constante da versão em inglês deste seminário e traduzida na forma acima é "*Always changing in the same way, yet I arise*".

[140] O épico babilônico do herói Gilgamesh foi encontrado em chapas em Nínive, no moderno Iraque, e data do segundo milênio a.C. Jung fez freqüentes referências ao épico de Gilgamesh na versão de 1912 de *Symbols of Transformation*; vide o Vol. V das Obras Completas de C. G. Jung, *Símbolos da Transformação, índice analítico*, e o *summary* em "*Tavistock Lectures*" [1935], CW 18, parágrafos 235 e seguintes. O épico foi traduzido em verso por Herbert Mason (1970) {para o inglês}, entre outros.

[141] A palavra *mandala*, sânscrito para "círculo mágico", tem sido largamente aplicada na terminologia junguiana a figuras circulares de qualquer proveniência. Vide a conferência de 13 de fevereiro de 1929 (a seguir), na nota de rodapé {X}. / Richard Wilhelm (1873-1930), teólogo alemão, anteriormente um missionário na China, traduziu vários clássicos chineses, mais importantemente o *I Ching* (vide em seguida, nota {Y}). Nesta época Wilhelm era diretor do Instituto China, em Frankfurt. No final de 1929, ele publicou *Das Geheimnis der goldenen Blüte* (traduzido para o inglês por Cary F. Baynes: *The Secret of the Golden Flower*, 1931; edição revisada em 1962), com um comentário de Jung e ilustrações de mandalas (comentários e ilustrações em CW 13). A "mandala de um monastério taoísta" que Jung menciona é provavelmente aquela reproduzida na figura 2 em "*Concerning Mandala Symbolism*" (1950), em CW 9 i. Ela tem quatro divisões e está relacionada ao *I Ching*; vide CW 9 i, parágrafos 640 e seguintes. Vide também a seguir, as conferências de 12 e 19 de fevereiro de 1930.

[142] Vide as conferências de Jung *Exercitia Spiritualia of St. Ignatius of Loyola*, na *Eidgenössische Technische Hochschule* (ETH), Zurique, 1939-1940, cujas notas foram emitidas particularmente (em tradução inglesa) em formato de seminário como o volume 4 de *Modern Psychology*. Reimpressas em *Spring*, 1977 e 1978.

[143] Para exemplos de uma mandala com os quatro evangelistas, vide *Psicologia e Alquimia*, Vol. XII das Obras Completas de C. G. Jung, figuras 62 e 101. Há numerosas referências à deidade egípcia Hórus e seus quatro filhos ao longo deste volume; vide *General Index*, CW 20, mas especialmente o Vol. XII, figura 102 e parágrafo 314.

[144] Vide a seguir, conferência de 26 de junho de 1929.

[145] Vide *Psicologia e Alquimia* (Vol. XII), figura 41.

[146] Jung não reproduz uma pintura de areia dos Pueblo, mas ele discute tais representações em "The Tavistock Lectures" (1935), parágrafo 271. Para uma pintura de areia ou pólen dos Navajo, vide *Psicologia e Alquimia*, Vol. XII, figura 110, e *C. G. Jung: Word and Image*, figura 74.

[147] (N. do T.:) Principalmente nos carros mais antigos, cuja tração era tradicionalmente comandada pelo eixo traseiro.

[148] A respeito da *tetraktys*, vide *Psicologia e Religião* (1937), Vol XI das Obras Completas de C. G. Jung, parágrafo 61.

[149] (N. do T.:) No original em inglês, a palavra aqui traduzida como constrangimento é *constraint*.

[150] Na época deste seminário, a tradução de Richard Wilhelm do *I Ching* (*I Ging: Das Buch der Wandlungen*, Jena, 1924) estava em uso por Jung, que traduziu citações dela oralmente. A única versão em inglês disponível era aquela de James Legge: *The Yi King* (Sacred Books of the East, 16; Oxford 1882; segunda edição, 1899), a qual Jung usara antes de 1924. Cary F. Baynes, um membro do seminário, começou a trabalhar em 1929, a pedido de Jung, numa tradução da versão de Wilhelm, que foi completada vinte anos depois e publicada em 1950: *The I Ching, or Book of Changes*, com um prefácio de Jung; terceira edição, 1967, a qual tem também um prefácio de Hellmut Wilhelm. As citações de e referências ao *I Ching* no presente trabalho estão conformes com a edição de 1967 (Baynes com freqüência usa a palavra chinesa *ting* para “caldeirão”).

[151] (N. do T.): a palavra inglesa aqui traduzida como *arrebatado* é *torn*, particípio passado do verbo *tear*, que também significa *arrancar*, *romper*, *despedaçar*, *rasgar*, *rasgar-se*, *romper-se*, *enfurecer-se*, *ferir-se*.

[152] *Tapas*, sânscrito, significa auto-incubação através da meditação. Vide os *Símbolos da Transformação*, Vol. V das Obras Completas de C. G. Jung, parágrafos 588 e seguintes (tal como na edição de 1912).

[153] Akbar (1542-1605) construiu sua capital primeiro em Fatehpur Sikri (perto de Agra, ao norte da Índia central); a cidade real, embora abandonada por Akbar, está bem preservada. Gibb, que viveu por alguns anos na Índia, evidentemente visitou-a. (Assim fez Jung, dez anos depois. Vide “A Índia - Um Mundo de Sonhos” [1929], Vol. X das Obras Completas de C. G. Jung, parágrafo 983. Akbar abraçou uma fé eclética composta de elementos islâmicos, hinduístas, zoroastrianos e cristãos.

[154] Jung evidentemente leu sobre esta descoberta maia em Chichén Itzá, Yucatán, no *Illustrated London News* de 26 de janeiro de 1929 (pág. 127), pois sua descrição segue de perto o relato lá publicado, com ilustrações do templo, do cântaro, e da mandala-mosaico. A descoberta foi feita por Earl Morris, cabeça de uma expedição da *Carnegie Institution* de Washington, D.C.

[155] Vide “Commentary on ‘The Secret of the Golden Flower’”, CW 13, parágrafos 33 a 76. (N. do T.): Até o momento ainda não dispomos da versão em português do Vol. XIII das Obras Completas de C. G. Jung; porém, o livro *O Segredo da Flor de Ouro - Um Livro de Vida Chinês*, por C. G. Jung e R. Wilhelm, editado pela Vozes, 5a. Edição, 1988, [trad. Dora Ferreira da Silva e Maria Luíza Appy] nos traz, a partir da pág. 21, o *Comentário Europeu* de C. G. Jung. Embora os parágrafos não estejam numerados, o parágrafo correspondente ao 33o., 3o. parágrafo, respectivamente, da pág. 39, discorre acerca do “campo de uma polegada da casa de um pé”, entre outras coisas. O texto mencionado por W. McGuire chega no fim do correspondente parágrafo 76 da CW 13 (edição em inglês) à pág. 64 do mesmo livro.

[156] G. R. S. Mead, *The Doctrine of the Subtle Body in Western Tradition* (1919).

[157] Em seu “Commentary on ‘The Secret of the Golden Flower’”, parágrafo 76, nota 2, Jung citou a “teoria parafisiológica” de Gustave Geley,

M.D. (1868-1924), diretor do *Institut Métapsychique International*, em Paris. Vide também o comentário de Jung em *Letters*, vol. 1, 30 de setembro de 1933. Sua biblioteca continha três trabalhos de Geley: *From the Unconscious to the Conscious*, trad. [para o inglês] S. de Brath (Londres, 1920), *L'être subconscient* (Paris, 1926), e *Clairvoyance and Materialization: A Record of Experiment*, trad. [para o inglês] S. de Brath (Londres, 1927). O primeiro destes trabalhos discute (no Livro II, partes 1 e 2) o “système psychodynamique” sob o termo inglês “dynamopsychism”. (James Kirsch relembra, a partir de uma entrevista em 30 de junho de 1929, que Jung estava escrevendo o comentário sobre a “Golden Flower” naquele verão. (N. do T.): o correspondente da “nota 2” citado acima é a nota 37 ao pé da página 64 do livro *O Segredo da Flor de Ouro*, Vozes, 1988. Intrigantemente, contudo, nesta tradução a teoria de Geley é mencionada como “teoria parapsicológica”. Este original de *Dream Analysis*, na nota correspondente desta nota de rodapé, em inglês, menciona “paraphysiological theory” em lugar de “parapsychological theory”.

[158] Jung e Wilhelm publicaram “*Tschang Scheng Schu: Die Kunst des menschliche Leben zu verlängern*” (=“*Ch'ang Sheng Shu: The Art of Prolonging Human Life*”), *Europäische Revue*, V:8 (novembro, 1929), 530-556; metade disto era introdução de Jung. De acordo com Hellmut Wilhelm (em comunicação particular), isto foi expandido para *Das Geheimnis der goldenen Blüte*, publicado perto do fim do mesmo ano. Os dois são essencialmente o mesmo trabalho, com títulos variantes.

[159] A figura é discutida em detalhes em Erwin Rousselle, “Spiritual Guidance in Contemporary Taoism”, em *Spiritual Disciplines (Papers from Eranos Yearbooks*, 4; 1960), páginas 75-84; originalmente uma conferência na primeira “Eranos Conference”, em 1933. Rousselle reproduziu a figura a partir da fricção de uma tábua de pedra no Monastério de Nuvens Brancas (anteriormente na coleção de Richard Wilhelm).

[160] Hellmut Wilhelm acredita que aqui Jung estava se referindo ao texto chinês de *O Segredo da Flor de Ouro*, que poderia ser rastreado como sendo do século 17 e na tradição oral como sendo do século 8. Uma edição de 1920, em Pequim, foi a base da tradução (preferencialmente a “decifração”) por Richard Wilhelm no Instituto Chinês.

[161] Um tratado anti-papista por Antonio Gavin (1726), um sacerdote católico de Saragossa, mais tarde um sacerdote anglicano na Irlanda.

Originalmente publicado em Dublin, 1724, como *A Masterkey to Popery*, foi algumas vezes intitulado *The Great Red Dragon*. Durante o século 19 foi largamente reimpresso, traduzido para o alemão e o francês.

[162] O *Oxford English Dictionary* não dá essa terminologia. (N. do T.): *good* = bom, *better* = melhor, *best* = ótimo, boníssimo. São formas adjetivas, desde o adjetivo, passando pela forma comparativa e chegando à forma superlativa. *Bad* = mau.

[163] (N. do T.): [*Sacré* = *Sagrado*, no popular pode significar *maldito*]. Assim, [*Sacré couer* = *sagrado coração*], [*Sacré nom de chien* = *maldito nome de cão*].

[164] (N. do T.): Aqui a palavra traduzida como passado do verbo escolher vem do inglês *pick out*, que também pode significar *distinguir, reconhecer, entender*.

[165] Para um relato e análise mais completo da história, vide *Símbolos da Transformação*, Vol. V das Obras Completas de C. G. Jung, parágrafos 451-455 (assim como na edição de 1912).

[166] Jung citou este termo como sendo de ocorrência africana central, em *A Energia Psíquica* (1928), Vol. VIII das Obras Completas de C. G. Jung, *A Dinâmica do Inconsciente*, parágrafo 117; dos polinésios, em *O Inconsciente Pessoal e o Inconsciente Suprapessoal ou Coletivo*, parágrafo 108, Vol. VII das Obras Completas, *Estudos Sobre Psicologia Analítica*; e dos melanésios, em *Considerações Teóricas Sobre a Natureza do Psíquico*, parágrafo 411, Vol. VIII das Obras Completas (*A Dinâmica do Inconsciente*).

[167] (N. do T.): É possível que aqui *tomar a mulher* tenha significado de posse sexual. A expressão inglesa que envolve *possuir uma mulher* é “to take a woman”, como está descrito no documento original.

[168] O trabalho (1909) é citado variadamente por Jung. Vide Vol. VIII das Obras Completas, parágrafo 52, nota 42 (N.do T.: Na edição em inglês, nota 44).

[169] N’A *Flauta Mágica* de Mozart, o personagem *Papageno* está vestido como um pássaro. O transcritor dos *Sems.* evidentemente ouviu mal o nome. A palavra italiana para “papagaio” é *pappagallo*, de raízes gregas e italianas.

[170] (N. do T.): O verbo aqui traduzido como *decifrar* é o inglês *make out*, que também pode significar *redigir, escrever, comprovar, alegar*.

[171] (N. do T.): Aqui o texto menciona a palavra “Negro” iniciando em maiúscula, indicando que a referência é ao povo negro, africano.

[172] Para as estatuetas maltesas, vide Erich Neumann, *The Great Mother* (1955). Para a Venus de Brassempouy, vide S. Giedion, *The Beginnings of Art* (1926), pág. 438 e fig. 287.

[173] (N. do T.): Seis pés = aproximadamente 1,90 m.

[174] (N. do T.): No original em inglês esta frase consta assim: “His wife’s reaction began with his withdrawal”, que é traduzida literalmente como em acima. A partir disso, pode-se conjecturar uma série de coisas, desde um simples erro de revisão ou edição no texto original até algo realmente intencional, passando pela simplicidade de uma forma de expressão. Por exemplo, pode haver uma tendência a pensar que “a reação da esposa começou sua [a dele] retirada”. Por outro lado, pode-se entender que a reação da esposa - e a retirada dele - começaram mais ou menos paralelamente, por estarem correlacionados. Há mais maneiras de visualizar a questão. Por via das dúvidas, a tradução que foi adotada foi a forma literal.

[175] (N. do T.): o termo aqui é *roadmaker*.

[176] (N. do T.): Referência à Hidra de Lerna, mais um dos doze trabalhos de Hércules, tal como a limpeza dos Estábulos do Rei Augias.

[177] (N. do T.): Aqui a frase original é *He must go through the horrid thing though it is difficult and long*, o que também pode ser traduzido como *Ele precisa atravessar a coisa espantosa embora isso (ou ela) seja difícil e longo (ou longa)*.

[178] (N. do T.): No original, *Blessed Island*.

Página: 47

[DEK1](N. do T.): a forma de expressão desta frase é intraduzível, e talvez Jung tenha se aproveitado de seu conhecimento da linguagem para também fazer uma espécie de joguete com as palavras: “She was *fleeing from herself with flickering eyes full of fear*”.

Página: 49

[DEK2](N. do T.): Bem se vê que o conhecimento de Jung da língua inglesa é algo profundo: nesta expressão, "he got a tremendous kick out of this dream", só é possível ter essa tradução tomando-se o conjunto todo do uso da expressão composta "to get a kick of", que significa "gozar com" como expressão idiomática do inglês.

Página: 50

[DEK3](N. do T.): Aqui desenergizar é tradução de "depotentiate", que também tem um sentido de despotencializar, isto é, retirar energia potencial.

Página: 50

[DEK4](N. do T.): Interessante como aqui aparece bem uma natureza tentadora da mente natural da mulher sendo constelada: elas "tentam" Jung para falar mais a respeito dele, enquanto elas não querem falar a respeito delas. Seria um homem falando de si mesmo para elas um representante suficiente para o conhecimento delas de si mesmas? Jung, porém, parece perceber muito bem como se processam os aspectos consciente e inconsciente deste pedido que elas fazem tão insistentemente, pois ao prosseguir fala um tanto, mas aparentemente não falará o suficiente para saciar completamente aquilo que parece estar apenas na superfície de um conhecimento que, como ele mesmo sugeriu, deveria surgir de modo mais profundo.

Página: 53

[DEK5]Sonho e *drama* são, respectivamente, em inglês, *Dream* e *Drama*.

[DRAW6]A palavra aqui é *hard-boiled*, que também tem o sentido de "muito fervoroso".

[DRAW7]Aqui "céus" é a tradução do termo "heaven", diferentemente de "sky".

[DRAW8]Eis aqui uma chave importante para o cinco como símbolo do início da perfeição - o primeiro passo em direção ao círculo: um dos quatro adquire consciência, e então aparece o centro do quadrado, que também simboliza o cinco. A quadratura da circunferência, portanto, começa com o despertar da consciência (o despertar da consciência acontece quando uma das quatro funções finalmente adquire suficiente consciência).

[DRAW9]Esse tipo de flutuação no significado das palavras é explicável em função da não-estruturação da linguagem. As mais modernas teorias lingüísticas falam ativamente do significado e do significante.

Jacques Lacan, em sua psicanálise, também discorre sua teoria com base na palavra e na flutuação de seus significados.